

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

INSTITUTO DE HISTÓRIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

GABRIEL RODRIGUES BARBOSA

**“HAIL TRUMP! HAIL OUR PEOPLE! HAIL VICTORY!”: A ALT-RIGHT E O
NEOFASCISMO NOS ESTADOS UNIDOS DO SÉCULO XXI.**

Niterói

2022

GABRIEL RODRIGUES BARBOSA

**“HAIL TRUMP! HAIL OUR PEOPLE! HAIL VICTORY!”: A ALT-RIGHT E O
NEOFASCISMO NOS ESTADOS UNIDOS DO SÉCULO XXI.**

**Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
História da Universidade Federal
Fluminense como requisito parcial para
a obtenção do título de Mestre em
História.**

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Tatiana Poggi

Niterói

2022

GABRIEL RODRIGUES BARBOSA

**“HAIL TRUMP! HAIL OUR PEOPLE! HAIL VICTORY!”: A ALT-RIGHT E O
NEOFASCISMO NOS ESTADOS UNIDOS DO SÉCULO XXI.**

**Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
História da Universidade Federal
Fluminense como requisito parcial para
a obtenção do título de Mestre em
História.**

Aprovado em

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Tatiana Silva Poggi de Figueiredo (Orientadora) (Universidade Federal
Fluminense)

Prof. Dr. Odilon Caldeira Neto (Universidade Federal de Juiz de Fora)

Pro. Dr. André Guimarães Augusto (Universidade Federal Fluminense)

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

B238? Barbosa, Gabriel Rodrigues
?HAIL TRUMP! HAIL OUR PEOPLE! HAIL VICTORY!? : A ALT-RIGHT E
O NEOFASCISMO NOS ESTADOS UNIDOS DO SÉCULO XXI / Gabriel
Rodrigues Barbosa ; Tatiana Silva Poggi de Figueiredo,
orientadora. Niterói, 2022.
260 f.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,
Niterói, 2022.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGH.2022.m.05836817782>

1. Neofascismo. 2. Fascismo. 3. Estados Unidos. 4. Alt-
Right. 5. Produção intelectual. I. Figueiredo, Tatiana Silva
Poggi de, orientadora. II. Universidade Federal Fluminense.
Instituto de História. III. Título.

CDD -

Bibliotecário responsável: Debora do Nascimento - CRB7/6368

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1: O EXTREMO COMO “ALTERNATIVA”.....	14
1.1 DO FASCISMO AO NEOFASCISMO	31
1.2 - A ESCOLA IDEALISTA	37
1.3 - PARA ALÉM DA IDEOLOGIA	56
1.4 - A ESCOLA MATERIALISTA	65
1.5 – NEOFASCISMO	85
1.5.1 <i>O Neofascismo no Século XXI e a Alt-Right</i>	102
CAPÍTULO 2 – AS RAÍZES DO EXTREMO.....	108
2.1 – OSWALD SPENGLER - O PESSIMISMO E O CREPÚSCULO DO OCIDENTE.....	110
2.2 – JULIUS EVOLA E A REVOLTA CONTRA O MUNDO MODERNO	116
2.3 – ALAIN DE BENOIST E A <i>NOUVELLE DROITE</i>	131
2.4 – PATRICK BUCHANAN, OS PALEOCONSERVADORES E A CRUZADA PELO OESTE..	141
CAPÍTULO 3 – QUANDO O EXTREMO ENCONTRA A INTERNET.....	153
3.1 – JARED TAYLOR E A “PEDAGOGIA DA SUPREMACIA”: EDUCANDO OS BRANCOS PARA O EXTREMO.....	162
3.2 – A CONSTRUÇÃO DO EXTREMO ENTRE O NOVO E O VELHO MUNDO:	178
3.3 – O DINHEIRO, A ACADEMIA E A ALT-RIGHT: A BUSCA PELA LEGITIMAÇÃO ATRAVÉS DO DISCURSO CIENTÍFICO.	183
3.4 – A ALT-RIGHT E O REVISIONISMO: PERVERSÃO E SEQUESTRO DO PASSADO.....	192
3.5 – A INTERNET E OS APARELHOS PRIVADOS DE HEGEMONIA DA ALT-RIGHT.....	204
3.6 - BREITBART NEWS: A “PLATAFORMA PARA A ALT-RIGHT”.....	224
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	247
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	252

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar a Alt-Right, um movimento político que alcançou notoriedade entre os anos de 2015 e 2017, principalmente no contexto político da disputa presidencial em que Donald Trump foi eleito. Optamos por escolher a chave interpretativa do Neofascismo ao longo da pesquisa pois é a que vai de encontro às reivindicações antidemocráticas, defesa da supremacia branca e por vezes a adoção do próprio rótulo neonazista, apontando frequentemente os judeus, negros e latinos como parte de uma teoria da conspiração que visa extinguir a população branca e o que é entendido como “Civilização Ocidental. A maior parte da atuação dos grupos que compõem a extensa rede da Alt-Right ocorrem através da internet, neste âmbito, consideramos o arcabouço teórico fornecido por Antonio Gramsci como o mais apropriado para compreender os Aparelhos Privados de Hegemonia e seu trabalho de persuasão e cooptação através das redes sociais e de websites.

Palavras-chave: Alt-Right; Neofascismo; Internet; Fascismo; Estados Unidos.

Abstract

The present work aims to analyze the Alt-Right, a political movement that achieved notoriety between 2015 and 2017, mainly in the political context of the presidential race in which Donald Trump was elected. We chose a Neofascism key throughout the research because it is the one that goes against a theory of white supremacy and sometimes the adoption of Neofascism itself, often recognized, as part of an antidemocratic conspiracy theory that aims to extinguish the white population and what is understood as “Western Civilization”. The extension of the groups' network of action can be considered through the action network, the scope of Antonio Gramsci's action as the most appropriate to understand the Private Devices and their work of persuasion and co-option through social networks and websites.

Keywords: Alt-Right; Neo-fascism; Internet; Fascism; United States.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, como não poderia deixar de ser, agradeço a minha mãe, Maria Helena. Seu cuidado, zelo, carinho e afeto foram fundamentais na minha caminhada. Em meio à tudo que vivemos nos últimos anos - e não foi pouca coisa - posso dizer tranquilamente que você foi a melhor mãe que um filho poderia ter. Quanto a mim, gostaria de poder ter sido o equivalente, mas confesso que toda minha ansiedade e a consequente insônia, não me ajudaram a ser o melhor filho.

Ao meu pai, que mesmo com as imposições da distância e as circunstâncias da vida, nunca deixou de dizer o quanto sente orgulho de mim. Seu trabalho árduo junto a minha mãe, foram os responsáveis por me tornar quem eu sou.

Ao meu irmão, que infelizmente precisou se mudar para o interior do país em busca de um emprego digno, compatível com sua competência e formação. Agradeço pelas risadas conversas nostálgicas da nossa longínqua infância e adolescência.

À pessoa que tenho o privilégio de chamar de minha namorada, minha companheira, Alice. Passamos por tanta coisa que às vezes parece que estamos juntos há muito mais do que os últimos 3 anos e meio. Você foi, e ainda é, um dos primeiros pensamentos que me vêm à cabeça todos os dias quando acordo.

À minha avó Dalva, que nunca economiza um “Eu te amo”, mesmo que nosso contato seja principalmente através de áudios de whatsapp, sei que a senhora nunca deixou de pensar nos seus netos.

À minha avó Nazareth, que partiu em 2020. Ainda que a demência tenha debilitado sua compreensão do mundo, lembro até hoje que a senhora nunca deixou de olhar para mim como se eu ainda fosse aquele garotinho que chegava em sua casa pedindo guloseimas e todos os outros pequenos mimos que a senhora nunca foi capaz de negar.

Aos meus avôs Joaquim e Herotides, dois homens que cresceram em meio a tantas dificuldades e que já partiram desse mundo há tempos, mas sei que estariam orgulhosos de mim.

À minha orientadora, Tatiana, que acolheu um jovem perdido, refugiado da História Moderna e o aceitou como orientando. Obrigado por não ter desistido de mim, obrigado por toda sua compreensão, tempo e direcionamento.

A todos os meus amigos e amigas, que posso me dar ao privilégio de dizer que não são poucos. Mesmo que a pandemia tenha afastado muitos de nós, em meu pensamento vocês sempre estiveram presentes.

E por fim, não posso deixar de agradecer ao suporte material concedido pela CAPES, que desde 2018, vem resistindo a todos os ataques, obscurantismo e a anos de desprezo. Dias melhores virão.

*Don't look at me
As if I didn't know
Your vanity is all you ever show
What you believe and advocate
Fanatic dogma recycled from yesterday*

*Got a master plan
Genocide
Can't understand
People of the lie*

*You are to me the waste of flesh and blood
I'd love to see you buried in the mud
And when you die no one will shed a tear
So pass me by don't need your hatred here*

*Got a master plan
Genocide
Can't understand
People of the lie
Prejudice
Intolerance
Eye for an eye*

*You cannot hide behind those empty claims
Your racist pride is nothing but a game
And you will lose for right is on the side
Of those who choose to fight for humankind*

*Got a master plan
Genocide
Can't understand
People of the lie*

*You can't believe
Don't be deceived*

Kreator – People of the Lie

INTRODUÇÃO

Enquanto escrevia estas palavras conseguia ouvir o distante eco da TV na sala. A manchete nos informava que no dia 14 de maio de 2022, por volta das 14:30 do horário de Buffalo, Nova Iorque, um jovem branco fortemente armado e protegido com um colete à prova de balas, cometeu uma chacina que terminou com a morte de oito pessoas negras e mais três feridas.

Segundo as investigações provaram, Payton S. Gendron, de 18 anos, planejou meticulosamente o atentado, saindo de sua cidade a 320 Kms de distância rumo a um pequeno mercado de uma vizinhança predominantemente negra. A motivação do ódio racial rapidamente veio à tona, com testemunhas relatando os insultos proferidos enquanto puxava o gatilho em direção a suas vítimas. Pouco tempo depois, tornou-se público o “manifesto” redigido pelo próprio assassino onde demonstrava sua adesão às teorias da conspiração do “genocídio branco” e da “grande substituição”. Em fotos obtidas pela imprensa¹, podemos ver que o rifle usado conta com várias referências² e inscrições de nomes de outros atiradores, entre eles John Earnest, que invadiu uma sinagoga e matou três pessoas em 2019, e Dylann Roof, o qual analisaremos com mais cuidado no início do terceiro capítulo do presente trabalho.

Além do ódio, os jovens assassinos compartilham outros pontos em comum que chamam atenção. Todos tiveram contato com as teorias da conspiração supracitadas através da internet, muitas delas, veiculadas há décadas por expoentes do grupo que viria a ser conhecido entre 2015 e 2016, como a Alt-Right.

¹ Buffalo shooter gun littered with racist language. TMZ. 5 de jul. de 2022. Disponível em: <https://www.tMZ.com/2022/05/17/buffalo-shooter-gun-racist-writing/>.

² Entre elas, podemos notar o acrônimo “SYGAOWN”, que significa “Stop Your Genocide Against Our White Nations”, ou “Parem seu genocídio contra nossas nações brancas.”

O primeiro esboço do projeto que veio se concretizar na presente pesquisa, foi redigido em meados de 2018, à época, uma parte considerável dos acontecimentos e documentos analisados para a redação deste texto ainda não existiam. Trabalhar com a História do Tempo Presente impõe certos desafios que não foram previstos, dentre os quais, a pandemia da COVID 19 e todo cenário político e econômico conturbado em que nos encontramos, foram alguns deles. Portanto, ao longo do trabalho, várias questões e paralelos entre a realidade histórica que estudava e a realidade que vivenciei, influenciaram de alguma forma as questões e problemas que havia imaginado no “longínquo” ano de 2018.

No capítulo de abertura, minha intenção foi apresentar ao leitor da forma mais sucinta e factual o que era a Alt-Right. À época, haviam poucas publicações acadêmicas disponíveis que tratavam deste movimento que vinha emergindo no cenário dos EUA, o que me levou a entrar em contato com as fontes primárias da minha pesquisa antes mesmo de ingressar no mestrado. Durante esta etapa me dei conta de que o que era rotulado com “Alt-Right” na imprensa, era muito mais do que um grupelho representado por algumas lideranças ansiosas por seus “15 minutos de fama”. A partir de então, entrei em contato com uma nebulosa de Blogs, editoras, websites, institutos e canais no youtube que se consideravam parte da Alt-Right. Muitos deles, por uma questão de tempo e espaço, não foram trabalhados ao longo da pesquisa. Optei, portanto, em selecionar os que pareciam ser os representantes mais destacados da Alt-Right: Richard Spencer, Jared Taylor, Steve Bannon e Milo Yiannopoulos. Esta delimitação, já impôs prontamente outro obstáculo, que foi tratado não só no primeiro capítulo: A Alt-Right não era um grupo homogêneo, não possuía representação partidária e menos ainda lideranças oficiais, portanto, um dos meus anseios primários giravam em torno de demonstrar ao leitor, que a Alt-Right é composta por inúmeros

grupúsculos, mas ao mesmo tempo, poderia ser dividida entre duas correntes principais: a Neofascista e a Trumpista, as quais, também ficaram conhecidas pelo racha “Alt-Right vs. Alt-Lite”. Ainda no primeiro capítulo, foi realizado um debate conceitual sobre como entendo o Fascismo e porque considero que a chave do “neofascismo” é a mais apropriada para se analisar a Alt-Right.

Neste ponto, precisamos abrir um parêntesis para estabelecer algumas considerações a respeito de terminologias.

O léxico da ciência política estadunidense é coberto por particularidades específicas, que podem levar incautos a caírem em “armadilhas” conceituais provocadas em grande parte pela língua e pelo significado distinto de certos termos. Não só na academia como também no entendimento popular dos norte-americanos, a palavra inglesa “*liberal*” possui uma acepção que traduzindo para o português seria algo próximo de “progressista”. O termo é usado para abarcar de uma forma generalizante todo pensamento político oposto ao que entendemos como a direita política, sobretudo os conservadores e os (neo)liberais. Ao mesmo tempo, também podemos presenciar o uso de termos como “*leftist*” ou “*progressist*” para se referir àqueles que se identificam com a esquerda política. Normalmente, quando os analistas estadunidenses pretendem se referir a marxistas, os termos mais comuns são “*marxists*” ou “*communists*”.

Após estabelecer estes limites, seria interessante informar ao leitor, que quando uso o termo “direita convencional”, estou me referindo aos grupos que integram a direita mais alinhada ideologicamente ao Partido Republicano, a qual teve em presidentes como Bush pai e filho e Ronald Reagan, seus maiores expoentes.

No que toca ao termo “supremacia branca” seria importante deixar claro que abarca uma quantidade considerável de grupos, que vão desde a Ku Klux Klan até os certos grupos da direita conservadora do Século XXI. Ao mesmo tempo, precisamos ter

cautela, pois a ideia de que os negros são inferiores aos brancos e não devem compartilhar os mesmos espaços era amplamente defendida por uma fatia considerável população, sobretudo nos herdeiros dos Estados Confederados. Por conseguinte, seria interessante pontuar que a supremacia branca já existia há muito tempo antes da formação do nazifascismo na década de 1920 e 30, sendo legitimado pelo Estado no Século XX não só nos EUA, como também na África do Sul e na extinta República da Rodésia, os quais não poderiam ser apontados como regimes nazifascistas somente pelo princípio da supremacia branca. Estabelecidas as questões conceituais, sigamos para os próximos tópicos.

No segundo capítulo, me propus a efetuar uma síntese das principais correntes ideológicas que abriram o caminho para a Alt-Right. Por se tratar de uma rede de grupos e intelectuais heterogênea, optei por delimitar as correntes que se manifestam mais claramente nas vertentes da Alt-Right, ao passo que alguns pensadores, como o Tradicionalista Julius Evola e o paleoconservador Patrick Buchanan, exerceram sua influência tanto sobre Richard Spencer quanto Steve Bannon. Por outro lado, não deixei de mencionar que o rol de pensadores que exerceram influência sobre os intelectuais e militantes mais destacados da Alt-Right excede o recorte adotado na presente pesquisa, limitada por questões de tempo e espaço.

Por fim, o capítulo final abarca a análise direta das fontes. Por conta da abundância documental, dediquei as primeiras páginas do capítulo somente para explicar ao leitor que tipos de fontes foram empregadas e como a internet representa uma parte fundamental para entendermos como um grupo marginal da extrema direita americana aliada à comunidade digital de gamers e frequentadores de fóruns online tomaram o debate, as ruas, e ajudaram a eleger um presidente.

Capítulo 1: O Extremo como “Alternativa”

“Hail Trump! Hail our people! Hail Victory!”. Ao bradar as últimas palavras de seu discurso³ na conferência anual do National Policy Institute, Richard Spencer foi aclamado por seus espectadores não somente com uma salva de palmas, como também via saudações nazistas e vozes que entoavam “Sieg Heil!”. Era novembro 2016, e desde então o termo “alt-right”, - conhecido apenas entre fóruns obscuros da internet e pequenos círculos da direita americana – alcançou a grande mídia estadunidense, e, conseqüentemente, boa parte do mundo. Entretanto, antes de elaborarmos uma exposição mais detalhada sobre a ocasião supracitada, seria importante considerarmos uma breve contextualização histórica de como o cenário político norte americano chegou a este ponto.

O termo “alternative right” foi usado pela primeira vez em 2008, na ocasião do encontro anual do H.L. Mencken Club. O historiador americano e fundador do clube, Paul Gottfried, em sua palestra de título “O declínio e ascensão da direita alternativa”, clamava aos seus espectadores a necessidade de organização e articulação de uma direita independente, uma direita que tivesse como princípios básicos a defesa da cultura, tradição e patrimônio da civilização ocidental, recusando os interesses puramente mercadológicos. O conferencista, que se identifica como um dos últimos paleoconservadores⁴, aponta com veemência os neoconservadores⁵ do Partido Republicano como os seus maiores adversários:

³ SPENCER, Richard. 'Hail Trump!': Richard Spencer Speech Excerpts. Youtube, 21 nov. 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=1o6-bi3jlxk>. Acesso em: 02 ago. 2018.

⁴ Dentre as duas principais vertentes do conservadorismo estadunidense, a paleoconservadora estaria alinhada com a defesa dos valores tradicionais ocidentais, o isolacionismo e políticas anti-imigração. Seus maiores representantes são Samuel Francis, Patrick Buchanan, Paul Gottfried e Joseph Sobran.

“[...]esse lado não nos receberá; e nos tratou, em contraste com os ilustres nacionalistas negros, feministas radicais e defensores de fronteiras abertas, como sendo impróprios para sermos admitidos no debate político. Nós não somos vistos como dissidentes honoráveis, mas representados como infiéis sub-humanos ou ignorados da mesma maneira que um tio senil que ocasionalmente vagueia pela sala de estar. Essa proibição imperial foi estendida até mesmo para cientistas sociais e estatísticos brilhantes que são vistos como excessivamente íntimos das pessoas erradas, isto é, daqueles que estão fora do campo que os neoconservadores ocupam e agora compartilham com os neoliberais e a centro-esquerda.”⁶

Ao longo de sua fala, Gottfried narra sua versão de como seus oponentes lograram a exclusão de figuras como ele próprio e outros tantos dissidentes que enxergavam na cultura ocidental, no nacionalismo e na tradição, virtudes muito superiores às do mercado e de Wall Street. Para o ex-professor de humanidades da universidade de Elizabethtown, a única possibilidade de romper o domínio neoconservador e neoliberal da direita americana seria investir em uma nova geração de intelectuais, uma geração a qual estivesse preparada para desmascarar seus adversários e retomar o terreno perdido, abrindo dessa forma o espaço para a ressurreição triunfal de uma espécie de “verdadeira direita”. Entretanto, Gottfried não guerreava sozinho nas trincheiras radicais do conservadorismo estadunidense.

O jornalista e escritor Samuel T. Francis, falecido em 2005, possivelmente foi uma das maiores referências intelectuais para a Alt-Right. Fortemente inspirado pelo filósofo James Burnham e pela Teoria das Elites, dedicou-se, ao longo de sua carreira, a criar a ponte entre os ideais paleoconservadores com a supremacia branca e a defesa de um sistema político autoritário.

Em sua colossal obra “O Leviatã e seus Inimigos” publicada postumamente em 2016, Francis sintetiza a necessidade de arregimentar uma camada social por ele

⁵ A vertente neoconservadora defende o estado mínimo sem a imposição de um controle rígido das fronteiras. A política internacional intervencionista e o apoio a Israel também são características marcantes. Alguns dos seus maiores representantes são Wiliam e Irving Kristol, Norman Podhoretz e Jonah Goldberg. Recentemente, os governos dos Bush pai e filho foram os mais alinhados a esta vertente.

⁶ GOTTFRIED, Paul. The decline and rise of the Alternative Right. Taki's Magazine. December 01, 2008. http://takimag.com/article/the_decline_and_rise_of_the_alternative_right/print#ixzz4iayGzNTu.

denominada “*middle american radicals*”, em outras palavras, americanos brancos da classe trabalhadora que não se viam representados no modelo de democracia liberal estadunidense - um sistema que segundo Francis, forçava a uma convivência conflituosa entre diferentes raças ao mesmo tempo em que concedia privilégios a minorias e imigrantes. Tal realidade se mantinha hegemônica em virtude do controle da vida social por uma elite que se situa acima dos partidos políticos tradicionais e de qualquer esfera do poder estatal. Mediante intrincados métodos de engenharia social, o controle sobre o Estado e os meios de comunicação, esse pequeno círculo de tiranos manipularia as noções de liberdade e democracia, construindo um consenso em torno de um projeto político que em breve tornará os brancos uma minoria na civilização erigida pelos seus próprios antepassados. A única forma de impedir a hecatombe narrada por Francis seria uma revolução violenta liderada pelos “*middle american radicals*”, a qual teria o papel de instaurar um regime autoritário onde os valores morais e a tradição judaico-cristã ocidental seriam preservadas. Não é preciso muito para concluir que a violência, a coerção e a perseguição a dissidentes seriam expedientes mais do que banais em tal projeto político esposado por Francis.

Se torna claro, neste momento, uma continuidade entre o paleoconservadorismo de Francis e Gottfried na Alt-Right. Em seu discurso no H.L.Mencken Club, Gottfried expressa sua alegria em ver as ideias relegadas ao ostracismo pelos neoconservadores serem revitalizadas por uma nova geração que ficou conhecida como Alt-Right. A recusa radical da democracia liberal por conta de seu caráter puramente manipulador engendrado pelas elites e seus intelectuais neoconservadores talvez sejam o maior legado de Francis e Gottfried. Entre a nova geração suscitada por Gottfried, seu epígono Richard Spencer pode ser apontado como o mais destacado, no entanto, podemos

afirmar que o aprendiz ultrapassou o mestre em muitos aspectos, inclusive no tocante ao extremismo.

Richard Spencer pode ser descrito atualmente como uma das maiores vozes dentro da Alt-Right. Spencer vem de uma família de proprietários de plantações de algodão na Louisiana, o que lhe garantiu a possibilidade de concluir sua graduação em literatura inglesa na Universidade da Virgínia, seguindo para um mestrado em artes em Chicago e um doutorado em História na Universidade de Duke o qual foi interrompido em virtude de sua dedicação ao ativismo político. Sua trajetória após o encontro anual do H.L. Mencken Club inclui a fundação em março de 2010 do website Alternativeright.com, uma página destinada a defender o segregacionismo e a supremacia branca a partir de uma interface arrojada, chamadas polêmicas e linguagem acessível. No parágrafo a seguir George Hawley, professor de Ciência Política da Universidade Columbia, faz apontamentos precisos a respeito da originalidade da página em questão:

“Apesar de ser um site de extrema-direita desde o começo, Alternative Right diferia de outros sites nacionalistas brancos (como o American Renaissance ou o Occidental Quarterly) na medida em que não era focado unicamente em raça. Ele incluía muitos artigos sobre política externa, política doméstica, economia, e relações de gênero (sempre de uma perspectiva antifeminista). Houve também um período em que escritores mais mainstream e acadêmicos estavam dispostos a fornecer conteúdo para o Alternative Right.”⁷

No ano seguinte Spencer ocupa a cadeira de diretor criativo e presidente do National Policy Institute, o qual é descrito em sua própria página como “[...]uma organização independente dedicada à herança, identidade e o futuro dos povos de descendência Europeia nos Estados Unidos e ao redor do mundo.[...] O NPI é um componente central e indispensável da Alt-Right internacional.”⁸. O website em questão

⁷ HAWLEY, George. Making Sense of the Alt-Right. New York. Columbia University Press. 2017.p.59.

⁸ Who are we. The National Policy institute. <https://nationalpolicy.institute/whoarewe/>.

hospeda dezenas de artigos sobre temas variados, a maioria girando em torno de temas como imigração, a cultura estadunidense e crítica a movimentos sociais.

Em 2012 Spencer funda o Radix Journal, um periódico bianual onde autores associados ao antissemitismo, supremacia branca e a direita tradicionalista publicam seus artigos. A primeira edição contou com 10 textos, incluindo um de autoria de Kevin B. Macdonald, ex-professor de psicologia evolucionista da Universidade do Estado da Califórnia. Macdonald é uma das maiores referências no tocante ao antissemitismo nos Estados Unidos, tendo publicado uma trilogia entre 1994 e 1998 onde se dedicou a analisar os judeus como uma espécie de raça que tende a manipular e controlar os povos ao seu redor de acordo com seus próprios interesses. Sua última publicação foi lançada em 2004, e teve o prefácio redigido por ninguém menos que Samuel T. Francis.

O periódico editado por Spencer ganha uma página eletrônica no ano seguinte, fato que denota a necessidade de expansão através da internet, a qual representará um vasto campo que será habilmente explorado pela Alt-Right nos próximos anos.

Apesar do ativismo e da junção de forças com outras lideranças associadas à extrema direita como Jared Taylor e Peter Brimelow, foi somente no ano das eleições para a presidência que seus esforços para alcançar o grande público renderam seus primeiros frutos.

Taylor e Brimelow podem ser apontados como dois veteranos da guerra pela supremacia branca nos Estados Unidos. Taylor fundou o American Renaissance em 1990, inicialmente como um instituto que publicava uma revista mensal com pequenos artigos que tratavam dos temas comuns aos supremacistas brancos: a imigração, enaltecimento do que entendem como a raça branca, sua cultura e todas as suas proezas. Em 1994, o American Renaissance, se torna um dos pioneiros na internet. Pela primeira vez neofascistas de diferentes vertentes poderiam ter acesso a um espaço na rede e

entrar em contato. Por mais de 10 anos, as edições impressas da revista foram publicadas, entretanto, em janeiro de 2012 migraram completamente para o formato digital, onde permanecem até hoje disponíveis para download. A American Renaissance passou a organizar eventos em 1994, inicialmente eram bianuais, mas passaram a ocorrer todos os anos desde 2011. As conferências passaram a ser conhecidas como uma plataforma para o encontro de diferentes vertentes da extrema direita, convidando inclusive palestrantes europeus. Paralelamente, Peter Brimelow criou o website VDARE, nome inspirado em Virginia Dare, a primeira filha de colonizadores ingleses nascida em território que viria a se tornar os Estados Unidos. Brimelow é um opositor radical de qualquer tipo de imigração, e adota a mesma abordagem em relação a necessidade de preservar a população branca na América do Norte.

Como podemos notar, a campanha de 2016 para a presidência dos Estados Unidos foi uma divisora de águas na história do país. Pela primeira vez, havia um ingrediente inédito. Donald Trump, um megaempresário que alcançara fama e popularidade ao apresentar o programa de TV “The Apprentice”, era o candidato à chefia do poder executivo pelo Partido Republicano. Contra todas as expectativas e contando com apoio limitado dentro do próprio partido, o magnata nova-iorquino saiu fortalecido das eleições primárias com uma postura que divergia de qualquer candidato oriundo do *establishment* político. Juntamente com o slogan “Make America Great Again”, Trump adotou um discurso agressivo que mirava principalmente imigrantes latino-americanos, o islamismo, movimentos sociais e a política econômica de seu país. As falas injuriosas e o comportamento histriônico do candidato conquistaram milhões de simpatizantes, que enxergavam suas atitudes como indicadores de autenticidade e retidão moral.

No entanto, homens e mulheres de tendência conservadora e descontentes com os quadros tradicionais do Partido Republicano não foram os únicos atraídos pelas

palavras de Donald Trump. O clima de agressividade suscitado pela campanha do candidato criou o ambiente propício para que grupos neonazistas, supremacistas brancos, xenófobos e extremistas de diferentes matizes deixassem os porões da internet para se tornarem um fenômeno político que não mais poderia ser ignorado. Fóruns obscuros da rede como 4chan, 8chan e reddit tonaram-se insuficientes. O momento agora era de ganhar espaço no cenário político estadunidense e oferecer a “pílula vermelha”⁹ ao maior número de americanos brancos que fosse possível. Neste sentido, poderíamos falar de uma correlação onde Trump e a Alt-Right construíram pontes e se aproveitaram da visibilidade alavancada pela imprensa e as redes sociais.

Em 2016 Spencer e a Alt-Right apoiaram ferrenhamente Trump não por acreditar que ele era o paladino de seu projeto político, - obviamente existiam inúmeros alinhamentos e pontos de contato, mas a questão que gostaria de levantar no momento é mais complexa. Vejamos abaixo como Spencer resume o entusiasmo da Alt-Right por Trump:

“I don’t think our support of Trump is really about policy at the end of the day. It’s about style over substance. Because, you know, policy, what does that really matter? I think it’s really about Trump’s style, the fact that he doesn’t back down, the fact that he’s willing to confront his enemies, especially on the left ... you look at that and think, this is what a leader looks like, this is what we want,” he said. “He seems to be willing to go there. He seems to be willing to confront people. That’s very different than a cuckold.”¹⁰

Até então, os principais opositores da extrema direita nos EUA nunca haviam sido desabonados com tanta ferocidade como ocorreu em 2016. Trump foi capaz de capturar os temores dos americanos abalados pela crise econômica de 2008, de uma classe trabalhadora abandonada pelo partido Democrata, e principalmente do homem

⁹ “*To red pill*” ou “oferecer a pílula vermelha” é uma expressão comum entre os que se identificam ou fazem parte da alt-right. Trata-se de uma referência ao filme *Matrix*, em que o protagonista é libertado de um mundo eletrônico simulado e se dá conta de toda verdade oculta através da ingestão de uma pílula vermelha.

¹⁰ COGAN, Marin. The Alt-Right Gives a Press Conference By Marin Cogan. *Intelligencer*. Set. de 2016. Disponível em: <https://nymag.com/intelligencer/2016/09/the-alt-right-gives-a-press-conference.html>.

branco de meia idade desalentado, que possivelmente se enxergava na figura chucra do candidato Republicano. O “*Make America Great Again*” soube canalizar com perfeição os sentimentos de nostalgia de um pretérito idealizado, uma era dourada que havia ficado para trás, e apenas um homem poderia trazer de volta esse passado idílico.

Trump foi não teve dificuldade de expor as limitações de Hillary Clinton e o oportunismo dos republicanos convencionais, representados principalmente pela família Bush e figuras já exauridas de carisma, como John McCain e Ted Cruz. Pela primeira vez, um rombo foi aberto na jaula erguida pelos neoconservadores para separar neonazistas, paleoconservadores, supremacistas brancos e toda sorte de grupos extremistas do campo da direita “respeitável”. O sociólogo George Hawley, sumariza a batalha ocorrida na seara da direita conservadora no ano 2016 da seguinte forma:

“Many of the Alt-Right’s complaints about the mainstream conservative movement echo those made by earlier right-wing movements, especially the paleoconservatives. But a key difference is that the paleoconservatives were interested in reforming conservatism, perhaps returning it to the philosophical foundation that it rested upon before the neoconservatives pushed it in a more egalitarian, progressive direction. According to a common paleoconservative view, conservatism could once again be a valuable political movement if it experienced a major change in leadership. The Alt-Right is very different. It does not care at all about limited government per se. It does not even share conservatism’s passion for the basic symbols of American patriotism. although there is diversity of opinion on the Alt-Right, it generally argues for something entirely distinct from conservatism and views the existence and strength of the conservative movement as a challenge to overcome. A key problem with conservatism, from the Alt-Right’s perspective, is that it shares too many premises with liberalism (both classical and contemporary).”¹¹

Logo, o imbróglio entre a Alt-Right e os chamados “*cuckservatives*” repousava no fato de os últimos haviam se rendido às exigências o liberalismo clássico e da esquerda - haviam tomado o “*All men are created equal*” de Thomas Jefferson, como um dogma que abarcava todos, inclusive os não brancos. A crítica, portanto, era uma crítica à direita, era uma crítica ao “câncer do igualitarismo” como Jared Taylor costuma dizer.

¹¹ HAWLEY, George. Making Sense of the Alt-Right. New York: Columbia University Press. 2017. P. 91-92.

A eficácia de Trump em vilipendiar seus opositores e mobilizar as massas, criou a tempestade perfeita para que neofascistas ocupassem os espaços deixados por um Partido Democrata desacreditado e um Partido Republicano “bestializado” com a realidade que se apresentava. No campo digital, o enxame de abelhas raivosas das redes sociais, se organizava em fóruns como 4chan para promover ataques aos que repetiam clichês e elaboravam críticas supérfluas ao candidato republicano. À época, as redes sociais como Facebook e Twitter se limitaram a observar, sem assumir qualquer responsabilidade sobre a quimera composta por racismo, homofobia, misoginia, antissemitismo e toda sorte de discurso de ódio que se amontoava sob a proteção dos perfis falsos. O objetivo de arrancar as ideias da Alt-Right das margens e arremessá-las para esfera dominante, como Spencer afirmara em uma entrevista¹², aparentava dar seus primeiros sinais de concretização.

Será em meio a essa conjuntura que o grupo começa a ganhar notoriedade e conquista simpatizantes. Spencer, Brimelow e Taylor tentam assumir uma posição de porta-vozes do movimento, organizando a primeira coletiva de imprensa em setembro de 2016. Na conjuntura em questão, blogueiros, youtubers e intelectuais começam a se identificar publicamente com a alt-right, conferindo a tão almejada divulgação de suas posições políticas. O termo começa então a ganhar popularidade e passa a ser reivindicado como uma espécie de título de rebeldia contra o que era entendido como o sistema político tradicional dos Estados Unidos. Os autodeclarados membros da Alt-Right se viam como uma nova geração que não se sentia representada pelo conservadorismo do Partido Republicano, um conservadorismo que aos seus olhos havia se corrompido pelo poder econômico e interesses puramente eleitorais. A aglutinação de componentes abertamente neonazistas como Andrew Anglin, fundador

¹² ABC News. White Nationalist Responds to Texas A&M Protests. Youtube. 8 de dez. 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sPrLW3a4AU8&t=137s&ab_channel=ABCNews.

do site The Daily Stormer serviu para levar a polêmica até os grandes veículos de mídia e aos debates presidenciais daquele ano.

O discurso de Hillary Clinton em agosto de 2016, além de representar a primeira ocasião em que o termo fora mencionado em um evento com ampla cobertura midiática, denota a preocupação com a difusão dos ideais da alt-right. A candidata expressou da seguinte forma seus temores:

“Isso não é o conservadorismo como nós conhecemos. Isso não é o republicanismo como nós conhecemos. Essas são ideias apelativas racialmente, ideias anti-islamismo, anti-imigrantes e anti-mulheres — todos pressupostos principais que estão construindo uma ideologia racista conhecida como alt-right.[...]Um elemento marginal que definitivamente tomou conta do partido republicano.”¹³

Entre outras acusações, Clinton apontava a associação de Trump com a alt-right através de Stephen Bannon, chefe executivo da campanha do candidato e que também ocupava o mesmo cargo no website Breitbart News. Criado em 2007 por Andrew Breitbart, a página se tornou conhecida pelo seu viés abertamente conservador e polêmico, todavia, seu direcionamento ideológico assumiu contornos ainda mais agressivos com o falecimento de seu criador em 2012 e a ocupação do cargo por Bannon. A partir de então, chamadas como “Controle de natalidade torna as mulheres não atraentes e loucas”¹⁴, “Você prefere que sua filha tenha feminismo ou câncer?”¹⁵, “Erga-a alto e orgulhosamente: a bandeira confederada proclama um legado glorioso”¹⁶;

¹³ CLINTON, Hillary. Hillary Clinton’s alt-right speech, annotated. Ago. 2016.. <https://www.youtube.com/watch?v=sYyZX3UW8Qc&t>. Acesso em: 02 ago. 2018.

¹⁴ YIANNPOULOS, Milo. Breitbart News Network. 08 dez. 2015. Disponível em: <https://www.breitbart.com/tech/2015/12/08/birth-control-makes-women-unattractive-and-crazy/>. Acesso em: 02 ago. 2018.

¹⁵ Breitbart tech. Breitbart News Network. 19 fev. 2016. Disponível em: <https://www.breitbart.com/video/2016/02/19/would-you-rather-your-child-had-feminism-or-cancer/>. Acesso em : 02 ago. 2018.

¹⁶ WARNER. Gerald. Breitbart News Network. 1 jul. 2015. Disponível em: <https://www.breitbart.com/big-government/2015/07/01/hoist-it-high-and-proud-the-confederate-flag-proclaims-a-glorious-heritage/>. Acesso em: 02 ago. 2018.

tornaram-se comuns. O novo chefe executivo da rede Breitbart chegou a declarar em uma entrevista que o website era “a plataforma para a alt-right.”¹⁷.

Com a chegada de Trump à casa Branca, Steve Bannon é convidado a assumir o cargo de estrategista chefe e conselheiro superior do presidente, fato que foi comemorado por Richard Spencer e Andrew Anglin.¹⁸ Quando questionado sobre as acusações de racismo, antissemitismo e associação com a alt-right envolvendo Bannon, o presidente da república respondeu da seguinte forma ao New York Times:

“Eu conheço Steve Bannon há muito tempo. Se eu achasse que ele era racista, ou alt-right, ou qualquer uma das coisas que podemos, você sabe, os termos que podemos usar, eu nem pensaria em contratá-lo. Primeiro de tudo, sou eu quem toma a decisão, não Steve Bannon ou qualquer outra pessoa.”¹⁹

As promessas de controle rigoroso da imigração, insultos proferidos contra latino americanos e a crítica a diversos movimentos sociais e minorias fez com que os setores mais radicais da direita americana declarassem apoio incondicional ao candidato republicano. Com a vitória de Trump, pela primeira vez, a extrema direita se sentia representada na Casa Branca.

Mas como poderíamos definir ideologicamente a Alt-Right? O contexto econômico seria um fator decisivo para seu surgimento? Existe um projeto de poder por trás de suas ações? Seria possível afirmar que este é um fenômeno político e ideológico sem precedentes nos Estados Unidos?

¹⁷ POSNER, Sarah. Mother Jones. 22 ago. 2016. Disponível em: <https://www.motherjones.com/politics/2016/08/stephen-bannon-donald-trump-alt-right-breitbart-news/>. Acesso em: 02 ago. 2018.

¹⁸ PIGGOTT, Stephen. White Nationalists Rejoice at Trump's Appointment of Breitbart's Stephen Bannon. 14. Nov. 2016. Disponível em: <https://www.splcenter.org/hatewatch/2016/11/14/white-nationalists-rejoice-trumps-appointment-breitbart-s-stephen-bannon>

¹⁹ The New York Times. “Donald Trump’s New York Times Interview: Full Transcript.” 23. Nov. 2016. Disponível em: https://www.nytimes.com/2016/11/23/us/politics/trump-new-york-times-interview-transcript.html?_r=1

Através da já mencionada popularização do termo “Alt-Right”, muitos indivíduos antes identificados como supremacistas brancos, neonazistas, neoconfederados²⁰, paleolibertários²¹ ou paleoconservadores, preferiram adotar o termo “Alt-Right” para expressarem suas preferências políticas e ideológicas, fazendo com que um recorte preciso se transforme em uma tarefa complexa.

A Alt-Right não possui lideranças oficiais, também não podemos entendê-la como uma instituição, partido político ou aparelho privado. Entretanto, poderíamos defini-la como uma rede descentralizada, composta por um número considerável de websites, blogs, editoras, produtores de conteúdo em mídias sociais, think tanks e até mesmo de professores universitários. Ideologicamente, este grupo diverge largamente do conservadorismo e liberalismo clássicos (MERQUIOR, 1991), rejeitando seus valores básicos de igualdade racial, democracia e livre mercado. Para personagens centrais da Alt-Right como Richard Spencer e Jared Taylor, a raça branca e a cultura ocidental se encontram ameaçadas de extinção pela imigração de não brancos, pelo multiculturalismo, islamismo e por movimentos de minorias. Teorias da conspiração como a do “genocídio branco”²² – criada pelo neonazista David Lane – são frequentemente reivindicadas para justificar suas posições políticas.

Em um vídeo com mais de 150 mil visualizações na plataforma youtube, o fundador do think tank American Renaissance, explicita uma visão acerca da Alt-Right que está de acordo com o que foi exposto até o momento:

²⁰ Poderíamos apontar os neoconfederados como um grupo de extrema direita que reivindica os valores sulistas pré-Guerra Civil e das Leis Jim Crow. Suas características principais costumam girar em torno da supremacia branca, direito de secessão, porte de armas e fundamentalismo cristão.

²¹ Termo cunhado pelo economista Murray Rothbard, para descrever a fusão do anarcocapitalismo com os preceitos conservadores como a moral cristã e a família tradicional. Seu maior representante hodierno é o economista e filósofo austríaco Hans Hermann-Hoppe.

²² Tendo suas origens na Alemanha Nazista, a teoria da conspiração foi desenvolvida pelo neonazista David Lane em seu livro “White Genocide Manifesto”, publicado em 1995 nos Estados Unidos. Lane afirma que um grupo de judeus controla e financia governos para promover o fim da população branca. Isso se daria através do aborto, direitos dos homossexuais, miscigenação, imigração, entre outras políticas governamentais. A teoria ganhou popularidade através da Alt-Right, sendo largamente promovida por aqueles que se identificam com esta rede.

“Somos um amplo movimento dissidente que inclui muitos websites, organizações e pontos de vista diferentes. Alguns membros detêm posições distintas em relação a questões de gênero, mercado e livre comércio, formas de governo e política externa. Mas todos concordam em um ponto: a igualdade é um mito perigoso. A Alt-Right está unida em rejeitar o dogma corrente de que todas as raças são iguais. Raças são diferentes, elas diferem em níveis médios de inteligência. Elas não constroem sociedades idênticas e não há razão para pensar que os não-brancos possam manter a civilização ocidental, a civilização que os brancos criaram. Agora, se vocês ficaram chocados pelo que eu disse até o momento, vocês não fazem parte da Alt-Right.”²³

A visão de um de seus principais representantes se faz muito precisa para que possamos compreender o que de fato pode ser definido como Alt-Right, não obstante, torna-se imprescindível que nossa análise vá além do discurso presente na fonte. Para que a busca por uma definição apropriada seja efetuado de forma adequada, será preciso resgatar as raízes filosóficas e ideológicas da Alt-Right.

Para além dos paleoconservadores como Samuel Francis, Pat Buchanan e Paul Gottfried, as maiores influências da rede poderiam ser encontradas na direita europeia do início do século XX. Nomes como Carl Schmitt, Julius Evola, Oswald Spengler, Ernst Jünger entre outros ocupam o rol no contexto da primeira metade do século.

Já no pós-guerra, um grupo de pensadores franceses de extrema direita funda em 1968 o GRECE, abreviação em francês para “Grupo de pesquisa e estudos sobre a civilização europeia”,²⁴ um think tank dedicado ao nacionalismo, anticomunismo e temas relacionados à cultura europeia. Seu líder e intelectual mais proeminente, Alain de Benoist, chegou a participar da conferência anual do National Policy Institute no ano de 2013 com a palestra “*The Identity Question*”²⁵.

²³ TAYLOR, Jared. What is the Alt-Right? Youtube. 29 ago. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CJ3B6L2fUA8>.

²⁴ Do original em francês, *Groupement de recherche et d'études pour la civilisation européenne*. Influenciados pelo movimento revolucionário conservador alemão e por tradicionalistas como Julius Evola e René Guenón, a geração conhecida como *Nouvelle Droite* ou *French New Right* recusa o capitalismo liberal, o multiculturalismo e a modernidade, tendo como princípios básicos a defesa da cultura e a tradição europeia. Guillaume Faye, Michael O'Meara e Tomislav Sunic também podem ser citados como os mais influentes.

²⁵ DE BENOIST. Alain. The Identity Question. Youtube. 17 jan. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9HDoBJRt8WI&t=>.

Como foi possível notar, a Alt-Right possui influências de escolas de pensamento variadas da direita europeia, este fato, quando somado às particularidades do paleoconservadorismo norte americano resultam nos principais componentes ideológicos da rede em questão. Entretanto, existem divergências internas não conciliáveis relativas a certos princípios básicos.

Apesar da crescente popularidade nos últimos anos, não podemos afirmar que existe uma unidade ou coesão ideológica dentro da Alt-Right. Ainda que a supremacia branca e o antiliberalismo possam ser identificados como dois pilares definidores, estes também podem ser desagregadores. Os historiadores Thomas J. Main e o George Hawley em seus recentes trabalhos (MAIN, 2018. HAWLEY, 2017) dedicaram capítulos de suas obras à cisão existente no interior da Alt-Right. Ambos concordam que nos últimos dois anos uma fronteira entre os que se identificam sob o rótulo da Alt-Right começou a se delinear mais claramente. Esta divisão ganhou notoriedade após um vídeo publicado por Richard Spencer na plataforma Youtube intitulado “*The Alt-Lite*”²⁶, onde o ativista denuncia a presença de “oportunistas” que apesar de possuírem um conjunto de princípios similares aos da Alt-Right²⁷, não abandonaram por completo os preceitos do liberalismo clássico e não tem a defesa da raça branca como valor básico e universal, fazendo com a presença de apoiadores negros, latinos e judeus não seja necessariamente um problema. Esta ala menos extremista se encontra muito mais ligada à figura de Donald Trump, ao nacionalismo cívico e o combate a Esquerda do que a questões raciais.

²⁶ SPENCER, Richard. *The Alt-Lite*. Youtube. 31 ago. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HsD4ba9944A&t=>.

²⁷ *Alt-Light* ou *Alt-Lite* pode ser traduzida como “Alternativa Leve”. Usada para se referir pejorativamente à fração inicialmente associada à Alt-Right que ainda mantém princípios do liberalismo clássico como igualdade racial e a democracia liberal, no entanto, compartilham a islamofobia, controle rígido das fronteiras, apoio a Donald Trump, aversão ao politicamente correto, ao feminismo e movimentos sociais. Após 2017, nomes como Milo Yiannopoulos, Steve Bannon e Gavin McInnes, o fundador dos *Proud Boys*, podem ser apontados como os seus maiores representantes.

Apesar de terem desfrutado de uma considerável veiculação na mídia e no debate público entre 2016 e 2018, a Alt-Right atravessou um período conturbado em 2017, o que contribuiu para o enfraquecimento de sua popularidade quando comparada ao contexto da eleição de Donald Trump. Tal período se deve principalmente a um episódio que pode ser descrito como um divisor de águas para a política nacional estadunidense: As manifestações “Unite the Right” ocorridas na cidade de Charlottesville.

Os atos foram organizados através da internet por Richard Spencer e Jason Kessler, um militante neonazista residente da cidade. O objetivo principal era protestar contra a decisão tomada pelas autoridades municipais de remover a estátua do general confederado Robert E. Lee, tido por muitos como um dos heróis de guerra sulistas. Após um longo planejamento, grupos de diversas matizes da extrema direita estadunidense ocuparam as ruas da pequena cidade de Charlottesville, Virgínia, entre os dias 11 e 12 de agosto de 2017. Na noite do primeiro dia centenas de pessoas marcharam pelo campus da Universidade da Virgínia em direção a estátua de Thomas Jefferson. Os manifestantes carregavam tochas – uma referência explícita às demonstrações da Ku Klux Klan – e entoavam palavras de ordem como “White Lives Matter”, “Blood and Soil”²⁸ e “You will not replace us”²⁹, que pode ser traduzido para o português como “Vocês não irão nos substituir”. Ao longo da caminhada, o alarido começa a se confundir com “*Jews will not replace us*”, ou “Os judeus não irão nos substituir”. Os primeiros confrontos físicos aconteceram nos arredores da estátua, no momento em que estudantes se reuniram à sua volta para impedir a marcha. Contudo,

²⁸ Mais uma referência à Alemanha Nazista. A palavra de ordem é inspirada pelo slogan “Blut und boden”, a qual fazia parte do emblema do ministério da agricultura no Terceiro Reich e era identificada com a doutrina do *Lebensraum*, significando “sangue e solo” em português.

²⁹ Aparentemente um protesto contra a remoção da estátua do general E. Lee, os clamores são também uma referência à teoria da conspiração conhecida como “Great Replacement”, a qual afirma que existe um projeto político secreto empreendido pelo governo que visa a “substituição” paulatina da população branca na América do Norte por imigrantes.

apesar do teor simbólico e do destaque recebido pela imprensa, o momento fatídico da “Unite the Right” viria a acontecer nas próximas 24 horas.

Na manhã do dia seguinte, os manifestantes da “Unite the Right” portando bandeiras Confederadas e Suásticas se encontraram nas ruas da cidade e entraram confronto físico. Após horas de conflito, o ápice da violência ocorreu quando o militante James Alex Fields Jr. avançou deliberadamente com seu veículo em direção a um grupo de manifestantes antifascistas. Após atropelar dezenas de pessoas, Fields retornou em marcha ré, atingindo novamente o grupo. O momento perturbador foi capturado em vídeo e largamente veiculado pela imprensa, o que acarretou uma repercussão internacional do acontecimento. O atentado teve como consequência a morte da ativista Heather D. Heyer, de 32 anos e outras 35 pessoas foram feridas, das quais 5 em estado grave..

A tragédia ocorrida chamou atenção da imprensa mundo afora, forçando o ex-presidente a se manifestar em público contra a presença de neonazistas e supremacistas brancos. As consequências de Charlottesville representaram um duro golpe para Alt-Right, e muitos dos seus representantes mais populares renunciaram ao termo e passaram a denunciar publicamente a presença Spencer e outros ativistas próximos. A partir de então, o que se viu foi um longo processo de acusações e conflitos entre os que haviam marchado lado a lado empunhando bandeiras confederadas, suásticas e dos Estados Unidos. Uma onda de processos judiciais, prisões e o banimento de contas em redes sociais forçaram a retirada de muitos militantes da vida pública e dos atos violentos, ao passo que o termo “Alt-Right” se tornou definitivamente um estigma para a direita, entrando para o vocabulário político como um eufemismo para definir neonazistas educados e bem vestidos, o que decorreu em um abalo enorme na popularidade angariada anteriormente.

Os anos de 2018 e 2019 foram particularmente penosos para a reputação de Spencer. Primeiramente sua ex-esposa veio a público denunciar inúmeros episódios de violência doméstica e abuso psicológico, muitos dos quais, segundo os relatos, foram presenciados pelos filhos do casal. O processo de divórcio e a divulgação de mensagens abusivas enviadas por Spencer foram amplamente veiculadas pela imprensa estadunidense. Já em 2019, um de seus ex-aliados o ativista Milo Yiannopoulos, divulgou um áudio³⁰ de Spencer gravado no dia seguinte ao “Unite the Right” onde o mesmo aparentava passar por um surto de raiva, e aos gritos insultava com termos racistas e antissemitas os manifestantes que entraram em conflito com seu grupo em Charlottesville. Aos berros, Spencer dizia que voltaria para Charlottesville todos fim de semana se fosse necessário e que seus ancestrais haviam escravizado “aqueles pedaços de merda” (*my ancestors fucking enslaved those pieces of shit*). A imagem de Spencer, cuidadosamente construída no afã normalizar o racismo e o antissemitismo, caiu por terra para aqueles que ainda o viam como uma espécie de voz dissidente perseguida pelo sistema.

O declínio de popularidade da Alt-Right também se deve ao desencanto com o governo Donald Trump, que passou a ser entendido pelas alas neofascistas como excessivamente brando e traidor de suas promessas de campanha. Outras questões também contribuíram para o afastamento, como o alinhamento com o Estado de Israel e a influência de Jared Kushner no governo – um judeu proveniente de uma família rica e tradicional do país que casou com sua filha, Ivanka Trump. A lacuna deixada pela Alt-Right foi preenchida em grande parte por grupos como os *Proud Boys*, *Oath Keepers* e o *America First* que assumiram um certo protagonismo nas ruas e manifestações

³⁰ Richard Spencer Audio Tape Reveals He Is—As Everyone Knew—A Racist. Youtube. 6 de nov. de 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VW9bFBtdpM&ab_channel=BreakfastClubPower105.1FM.

públicas pró Trump, fato que se tornou explícito na campanha presidencial de 2020 e na fatídica invasão do Capitólio no dia 6 de janeiro do ano seguinte.

Entretanto, o nível de visibilidade e alcance logrados pelos principais expoentes da Alt-Right não podem ser subestimados.

Cabe ressaltar que a supremacia branca e o neofascismo continuam sendo parte da paisagem política estadunidense e dificilmente deixará de o ser, pois as condições materiais da produção e reprodução da vida continuam fornecendo o ambiente social para que tais movimentos passem a se organizar na sociedade civil. Portanto, analisar o neofascismo sem ter em mente sua relação com o capitalismo jamais poderá nos fornecer uma resposta adequada para seu enfrentamento. Os já mencionados quadros identificados com a Alt-right permanecem empenhados nas redes e seguem difundindo sua mensagem neste exato momento.

1.1 Do Fascismo ao Neofascismo

Desde os primeiros passos de minha investigação sobre a Alt-Right, parecia evidente a conexão entre os grupos que compõem esta rede da extrema direita com o neofascismo. Para além das referências - tanto explícitas quanto implícitas - à Alemanha Nazista, o discurso e as propostas inseridas no projeto político defendido pelos principais representantes da Alt-Right estão situados além dos contornos tradicionais do conservadorismo e do neoliberalismo. Destarte, a presente seção foi elaborada com o intuito de apresentar ao leitor como entendo o que é o nazifascismo e o neofascismo. Para alcançar meu objetivo, tentei abarcar alguns dos debates e interpretações mais relevantes na historiografia do tema, destacando os pontos que considero imprescindíveis para a compreensão de como o fascismo se expressa nos dias de hoje.

Escrever sobre o fascismo de forma meticulosa nunca foi uma tarefa simples. É uma palavra que a própria sonoridade desperta atenção imediata, sendo usada de forma cada dia mais esvaziada de seu significado e magnitude originais. Mas onde podemos encontrar tal significado? Ou melhor, por onde começamos a procurar? Poderíamos afirmar que existe um significado unívoco, isento de interpretações, matizes e vieses?

Estes questionamentos já foram o mote para um número elevado de escritos e publicações. A produção bibliográfica referente ao assunto já percorreu uma estrada de quase cem anos, fazendo com que uma análise ampla das obras mais referenciadas represente uma tarefa de dimensões avantajadas. Contudo, o tamanho do campo de estudos concernente ao nazifascismo não impede uma análise delimitada de vertentes que causaram mais impacto entre a comunidade acadêmica.

As primeiras interpretações do fascismo podem ser localizadas já na década de 1920 na Península Itálica. Membros destacados do Partido Comunista Italiano como Antonio Gramsci³¹ e Palmiro Togliatti³² escreveram artigos abordando o fenômeno. Mas foi no âmbito do Congresso Mundial da Terceira Internacional, ocorrido em 1921, onde a maior parte das primeiras exposições críticas acerca do movimento liderado por Benito Mussolini vieram à tona. A historiadora Mirella Bertolotti³³ fez uma valiosa compilação de teses dos congressos do PCI realizados ao longo da década de 1920, sua obra também inclui intervenções do economista estadunidense Paul Sweezy e de Benedetto Croce, um dos maiores intelectuais do liberalismo italiano. O esforço de Bertolotti foi um tanto oportuno, pois nos fornece não só as bases para uma análise marxista do fascismo, como também fornece uma janela para a compreensão do

³¹ GRAMSCI, Antonio. Sobre el fascismo. Prólogo y selección de Enzo Santarelli. México: Palos, 1979.

³² TOGLIATTI, Palmiro. Lições sobre o fascismo. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

³³ BARTOLOTTI, Mirela (org). O fascismo: origens e análise crítica. Lisboa: Ed.70, 1969.

ambiente político da época a partir daqueles que vivenciaram a própria derrota e a consequente ascensão dos camisas negras ao poder.

Ainda durante o período entreguerras, o ativista francês Daniel Guerin redigiu um importante trabalho³⁴ onde chamava a atenção, já em 1936, para a aliança entre os regimes nazifascistas e as classes dominantes. A pesquisa do autor percorreu sobre as relações simbióticas entre as diferentes frações da burguesia e o fascismo, refinou as interpretações marxistas da década anterior e expôs os grupos de interesses por trás do capital bancário e industrial, os quais construíram suas próprias estratégias de apoio aos ditos regimes sempre com o objetivo de esmagar qualquer possibilidade de organização operária e ampliar as fronteiras para seus vultuosos lucros.

O rol de intelectuais que contribuíram para a construção de uma interpretação do fascismo desde sua fase inicial de até o fim da Segunda Grande Guerra é extenso e não poderia ser abarcado com devidos cuidados no corpo do presente trabalho. Poderíamos mencionar, a fim de concluir este breve percurso inserido na década de 1930 - os trabalhos de autores marxistas como o economista britânico Maurice Dobb³⁵, o escritor austríaco Otto Bauer³⁶ e, por último, um dos fundadores do partido comunista alemão, August Thalheimer³⁷.

As análises baseadas no materialismo histórico continuaram a ser elaboradas durante a guerra fria. Autores como Tim Mason e Ernest Mandel trouxeram novos aportes teóricos e análises mais refinadas que seus predecessores. Mason publicou um número notável de artigos e ensaios ao longo de sua vida, alguns dos quais foram selecionados e publicados 1995³⁸, focando principalmente nos aspectos políticos dos

³⁴ GUERIN, Daniel. Fascismo y gran capital. Madrid: Editorial Fundamentos, 1973.

³⁵ DOBB, Maurice. Political economy and capitalism. London, 1937.

³⁶ BAUER, Otto. O fascismo. In: FALCON, Francisco et.alli (org). Fascismo. Rio de Janeiro: Eldorado,1974.

³⁷ THALLHEIMER, August. Sobre o fascismo. Salvador: Centro de Estudos Victor Meyer, 2009.

³⁸ MASON, Tim. Nazism, fascism and the working class. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

regimes nazifascistas. Enquanto que Mandel apresentou uma análise inovadora sob a perspectiva do revolucionário bolchevique Leon Trotski.³⁹

Antes de adentrarmos especificamente nos trabalhos que pretendemos analisar com um pouco mais de atenção, seria interessante realizar uma última menção à obra do cientista político grego Nicos Poulantzas. Ao longo de sua vida, o autor publicou estudos que permanecem dotados de relevância até os nossos dias. Uma exposição minuciosa sobre todo seu acúmulo teórico seria uma proposta que em muito excede nosso espaço, no entanto, poderíamos destacar sua contribuição crítica⁴⁰ às resoluções da geração já mencionada da Terceira Internacional. A análise de Poulantzas desvendou as complexidades subjacentes no apoio das variadas frações de classe, introduzindo o conceito de hegemonia com a finalidade de compreender as relações entre as classes dominantes e as classes dominadas. Percorreu as leituras de Thalheimer e Trotski, ao mesmo tempo que aprofundou o entendimento acerca do contexto de surgimento do fascismo através de períodos que compreendiam um “processo de fascização”⁴¹. Seguindo esta trajetória, o autor em pauta, assim como Tim Mason, rompeu com as concepções engessadas da Terceira Internacional, que entendiam o fascismo como estágio inevitável do desenvolvimento do capitalismo monopolista sob as democracias liberais.

Para além das perspectivas marxistas, o pós-guerra foi um terreno fértil para o desenvolvimento de teorias interpretativas liberais e conservadoras, que tendiam a associar a União Soviética aos regimes nazifascistas via tese do totalitarismo. Apesar de o conceito não ter sido cunhado pela renomada filósofa Hannah Arendt, ele foi refinado

³⁹ MANDEL, Ernest. Sobre o fascismo. Lisboa: Antídoto, 1976.

⁴⁰ POULANTZAS, Nicos. Fascismo e Ditadura: a Terceira Internacional face ao fascismo. Vol.1. Lisboa: Portucalense, 1972.

⁴¹ Idem. P. 72-74.

e popularizado em sua obra seminal⁴² de 1951. A partir de então, o conceito foi largamente utilizado no sentido da construção de um consenso em torno de que comunismo e fascismo nada mais eram do que ditaduras violentas de partido único que controlavam a sociedade como um todo - nada escaparia do controle tirânico do partido e de seu líder carismático. As escolas, as universidades, os jornais, até as forças armadas estariam controladas de dentro para fora como se estivessem envolvidas pelos tentáculos de um monstro bíblico.

Os adeptos da teoria do totalitarismo contribuíram largamente para o fortalecimento de um viés anticomunista característico da Guerra Fria, autores como Raymond Aron⁴³, Carl Friedrich e Zbigniew Brzezinski⁴⁴ podem ser apresentados como alguns dos maiores representantes.

Como foi possível notar, as teorias e elucubrações desenvolvidas em torno dos regimes autoritários da década de 1930 é de proporções significativas. Tentamos apenas mostrar algumas das vertentes que nortearam as primeiras décadas do debate, mas precisamos direcionar nosso prisma para as correntes que de fato serão pautadas ao longo do nosso esforço analítico.

Ao fim da década de 60 do Século XX, o historiador italiano Renzo De Felice iniciava uma pesquisa que tinha como objeto a vida de Benito Mussolini. O trabalho foi colossal, reunindo 4 volumes que foram publicados ao longo dos próximos quarenta anos, sendo finalizado em 1996. De Felice foi um dos precursores de uma historiografia que viria a priorizar os aspectos culturais, ideológicos e institucionais do fascismo.

Partindo de uma matriz liberal e weberiana, a partir dos anos 1970, autores como George Mosse, Zeev Sternhell, Stanley Payne e Roger Griffin criticaram a perspectiva

⁴² ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Cia das letras, 1989.

⁴³ ARON, Raymond. *Democracia e totalitarismo*. Lisboa: Ed. Presença, 1966.

⁴⁴ BRZEZINSKI, Z.K.; FRIEDRICH, C.J. *Totalitarian dictatorship and autocracy*. Cambridge, 1965.

marxista de seus predecessores. Conduziram suas pesquisas focando principalmente nos aspectos relacionados com a cultura e ideologia, deixando para segundo plano ou até mesmo ignorando questões fundamentais que envolviam o fascismo em sua prática - como a questão da violência, o apoio e a resistência de diferentes classes, o anticomunismo, as relações com o conservadorismo, entre outros fatores que veremos mais à frente.

Partindo do pressuposto que a historiografia acerca do tema gira em torno de pelo menos duas vertentes distintas, o sociólogo estadunidense Michael Mann em seu trabalho de 2004 intitulado “Fascistas”, chega à conclusão que

“Existem duas grandes correntes de pensamento sobre o fascismo. Uma “escola nacionalista” mais idealista, [...], concentra-se nas crenças e doutrinas do fascismo, ao passo que uma “escola classista” materialista, [...], chama a atenção para seus fundamentos de classe e sua relação com o capitalismo. Os debates entre as duas constituem mais uma reiteração da tradicional polêmica entre idealismo e materialismo nas ciências sociais.”⁴⁵

Consideramos que Mann sumarizou adequadamente as duas grandes correntes de pensamento sobre o fascismo, portanto, doravante adotaremos a mesma orientação para facilitar nossa análise.

Como mencionamos anteriormente, as conclusões dos historiadores inseridos no âmbito da “escola idealista”, apesar de sua relevância, possuíam limites que não foram ignorados. Nas últimas décadas, coube a historiadores da “escola materialista” como Richard Evans, Robert Paxton e David Renton, a tarefa de retomar os estudos do nazifascismo. Formularam suas pesquisas com o objetivo de preencher as lacunas deixadas pelos autores já mencionados da corrente “idealista”, reacendendo o debate e de certa forma desafiando certos consensos estabelecidos em torno das perspectivas de Sternhell e Griffin.

⁴⁵ MANN, Michael. Fascistas. São Paulo: Record, 2008. p. 15 -16.

Para que possamos seguir com a delimitação dos nossos objetivos, consideramos que foi necessário estabelecer uma breve análise da historiografia presente nos parágrafos anteriores. Nos próximos tópicos abordaremos com um pouco mais profundidade as concepções das escolas “idealista” e “materialista”. Nosso foco inicial será nas mudanças introduzidas pelo enfoque de George Mosse, Zeev Sternhell e Roger Griffin, alguns dos maiores representantes da dita Escola Idealista. Pretende-se elaborar um quadro geral sobre seus aportes, abarcando panoramas que até hoje são vistos entre muitos estudiosos do fascismo como as maiores inovações no campo em questão. Ao fim da exposição acerca dos pesquisadores em questão, será apresentado uma breve passagem crítica onde serão debatidas as inconsistências e problemas que envolvem as pesquisas voltadas para o viés idealista.

Em seguida, voltaremos nossa atenção para a geração de críticos que resgatou a necessidade de se entender o fascismo não só como uma ideologia, mas também como um movimento político de massas que se adapta e se modifica, fazendo parte de um processo histórico que supera as limitações dos modelos descritivos que se restringem às ideias. Os autores selecionados estão entre os que publicaram resultados mais destacados nos últimos anos, por conseguinte, percorreremos a “Escola Materialista” através das perspectivas de Richard Evans, Robert Paxton e David Renton.

1.2 - A Escola Idealista

Na segunda metade da década de 1960, George Mosse publicava os ensaios que seriam pioneiros de uma abordagem a qual focava principalmente nas mentalidades e ideologias por trás do nazismo. Vindo de uma família abastada de judeus alemães, o autor foi obrigado a fugir de sua terra natal no ano de 1933, marcado pela ascensão de Hitler ao poder. A abordagem de Mosse se diferenciava das anteriores por considerar que a perspectiva da maioria dos historiadores privilegiava unicamente os aspectos econômicos e políticos do nazismo, ignorando as dimensões da cultura, da estética e das mentalidades. Delimitando com principal objeto de estudo a cultura que teria propiciado o surgimento da ideologia nazista, autor efetuou uma investigação um tanto valiosa a respeito do movimento *volkish*. Para Mosse, as raízes da Alemanha da década de 1930 se encontravam no Século XIX, principalmente em sua última metade.

A palavra “volk” em alemão pode ser traduzida simplesmente como “povo” para o português, todavia, o termo carrega um forte conteúdo histórico e simbólico, superando em muito uma forma de se referir ao conjunto de uma dada população ou às camadas sociais menos elevadas de um determinado país. O “Volk” significa, antes de tudo, uma espécie de coletividade mítica, que seria uma característica inerente aos alemães. Pertencer ao *volk* significa muito mais do que fazer parte de uma nação que compartilha uma língua ou costumes:

“The set of ideas with which we are concerned in this work has been termed “Volkish”—that is, pertaining to the “Volk.” “Volk” is one of those perplexing German terms which connotes far more than its specific meaning. “Volk” is a much more comprehensive term than “people,” for to German thinkers ever since the birth of German romanticism in the late eighteenth century “Volk” signified the union of a group of people with a transcendental “essence.” This “essence” might be called “nature” or “cosmos” or “mythos,” but in each instance it was fused to man’s innermost nature, and represented the source of his creativity, his depth of feeling, his individuality, and his unity with other members of the Volk.”⁴⁶

⁴⁶ MOSSE, George L. *The Crisis of German Ideology: Intellectual Origins of the Third Reich*. Nova Iorque: Schocken Books, 1964.

O tema das primeiras publicações de Mosse na década de 1960 giram em torno dessa construção de uma identidade alemã transcendental, que era algo compartilhado apenas por aqueles que fizessem parte de tal comunidade. Segundo o autor, o nacionalismo *volkish* e o romantismo alemão forneceram o arcabouço cultural e ideológico para o exacerbamento do pensamento racista e antissemita, os quais foram características marcantes nos discursos de Adolf Hitler. A nação deveria se unir não só contra os agressores externos, como também fazer frente às ameaças domésticas, a aqueles que compartilhavam o mesmo espaço de convivência, mas não faziam parte do sentimento místico de pertencimento e identidade intrínsecos a cada ariano.

Seria importante salientar que o preconceito racial e a xenofobia não eram atributos que surgiram na Europa de fins do Século XIX. Os pogroms, a desconfiança perante os judeus e a aversão aos povos de origem cigana faziam parte da rotina europeia pelo menos desde a Idade Média.

A ideia da coletividade mitificada através de uma essência comum, por sua vez, teve grande respaldo no romantismo alemão, um movimento que encontrava sua maior expressão através das artes e da filosofia. O romantismo alemão, assim como suas variações europeias, esposava valores opostos aos do positivismo e das novas formas de produção e reprodução da vida impostos pelo desenvolvimento do capitalismo industrial na Alemanha. Valores voltados para as emoções, sentimentos e a intuição pessoal rechaçavam o racionalismo cientificista derivado das ideias de Auguste Comte. Segundo Mosse, o contexto de surgimento do romantismo alemão coincidiu com as guerras contra o domínio napoleônico, que simbolizaria os valores do Iluminismo francês e da Revolução. O autor enfatiza o caráter místico, idealista e até mesmo espiritual do movimento filosófico em questão, arrolando uma série de pensadores cruciais para sua disseminação. O romantismo teria o papel de fornecer ao *volk* a ideia

que os povos de origem germânica possuíam uma ligação com a sua terra, com a natureza e o universo, algo que remeteria a uma ancestralidade imemorial, dos tempos tribais, de chefes guerreiros e heróis que personificavam o verdadeiro espírito germânico, o qual, em fins do Século XIX, se encontrava obliterado por uma sociedade burguesa guiada pela ganância e pela lógica do lucro. Na passagem a seguir, Mosse demonstra como o romantismo alemão e o nacionalismo *volkish* se integraram, construindo a noção de que havia um propósito maior, uma realidade intangível que fazia dos alemães um povo distinto de qualquer outro.

“*Volkish* thought made the Volk the intermediary between man and the ‘higher reality.’ But if the individual was tied to the Volk, which, in turn, as the reposit of the ‘life force,’ found a unity with the ‘higher reality,’ how was this trinity actually expressed? Common to both the individual and the Volk was the romantic pantheistic concept of nature. For the romantics, nature was not cold and mechanical, but alive and spontaneous. It was indeed filled with a life force which corresponded to the emotions of man. The human soul could be in rapport with nature since it too was endowed with a soul. Every individual could therefore find an inner correspondence with nature, a correspondence which he shared with his Volk. In this way the individual linked himself with every other member of the Volk in a common feeling of belonging, in a shared emotional experience. Yet, after all, the Volk did not have universal dimensions, but was limited to a particular national unit. Not all of nature, therefore, but only its regional manifestations gave the Volk its character, potential, and unity. Nature was defined as landscape: those features of the environment peculiar and familiar to the members of one Volk and alien to all others.”⁴⁷

Na passagem acima, pudemos notar que a ideia do *volk* abrangia muito mais do que a referência ao povo alemão e sua identidade. A exclusão social daqueles que não compartilhavam o passado idílico e glorioso dos alemães, seria um desfecho mais do que esperado. Ora, de que forma os judeus, um povo originário dos desertos da região do Levante, poderiam fazer parte do *volk*? E quanto aos ciganos? Como poderia uma comunidade de nômades vistos como ladinos e desocupados se equiparar aos arianos? As mesmas questões poderiam ser dirigidas aos homossexuais, entendidos como transgressores dos ideais de força e masculinidade, os quais se encontravam assentados em uma sólida tradição patriarcal.

⁴⁷ Idem. P. 15.

Ao longo de sua obra, Mosse indica outros elementos que fazem parte das fundações ideológicas do Nazismo. Cabe aqui salientar que nossa análise repousa sobre os aspectos mais inovadores e relevantes da pesquisa do autor em questão. Uma elaboração mais meticulosa e detalhista está além de nossa proposta inicial, portanto vamos finalizar a exposição focando em um dos fatores mais marcantes do nazismo: o Darwinismo Social. Discorrer sobre sua história exigiria um trabalho muito mais amplo e profundo, superando demasiadamente nosso escopo. Neste momento, pretende-se somente examinar como Mosse considerou o impacto de tal pensamento na formação da ideologia nazista.

Até aqui pudemos presenciar como o romantismo alemão e o nacionalismo *volk* estão intimamente interligados. Contudo, ainda que ambos possam ser facilmente reconhecidos na Alemanha de Hitler, foi o darwinismo social que acrescentou o ingrediente primordial do nazismo: a supremacia racial ariana. Se por um lado o movimento *volkish* se dedicou a convencer os alemães de que eram portadores de uma essência mítica capaz de unir todos em volta de uma identidade cultural, o darwinismo social tratou de preencher as lacunas concernentes à questão da identidade racial; de como um ser naturalmente mais elevado deveria reconhecer a si e a seus pares, de como essa superioridade natural legada através da raça deveria orientar o destino de todos que compartilham essa distinção única.

“The external was thought to be only a reflection of deeper spiritual forces. The body mirrored the soul; it was its signature. As we have seen, landscape and geography were considered indispensable to the Volk soul. To these, however, was added the concept that the very physical characteristics of people rested on the nature of their inner selves. Consequently, Volkish thinkers and pseudo-scientists began to detail the various component parts that represented the outward signs of the true racial soul. Artists, [...], portrayed the ideal of Aryan beauty; Fidus' depictions, for example, were physical images of inner Germanic beauty modeled after a racially 'ideal type.’”⁴⁸

⁴⁸ Idem. P.88

Os povos germânicos não seriam superiores somente através de sua cultura e sua nação, mas também pela raça, um atributo consanguíneo que uniria todos como uma espécie de família. Isto posto, os arianos possuíam em sua essência não só a capacidade, mas o dever de excluir e submeter as ameaças externas. Assim como os predadores que ocupam o topo da cadeia alimentar, os alemães deveriam ascender a sua posição perante outros povos, fossem eles europeus ou não. A guerra passou a ser compreendida como o meio glorioso pelo qual os naturalmente superiores submeteriam os insignificantes. Os considerados fracos e inaptos deveriam ocupar a posição social correspondente às suas capacidades. A eliminação física de qualquer tipo de ameaça ao *volk* passava a ter uma justificativa substancial, pois o coletivo mitificado, representado através do *führer* era infinitamente mais importante do que as liberdades e paixões individuais.

Assim como os de origem ariana eram dotados de uma natureza que os compelia à liderança, à beleza e a supremacia perante outros povos, os judeus também refletiam em seu caráter uma série de particularidades que não poderiam ser contornadas. Os nazistas entendiam que os judeus eram em sua essência indivíduos traiçoeiros, manipuladores e gananciosos. Não eram mais uma entre inúmeras raças inferiores que deveriam se curvar, eram um perigo real não só para os alemães, como também para a humanidade.

“The Jews had entered the history of the West as alien people who stemmed from an Asiatic environment and subscribed to a strict and dehumanized law. In contradistinction, the Germans had entered the same history as saviors at a moment when the West seemed on the verge of disintegration. The Teutonic peoples had been the carriers of all that was best in Greek and Roman civilization, to which they added a more vital emphasis. The Germans had added the metaphysical element to the Greek ideal of aristocracy and to the Roman concept of justice. Among Germans, heroism represented an inner fortitude that was superior to mere external strength and victory.”⁴⁹

Para resgatar todo o pensamento do contexto alemão do Século XIX, Mosse precisou se dedicar a um meticuloso levantamento dos autores mais influentes e suas

⁴⁹ Idem. P. 95-96.

respectivas obras. O historiador estabeleceu como principal escopo de sua investigação, os fundamentos do Nacional Socialismo presentes em uma quantidade considerável de escritores. Um dos grandes méritos de Mosse reside justamente em ter resgatado a influência de homens como Arthur de Gobineau, Paul de Lagarde, Houston Stewart Chamberlain, entre muitos outros, no surgimento do que veio a ser a ideologia oficial do Nazismo.

George L. Mosse continuou seu trabalho em torno do tema por boa parte de sua vida acadêmica, vindo a publicar seu título mais relevante⁵⁰ em 1975, onde aprofundou sua pesquisa sempre mantendo seu foco nos campos da cultura, da estética e das representações. A perspectiva inaugurada pelo autor pavimentou o caminho para que Escola Idealista ganhasse reconhecimento e relevância acadêmica, ampliando as possibilidades para novas contribuições. Dando continuidade à nossa análise, não podemos deixar de discorrer brevemente sobre Zeev Sternhell, possivelmente o nome mais reconhecido de sua geração.

O historiador nascido na Polônia e radicado em Israel, teve um passado traumático em decorrência da invasão de sua terra natal pelo III Reich e o assassinato de boa parte de sua família pelas mãos dos nazistas. Tendo escapado do destino de seus pais, conseguiu emigrar para o recém fundado estado de Israel, onde iniciou sua carreira acadêmica.

Diferentemente de Mosse, Sternhell dedicou-se a pesquisar os fundamentos ideológicos do Fascismo italiano. À primeira vista pode parecer um objeto muito similar ao de seu predecessor, todavia, o autor sempre defendeu que o Fascismo Italiano e o Nazismo Alemão esposavam ideologias as quais tinham pouco ou nada em comum, por conseguinte, o regime de Hitler seria um caso à parte, que não pertencia à constelação

⁵⁰ MOSSE, George L. *The Nationalization of the Masses: Political Symbolism and Mass Movements in Germany from the Napoleonic Wars through the Third Reich*. New York: Howard Fertig. 1975.

de movimentos fascistas que surgiram na Europa do período entreguerras. O pesquisador chegou a tal conclusão após anos pesquisando sobre as origens ideológicas do fascismo, as quais de acordo com o autor, estavam diretamente ligadas à conjuntura intelectual francesa do Século XIX. Dedicaremos os próximos parágrafos à uma exposição da análise um tanto controversa – porém inovadora – de Zeev Sternhell.

O autor defendeu sua interpretação pela primeira vez em um livro organizado pelo historiador Walter Laqueur. A publicação em questão era uma obra conjunta com vários pesquisadores de renome, onde cada capítulo era dedicado a um tema específico relacionado ao fascismo. Coube a Sternhell a tarefa de defender sua perspectiva em uma seção intitulada “Ideologia Fascista”. O autor deixa claro a dificuldade de encontrar uma definição nos moldes de um tipo ideal weberiano para o conceito de fascismo, mas salienta que caso o objetivo seja encontrar uma definição mais próxima da realidade, seria necessário, antes de tudo, estabelecer a ideologia como o ponto de partida. Seria na ideologia onde todas as ações e programas do partido de Mussolini encontrariam as motivações para suas práticas:

“In any case where the history of ideas is concerned, it is the political movement which is of greater interest. It can be traced with advantage back to its origins, to the source which, being more pure, illustrates an outline as yet unmuddied. Fascist ideology in all its essentials is best perceived in its origins, and fascist movements can be seen for what they really are before they have acceded to power and been transformed by compromise and pressure into yet another governmental party. The true nature of doctrines, and the differences between them, are Always more clearly seen in the shape of their aspirations than when put into practice.”⁵¹

A premissa de Sternhell é que a essência do fascismo se encontra em sua ideologia antes de qualquer outro aspecto. Pode ser uma perspectiva valiosa quando se tem como objetivo uma análise voltada puramente para o campo da História Intelectual ou do pensamento de uma determinada época, no entanto, quando se parte do princípio

⁵¹STERNHELL, Zeev. Fascist Ideology. In. LAQUEUR, Walter (ed.). Fascism: A Reader's Guide. Analyses, Interpretations, Bibliography. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1976. P. 320.

que o discurso dos próprios fascistas presente nos documentos é o caminho principal para se compreender o Fascismo, perde-se de vista inúmeros aspectos de cunho social, econômico e político que são refletidos nas práticas; nas ações que afetam diretamente e indiretamente na realidade concreta.

Isto posto, as limitações presentes no trabalho de Sternhell não nos impede de expor suas contribuições para a historiografia.

Possivelmente o resultado mais relevante de sua pesquisa foi desvendar o impacto que as ideias gestadas por ativistas franceses da segunda metade do Século XIX exerceram sobre a formação do fascismo na Itália. A tese central de Sternhell, gira em torno de que a ideologia fascista se originou no último terço do Século XIX, alcançado seus contornos mais definidos após a Primeira Guerra Mundial.

O marco inicial poderia ser apontado quando os principais representantes do sindicalismo revolucionário, – como Georges Sorel, Henri de Man e Marcel Déat - passaram a rechaçar o socialismo marxista, se aproximando paulatinamente de um “socialismo” centralizado em questões éticas e morais. A “Revolta Antimaterialista” que intitula o artigo de Sternhell entendia que materialismo deveria ser combatido em todas as suas formas, não somente no âmbito do marxismo, como também do materialismo burguês, identificado com a emergente sociedade do capitalismo industrial, a qual seria uma das grandes responsáveis pelo estado de degeneração moral e corrupção em que a civilização ocidental se encontrava. O autor expõe o giro ideológico ocorrido na esfera do sindicalismo revolucionário no decorrer da seguinte passagem:

“At the turn of the century, revolutionary syndicalism in France and Italy laid the groundwork for this form of revisionism which declared the failure of Marxist determinism and, rejecting the materialistic and mechanistic aspect of Marxism, began a process of superseding it. Immediately after the first world war, the non-conformists of the new generation of socialists followed a similar path, and thus, from Sorel, Michels, Lagardelle and Arturo Labriola to Hendrik de Man and Marcel Déat, this variant of socialism underwent a profound transformation. Indeed, this idealistic revisionism became far more

an attempt morally to regenerate society as a whole and to save civilization than a movement for the liberation of the working class. Socialism came to be conceived as not merely the creation of a clearly defined class in modern society, but as an ideological endeavour to create a different human order.”⁵²

A emancipação da classe trabalhadora através da superação do capitalismo passou a ser entendida como uma proposta obsoleta, já que o proletariado, de acordo com tais pensadores, não foi capaz de assumir o papel de protagonista da revolução tal como Marx havia previsto. Depreende-se de tal conclusão que a existência do socialismo na perspectiva de Sorel e De Man, não possuía qualquer ligação com os trabalhadores, em outras palavras, deixava de lado seu caráter essencial da luta de classes, descartando, dessa forma, todo o edifício teórico desenvolvido por Marx. Faz-se necessário reafirmar que os teóricos do sindicalismo revolucionário passaram a enxergar os partidos e o movimento comunista da mesma forma que enxergavam o modelo liberal-democrático: como inimigos.

Uma perspectiva similar foi direcionada a uma das principais vertentes do socialismo à época. Segundo Sternhell, os social-democratas eram vistos com ainda mais desprezo, pois eram tidos como socialistas que se renderam às regras do jogo liberal dominante, participando das eleições conforme as classes dominantes haviam relutantemente consentido.

O rompimento realizado pelo sindicalismo revolucionário nos impõe uma série de questões. Ora, como poderia o socialismo não ser um movimento de reação do proletariado quanto à sua condição histórica de classe dominada? Se o materialismo histórico dialético passara a ser compreendido como um refugio ideológico datado, qual seria o projeto político deste “novo socialismo” que buscava se impor?

⁵² STERNHELL, Zeev. The 'Anti-Materialist' Revision of Marxism as an Aspect of the Rise of Fascist Ideology. *Journal of Contemporary History*, Vol. 22, No. 3 (Jul., 1987),P.379.

Para que possamos esclarecer tais questionamentos, precisamos suscitar algumas ressalvas nas propostas dos revisionistas do materialismo. Talvez a mais importante seja a permanência do projeto revolucionário, entendido como o único meio de salvar a civilização. De acordo com o autor, o grande proponente dessa revolução que visava a superação dos valores éticos e morais da sociedade materialista, foi o filósofo belga Henri de Man. O papel da ética para De Man era tão importante, que o historiador, passa a considerar seus adeptos de “socialistas éticos”. Partindo da análise das propostas tanto dos sindicalistas revolucionários quanto dos socialistas éticos, Sternhell chega à conclusão estes foram o sedimento para o pensamento fascista do início do Século XX:

“Here is the heart of the matter. Revolutionary syndicalists in the pre-1914 period and ethical socialists in the 1930s abandoned Marxism but not their desire to make a revolution and to regenerate a decadent society. Their revolution was henceforth to be an ethical revolution, a spiritual revolution, a political and national revolution. This was the classic conceptual framework of a fascist Revolution directed against 'materialism'. Whether this 'materialism' took the form of liberal democracy, or of what was considered a mechanistic, Marxist orthodoxy or the opportunism of social democracy, was finally of little importance: in each case, it was regarded as the same evil. This evil could take a form which was economic, political or social, but above all it was moral.”⁵³

No trecho acima, fica claro que o autor enxerga dois movimentos políticos em dois contextos diferentes. No primeiro caso os sindicalistas revolucionários do final do Século XIX, e no segundo, os “socialistas éticos” do período entreguerras. É justamente nesse ínterim que aconteceu o deslocamento dos grupos em questão no espectro ideológico:

“There is no determinism that would automatically make a fascist out of an 'anti-materialist'. However, it is undeniable that this desire to 'pass beyond Marxism by substituting a method of psychological analysis for historical materialism, or, in other words, by seeking behind economic facts the psychic realities they express', is one of the main routes for going from left to right and from the extreme left to the extreme right.”⁵⁴

⁵³ Idem. P. 381-382.

⁵⁴ Idem. P. 382.

Esta versão do socialismo era entendida como um movimento independente não só da classe trabalhadora, como também do capitalismo - poderia ser localizado historicamente desde a Antiguidade, passando pela Idade Média e finalmente, chegando no início do Século XX:

“Regarded as independent of its historical context, of economic forces and social structures and consequently independent of capitalism, socialism appeared as 'a deep, powerful and eternal current' whose history 'began at least with Plato, the Essenes and the first Christian communities'. This history continued with the popular communistic movements of the Middle Ages and the Reformation, and, passing through the utopias of the Renaissance and of the eighteenth and nineteenth centuries, it reached the mass movements of the twentieth century. It follows that other classes besides the proletariat can feel the need to adopt socialism, or, conversely, the proletariat in a given situation can abandon socialism. Here it should be pointed out that the idea of ethical socialism, of an 'eternal' socialism was very widespread in the period from 1920 to 1935.”⁵⁵

O conceito de “socialismo” se torna tão esvaziado de seu conteúdo original que salta aos olhos a tentativa de reformular completamente o forte significado que o termo “socialismo” representava. Um processo similar se deu com o conceito de revolução. A revolução não seria feita pelo proletariado e para o proletariado, mas por toda a sociedade e para o bem do coletivo. Não seria uma surpresa aos olhos do leitor o fato de que o nacionalismo radical viria a se tornar um dos ingredientes fundamentais para os pensadores em questão.

A nação se torna a grande comunidade capaz de unir todas as classes rumo à “revolução ética”, a qual soterraria de uma só vez as vertentes do materialismo liberal e o marxista. A mistificação do coletivo suplanta o individualismo burguês, passando a ser um dos pontos nevrálgicos destes pensadores no início de Século XX.

Desde o início de seu artigo, Sternhell expõe com clareza que a ideologia profascista sofreu uma forte influência do nacionalismo radical de conservadores como Charles Maurras, que junto com outros pensadores, trouxe a idealização de um

⁵⁵ Idem. P.391-392.

passado mítico, o culto ao guerreiro e ao heroísmo muito similares aos do romantismo alemão suscitado por George Mosse.

A conclusão inevitável a qual o autor chega é de que o nacional-socialismo foi gestado no ambiente ideológico francês entre o último terço do Século XIX e as primeiras décadas do Século XX. A conjuntura do período abordado propiciou as condições para a síntese entre ideologias tanto da esquerda revolucionária quanto da direita nacionalista, uma tese polêmica que o historiador desenvolve nos anos 1970 e elabora com maior profundidade nas décadas posteriores⁵⁶ defendendo-a pelo resto de sua vida.

Em suma, o maior triunfo do nacionalismo radical foi a capacidade de congregar pensadores de diferentes correntes ideológicas, principalmente da França e da Itália; esta última, como sabemos, ofereceu um terreno fértil para a proliferação de tais ideias. O desenrolar histórico exposto até o momento, não poderia deixar de culminar na síntese do que veio a se tornar na década de 1930 o Nacional Socialismo:

“Finally, this new socialism resulted in conclusions which can hardly be surprising: class struggle was replaced by the integration of classes and national solidarity, the idea of 'anti-capitalism' replaced that of 'socialism', corporatism became the backbone of social organization, and a controlled economy was directed by an authoritarian state from which the weaknesses of liberal democracy, notably parliamentarianism, were excluded. The demolition of Marxism gave birth to a new conception of a state in the service of a directed revolution carried out in the name of the nation as a whole. Convinced that an aspiration towards a strong authority is deeply rooted in human nature, Deat suggested that socialism should 'acquire for its own benefit the idea of order, the idea of authority, the idea of nation'.”⁵⁷

O autor insistiu que além da Itália, a França de Vichy também poderia ser considerada como uma das maiores expressões do fascismo no poder, possivelmente uma de suas conclusões que mais suscitaram debates e críticas entre seus pares. Ao fim

⁵⁶ STERNHELL, Zeev. *Neither Right nor Left: Fascist Ideology in France*. New Jersey: Princeton University Press, 1986.

⁵⁷ STERNHELL, Zeev. The 'Anti-Materialist' Revision of Marxism as an Aspect of the Rise of Fascist Ideology. *Journal of Contemporary History*, Vol. 22, No. 3 (Jul., 1987),P.395.

e ao cabo, o trabalho de Sternhell permanece como uma das maiores contribuições no que concerne às origens ideológicas dos movimentos de extrema direita do início do Século XX. Ainda que sua perspectiva tenha deixado lacunas, o levantamento meticuloso de uma vasta rede de pensadores colaborou de maneira indelével para a construção de uma História Intelectual do Fascismo.

Até o momento, percorremos o pensamento da escola idealista mantendo o foco em alguns de seus precursores nos anos 1960 e 1970. A perspectiva em questão permaneceu vigorosa nos anos seguintes, o que não significou que estivesse imune a críticas vindas de seu próprio campo. Possivelmente, a maior contribuição neste sentido reside no trabalho de Roger Griffin, nascido na Inglaterra e professor da Universidade de Oxford.

Publicado em 1991, “The Nature of Fascism” trouxe uma perspectiva inovadora, crítica tanto de seus predecessores, quanto das análises marxistas. Até aqui, de todos os autores perscrutados, Griffin poderia ser apontado como o mais metódico e analítico de seus objetos de pesquisa. Em suas justificativas, suscita a necessidade de se encontrar uma espécie de “denominador comum” entre os movimentos fascistas, o que ocupa um espaço considerável em sua obra. Segundo Griffin, a quantidade de significados atribuídos ao termo fascismo produzidos pelo grande número de pesquisadores do tema, acabaram por desvirtuar sua importância teórica, gerando um complexo embaralhamento de conceitos no meio acadêmico. Portanto, seria necessário encontrar uma solução mais concisa para o que seria o fascismo, sendo estabelecidas uma série de procedimentos metodológicos no afã de solucionar o problema, em outras palavras, como já explicita o título do livro, o objetivo seria encontrar a “natureza” do que é fascismo.

Apesar fazer pouca menção ao material produzido por especialistas de tendência marxista, o professor de Oxford faz apontamentos interessantes sobre as limitações das principais referências sobre o estudo do fascismo até então, mencionando autores respeitados como Renzo de Felice e George Mosse mas prefere dar ênfase às posições de Zeev Sternhell e de Stanley Payne - um dos mais respeitados pesquisadores da Espanha franquista. Em relação ao historiador israelense, Griffin reconhece a relevância do trabalho de Sternhell, porém, não deixa de apresentar suas ressalvas no parágrafo adiante:

“Among the objections which have been raised to his theory are that (i) it creates a rigid dichotomy which causes thinkers in inter-war France to be classified as either 'democratic' or 'fascist', thus ignoring the existence of, for example, a powerful current of political Catholicism which sought to forge a viable alternative to liberalism, communism *and* fascism (see Conway, 1990, p.1); (ii) it applies the history of ideas to fascism in a way which takes insufficient account of the unique sociological and national preconditions of its different permutations, of its bias towards action rather than theory and of its practical consequences.”⁵⁸

Como pudemos testemunhar no trecho acima, o enfoque excessivo na questão das ideologias antimaterialistas do Século XIX e seu papel na formação do movimento nacional socialista é uma das características mais criticadas no trabalho de Sternhell, da mesma forma, sua posição sobre o caráter específico do regime Nazista – segundo a qual não deveria ser considerado como uma vertente do Fascismo - também vai contra a perspectiva de Griffin e da maioria dos pesquisadores da área.

Não obstante sua relevância para o campo de estudos do Fascismo, Griffin tece críticas também a Stanley Payne, contudo, efetua um justo tributo ao que considera como sua “definição tipológica” do fascismo:

“His 'typological definition' of fascism is presented in a book which goes on to demonstrate its considerable taxonomic value in categorizing ultra-right movements in the inter-war period. Since its publication, it has been cited by several scholars as the most useful approach to date, if only in a spirit of *faute de mieux*[...]. It consists of a restatement of the 'antidimension' of fascism (which has greatly impressed anti-fascists), followed by a synthetic

⁵⁸ GRIFFIN, Roger. The Nature of Facism. New York: Routledge, 1993. P. 6-7.

description of 'ideology and goals' and 'style and organization'. Together these three sets of criteria are offered as a sort of check-list, specific enough to distinguish between fascist and non-fascist movements (which include the conservative and radical right) but still flexible enough to accommodate a number of movements other than those of Mussolini or Hitler. For example the Falange is pin-pointed as a genuinely fascist element within Franco's radical right (that is non-fascist) regime. Significantly, Nazism emerges as a prime specimen of fascism, *pace* Sternhell.”⁵⁹

Podemos notar que Griffin expõe um dos pontos centrais da teoria de Payne ao mesmo tempo que a contrapõe com Sternhell, deixando claro que no seu entendimento mesmo as obras dos grandes pesquisadores que o antecederam não tiveram fôlego o suficiente para a construção de um consenso - ainda que parcial – em torno do que é o Fascismo. Um dos traços característicos da obra de Payne que também é apontado como insuficiente por Griffin reside nas categorias de “Negações do Fascismo: Antiliberalismo, Anticomunismo, Anticonservadorismo”⁶⁰, com as quais o autor tenta demonstrar algumas das principais características de seu objeto de estudo:

“Its weakness is not only that the elaborate tripartite 'typology' is somewhat cumbersome as a conceptual framework but that it marks out fascism as a genus of political energy which is unique in apparently requiring its self-professed ideological goals to be supplemented by its 'style' and 'negations' before they can serve as an adequate basis for a definition.”⁶¹

O referencial teórico de Griffin é em grande parte assentado no conceito de “tipo ideal” concebido pelo sociólogo alemão Max Weber. Para o historiador, a noção de tipo ideal será fundamental para se alcançar o objetivo: uma definição concisa para o fascismo, que supere toda a amálgama de versões existentes. O projeto de Griffin é de certa forma pretencioso, pois afirma que somente através da construção de um tipo ideal novo, o conhecimento em torno do fascismo poderá se acomodar em torno de um consenso; consenso este, que giraria em torno das conclusões do próprio autor. Em suma, seu objetivo é encontrar o “mínimo denominador comum” – um grupo de

⁵⁹ Idem. P. 7,

⁶⁰ PAYNE, Stanley G. *Fascism: Comparison and Definition*. Winsconsin: The University of Winsconsin Press, 1980. P. 5-6.

⁶¹ GRIFFIN, Roger. *The Nature of Fascism*. New York: Routledge, 1993. P.7.

características específicas que poderiam ser aplicadas em um modelo de compreensão capaz de identificar qualquer manifestação do fascismo. Este conjunto de particularidades básicas que podem ser encontradas em diversas vertentes do fascismo do período entreguerras, seria entendido como “fascismo genérico”, isto é, as formas de fascismo que poderiam – e podem – ser documentadas fora da Itália de Mussolini ou da Alemanha de Hitler, como por exemplo na Romênia, Áustria, Espanha, Portugal e até mesmo no Brasil. Os critérios apresentados por Griffin para alcançar a definição do novo tipo ideal mais preciso e satisfatório seriam os seguintes:

- (i) identify a common core of fascist phenomena which can be treated as its definitional minimum, while allowing for the profound differences which exist between the Fascism which took power in Italy and all other movements subsequently associated with it;
- (ii) clarify how fascism relates to a number of other social scientific terms which abound in fascist scholarship, the most obvious being 'the right', 'conservatism' and 'totalitarianism' (others which will occur in the course of the analysis are 'cultural pessimism', 'nihilism', 'anti-modernism', 'millenarianism', 'political religion', 'revolution');
- (iii) complement as far as possible what has been established by existing historical scholarship about the dynamics of particular movements and regimes which it identifies as members of the family of generic fascism;
- (iv) represent an advance on existing ideal types in terms of succinctness and manageability (even if the new definition based on it will in the first instance require considerable elaboration and 'unpacking' because of its unfamiliarity).⁶²

Consideramos que a exposição até o momento foi concernente às propostas teóricas e metodológicas do autor, as quais entende-se que foram as mais elaboradas entre os autores até o momento investigados. O projeto ambicioso de Griffin fez com que os primeiros capítulos de seu referido livro fossem dedicados basicamente a criticar o que ele entende como os tipos ideais insuficientes; enumerar as premissas para sua definição derradeira do Fascismo, e então, a partir destes alicerces teóricos cuidadosamente construídos, efetuar sua avaliação histórica do Fascismo na Itália e do Nazismo na Alemanha.

⁶² Idem. P.13

Em nossa análise, entendemos que o conceito mais significativo da obra de Griffin consiste no “mito palingenético” do Fascismo - o núcleo mítico de sua ideologia política. A palavra *palingenesis* - explica o autor - se refere à capacidade de renascer, de realizar outra vez no presente, um passado mítico, glorioso; a promessa de um novo mundo baseado em um tempo longínquo, quase utópico, capaz de regenerar toda a moléstia e degeneração de uma realidade condenada ao ocaso. Ora, essas propostas não são novas em nossa trajetória – observamos como Sternhell e Mosse constroem suas pesquisas em torno das ideologias românticas, revolucionárias e ultranacionalistas que originaram os primeiros movimentos fascistas ou nacional-socialistas. Este é um percurso que Griffin também analisa em sua obra, sendo um dos principais pilares do que ele chama de mito palingenético. O mito palingenético não seria uma particularidade essencial do fascismo, podemos encontrar a nostalgia de um passado idealizado, a busca pela restauração de uma beleza perdida em diversos discursos ou movimentos políticos. O historiador resume de uma forma muito proveitosa o tópico a qual estamos abordando:

“Against this background, the expression 'palingenetic myth' comes to denote the vision of a revolutionary new order which supplies the affective power of an ideology, even if, as in the case of liberalism and communism, its ultimate goal is a society which is dynamic but neither violent nor warlike. When this is a political ideology it will centre on a new Society inaugurated through human agency and not a millenarian vision of a new world in a metaphysical and supra-historical sense. At the heart of palingenetic political myth lies the belief that contemporaries are living through or about to live through a 'sea-change', a 'water-shed' or 'turning point' in the historical process. The perceived corruption, anarchy, oppressiveness, iniquities or decadence of the present, rather than being seen as immutable and thus to be endured indefinitely with stoic courage or bleak pessimism, are perceived as having reached their peak and interpreted as the sure sign that one era is nearing its end and a new order is about to emerge.”⁶³

E mais à frente, conclui com uma analogia que consideremos um tanto didática para encerrar a questão da centralidade do conceito de “mito palingenético” na análise de Griffin:

⁶³ Idem. P. 35.

“In palingenetic political myth (which is secular in orientation even when 'religious politics' are involved) the new order will be created within a secular and linear historical time. The arrow of time thus points not backwards but forwards, even when the archer looks over his shoulder for guidance on where to aim. It is with the particular connotations of political myth and in this radically non-restorationist sense of a 'new birth' occurring after a period of perceived decadence that I propose to use the term 'palingenetic' in this study.”⁶⁴

A elaboração teórica construída pelo autor ainda precisaria de mais um ingrediente fundamental, que daria a sustentação para o conceito de mito palingenético: o ultranacionalismo. Mais uma vez, o nacionalismo encontra seu espaço imprescindível na ideologia fascista. Griffin aponta os mesmos aspectos analisados anteriormente que constituem o nacionalismo radical ou ultranacionalismo: a mitificação da coletividade em torno de um sentimento, de uma identidade transcendental; intrínseca àqueles que compartilham uma história, um passado glorioso em comum. Os maiores agentes desagregadores da nação, dessa grande união em torno dos valores e princípios que estão sendo deplorados, podem ser apontados em uma miríade de inimigos considerados externos, que não pertencem ao grupo. Poderiam ser os judeus, os comunistas, os banqueiros, homossexuais, nações inimigas, entre outros. Griffin prefere denominar estas características indispensáveis do fascismo como “ultranacionalismo populista”:

“I propose to use the more specialized sub-category 'populist ultra-nationalism'. [...] as a generic term for political forces which, even if led by small elite cadres or self-appointed 'vanguards', in practice or in principle (and not merely for show) depend on 'people power' as the basis of their legitimacy. I am using 'ultra-nationalism', which already has some currency in the political sciences, to refer to forms of nationalism which 'go beyond', and hence reject, anything compatible with liberal institutions or with the tradition of Enlightenment humanism which underpins them.”⁶⁵

Em suma, para o autor, somente a partir do momento que o mito palingenético e o ultranacionalismo passam a ser entendidos como o núcleo mítico da ideologia fascista será possível se empenhar na análise dos fenômenos do fascismo e do nazismo.

⁶⁴ Idem. P. 36.

⁶⁵ Idem. P. 36- 37.

Apesar da pretensão de construir uma definição de Fascismo superior a todas as demais com base em seu referencial teórico, o pensamento de Griffin possui - da mesma forma como os outros autores expostos até o momento -, lacunas e em certos aspectos omissões de características imprescindíveis as quais abordaremos nos próximos parágrafos.

1.3 - Para Além da Ideologia

Ao longo do trajeto percorrido foi possível notar que a produção acadêmica dos historiadores analisados abarca um período de mais de quatro décadas, o que nos impôs a necessidade de escolher os escritos onde o arcabouço teórico de tais especialistas foi exposto de maneira mais concisa. Partindo deste pressuposto, entramos em contato com as contribuições e inovações mais importantes, da mesma forma que pudemos reconhecer algumas limitações e pontos chave aos quais consideramos equivocados. Se na seção anterior nosso objetivo foi demonstrar brevemente os levantamentos e questões que consideramos mais valiosos, cabe aqui uma exposição sucinta de nossas maiores discordâncias com a Escola Idealista. Não poderemos nos furtar de demonstrar as fragilidades e tecer críticas às metodologias adotadas pelos historiadores em voga, assim como partimos do princípio que é preciso deixar claro ao leitor nosso posicionamento no que concerne a responsabilidade do historiador perante um tema extremamente relevante e desafiador, tema o qual, assombra até hoje a nossa realidade.

Conforme abordamos no início do capítulo, a “escola idealista” teria como objeto central de suas investigações a ideologia, as mentalidades, a cultura e a estética as quais caracterizam o fascismo como um movimento inédito na Europa. Não seria honesto de nossa parte, por outro lado, afirmar levianamente que os historiadores da

referida linhagem optaram por olvidar todos os aspectos institucionais, econômicos e políticos dos movimentos nazifascistas. O mais apropriado seria salientar que os estudiosos em pauta enfatizaram a primazia dos aspectos ideológicos e culturais sobre os políticos, econômicos e sociais; um caminho que guardadas as devidas proporções, gerou distorções e deixou espaços não preenchidos até os tempos atuais.

Em nosso entender, as fundações para muitas das conclusões equivocadas parte da própria ótica idealista, uma problemática que pretendemos abordar iniciando-se antes de mais nada com uma avaliação de suas limitações a partir do prisma materialista.

Não pretendemos neste momento efetuar uma longa discussão sobre o conceito de ideologia e suas inúmeras chaves interpretativas, menos ainda julgamos ser possível negar a importância das pesquisas acerca das diferentes vertentes ideológicas que engendraram os primeiros movimentos fascistas da Europa. O ponto que supomos ser fulcral reside no fato de que as ideias e mentalidades só podem ser compreendidas em sua totalidade a partir de uma análise que parta da realidade material, econômica e social onde os homens e mulheres se encontram historicamente:

“Quer dizer, não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam, tampouco dos homens pensados, imaginados e representados para, a partir daí, chegar aos homens de carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos e, a partir de seu processo de vida real, expõe-se também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida. Também as formações nebulosas na cabeça dos homens são sublimações necessárias de seu processo de vida material, processo empiricamente constatável e ligado a pressupostos materiais. A moral, a religião, a metafísica e qualquer outra ideologia, bem como as formas de consciência a elas correspondentes, são privadas, aqui, da aparência de autonomia que até então possuíam. [...]Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência.”⁶⁶

Em suma, não se trata de ignorar os aspectos culturais e ideológicos inseridos nos movimentos nazifascistas, mas sim de entendê-los a partir de uma concepção materialista, uma opção que se encontra solidamente fundamentada no trecho citado acima.

⁶⁶MARX, Karl. A Ideologia Alemã. São Paulo: Boitempo Editorial. 2007. P.94.

O historiador israelense Zeev Sternhell certamente é o autor que mais chama atenção quanto a uma abordagem que não só privilegia os aspectos ideológicos como recusa em grande parte as contribuições da História Social e Política para a compreensão do Fascismo. Encerrando-se na História das Mentalidades, Sternhell dedicou-se a defender ao longo de sua trajetória acadêmica que somente através de um minucioso estudo das ideias antiliberais do final do Século XIX – principalmente na esfera intelectual francesa - poderíamos alcançar a essência da ideologia Fascista. Embora tenha prestado uma enorme contribuição para a historiografia, as conclusões de Sternhell são passíveis de críticas e exibem inconsistências as quais foram muito bem demonstradas em um artigo redigido pelo professor da universidade de Cornell, Enzo Traverso:

“Muito mais do que o fascismo, pode-se dizer, Sternhell analisou antes um pré-fascismo, cujos elementos constitutivos seriam articulados, amalgamados e reunidos apenas após o ponto de inflexão de 1914-1918. Com base em sua abordagem que privilegia a essência ideológica do fascismo mais do que suas manifestações históricas concretas, Sternhell dá a mesma importância aos representantes do círculo Proudhon que aos líderes fascistas dos anos 1930, que não eram mais agitadores de uma nebulosa grupuscular, mas sim dirigentes de partidos de massa. Em resumo, Sternhell apaga as diferenças que separam o pré-fascismo do fascismo, e também entre o movimento o regime fascista, diferenças essas que estiveram no centro das atenções dos historiadores por décadas.”⁶⁷

Ao longo do texto de Traverso, ao mesmo tempo em que são reconhecidas a relevância dos autores, as lacunas deixadas por estes são expostas e criticadas de um modo que consideramos muito enriquecedor, portanto, também seguiremos o esforço de Traverso em relação aos escritos de George Mosse.

Nas primeiras páginas do presente capítulo, trabalhamos brevemente acerca das contribuições de Mosse para a historiografia. Para além de suas primeiras pesquisas em torno das ideologias que forneceram as bases para o surgimento do Nazismo,

⁶⁷ TRAVERSO, Enzo. Interpretar o Fascismo: Sobre George L. Mosse, Zeev Sternhell e Emilio Gentile. In: ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha Viz. (orgs.). História e Memória das Ditaduras do Século XX, Volume 1. Rio de Janeiro: FGV Editora. P. 25.

possivelmente seu maior legado repousa sobre o caráter mítico e ritualístico presentes nas manifestações públicas da Alemanha Nazista. O autor em questão, assim como Sternhell, situa suas investigações na seara da História da Cultura, entretanto, ao contrário do historiador israelense, Mosse vai muito além do estudo das ideologias do fim do Século XIX que vieram a fornecer os alicerces para a cosmovisão Nazista. Ainda que o autor tenha elaborado conclusões menos controversas que Sternhell, não se pode deixar de reconhecer suas limitações:

“Para compreender o fascismo, pensava ele, a história ideológica e política não era o suficiente. É preciso levar em consideração também suas representações, suas práticas e sua capacidade de dar forma aos sentimentos populares. O imaginário coletivo encontrou no fascismo um lar, um espelho, um amplificador e um exutório. Nessa perspectiva, que privilegia os aspectos culturais e antropológicos na economia e na sociedade em detrimento das ideologias e das instituições, a historiografia tradicional do fascismo e do nazismo, completamente baseada na dimensão política desses regimes, pode tranquilamente ser ignorada. [...] Certamente, foi essa abordagem que deu a força da obra de Mosse, que renovou a interpretação do fascismo levando a sério sua linguagem e seus mitos. Mas essa abordagem também demonstrou, ao longo dos anos, toda a sua fraqueza ao desaguar em uma história cultural que frequentemente subestima a importância das ideologias, substituindo uma história social, em vez de integrá-la.”⁶⁸

Dando continuidade à nossa análise crítica, pretendemos adotar uma abordagem mais geral de alguns dos problemas que afetam as pesquisas de todos os historiadores identificados com a “Escola Idealista” até aqui. Um dos pontos de convergência entre muitos pesquisadores que consideramos problemáticos seria a caracterização das propostas, ideias e dos próprios movimentos nazifascistas como revolucionários. Os escritos em torno do caráter revolucionário versus contrarrevolucionário do objeto em questão engendraram um debate de proporções que superam largamente nosso espaço e objetivo neste momento, no entanto, não poderíamos deixar de abordar o tema sem manifestar nossa posição.

A justificativa para o enquadramento do Fascismo como um movimento revolucionário é embasado principalmente no discurso e na ideologia defendida por

⁶⁸ Idem. P.21.

seus líderes e intelectuais. Segundo historiadores como Sternhell, Mosse e Griffin, o grande objetivo do Fascismo era a criação de uma nova sociedade onde a cultura, o pensamento, a visão de mundo e as ações humanas estariam coordenadas em prol do engrandecimento da nação. Em meio a essa nova formação social, a guerra e a dominação de povos considerados inferiores eram entendidos como necessidades incontornáveis. A militarização da política e do cotidiano haviam de se tornar banais para que o projeto político em questão fosse levado a cabo. Toda essa mudança, seria capitaneada através do braço forte de um grande líder, - um líder carismático mas ao mesmo tempo austero - visto pelas massas como a incorporação de toda a força e poder do povo em um só indivíduo.

Ora, não existe nenhum motivo para discordarmos das posições resumidas no parágrafo anterior, não obstante, em qual parte do que foi exposto acima poderia ser localizado o ingrediente revolucionário do Fascismo? Quais estruturas sociais, econômicas e políticas passaram de fato por uma ruptura tão profunda ao ponto de considerarmos que houve um processo de revolução? A chegada de Hitler e Mussolini ao poder através do apoio das elites tradicionais e com o aval das instituições democráticas de seus respectivos países poderia ser considerado um movimento revolucionário?

Frente a estes questionamentos, recorreremos mais uma vez a intervenção de Traverso para esclarecer nosso posicionamento:

“Os fascismos de fato instauraram novos regimes, destruindo o Estado de Direito, o parlamentarismo e a democracia liberal, mas, com exceção da Espanha franquista, eles tomaram o poder pelas vias legais e nunca transformaram a estrutura econômica da sociedade. Diferentemente das revoluções comunistas, que modificaram radicalmente a forma da propriedade, os fascismos sempre integraram em seus sistemas de poder as antigas elites econômicas, militares e administrativas. Quer dizer, O nascimento dos regimes fascistas sempre implica algum grau de “osmose” entre fascismo, autoritarismo e conservadorismo. Nenhum movimento fascista chegou ao poder sem o apoio, ainda que ‘por falta de opção’, das elites tradicionais. Isso vale para os planos econômico e social, mas também, em certa medida, para o plano ideológico, se lembrarmos da coexistência de

Mussolini e do liberal Giovanni Gentile no fascismo italiano [...]. Quando se fala em ‘revolução’ fascista é necessário utilizar sempre aspas duplas, caso não queiramos nos deixar cegar pela estética e pela linguagem do próprio fascismo.”⁶⁹

Como as palavras do historiador deixam claro no excerto acima, a tomada do discurso dos fascistas sobre si mesmos, quando descolada de uma confrontação com sua prática concreta na realidade, possivelmente irá conduzir um investigador a conclusões equivocadas. A composição “revolucionária” do fascismo a partir de tal esclarecimento perde boa parte de sua sustentação, tornando-se um exemplo marcante da dificuldade de muitos pesquisadores de renome em reconhecer o patente desencontro entre o discurso e a prática quando se trata da história dos movimentos nazifascistas.

Um caminho muito similar é adotado pelo historiador Roger Griffin, que apesar de ter efetuado uma proposta mais rigorosa e com inovações que nos parecem mais úteis, acaba por se limitar não somente pelas armadilhas do enfoque idealista, como também por um certo hermetismo teórico em seu afã de encontrar o tipo ideal weberiano mais adequado para uma definição final do conceito de fascismo. Desde a introdução de sua obra, Griffin expõe que um dos traços marcantes do fascismo seria o anti-conservadorismo. A justificativa do autor para tal asserção é construída explorando o caráter modernizador do fascismo, que inviabilizaria qualquer compatibilidade com o conservadorismo.

“Some forms of fascist myths are radically anti-urban, anti-secular and/or draw on cultural idioms of nostalgia for a pre-industrial idyll of heroism, moral virtue or racial purity. However, even in these cases it is only the allegedly degenerative elements of the modern age which are being rejected. Fascism’s essentially palingenetic, and hence anti-conservative, thrust towards a new type of society means that it builds rhetorically on the cultural achievements attributed to former, more ‘glorious’ or healthy eras in national history only to invoke the regenerative ethos which is a prerequisite for national rebirth, and not to suggest socio-political models to be duplicated in a literal-minded restoration of the past. It thus represents an alternative modernism rather than a rejection of it.”⁷⁰

⁶⁹ Idem. p. 27-28.

⁷⁰ GRIFFIN, Roger. *The Nature of Fascism*. New York: Routledge, 1993. p.47.

Do ponto de vista esposado por Griffin, depreende-se que o anti-conservadorismo vem à tona através do projeto modernizador do fascismo. O esforço de modernização industrial e tecnológico presente tanto no Fascismo quanto no Nazismo é um fato que por vezes colide, como o próprio autor salientou, com a aversão a certos aspectos da sociedade moderna aqui entendida como as democracias liberais, as quais, não podemos esquecer, foram fortemente desacreditadas após a Primeira Guerra Mundial na Alemanha e na Itália. Griffin tenta sustentar seu argumento mais à frente da seguinte forma:

“Fascism in practice colluded with traditional ruling elites in order to gain and retain power and left capitalist structures substantially intact. However, at the level of ideological intent both Fascism and Nazism aimed to co-ordinate all the energies of the nation, including conservative and capitalist ones, in a radically new type of society, characterized by new political, economic and cultural structures and a new ethos and went some way towards doing this. The sweeping measures which they undertook to achieve this degree indicates that their fascism was a revolutionary force in its own right.”⁷¹

O historiador estadunidense reconhece no trecho acima que o fascismo se aliou às elites conservadoras, e de acordo com suas próprias palavras, “*manteve as estruturas capitalistas substancialmente intactas.*” (tradução minha). Griffin segue argumentando que pelo menos ideologicamente tanto fascistas quanto nazistas planejavam mudanças radicais para alcançar um novo tipo de sociedade, mas não explica quais foram as medidas tomadas para alcançar os patamares em questão; e conclui, quase como se fosse um desdobramento lógico, que tais intenções, ainda que nunca tenham saído do plano das ideias, são o suficiente para incluir o fascismo no rol de movimentos revolucionários. Em outras palavras, o que pudemos presenciar na análise de Griffin e de outros autores idealistas é que o discurso presente nas fontes suplanta qualquer prática ou medida concreta tomada pelos fascistas. Este posicionamento pode ser compreensível quando o objetivo é fazer um levantamento do perfil ideológico e da

⁷¹ Idem. P. 48.

mentalidade presente no discurso fascista, no entanto, quando nos deparamos com suas práticas, notadamente após a chegada destes ao poder, toda a movimentação política se desenrola no sentido oposto a qualquer tipo de ruptura revolucionária - uma realidade histórica amplamente documentada mas que encontra pouco ou nenhum espaço nos escritos em debate.

Por fim, um desdobramento incontornável das análises de Griffin, Sternhell e Mosse é de que os traços conservadores e o anticomunismo radical acabam subestimados, como bem aponta Traverso a seguir:

“A modernidade propagandeada reivindicada do nazismo alemão e do fascismo italiano não impediu que esses dois regimes absorvessem correntes conservadoras no momento de sua instalação, nem que integrassem pilares inteiros do conservadorismo em seus sistemas de poder. Foi com um espírito ou por um reflexo conservador e não por adesão profunda à sua visão de mundo e a seu projeto de purificação e dominação racial, que as elites econômicas e o Exército alemão sustentaram o regime de Hitler, tornando-se componentes inevitáveis de sua *policracia* (Neumann, 1987). E foi por tomar consciência da necessidade de obter, para consolidar seu poder, o apoio das forças conservadoras essenciais da sociedade italiana que Mussolini aceitou erguer seu regime à sombra da monarquia de Victor Emmanuel III e decidiu em seguida chegar a um acordo com a Igreja católica. Isso vale ainda mais para o caso francês, centro da análise de Sternhell.”⁷²

Nossa conclusão, portanto, a respeito da “Escola Idealista” é de que as pesquisas que privilegiam a cultura e as ideias em detrimento da História política, econômica e social – ainda que possam trazer resultados importantes para a construção do conhecimento histórico - incorreram em equívocos e deixaram lacunas as quais entendemos ser provenientes do próprio viés teórico adotado.

Julgamos ter sido possível demonstrar que o tratamento do fascismo unicamente como um conjunto de ideias e formulações intelectuais deságua em um mar de resultados distorcidos e equívocos que reverberam não só entre a esfera acadêmica,

⁷² TRAVERSO, Enzo. Interpretar o Fascismo: Sobre George L. Mosse, Zeev Sternhell e Emilio Gentile. In: ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha Viz. (orgs.). História e Memória das Ditaduras do Século XX Volume 1. Rio de Janeiro: FGV Editora. P. 28-29.

como também influencia a compreensão da sociedade hodierna sobre o que foi o fenômeno histórico do nazifascismo.

Destarte, faz-se necessário expor que diferentemente dos pesquisadores debatidos na presente seção, entendemos que os movimentos fascistas do período entreguerras possuem antes de mais nada um caráter contrarrevolucionário, que proporcionou através da coerção um ambiente onde a classe trabalhadora se encontrava imobilizada no que concerne a qualquer tipo de demanda emancipadora, fato que foi bem recebido por setores tanto da direita conservadora quanto liberal. Da mesma forma, Hitler e Mussolini foram acolhidos por diferentes frações das classes dominantes justamente por defenderem um projeto político e econômico que satisfazia a ampliação das margens de lucro e a expansão predatória dos mercados pela via da guerra, do imperialismo e da exploração da classe trabalhadora.

A realidade dos movimentos fascistas da Europa se mostra muito mais complexa quando se desenvolve uma teoria crítica que vai além da descrição de tipos ideais e listagem de posições ideológicas demonstradas pelos intelectuais e militantes dos grupos em questão, o que nos leva a reconhecer que a concepção materialista nos fornece os instrumentos mais apropriados para que sejam superadas as limitadas dimensões descritivas e explicativas da Escola Idealista.

Em suma, entendemos que quando o historiador se propõe a escrever sobre um objeto histórico com tal envergadura, o mesmo deve ter consciência de sua responsabilidade perante a sociedade, a qual exige a superação da posição de um simples observador imparcial que relata os resultados de sua investigação. Posto em outros termos, o ofício do historiador não deveria se restringir à mera compreensão do fascismo - é necessário ir além. É necessário combatê-lo.

1.4 - A Escola Materialista

Na introdução do capítulo foi estabelecido um panorama geral sobre os diversos pontos de vista que cercam a temática do nazifascismo, dentre as quais, elencamos alguns dos nomes mais influentes dentro da tradição marxista. Desde os primeiros debates inseridos no conturbado cenário da ascensão de Mussolini e Hitler até o período da Guerra Fria, autores fundamentais como Ernest Mandel, Nicos Poulantzas e Timothy Mason elaboraram pesquisas as quais refinaram as interpretações datadas do período entreguerras. Entretanto, na década de 1990, a imagem que se desenhava no ambiente acadêmico era de que um “novo consenso”⁷³ – de acordo com o veredito de Roger Griffin -, havia se consagrado entre os historiadores da área. Tal consenso gira em torno especificamente das obras e conclusões de autores já analisados: Zeev Sternhell, George Mosse, Stanley Payne e o próprio Griffin.

Ao fim do da década de 1990, o advogado e historiador David Renton, doutor pela Universidade de Sheffield, publica o que possivelmente foi o primeiro trabalho de fôlego dedicado a demonstrar as fragilidades da concepção liberal e weberiana dominante na academia de então. O livro intitulado “Fascism: Theory and Practice” trouxe ao público não só uma perspicaz crítica à abordagem idealista, como também apresentou uma valiosa síntese das principais teorias marxistas do fascismo. O autor não se furtou também de expor sua apreciação sobre os erros e a total inabilidade dos partidos comunistas e socialistas de construírem uma frente para o enfrentamento ao nazifascismo, fornecendo sua própria perspectiva de como é possível construir os meios para se resistir ao fascismo hodierno.

O que nos interessa no trabalho do autor em questão, é a sua proposta de oferecer o que ele considera como a forma mais apropriada para o desenvolvimento de

⁷³ GRIFFIN, Roger. (ed.), *International Fascism: Theories, Causes and the New Consensus*. London: Edward Arnold Publishers. 1998.

uma teoria crítica do fascismo. De acordo com Renton, a tradição marxista é a mais apropriada para a realização da tarefa em questão, visto que as pesquisas de viés liberal e weberiano foram incapazes de elaborar uma teoria própria, se restringindo fundamentalmente a categorizações estáticas e descritivas do que consideram como a ideologia fascista:

“To go beyond Eatwell, Sternhell, Payne and Griffin, therefore, historians must break out of the prison of ideas. The alternative is to analyse fascism as an active force within society. In order to understand fascism, therefore, any theory must base itself on an examination of the history of the movement, and of its behavior as a political tradition. It is only from such a sound historical foundation, that a more adequate theoretical understanding can be achieved.”⁷⁴

Trocando em miúdos, uma das soluções para que o pesquisador atento escape de uma “armadilha das ideias” está no referencial teórico e metodológico legado por Karl Marx. Consideramos que o trecho a seguir expõe de forma muito clara as vantagens e qualidades da abordagem em questão:

“First, Marxism is wholly critical of fascism: it is individual Marxists who have provided the most thorough opposition to the several fascist parties. Second, Marxism interprets fascism: it explains the growth of fascism with relevance to a broader theory which seeks to explain the totality of social relations under capitalism. [...] Finally, because Marxism is equipped with a dialectical method, so Marxism is uniquely equipped to explain the contradictions within the heart of fascism itself.”⁷⁵

Contudo, é importante salientar que o autor não incorre no equívoco de afirmar que uma abordagem marxista por si só deve ser entendida como um receituário mágico para a análise e compreensão de uma dada realidade. Renton dedica uma boa parte de seu livro demonstrando a incapacidade dos intelectuais marxistas do período entreguerras em construir uma teoria eficaz, uma teoria que fosse capaz de desvendar a complexidade por trás das aparências e do discurso fascista e, por conseguinte, organizar o devido enfrentamento a uma ameaça de tal magnitude.

⁷⁴ RENTON, David. *Fascism: theory and practice*. Londres: Pluto, 1999. p. 29.

⁷⁵ Idem. p. 44.

No decorrer da leitura, o autor demonstra que existem pelo menos três modelos marxistas elaborados com o objetivo de compreender o fenômeno fascista. Todos são datados das décadas de 1920 e 1930, sendo elaboradas no âmbito da militância dos partidos comunistas e social-democratas. A primeira teoria, chamada pelo autor de “teoria de esquerda do fascismo” (tradução minha para *‘left’ theory of fascism*) estaria alinhada ao PCI e ao KPD, os partidos comunistas da Itália e da Alemanha. O modelo em questão retratava o fascismo como uma nova forma de reação violenta da burguesia contra os levantes operários que ocorreram na península Itálica no contexto de crise pós-Primeira Guerra Mundial. A “teoria de esquerda” estaria alinhada, como mencionamos na introdução do capítulo, às teses dos congressos da Terceira Internacional, e se tornou o prisma dominante na conjuntura da época:

“Capital sought social peace, this stability could be achieved, relatively peacefully, by an alliance with reformist politicians, or it could be achieved, more violently, by an alliance with the fascist combat brigades. In an era of crisis, the capitalist class needed to crush the workers, thus open fascism became the order of the day. The left theory of fascism was distinguished by its inability to separate fascist reaction from any other form of reaction under capitalism.”⁷⁶

Por outro lado, a “*right theory of fascism*” ou “teoria de direita do fascismo” também foi gestada entre intelectuais social democratas italianos e alemães. A tese relacionava os camisas negras como uma reação desesperada da pequena burguesia no afã de restaurar a pátria da corrupção e da degradação moral, posto em outros termos, o fascismo seria originário das camadas mais vulneráveis à proletarização e aos efeitos das crises econômicas. Não estaria relacionada, portanto, com um projeto político e econômico das classes dominantes, portanto, a própria burguesia se encarregaria de liquidar o movimento, pois o mesmo associava as mazelas da sociedade italiana ao grande capital e ao próprio sistema liberal-democrático:

⁷⁶ Idem. p. 55.

“By contrast, the ‘right’ Marxist theory breaks the link between capitalism and fascism.[...] it connects fascism to a tiny group, the worst of the most imperialist of capitalists; more commonly, however, the right theory links fascism solely to the petty bourgeoisie, thus exaggerating the latter’s potential for independent action. In this paradigm, the petty bourgeoisie is seen as being either an independent and revolutionary third force, thus bringing the theory perilously close to the self-image of the fascists themselves, or as a new and pro-capitalist ruling strata.”⁷⁷

Como sabemos, a História foi implacável. A realidade e as circunstâncias atropelaram ambas as teorias, provando igualmente que as disputas e divisões no campo da esquerda tiveram um papel indelével na amarga derrota para o fascismo.

Segundo Renton, o fracasso dos maiores partidos da classe trabalhadora na luta contra o fascismo não significou que as interpretações marxistas se restringissem aos dois modelos apresentados. Havia uma terceira teoria, uma teoria que chegou a apresentar um nível de aceitação, mas acabou sendo posta de lado nos congressos da Comintern ao longo da década de 1930. Os primeiros representantes do que Renton identifica como a “Teoria Dialética” foram intelectuais como Clara Zetkin, Antonio Gramsci e Leon Trotski. Ambos chegaram a conclusões similares. Aproveitando aspectos importantes das teorias anteriores, entenderam o fascismo como um movimento contraditório, o qual ao mesmo tempo em que massacrava greves e movimentos operários a soldo da burguesia, adotava um discurso ultranacionalista, que visava capturar tanto os pequenos proprietários quanto as classes subalternizadas, prometendo uma regeneração da sociedade através de um movimento de massas:

“What followed from this analysis was the notion that fascism was contradictory. Fascism as a specific historical force was shaped by the conflict between the reactionary goals of the movement and the mass base of support that the movement enjoyed. One advantage of this theory was that it seemed to fit the facts. Clearly, fascism was linked to capitalism, it emerged only in capitalist societies, and inside these societies it sided blatantly with the capitalist class against the working class. However, fascism was also independent of both capitalist and pre-capitalist elites, thus even while allying itself with capitalism, it attacked the bourgeoisie as parasitical and put itself forward as a force that would protect the little man against big business.”⁷⁸

⁷⁷ Idem. p. 100.

⁷⁸ Idem. p. 59.

Até o presente momento tivemos contato com dois modelos marxistas extremamente simplificados e reducionistas, que possuem seu quinhão de responsabilidade sobre a incapacidade de organizar a classe trabalhadora frente ao crescimento avassalador dos movimentos fascistas na Itália e na Alemanha. Já a “Teoria Dialética” provou ser factível a construção de um modelo interpretativo acurado, ainda que o objeto da investigação esteja em seu pleno processo de desenvolvimento. Consideramos que a intervenção de Renton para a historiografia pode ser muito proveitosa, pois apresentou não só uma síntese histórica da longa trajetória marxista em sua luta contra os camisas negras, como também ofereceu apontamentos valiosos para que uma teoria crítica do fascismo possa ser edificada. Entende-se que o nazifascismo seja um fenômeno complexo, que demonstrou uma capacidade inaudita de acomodar o projeto político e econômico das classes dominantes ao mesmo tempo em que soube capturar os anseios e medos das classes mais vulneráveis economicamente, representados aqui tanto na pequena burguesia quanto nas camadas do proletariado urbano e rural.

Em vias de conclusão, seria importante salientar que adotamos uma postura análoga a de Renton ao recusar as armadilhas do viés idealista, que isola o fenômeno do fascismo através do enquadramento em tipos ideais, como se fosse uma figura estática, descolado de sua realidade material. Preferimos entender nosso objeto como um movimento que se adapta a conjuntura política e social ao longo de toda sua tortuosa trajetória. Dessa forma, é imprescindível ao historiador que o conteúdo ideológico e os discursos sejam confrontados com a prática, com a forma de como os fascistas agiam e interviam na realidade de seu tempo. Deste posicionamento depreende-se que é necessário compreender, antes de todo o mais, quais são as bases materiais de uma determinada sociedade que possibilitam o surgimento do fascismo e sua chegada ao

poder. Ao fim e ao cabo, concordamos com o autor em relação a necessidade de se desenvolver uma teoria que antes de tudo seja uma teoria crítica do fascismo:

“[...]it should be possible to construct an alternative theory of fascism. Any sufficient definition would need to have several features. First, it should be a critical theory, that is, it is not appropriate to use the methods and ideas of fascist thinkers as part of an attempt to understand fascism as a historical force. Second, any new theory must also be interpretative: it is not enough to describe fascism primarily as a set of ideas abstracted from human experience, the ideas themselves have to be explained. If, as Roger Griffin has argued, fascism as an ideology is a form of nationalism, then this nationalism must also be explained. Ultimately, the ideas of fascism can only be understood with reference to a theory of society. Any model of fascism must ask which factors within the societies in which fascism emerged enabled the fascist parties to grow.”⁷⁹

Seguindo adiante em nossa exposição, seria interessante abordar de agora em diante os autores não marxistas da Escola Materialista. Abordaremos nos próximos parágrafos a análise de Richard J. Evans, historiador britânico formado em Oxford, já lecionou em instituições como a Universidade de Cambridge e Columbia. Evans se consagrou no campo de estudos do fascismo com sua trilogia de livros sobre o Terceiro Reich, publicadas entre 2003 e 2008. Ao longo dos três volumes, o autor efetuou uma ambiciosa análise que compreendia o nazismo desde o seu surgimento até a sua derrota em 1945. Diferentemente dos autores anteriores, Evans especializou-se na História do que entendemos como a variação alemã do fascismo.

Por conta do caráter colossal de sua trilogia, optamos por selecionar um artigo publicado em 2007, onde o autor adentra um debate que consideramos ser de enorme relevância. O objetivo do texto é voltado para a crítica de um conjunto de teses que começaram a ser publicadas ao longo dos anos 1990 e que ganharam bastante circulação na primeira década do Século XXI, permanecendo até hoje com um nível de aceitação que dificilmente se pode ignorar. Respalhando-se em fontes como jornais, pesquisas de opinião e até mesmo relatos orais, os resultados trazidos ao público revelavam a suposta existência de um “consenso” ou apoio generalizado conferido pela população alemã ao

⁷⁹ Idem. p. 44.

Führer e seu regime. Os desdobramentos de tal perspectiva são controversos para se dizer o mínimo, pois a problemática não se encerra neste patamar. A partir do momento em que se assume tal conclusão, o entendimento do Terceiro Reich como um regime indissociável da violência e do terror inevitavelmente perderia sua sustentação. Afinal, qual seria a necessidade de um largo aparato repressivo e perseguição política se a população aprovava o governo massivamente? Até que ponto poderíamos localizar a resistência contra o nazismo na sociedade alemã? De acordo este cenário, a própria Gestapo não passaria de um órgão de atuação e alcance pouco significantes, mas que teve suas dimensões superestimadas através da historiografia até então estabelecida.

O artigo de Evans é, por fim, uma resposta aos historiadores que adotaram a posição do consenso entre a população e o regime nazista. O autor elenca um grande número de estudos que seguem a chave interpretativa apresentada no parágrafo anterior, mas entende-se que o nome mais relevante atualmente é o do historiador canadense Robert Gellately, que possui obras traduzidas inclusive para o português⁸⁰. Dessa forma, ainda que o viés adotado por este seja comum a um grupo de historiadores⁸¹, por uma questão de espaço iremos analisar especificamente a crítica ao trabalho de Gellately, o qual parece ter sido o que melhor sistematizou a operação presente nesta geração de pesquisadores.

A argumentação adotada pelo historiador inglês é inteiramente construída a partir do acúmulo de fatores empíricos disponíveis para qualquer pesquisador, portanto,

⁸⁰ GELLATELY, Robert. *Apoiando Hitler: Consentimento e coerção na Alemanha nazista*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

⁸¹ Evans arrola uma grande quantidade de trabalhos que objetivam estabelecer um novo consenso entre a academia no que toca ao apoio da população à ditadura nazista. A maioria menospreza temas como a violência política do Terceiro Reich e a brutal perseguição a comunistas e social democratas. Além de Gellately, uma amostra de tal ponto de vista pode ser encontrada em: JOHNSON, Eric A.; REUBAND, Karl-Heinz. *What We Knew: Terror, Mass Murder, and Everyday Life in Nazi Germany: An Oral History*. Cambridge: Massachusets. 2005, pp. 329–33; MALLMANN, Klaus-Michael; GERHARD, Paul. 'Omniscient, Omnipotent, Omnipresent? Gestapo, Society and Resistance', in CREW, David F. (org.), *Nazism and German Society 1933–1945*. London: 1994.p.166–96; GÖTZ, Aly. *Hitler's Beneficiaries. Plunder, Racial War, and the Nazi Welfare State*. London: Picador, 2008.

o autor não desenvolve uma teoria explicativa do nazismo para demonstrar os problemas da historiografia analisada. O trabalho de Evans pode ser útil para demonstrar como uma abordagem materialista, ainda que não relacionada com o marxismo, pode nos ser útil para explorarmos o tema do nazifascismo e as interpretações que consideramos menos adequadas. A intervenção de Evans é estruturada em torno do que ele identifica como os três principais grupos de proposições defendidas pelos historiadores que relativizam o papel da violência e do consenso no regime nazista. Nos próximos parágrafos, abordaremos sua crítica e os equívocos gerados a partir dos seguintes tópicos:

- 1 The Nazis did not seize power but won it legally and by consent. They only applied coercion to small minorities of social outsiders, and had the approval of the vast majority of the population in doing so.
- 2 Nazi repression, exercised through the Gestapo and the concentration camps, was on a small scale and did not affect the majority of the population.
- 3 The overwhelming popularity of the regime from the outset is demonstrated by the staggeringly successful results it achieved in national elections and plebiscites, by later opinion surveys of people's memories of the regime, by ordinary people's willingness to denounce to the authorities anybody who stepped out of line, and by the widespread publicity given to the concentration camps, which thus appeared to be generally accepted as useful institutions by the German public.⁸²

A questão da legalidade frequentemente é evocada no afã de justificar que a chegada dos nazistas ao poder foi respaldada pelas instituições democráticas da República de Weimar. O processo tem início no dia 30 de Janeiro de 1933, quando Hitler é apontado como chanceler pelo presidente Paul Von Hidenburg. Segundo Evans, os ministros do gabinete chefiado pelo líder nazista formavam uma frente conservadora com membros do Partido Nacional Popular e políticos sem filiação partidária, a exemplo do vice-chanceler Franz von Papen. O objetivo era se aproveitar da popularidade de Hitler para estabelecer um governo autoritário centralizado nesta coalização de direita, que seria capaz de imobilizar as demandas da classe trabalhadora através das 221 cadeiras conquistadas no Reichstag pelo KPD e o SPD nas eleições do

⁸² EVANS, Richard. Coercion and Consent in Nazi Germany. *Proceedings of the British Academy*. N.151. 2007. p.57.

ano anterior. Ao mesmo tempo, acreditavam que seria possível manter as ambições ditatoriais dos nazistas sob controle. Ledo engano.

O que se viu logo após a posse do novo chanceler, foi uma onda de violência contra comunistas e social democratas. A convocação de uma nova eleição federal foi um dos primeiros atos de Hitler, que com o apoio das milícias das SA e SS, “fiscalizaram” de perto as zonas eleitorais durante a votação, o que põe em xeque qualquer aparência de legalidade nos resultados que garantiram 288 cadeiras para os nazistas no parlamento. Mesmo com todo o contexto de violência e intimidação, o SPD elegeu 120 representantes, enquanto que o KPD resistiu com 81 assentos, fato que impediu os camisas marrons de lograrem a maioria absoluta na casa. No dia seguinte ao pleito, com base no decreto assinado por Hidenburg após o incêndio do Reichstag, o Partido Comunista Alemão foi completamente banido. Em junho, seria a vez do SPD, único partido que votou contra a Lei de Concessão de Plenos Poderes, ato que centralizou o poder nas mãos de Hitler marcando o início de fato da ditadura nazista.

Todo o processo explorado acima, demonstra que a tomada do poder pelos nazistas teve pouco ou nenhum respaldo legal na constituição da República de Weimar. Tanto o Decreto do Incêndio do Reichstag quanto a Lei de Concessão de Plenos Poderes atropelou direitos políticos e civis basilares. Este último, foi aprovado mediante a intimidação e ameaças dos nazistas sobre os partidos que ainda sobreviveram por um breve período, como o Centro Católico e o Partido Popular Nacional Alemão.

Uma das teses um tanto questionáveis defendida por Gellately é a de que a violência foi dirigida principalmente aos indivíduos entendidos pelo autor como “outsiders sociais”⁸³, isto é, alcoólatras, homossexuais e minorias socialmente

⁸³ GELLATELY, Robert. Social Outsiders and the Consolidation of Hitler’s Dictatorship, 1933–1939. in GREGOR, Neil (ed.), Nazism, War and Genocide. Essays in Honour of Jeremy Noakes. Exeter: University of Exeter press. 2005, p. 56–74.

marginalizados. Consideramos que o levantamento de Evans demonstra de forma incontestável a fragilidade de tal asserção.

“In fact, however, in 1933 the Communists were by some distance the largest category of people imprisoned in the camps. It was only later that social outsiders became a majority. And the communists can only with difficulty be described as social outsiders, since they were strongly integrated into working-class communities all across the industrial regions of Germany; they were only social outsiders from the perspective of the middle classes, a perspective which Gellately too often unconsciously adopts. Nor were the Communists a tiny or marginal minority: in the Reichstag elections of November 1932 they gained a hundred seats, more than half as many as the Nazis did.”⁸⁴

A subestimação da brutalidade direcionada às esquerdas também envolve o destino reservado aos social democratas - que passam pelo mesmo procedimento na obra de Gellately -, postura colocada em xeque no excerto adiante:

“Much more important, however, is the fact that Nazi violence in 1933, and indeed well before that, was not directed exclusively against the Communists but also targeted the Social Democrats, whose representatives sat in councils and parliaments across the land and who had led not only the Prussian but also the Reich government at various times before the Nazi seizure of power. Gellately dismisses Nazi violence against the Social Democrats as insignificant, but even a cursory glance at the evidence reveals its shocking intensity and extent in the first six months of 1933 as the Nazis moved to crush what they called ‘Marxism’, by which they meant not Communism (which they termed ‘Bolshevism’), but Social Democracy. Three thousand leading members of the party were arrested immediately after it was banned on 21 June 1933, beaten up, tortured and in many cases killed.”⁸⁵

Apesar de não terem experimentado o mesmo grau de repressão, até mesmo a base aliada do nazismo no parlamento como o Centro Cristão e Partido Popular Nacional alemão receberam seu quinhão de hostilidades. Ambos foram forçados à dissolução após uma sucessão de ameaças e assassinatos. Até o mês de julho de 1933, o Terceiro Reich se consolidaria como uma ditadura de partido único.

Um ano depois, o episódio popularmente conhecido como a “Noite das Facas Longas” provou que nem mesmo membros do próprio partido nazista estavam imunes à barbárie. Na ocasião, foram executados, - entre uma grande lista de possíveis ameaças - Ernst Röhm, líder das SA e Gregor Strasser, influente líder de uma facção rival que

⁸⁴ EVANS, Richard. Coercion and Consent in Nazi Germany. *Proceedings of the British Academy*. N.151. 2007. p.58-59.

⁸⁵ Idem. p.59.

integrava o partido Nacional Socialista desde 1920. Da mesma forma, as baionetas não pouparam políticos associados ao Centro Cristão e conservadores que passaram a fazer oposição ao Terceiro Reich após o fechamento dos partidos da direita. O ex-chanceler e general veterano da Primeira Guerra Mundial, Kurt von Schleicher, obteve o mesmo desfecho; nem mesmo sua esposa foi poupada. A noite das facas longas foi uma brutal demonstração de poder. Se até então restava alguma dúvida em torno das intenções de Hitler, a partir dali se tornaram claras as posições do chanceler e seu partido quanto a qualquer tipo de oposição política. As execuções de líderes influentes e personalidades públicas impossibilitaram qualquer meio de acobertá-las, em consequência disso, o próprio *führer* veio a público declarar que as dezenas de assassinatos ocorridos na ocasião foram consequência de uma tentativa de insurreição contra o Reich.

Por fim, em vias de encerrar a questão em torno da “legalidade” por trás da ascensão do nazismo, acreditamos não ser necessário explorar os motivos pelos quais execuções extrajudiciais transcendem qualquer noção básica de Estado de Direito, algo que de alguma forma parece escapar a Gellately.

Tendo em vista o vultoso histórico de assassinatos, tortura e brutalidade que marcaram o período de ascensão dos nazistas ao poder, torna-se difícil entender como um pesquisador poderia chegar à conclusão de que havia um consenso generalizado frente ao cenário que se desenhava.

O expediente utilizado pelos historiadores em pauta envolve inclusive o papel da repressão exercida através dos campos de concentração e da gestapo, como foi apontado por Evans. Nesta perspectiva, a violência estaria circunscrita especificamente aos campos e na atuação da polícia secreta, e como já vimos antes, focando principalmente na categoria nos “outsiders sociais”.

Evans deixa pouco espaço para esse postulado quando traz para o debate a conduta desempenhada pelas leis e por agentes do estado responsáveis pela punição de elementos considerados subversivos para a ordem estabelecida. A já mencionada Lei de Concessão Plenos Poderes, aprovada em 23 de março de 1933, concedeu ao chanceler a liberdade para governar sem qualquer tipo de restrição. Na prática, qualquer medida poderia ser tomada independentemente do parlamento e da suprema corte, que passaram a ser órgãos praticamente figurativos. Foi baseado nesta margem de atuação sem limites que o *Volksgerichtshof*, o “Tribunal do Povo”, ganhou status de órgão oficial. Por meio da nova corte e da Lei de Concessão, os nazistas criaram um corpo legislativo completamente voltado para a supressão enérgica dos menores indícios de resistência ao status quo, o que incluía desde a oposição organizada até discursos que por ventura pudessem ofender membros do Reich.

“A whole new set of laws and decrees passed in 1933 vastly expanded the scope of the treason laws and the death penalty. A law of 24 April 1933, for example, laid down that anyone found guilty of planning to alter the constitution or to detach any territory from the German Reich by force, or engaging in a conspiracy with these aims, would be beheaded: the concept of ‘planning’ included writing, printing and distributing leaflets, altering the constitution included in due course advocating the return of democracy or the removal of Hitler as Leader, conspiring included anyone associated with the guilty parties. A law of 20 December 1934 went even further and applied the death penalty to aggravated cases of ‘hateful’ statements about leading figures in the Nazi Party or the state. Another law made ‘malicious gossip’ illegal, including spreading rumours about the regime or making derogatory remarks about its leaders.”⁸⁶

Tendo por base seu levantamento empírico, Evans explora a questão do aumento vertiginoso da população carcerária entre 1932 e 1937, resultado direto das condenações extrajudiciais, muitas das quais, segundo o autor, terminavam em penas de morte. Obviamente não se pode negar que os campos foram largamente usados nos primeiros anos do regime justamente para a contenção de comunistas e social democratas, contudo, ignorar a utilização das prisões e as penas completamente arbitrárias

⁸⁶ Idem. p. 14.

decretadas pelo Tribunal do Povo equivale a desprezar uma frente de coerção que foi extremamente atuante.

Um dos pontos fortes da análise desenvolvida pelo historiador britânico reside em sua capacidade de apresentar diferentes formas de coerção, inclusive as que envolviam formas de violência simbólica e mais sutis quando comparadas com os assassinatos e encarceramentos. Os exemplos mais frequentes abrangiam demissões forçadas, despejamentos, humilhações em público e assédio moral. A maioria dos casos citados pelo autor são referentes a indivíduos antes associados ao SPD, trabalhadores sindicalizados e a qualquer tipo demonstração de pensamento crítico. Da mesma forma, adolescentes em idade escolar que não se engajavam na juventude hitlerista poderiam passar por dificuldades ao se formar e encontrar ocupação; operários suspeitos de subversão poderiam ser forçadamente transferidos para regiões distantes e castigados com jornadas de trabalho extenuantes.

A opressão aberta a possíveis opositores se concentrava, como vimos, no próprio aparato estatal, através das SS, da polícia, do Tribunal do Povo e - não podemos esquecer - da rede de colaboradores nas instâncias tradicionais do legislativo e do judiciário. Contudo, foi através do que Evans chama de “agentes coercitivos” que a repressão e o terror encontraram espaço para a capilarização. O representante mais pungente dessa rede eram os *blockwards* algo próximo de “inspetores de quarteirão” em português⁸⁷:

“[...]‘Block Warden’ or *Blockwart*, a popular name given to low-level officials of the Nazi Party, each of whom was responsible for a block of apartments or houses, where he had to ensure that people took proper air-raid precautions, hung out flags on Hitler’s birthday and similar occasions, and refrained from engaging in illegal or subversive activities. The Block Wardens kept a close watch on former Communists and Social Democrats, listened out for expressions of dissatisfaction with the regime, and could punish political or social deviance by a variety of means ranging from

⁸⁷ Tradução minha para “block warden”, termo utilizado por Evans para o original em alemão “*blockwart*”.

stopping the offenders' welfare benefits to reporting their names to the district Party organisation for forwarding to the Gestapo.”⁸⁸

Indivíduos oficiais destacados para a fiscalização da conduta e do pensamento se espalhavam por toda a sociedade. Evans aponta que posições análogas aos dos inspetores de quarteirão eram encontrados inclusive nas fábricas e em meio a juventude hitlerista. A própria gestapo, que se encarregava de apurar as denúncias recebidas pelos “agentes coercitivos”, possuía sua lista de informantes incumbidos de reportar atividades potencialmente suspeitas.

No que concerne ao terceiro e último tópico elencado por Evans, sua crítica se concentra na proposição de que havia uma aprovação incontestável ao Terceiro Reich, o que se confirmaria principalmente através dos resultados positivos nos plebiscitos de 1934 e 1938 e a aquiescência da população em relação aos campos de concentração.

Não seria motivo de espanto o fato de que os plebiscitos supracitados tenham ocorrido nos mesmos moldes das eleições federais de 1933: bandos armados das milícias nazistas que notificavam os eleitores quanto a “opção correta” a ser marcada nas cédulas. O expediente adotado pelos agentes de repressão certificava que qualquer aspirante a opositor do regime seria rapidamente enquadrado como traidor da pátria⁸⁹.

De forma análoga, o intenso mecanismo de propaganda arquitetado por Goebbels sobre os campos de concentração atuava no sentido de transmitir à população que aqueles lugares poderiam ser o destino de qualquer “traidor da pátria”. Para além do encarceramento de comunistas e social democratas nos anos de ascensão do nazismo, os campos serviam como uma forma de atemorizar a sociedade. Diante de tantas formas de terror e coerção, a ausência de uma resistência ativa e organizada dificilmente poderia significar uma espécie de apoio generalizado.

⁸⁸ Idem. p. 69-70.

⁸⁹ Idem, p. 71.

A vantagem do aporte materialista empregado por Evans é de se ater aos dados concretos angariados no decurso de sua investigação, tal procedimento metodológico, quando realizado de forma eficiente, pode conduzir a resultados bastante profícuos. Por fim, cabe aqui salientar que um dos feitos mais importantes na obra do historiador está circunscrito em seu exame de uma historiografia fortemente associada com o revisionismo histórico. O autor evita utilizar tal categoria, mas a essência de sua crítica no artigo que norteou nossa exposição se dirigiu inteiramente a uma geração de historiadores representantes do que entendemos como revisionismo no campo de estudos da Alemanha nazista.

Uma análise acerca do revisionismo histórico, suas implicações e desdobramentos se encontra além do nosso escopo, no entanto, seria interessante destacar o artigo da professora Tatiana Poggi⁹⁰, que traça um panorama crítico da tradição revisionista acerca das experiências fascistas na Europa. O artigo faz parte de um livro que conta com outras contribuições referentes ao revisionismo em diferentes searas da História⁹¹, sendo uma obra de referência para visão crítica de tal historiografia.

O último representante da Escola Materialista é possivelmente uma das maiores referências atualmente na área. Robert Paxton ganhou notoriedade ainda no início da década de 1970, com seu livro sobre a França de Vichy⁹², mas nosso interesse será dirigido para um artigo onde o autor sintetiza algumas das contribuições que mais tarde seriam desenvolvidas em “A Anatomia do Fascismo”, de 2004. Consideramos que esta foi uma etapa crucial na historiografia, pois em sua proposta o autor rompe com o já

⁹⁰ POGGI, Tatiana. Revisitando o fascismo: o revisionismo e a relativização do conservadorismo. In: SENA JUNIOR, Carlos Zacarias; MELO, Demian Bezerra; CALIL, Gilberto Grassi. (Org.). Contribuição à crítica da historiografia revisionista. 1ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2017, v. p. 193-224.

⁹¹ Para um enfoque mais centrado em como o revisionismo histórico opera no Brasil: MELO, Demian. A miséria da historiografia: uma crítica ao revisionismo contemporâneo. 1. ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2014.

⁹² PAXTON, Robert. Vichy France: Old Guard and New Order, 1940-1944. New York: Alfred A. Knopf. 1972.

mencionado “novo consenso” decretado por Roger Griffin, efetuando uma crítica ao entendimento do fascismo como uma ideologia que paira no ar, desconectada de sua realidade material, fato que pode ser averiguado através das exaltadas reações do próprio Griffin⁹³ e de Sternhell⁹⁴.

Assim como Evans, Paxton não é um autor marxista, o que não o impediu de erguer sua pesquisa buscando as práticas do fascismo enquanto um movimento dinâmico, capaz de se organizar conforme os interesses das classes dominantes ao mesmo tempo em que mobilizava as massas em torno de uma espécie de ultranacionalismo para a concretização de seu projeto de poder. A compreensão do fascismo deve ser buscada em sua prática, em suas relações com as diferentes classes sociais, logo, os esforços empregados para o desenvolvimento de uma teoria do fascismo alicerçada em tipos ideais e no essencialismo dos discursos dificilmente conseguirá explicar as contradições características dos movimentos em questão. Acredita-se ter sido possível notar que a posição de Paxton quanto ao procedimento manejado por autores como Griffin, Sternhell e Payne são similares às nossas:

“These conflicts can best be resolved, however, by examining fascist actions: all fascists seek technical and military power while simultaneously trying to escape the destabilizing social effects of the industrialization such power requires. They combine technical modernity with a system of authority and discipline intended to suppress the disorderly social consequences of industrial expansion. The meanings that fascists give to the concepts of revolution and modernity, ambiguous in the texts, become comprehensible in their concrete applications.”⁹⁵

As proposições do autor que podem nos ser úteis não se limitam à crítica do viés idealista. Um expediente que foi elaborado com mais envergadura⁹⁶ após a publicação do artigo “The Five Stages of Fascism”, reside nos estudos comparativos entre os

⁹³ GRIFFIN, Roger. Resenha de *Anatomy of Fascism*, de Robert O. Paxton. *American Historical Review*, v.109, n.5, p.1530-1532, dezembro 2004.

⁹⁴ STERNHELL, Zeev. Resenha de *Anatomy of Fascism*, de Roberto O. Paxton. *New York Review of Books*, v.52, n.8, 12 de maio de 2005.

⁹⁵ PAXTON, Robert O. *The Five Stages of Fascism*. *The Journal of Modern History*, v.70, n.1, março de 1998. p. 8.

⁹⁶ PAXTON, Robert. *A anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

movimentos fascistas que se manifestaram na Europa do período entreguerras. Quando contrapostos, as discrepâncias entre os casos da Alemanha e da Itália podem suscitar fatores que de outra forma não seriam de tão fácil apreensão. Até mesmo onde as variantes do fascismo não passaram de movimentos marginais como o rexismo na Bélgica e a Legião do Arcanjo Miguel na Romênia, quando cotejados com o nazifascismo, podem trazer novas perspectivas.

“Comparison is “a way of thinking more than a method,” and it works better when we try to account for differences than when we try to amass vague resemblances. Comparison works revealingly with fascisms, since every Western society has contained at least some marginal example. Their different fates across time and space in neighboring settings should help us to identify the principal factors in the varying success of specific cases, and even to isolate the constants.”⁹⁷

Em seu esquema de interpretação do fascismo como um processo histórico contraditório, Paxton formulou uma de suas contribuições mais inovadoras, a de explicar o fascismo através de 5 estágios históricos. Propõe-se adiante um breve percurso sobre os “5 estágios” e de como estes podem contribuir nossa compreensão. Por um critério de espaço e por considerarmos os três primeiros os mais interessantes para nossa análise, daremos uma ênfase maior nestes do que nos últimos.

No primeiro momento, o fascismo encontra-se limitado a um grupo de pensadores e ideólogos. A História Intelectual seria imprescindível para o levantamento de como os primeiros fascistas – ou melhor, profascistas⁹⁸ - entendiam o mundo ao seu redor, isto é, avessos tanto às democracias liberais quanto aos modelos alternativos oferecidos pelo socialismo, deslocando-se cada vez mais para uma apologia fervorosa da unidade de seu povo em torno de um projeto moralizador e ultranacionalista. Seria dedicado a esta fase embrionária, por exemplo, que a maior parte da obra de Sternhell foi elaborada.

⁹⁷ PAXTON, Robert O. The Five Stages of Fascism. *The Journal of Modern History*, v.70, n.1, março de 1998. p. 10.

⁹⁸ Idem. p. 11.

O segundo estágio descreve o período em que o movimento organizado em torno de um líder ganha um corpo político formal, expresso através de um partido de massas com apoio o suficiente para ser reconhecido como uma força que não mais pode ser ignorada. É uma etapa, segundo Paxton, que em poucas ocasiões foi alcançada. No presente estágio as análises comparativas começam a render seus primeiros frutos⁹⁹, pois a investigação das causas que propiciam a chegada ao poder, revelam um potencial considerável para o esclarecimento de aspectos particulares das sociedades onde os fascistas triunfaram. Da mesma forma, poderiam demonstrar porque outros movimentos similares não lograram a conquista do poder político, procedimento que é instrumentalizado pelo autor para explicar os motivos pelos quais o fascismo não obteve na França o mesmo sucesso que na Itália e na Alemanha.

Consideramos que o segundo estágio pode oferecer caminhos generosos para a exploração de nosso objeto, pois é justamente nesse período de ascensão que as contradições entre os discursos e práticas começam a dar as caras. O discurso antiburguês começa a ser deixado de lado com o intuito de angariar o apoio dos proprietários, que se encontravam cada vez mais amedrontados com o espectro da Revolução de Outubro e a popularidade dos partidos comunistas. Costuma ser em meio a tal contexto que as elites conservadoras começam a enxergar nos fascistas um grande potencial contrarrevolucionário. Portanto, uma análise que desconsidere os projetos políticos e os interesses de classe velados pelo discurso dos fascistas sobre si mesmos, dificilmente poderá capturar tais nuances.

“Every fascist movement that has rooted itself successfully as a major political contender, thereby approaching power, has betrayed its initial antibourgeois and anticapitalist program. [...] At later stages, successful fascist parties also position themselves as the most effective barriers, by persuasion or by force, to an advancing Left and prove adept at the formation, maintenance, and domination of political coalitions with conservatives. But these political successes come at the cost of the first ideological programs. Demonstrating their contempt for doctrine,

⁹⁹ Idem. p. 13.

successfully rooted fascist parties do not annul or amend their early programs. They simply ignore them, while acting in ways quite contrary to them. The conflicts of doctrine and practice set up by successful fascist movements on the road to power not only alienate many radical fascists of the first hour; they continue to confuse many historians who assume that analyzing programs is a sufficient tool for classifying fascisms.”¹⁰⁰

O terceiro estágio, a chegada ao poder, ilustra cabalmente a relação simbiótica existente entre os fascistas e diferentes frações das classes dominantes. Possivelmente o fato mais significativo de tal convergência reside no papel de Hindenburg e Vitor Emanuel III em seus respectivos países. Ambos acederam em fazer de líderes extremistas de partidos ultranacionalistas e anticomunistas um *Duce* e um *Führer*. Paxton argumenta que no presente estágio as análises comparativas revelam que o fascismo triunfou justamente onde conseguiram estabelecer uma cooperação com as elites conservadoras¹⁰¹. Em países como Portugal e Romênia, as organizações fascistas foram extintas por outras forças da extrema direita, como foi o caso do Estado Novo liderado por Salazar¹⁰² e na Romênia¹⁰³ pelo Rei Carol II.

Os últimos dois estágios se encontram no âmbito do exercício do poder. Neste momento o autor destaca a necessidade do fascismo na Itália de se equilibrar entre as demandas de quatro vias distintas: o líder, os militantes do partido, as instâncias de poder estatal previamente existentes como o judiciário e as polícias, e por último, as elites conservadoras tradicionais, isto é, as forças armadas, a Igreja e os diferentes estratos da burguesia.

“The exercise of power involved the same elements in Mussolini’s Italy as in Nazi Germany. [...] This interplay between single parties and traditional elites helps us classify borderline regimes, especially if we bear in mind that the frontiers were fluid between authoritarian and fascist regimes, and they might be crossed in either direction.”¹⁰⁴

¹⁰⁰ Idem. p. 14-15.

¹⁰¹ Idem. p. 16.

¹⁰² COSTA PINTO, António. Os Camisas Azuis e Salazar. Rolão Preto e o Fascismo em Portugal. Lisboa: Edições 70, 2015.

¹⁰³ PAYNE, Stanley. Fascism: comparison and definition. Wiconsin: University of Wiconsin Press, 1980.

¹⁰⁴ Idem. p. 19.

Por fim, restaria dois caminhos: a entropia ou a radicalização. O primeiro foi adotado - com alguns intervalos durante as guerras expansionistas em direção à África - na Itália após a consolidação de Mussolini no poder, indicando um arrefecimento do discurso da década de 1920, o que reflete a acomodação entre as elites e o exercício autoritário do poder pelo líder. Já no caso da Alemanha, o caminho da radicalização está presente em todo o seu percurso, encontrando uma escalada ainda maior com as Leis de Nuremberg em 1935, o início da Guerra, e por fim, atingiu seu pináculo com a solução final e a tragédia do Holocausto.

Ao fim de seu artigo, Paxton formula uma definição de fascismo que nos parece um tanto adequada. Leva em conta os problemas e contradições que envolvem a teoria e a prática, bem como destacam a necessidade de se compreender o fascismo em seu processo histórico:

“Fascism is a system of political authority and social order intended to reinforce the unity, energy, and purity of communities in which liberal democracy stands accused of producing division and decline. Its complex tensions (political revolution versus social restoration, order versus aggressive expansionism, mass enthusiasm versus civic submission) are hard to understand solely by reading its propaganda. One must observe it in daily operation, using all the social sciences and not only intellectual-cultural history, and, since it is not static, one must understand it in motion, through its cycle of potential (though not inevitable) stages.”¹⁰⁵

A definição do autor é muito elucidativa, representando um avanço em relação às perspectivas idealistas, contudo, acreditamos ser possível acrescentar a necessidade de se levar em conta as lutas de classes e o contexto de produção e reprodução da vida que condicionam a existência do fascismo, pontos importantes que não costumam atrair a atenção devida por autores não marxistas.

Compartilhamos com Paxton a importância de se compreender o fascismo nos termos acima, pois este não é um fenômeno datado, específico do período entreguerras, mas pode se manifestar em diferentes contextos e regiões, como é o caso do

¹⁰⁵ Idem. p. 21-22.

neofascismo, que encontra diversas expressões pelo mundo, inclusive na América Latina e na Índia.¹⁰⁶

À guisa de conclusão, acredita-se que foi possível demonstrar a imensa contribuição das escolas idealista e materialista para com campo de estudos do fascismo. A primeira, ainda que tenha sido objeto de nossa crítica, significou um grande avanço para a explanação dos aspectos ideológicos, culturais e simbólicos presentes nos movimentos que vão do final do Século XIX até o período entreguerras. A última, fornece as principais referências para que o resultado alcançado escape às armadilhas dos discursos e ideologias isolados de sua realidade material. Aproveitar o que de mais útil cada uma das escolas pode oferecer, provavelmente será o caminho mais fortuito para o historiador.

Julgamos ter sido imprescindível realizar até aqui este percurso pois como vimos, o nazifascismo é dotado de uma longa estrada de pesquisas e perspectivas por vezes discordantes ou incompatíveis. Somente através de uma compreensão íntima do fascismo, seu contexto histórico e seu projeto político um pesquisador pode se dedicar a desvendar como este fenômeno se manifesta em nossos dias.

No que tange ao neofascismo as perguntas são muitas, mas as respostas talvez não sejam tão numerosas, e esta é uma das grandes inquietações que motivaram o presente trabalho. Na próxima seção, pretendemos abordar este tema com a diligência que os nossos tempos urgem.

1.5 – Neofascismo

¹⁰⁶ Para uma visão geral do neofascismo nos dias atuais ver: BLAMIRE, Cyprian. World Fascism: a historical encyclopedia. California. ABC-CLIO, 2006.

Percorridos alguns meandros do vasto continente que representa o campo de estudos do Fascismo, iremos nos ater agora em torno de um dos pilares que motivaram o presente trabalho.

O Neofascismo é um tema que se encontra amplamente no debate popular e acadêmico dos dias de hoje. Em relação à esfera pública, a imprensa tradicional, não só no Brasil, vem desempenhando um papel inegável na popularização de termos como “extrema direita”, “direita radical”, “populismo de direita” e, por vezes, “neofascismo”. Os aplicativos de comunicação mais do que nunca exercem a atividade de difusão de notícias e conteúdo, independentemente de sua qualidade. Indo por um caminho similar, a internet oferece uma gigantesca quantidade de informação, o que não significa, por outro lado, que o conhecimento científico ou fontes com maior grau de seriedade sejam os mais procurados.

A presente realidade no Brasil impõe um desafio ainda maior à produção acadêmica, onde pesquisadores enfrentam uma impetuosa ofensiva contra o conhecimento que parte tanto da iniciativa privada¹⁰⁷ quanto do próprio governo¹⁰⁸. Portanto, a responsabilidade do historiador urge uma consideração devidamente apropriada diante da relevância social do tema.

Acredito ser difícil imaginar a realidade da segunda década do Século XXI sem levar em consideração a presença – e em alguns casos, a ascensão - da extrema direita nas democracias liberais da Europa e das Américas. Os primeiros estudos com a proposta de investigar o Neofascismo focavam particularmente o contexto Europeu após a Segunda Guerra Mundial. Uma das questões fundamentais que moviam alguns dos

¹⁰⁷ BALESTRO, Mayara. Agenda conservadora, ultraliberalismo e guerra cultural: Brasil Paralelo e a Hegemonia das Direitas no Brasil Contemporâneo (2016-2020). Dissertação de mestrado - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon. 2021.

¹⁰⁸ SENA JÚNIOR, C. Z. de. Obscurantismo e anticientificismo no Brasil bolsonarista: Anotações sobre a investida protofascista contra a inteligência e a ciência no Brasil. Cadernos do GPOSSHE On-line, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 21–49, 2019.

primeiros pesquisadores girava em torno de como - mesmo após todos os traumas vividos no Velho Mundo entre 1914 e 1945 - seria possível que novos movimentos políticos tivessem como inspiração os regimes responsáveis por boa parte das tragédias em questão.

Pouco mais de um ano após o assassinato de Benito Mussolini, era fundado em 26 de dezembro de 1946 o *Movimento Sociale Italiano*. Composto principalmente por ex-membros da República de Salò, ex-combatentes e simpatizantes, o MSI foi o primeiro partido formal a defender o legado da Itália fascista e os valores pregados pelo *duce*. Diferente da Alemanha, na península não houve qualquer tipo de julgamento como o de Nuremberg, uma ampla anistia foi concedida em 1946 aos criminosos que integraram o regime fascista e lutaram por este durante a Guerra Civil que ocorreu entre 1943 e a rendição do eixo. A legislação pós-guerra na Itália foi permissiva o suficiente para que o MSI durasse até 1995, quando uma série de disputas ideológicas internas e o novo direcionamento de Gianfranco Fini encerraram as atividades sob o antigo nome, passando a se chamar *Alleanza Nazionale*.

Algumas das primeiras análises da trajetória do MSI publicadas em língua inglesa¹⁰⁹ vieram ao mundo ainda nas décadas de 60 e 70 do Século XX, mas foi com o fim da Guerra Fria que as produções se avolumaram de forma contundente. No contexto em questão, em 1996 o historiador alemão Walter Laqueur concebe a obra *“Fascism: Past, Present, Future”*, dividida em três capítulos, o autor constrói sua interpretação sobre o Fascismo, o Neofascismo e por fim, o que é categorizado como “Pós-Fascismo”. Na etapa em que nos encontramos, os dois últimos capítulos fornecem o substrato mais relevante para a discussão que se pretende desenvolver, sigamos, portanto, para o primeiro ponto.

¹⁰⁹ DEL BOCA, Angelo e GIOVANNA, Mario. *Fascism Today: A World Survey* (New York: Pantheon, 1969) e WEINBERG, Leonard. *After Mussolini: Italian Neo-Fascism and the Nature of Fascism* (Washington, DC. University Press of America, 1979).

De uma forma geral a brochura não desenvolveu uma investigação aprofundada, Laqueur preferiu em seu primeiro capítulo uma abordagem que abarcasse grupos neofascistas na Europa Ocidental, dando uma ênfase maior à Itália do MSI e a França do National Front. No tópico dedicado à ideologia do neofascismo o autor aponta dois fatores preponderantes a respeito, o primeiro seria a influência do pensador e místico italiano Julius Evola no pós-guerra, o segundo, a *Nouvelle Droite* francesa que tem como seu maior expoente o filósofo Alain de Benoist.

Apesar de o autor nos apresentar um levantamento empírico valioso acerca dos partidos considerados neofascistas, em nenhum momento foi possível encontrar uma teorização ou debate conceitual referente a forma como Laqueur entende o neofascismo. Somos apresentados a diversos grupos que defendem a xenofobia, ideais antidemocráticos e antisemitas espalhados pela Europa, mas a lacuna deixada pela falta de uma definição de conceitos acaba limitando a compreensão do objeto de estudo. São raros os trechos onde o autor faz referências a outros estudos, por conseguinte, pouco ou nenhum diálogo é produzido com outras perspectivas que poderiam enriquecer a obra.

A seção sobre o “Pós-fascismo” segue um procedimento não muito diferente do mencionado acima. Somos levados entender que o pós-fascismo seria uma manifestação política análoga ao Fascismo do período entreguerras, mas concebido em um contexto completamente distinto. Para Laqueur, características fundamentais como o antiliberalismo, o antisemitismo, uso da violência e a presença de líderes carismáticos confirmariam a ligação de regimes ditatoriais do oriente médio e partidos nacionalistas da Rússia com o Fascismo de Mussolini. O texto carece de uma definição clara do que significa a categoria, menos ainda são estabelecidos os critérios que poderiam esclarecer o que de fato distinguiria os neofascistas dos pós-fascistas. A análise se desenrola em grande parte em torno da comparação do fascismo com o fundamentalismo islâmico nos

moldes do Irã após a Revolução de 1979 e a liderança do Aiatolá Khomeini. A discussão a respeito da existência ou não de um “islamofascismo” é polêmica e excede nosso escopo, todavia não poderia deixar de mencionar o viés hostil e reiteradamente eurocentrista quando o autor trata do tema:

“Islamism is not a religion but an ideology based on religious elements who see as their main function a revolt against the West and modernity in general. Islamism is rooted in the resentment felt by Muslims against the dominant position of the West politically, culturally, and economically and the stagnant state of Muslim societies. Western values are rejected because they undermine and subvert the traditional Muslim order and way of life, because they lead to the gradual marginalization of religion and the clergy. In principle, this ideology is as much opposed to China, Japan, and Russia as it is to the West. But since the contact and the collision were historically mainly with the West, most of the fury is directed against this part of the world rather than the other Satans.”¹¹⁰

Um pouco mais adiante, nos deparamos com mais um excerto que chama atenção:

“Islam's appeal is rooted above all in the rise and domination, political and cultural, of the West. Once a high culture and one of the greatest powers in the world, Islam is now poor and weak. Its attempts to copy Western institutions and customs in the nineteenth and early twentieth centuries failed. This led to the revolt against the West under the banner of Arab (and North African and Persian) nationalism, but this was not successful either. What remains is Islam, traditionally a political religion that has become the second stage of the revolt against the West.”¹¹¹

Considero que o fundamentalismo religioso é uma ameaça a ser combatida por qualquer indivíduo que aspire viver em uma sociedade minimamente democrática, logo, um posicionamento crítico frente às pretensões teocráticas de certos grupos e instituições é um tema que dificilmente deixará de ter relevância. Por outro lado, reduzir todo o islamismo a uma espécie de ideologia extremista antiocidental é um posicionamento um tanto condenável, e demonstra, para se dizer o mínimo, um acentuado desconhecimento das origens históricas desta religião.

Além dos problemas mencionados, devemos ficar atentos ao fato de que se passaram mais de 25 anos da publicação do livro. O mundo analisado por Laqueur ainda

¹¹⁰ LAQUEUR, Walter. *Fascism: Past, Present, Future* (New York: Oxford University Press, 1996). p. 153.

¹¹¹ *Idem.* p. 156.

não havia enfrentado alguns dos acontecimentos que marcaram profundamente nossa realidade. Os desastres de 11 de setembro, a Crise Econômica de 2008, a Guerra Civil na Síria e a consequente onda de refugiados para Europa contribuíram não só para o fortalecimento de movimentos neofascistas preexistentes, como forneceram o ambiente propício para o surgimento de agremiações similares dentro e fora do Velho Mundo.

Ao fim e ao cabo, a obra possui um interessante mapeamento factual de partidos e movimentos políticos entendidos como neofascistas da Europa Ocidental e Oriental, e não obstante suas limitações, oferece um panorama geral oportuno sobre o surgimento do neofascismo após 1945.

Conforme mencionado anteriormente, a década de 1990 testemunhou um aumento significativo nas produções acadêmicas voltadas para o Neofascismo. Uma nova geração de historiadores começava a demonstrar interesse pela questão. Historiadores como Roger Griffin¹¹² e o britânico Roger Eatwell, ao mesmo tempo em que introduziram uma interpretação diferenciada no que toca ao Fascismo do período entreguerras, não se omitiram quanto a existência de grupos e partidos fascistas após a derrota do Eixo. Enquanto Eatwell¹¹³ usa o termo “neofascismo” em relação a tais movimentos da Itália, França, Alemanha e Inglaterra, Griffin prefere “Os Fascismos Não-Europeus e Pós-Guerra” ao analisar os casos da América Latina, Japão e África do Sul. Até mesmo Stanley Payne, uma das maiores referências acadêmicas do campo desde a década de 1970, dedicou o epílogo de um livro¹¹⁴ ao assunto.

Apesar do florescimento do que parecia ser um novo e relevante campo de estudo, alguns acadêmicos se sentiram incomodados com uma aparente falta de rigor conceitual transmitido pela nova geração. O crítico mais aguçado do uso indiscriminado do termo neofascismo foi o historiador estadunidense A. James Gregor. Evocando

¹¹² GRIFFIN, Roger. *The Nature of Facism*. New York: Routledge, 1993.

¹¹³ EATWELL, Roger. *Fascism: A History*. New York: Penguin, 1995.

¹¹⁴ PAYNE. Stanley. *A History of Fascism, 1914–1945*. Madison: University of Wisconsin Press, 1995.

nomes como Ernst Nolte e Renzo de Felice, o pesquisador defende a perspectiva de que dificilmente poderíamos encontrar alguma espécie de fascismo fora da Itália entre 1918 e 1945. O Fascismo, tanto em sua dimensão ideológica quanto política era um produto específico da conjuntura italiana do recorte em questão, portanto era um fenômeno datado e encerrado. Nem mesmo o Nazismo poderia ser interpretado como uma variante do Fascismo italiano, o mesmo pode ser afirmado sobre os movimentos análogos que surgiram em praticamente toda Europa da época.

Para Gregor, os únicos e verdadeiros neofascistas que existiram em todo o mundo ocidental foram aqueles que fundaram o MSI. O encerramento do partido em 1995 é apontado como a prova de que o neofascismo havia morrido de velhice junto com a velha guarda saudosista da República de Salò, por conseguinte, qualquer trabalho que tenha como proposta investigar a presença de agremiações neofascistas fora dessa estrita delimitação, não será nada mais do que fruto da imaginação enviesada¹¹⁵ de parte da academia. O autor crava que a maioria dos estudos referentes ao neofascismo carecem de seriedade, sendo produtos de uma espécie de modismo acadêmico e pouco fundamentados teoricamente.

Não obstante o tom de desdém que permeia toda a obra, encontramos algumas observações oportunas. É preciso reconhecer que a inquietação com as lacunas apontadas abaixo não é completamente injustificada, podendo nos conduzir a uma reflexão imprescindível.

“We are left with the counsel that we can expect neofascism to appear in any and all forms, without the semblance of ideological continuity with its historical antecedents, in totally unpredictable manifestations. All of this

¹¹⁵ A avidez para desqualificar seus interlocutores é marcante especialmente quando se trata da historiografia marxista. Em algumas passagens o autor usa a expressão “*committed scholarship*”, que em português seria algo próximo de “acadêmicos comprometidos”, para se referir aos pesquisadores marxistas em sua totalidade. De acordo com Gregor, as análises marxistas se encontram envenenadas por ideologia e militância política, ao passo que o autor parece se enxergar do lado oposto, em uma esfera onde não existem posicionamentos e subjetividades, somente a neutralidade de um cientista social sério. Acredito que mesmo para os leitores mais incautos, o verniz “apartidário” reivindicado pelo escritor seria abatido já na introdução do livro.

really leaves us with little to guide our efforts. Neofascism apparently can assume any guise, any institutional form, or any ideological content. Given all that, it is difficult to imagine what the term “neofascist” might mean. There seems, for example, to be little pretense that one might expect to find any particular Fascist content in the ideology of any presumptive contemporary neofascism. But without any identifiable content, neofascism could manifest itself as anything.”¹¹⁶

O trecho acima faz alguns apontamentos válidos sobre as dificuldades de se trabalhar com o conceito de neofascismo, da mesma forma indica uma tendência existente no debate público - notadamente na grande mídia, mas que também não escapa à academia - em manusear de forma imprudente o termo “neofascismo”. Cabe aqui salientar que o ponto fundamental do debate não se limita a uma crítica dos usos inadequados de terminologias. Em primeiro lugar, porque a instrumentalização pouco cuidadosa de conceitos junto à ausência de uma teorização básica, apresenta grandes chances de incorrer em um esvaziamento de nossa compreensão de um dado processo histórico. É de suma importância que a comunidade acadêmica seja capaz de definir, guardadas as devidas proporções, os limites e o conteúdo do que se entende por “Neofascismo”. Divergências e embates interpretativos podem – e devem – ocorrer, mas são fundamentais para o desenvolvimento de qualquer área de conhecimento que pretenda reivindicar um caráter científico em sua metodologia. Por último, mas não menos importante, a capacidade de identificar e diferenciar uma ameaça como o Neofascismo é somente uma das primeiras etapas caso um observador recuse a posição da indiferença. Se não formos capazes de reconhecer o Neofascismo, compreender como ele se manifesta e quais as condições sociais que permeiam seu surgimento, de que forma poderemos combatê-lo? Novamente, nos deparamos com a responsabilidade do historiador perante seu próprio tempo histórico.

O mérito de apresentar um dos primeiros trabalhos de porte acadêmico a enfatizar o Neofascismo como objeto de estudo repousa sobre o nome de Gregor, porém

¹¹⁶ GREGOR, James. The search for neofascism: the use and abuse of social science. New York: Cambridge Univ. Press, 2006. p.28.

sua contribuição tem limites muito claros. Para a nossa surpresa, em muitos aspectos o próprio historiador estadunidense não prima pelo rigor analítico exigido acidamente de seus pares ao longo do opúsculo. Somos confrontados incessantemente com um anticomunismo tacanho, que aparentemente obnubilou sua habilidade de erguer um panorama fecundo sobre a bibliografia marxista dedicada ao tema central da obra. Gregor ignora a existência de uma variedade de teorias desenvolvidas por autores marxistas pelo menos desde a década de 1920, e informa aos leitores que todos os trabalhos desenvolvidos até o início do Século XXI nada mais eram do que uma ruminância da vertente identificada com a da Terceira Internacional, a qual, como vimos na seção anterior, foi amplamente criticada entre muitos marxistas da época. Por motivos que escapam à compreensão, autores que introduziram inovações no campo de estudos do fascismo como Nicos Poulantzas e Tim Mason, são completamente omitidos. A mesma operação é realizada com György Lukács¹¹⁷ e Wilhelm Reich¹¹⁸, dois pensadores marxistas que empreenderam uma investigação inédita do fascismo em seus respectivos campos de atuação, a filosofia e a psicologia. O primeiro, um dos filósofos marxistas mais influentes do Século XX, publica “A Destruição da Razão” em 1954, ao passo que Reich foi um dos pioneiros a interpretar o Fascismo pelo prisma da psicanálise, publicando “Psicologia de Massas do Fascismo” em 1933.

Uma análise detalhada de todas as discordâncias em relação ao trabalho de Gregor seria matéria para um escrito à parte, porém, à guisa de conclusão, gostaria de destacar uma posição do autor que considero temerária. Na conclusão de seu livro, o autor volta brevemente sua atenção para a os grupos neofascistas nos Estados Unidos, desqualificando a relevância dos estudos que tem este foco:

“What we find in many if not most of the contemporary volumes devoted to neofascism is a catalog of small and ineffectual European or North American

¹¹⁷ LUKÁCS, György. A destruição da razão. São Paulo: Instituto Lukács, 2020.

¹¹⁸ REICH, Wilhelm. Psicologia de massas do fascismo. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

groupuscules that generally represent public display of the frustrations suffered by malcontents in the psychologically taxing environment of postindustrial and postmodern society. Those are the groups spoken of as “radical right-wing” and “extremist.” They are almost invariably composed of clinically disturbed racists, antigovernment fanatics, conspiracy mongers, occultists of every conceivable persuasion, sadomasochists, and exhibitionists of one or another sort. They are a problem for psychotherapy and law enforcement, more a subject of study for psychologists than social scientists, not candidates for the study of neofascism.”¹¹⁹

Não raro podemos presenciar o discurso acima através de inúmeras roupagens. Uma das mais frequentes se inscreve em uma perspectiva liberal das contradições sociais intrínsecas às sociedades capitalistas, onde o racismo, a homofobia, xenofobia, entre outras formas de discurso de ódio são entendidos como uma mera expressão comportamental de determinados grupos ou indivíduos isolados. Partindo deste princípio, o Neofascismo não seria uma questão válida para um cientista social, pois se trata de uma expressão psicológica imoral que só poderia ser defendida por seres desajustados, “sadomasoquistas” e “exibicionistas”, portanto toda sua dimensão social é deixada de lado - os projetos políticos, as estratégias de organização, o trabalho de base, as ideologias entre outras coisas mais, são reduzidas à esfera das condutas pessoais. Em outras palavras, sua existência é arrancada de sua relação com a realidade material, as contradições sociais que condicionam a formação de alternativas extremistas desaparecem juntamente com qualquer tentativa de compreensão do fenômeno, devendo ser relegadas para as searas da “psicoterapia e a aplicação da lei”.

Felizmente as posições de Gregor não interditaram o surgimento de novas perspectivas sobre o tema. A ampliação do debate sobre o Neofascismo se desenvolveu através de novos aportes teóricos, os quais, em muitos sentidos foram um reflexo da emergência de movimentos como a Alt-Right na América do Norte.

Após esse breve panorama, considero que podemos seguir adiante na discussão, mas focando a partir de agora nas colaborações que mais acrescentaram para o

¹¹⁹ GREGOR, James. The search for neofascism: the use and abuse of social science. New York: Cambridge Univ. Press, 2006. p.275.

desenvolvimento do presente trabalho. O subsídio fornecido pelos autores em pauta foram fundamentais não só para a compreensão, como também suscitaram indicações fortuitas para a análise do objeto e a interpretação das fontes.

O levantamento realizado até aqui foi constituído basicamente por autores anglo-saxônicos e que privilegiaram o contexto europeu. Em decorrência disso, precisamos voltar nossas lentes para o nosso recorte geográfico basilar, os Estados Unidos. Atualmente, a referência primordial para a introdução ao tema é a tese de doutorado da historiadora Tatiana Poggi, professora do departamento de História da UFF. Defendida em 2012, o trabalho nos apresenta uma perspectiva lastreada no materialismo histórico, resgatando a caminhada do Neofascismo desde a década de 1970 até o início do Século XXI.

Poggi fez um levantamento bibliográfico muito valioso, remontando a trajetória dos primeiros trabalhos, tanto de porte mais acadêmico quanto jornalísticos, que se dedicaram a investigação da extrema direita nos EUA. O número de publicações é volumoso¹²⁰ e em grande parte foram elaborados ao longo da década de 1990, tentavam abranger uma miríade de grupos que iam desde a Ku Klux Klan até a National Alliance e Skinheads neonazistas do final do Século XX. A autora salienta a importância desses trabalhos, mas não deixa de apontar seus limites:

“[...]pudemos perceber que a imensa maioria dos que se dedicam ao estudo do neofascismo norte-americano é composta por sociólogos e jornalistas, os quais desenvolvem trabalhos bastante descritivos, numa tentativa de mapear algo que fora por tanto tempo negligenciado. O que se encontra, com exceções naturalmente, é um conjunto interessante de trabalhos que se assemelham a manuais, que contêm um mapeamento muito bem feito de uma série de organizações neofascistas, um breve histórico delas, rápida biografia de seus líderes e muitos, muitos depoimentos orais. [...]Fica a impressão de que estão sempre com medo de analisar a fundo a questão do neofascismo,

¹²⁰ Ver: DOBRATZ, Betty; SHANKS-MEILE, Stephanie. *The White separatist movement in the United States: white power, white pride!* Baltimore: Johns Hopkins Univ. Press, 2000.; RIDGEWAY, James. *Blood in the face*. New York: Thunder's Mouth Press, 1995. RYAN, Nick. *Into a world of hate: a journey among the extreme right*. New York: Routledge, 2004.

tateando cuidadosamente o terreno novo, não apenas por ser pouco estudado, mas por estar presente temporalmente.”¹²¹

Algumas das lacunas expostas acima foram preenchidas por autores que se propuseram a ir além do enfoque descritivo. Mais adiante Poggi nos apresenta a propostas mais aprofundadas¹²², que visaram não só o mapeamento, como também a análise das particularidades do ambiente histórico e político norte-americano que fornecem as condições para o surgimento de grupos Neofascistas.

“Outros estudos, mesmo contendo ainda alguns longos momentos descritivos, se encaminham numa direção mais totalizante. Ainda que não desenvolvam a fundo uma perspectiva sistêmica, levando em conta a interrelação entre fenômenos políticos, econômicos e culturais, e ressaltando, portanto, que a resistência neofascista norte-americana ocorre no interior de uma sociedade capitalista e dominada pela cultura da mídia, já a consideram como parte de uma dada ordem, parte constituinte do sistema político.”¹²³

Não obstante sua importância, Poggi demonstra que os estudos em questão padecem de uma construção teórica clara sobre o que de fato é entendido como Neofascismo. Uma confusa rede de categorias é apresentada, e termos como “populismo radical de direita”, “direita cristã”, “direita racista” e assim por diante, são usadas de maneira que mais dificultam do que esclarecem nosso entendimento. É justamente na superação dessa fragilidade que encontramos a contribuição mais relevante para nossa investigação. Como foi desenvolvido anteriormente, a abordagem materialista – sem desprezar as contribuições dos autores idealistas -, é a que considero ser mais útil para a compreensão do Fascismo, o mesmo ocorre no tocante às suas manifestações no Século XXI. Destarte, a chave interpretativa utilizada pela professora é o ponto de partida para a análise do Neofascismo hodierno, fornecendo a base sobre a

¹²¹ POGGI, Tatiana. Faces do Extremo: Uma análise do neofascismo nos Estados Unidos da América 1970-2010. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2012. p. 65.

¹²² HIMMELSTEIN, Jerome. To the Right: the transformation of American conservatism. California: Univ. of California Press, 1990.; BERLET, Chip; LYONS, Matthew. Right-wing populism in America: too close for comfort.; DIAMOND, Sara. Roads to Dominion: rightwing movements and political power in the United States. New York: Guilford Press, 1995. New York: Guilford Press, 2000.

¹²³ POGGI, op cit. p. 66.

qual as contribuições dos outros autores que discutiremos no decorrer do texto estão assentadas. A síntese da proposta em pauta se encontra nos seguintes termos:

“É assim, dentro desse parâmetro - do Estado capitalista, mais especificamente o Estado ampliado proposto por Gramsci - que buscaremos compreender o processo de expansão de ideologias conservadoras como a neoliberal e a fascista bem como a multiplicação de aparelhos privados de hegemonia e projetos políticos alinhados com elas no seio da sociedade norte-americana contemporânea. Desse modo, o neofascismo, como anteriormente as expressões de fascismo no entreguerras, é uma resposta a uma crise profunda no capitalismo, uma resposta à exacerbação das contradições inerentes ao sistema capitalista. Contudo, assim como a crise de outrora e a crise contemporânea apresentam qualidades particulares, também as expressões contemporâneas de fascismo apresentam peculiaridades, não sendo, portanto, mero resgate do movimento passado. [...]No caso norte-americano, possibilita também compreender o papel central desempenhado pelo racismo, antissemitismo e anticomunismo na conformação do neofascismo norte-americano, dado o passado marcado pela escravidão, *apartheid*, cotas de imigração e perseguição a comunistas.”¹²⁴

O trecho acima delimita com precisão os aspectos norteadores para a interpretação do Neofascismo, o qual se encontra diretamente relacionado com a conjuntura econômica e social das democracias liberais e do modo de produção capitalista. Não obstante, seria interessante mencionar mais uma vez, que os aspectos culturais e ideológicos não são olvidados pela abordagem materialista. Isso quer dizer que são entendidos em sua relação indissociável com as condições sociais e econômicas de seu tempo, fatores de suma importância que também são considerados ao longo da obra de Poggi.

Estabelecido nosso ponto de partida, seguiremos para alguns tópicos referentes ao objeto de estudo que foram rejeitados ou não tiveram atenção merecida em Laqueur e Gregor. Como vimos anteriormente os primeiros estudos dedicados exclusivamente ao neofascismo davam ênfase ao contexto europeu, restringindo-se ao levantamento empírico, a análise de projetos políticos e as lideranças. Todavia, nos últimos 5 anos uma quantidade considerável de publicações emergiu, fato que nos obriga a selecionar, por uma questão de espaço, as consideradas mais relevantes.

¹²⁴ Idem. p. 82.

Recentemente foi publicado um livro em homenagem ao historiador Roger Griffin. Trata-se de um esforço conjunto de avaliação de temas centrais da historiografia do Fascismo sob a influência do historiador em questão. A brochura conta com treze capítulos, dos quais o quinto, preparado pelo historiador britânico Nigel Copsey, professor da Universidade de Teeside, foi o mais valioso para a atual pesquisa. No texto, Copsey constrói um histórico dos usos do termo “Neofascismo” (em maiúsculo), indicando seus primeiros usos referentes aos grupos nostálgicos da Itália de Mussolini, representados politicamente no pós-guerra pelo MSI. Porém, o autor chama atenção para uma mudança de curso ocorrida com a gradual derrocada do Fascismo na península. Haveria uma “expansão” ainda embrionária, do nacionalismo italiano em direção ao continente Europeu, que poderia ser apontado como um reflexo da necessidade de união perante a ofensiva soviética rumo ao Oeste. O “bolchevismo judaico” batia à porta, e não dava sinais de que iria recuar:

“Mussolini now wedded the Italian nation to the Nazi crusade in Europe, to save ‘European civilization’ from the Bolshevik/Jewish enemy. In December 1944, Mussolini called on Italians ‘to welcome the constitution of a European community as a prerequisite for adhesion to the New Order as an essential condition for the alliance with the Third Reich’. [...] Italian Fascism ultimately transformed itself into *nazifascismo*—a ‘neo-Fascism’ (with a capital F) —desperately clinging to the dystopian vision of a Nazi-Fascist ‘New European Order’.”¹²⁵

Na ocasião, esse projeto “pan-europeu” pode ser entendido como artifício desesperado de Mussolini contra a iminente derrota, mas ainda não podemos dar a questão por encerrada. O ponto central do artigo de Copsey que pretendemos analisar, aponta para as “três tendências principais na evolução do neofascismo: a *desterritorialização*, a *metapolitização* e o *revisionismo histórico*.”¹²⁶ O trecho compartilhado na página anterior introduz justamente o que foi um dos embriões dessa

¹²⁵ COPSEY, Nigel. Neo-Fascism: A Footnote to the Fascist Epoch?. In: IORDACHI, Constantin; KALLIS, Aristotle (orgs). Beyond the Fascist Century: Essays in honor of Roger Griffin. London: Palgrave Macmillan, 2020. p.105.

¹²⁶ Idem. p.102.

nova forma de “nacionalismo europeísta”, descrito no texto como um estágio embrionário que viria a se tornar a “desterritorialização”.

A criação em 1951 do *European Social Movement* foi um dos marcos deste processo, o objetivo era, segundo Copsey, a busca por um renascimento europeu através de um amplo movimento nacionalista, capaz de unir o Velho Continente frente as ameaças do materialismo burguês por um lado e do socialismo soviético pelo outro. Personalidades como Oswald Mosley, líder da *British Union of Fascists*, o pensador Julius Evola e Francis Parker Yockey¹²⁷ estavam presentes no evento fundador que ficou conhecido como a Internacional de Malmö:

“This ‘super-nationalism’ was the alternative ‘Euro-fascist’ vision that first *defined* neo-fascism. From the ruins of 1945, a new Europe would be reborn, fully united and liberated from the capitalism of Wall Street, and the communism of Moscow. ‘Neither Wall Street nor Moscow’, a ‘third force’ between the American and Soviet blocs. This ‘third force’ also projected itself as a revolutionary ‘Third Way’, the antithesis to the twin ‘materialistic evils’ of global capitalism and communism.”¹²⁸

O nacionalismo italiano ou alemão daria lugar a uma concepção mais alargada, que fosse capaz de superar fronteiras e regionalismos, e isso inclui os povos de descendência europeia fora do continente, em especial aqueles da América do Norte. Mas como um objetivo de tal magnitude poderia ser alcançado em uma realidade onde o Eixo foi derrotado? A conjuntura era desfavorável para qualquer agremiação que reivindicasse abertamente seu legado, dessa forma, era imprescindível uma nova forma de agir, de se comunicar e se organizar politicamente. Em outras palavras, antes de

¹²⁷ Francis Parker Yockey foi um dos militantes neofascistas mais atuantes de sua geração. Nascido em 1917 nos Estados Unidos, dedicou sua vida à formação de uma “Internacional Nazifascista”, propagando antissemitismo e os valores do que entendia como a civilização branca ocidental. Em 1948 publicou *Imperium: The Philosophy of History and Politics*, um livro fortemente inspirado por Oswald Spengler. Yockey chama a atenção do leitor para o declínio da civilização europeia ocasionado pela ação de “inimigos internos e externos”, notadamente judeus e marxistas. Após sua mala ter sido encontrada em um aeroporto recheada com passaportes e documentos falsificados, Yockey foi preso pelo FBI em 1960. Seu corpo foi encontrado na cela pouco tempo após seu encarceramento, a causa da morte foi suicídio por envenenamento com uma cápsula de cianeto.

¹²⁸ COPSEY, N. Op. Cit. p. 108.

tomar a política como o principal campo de batalha, seria preciso conquistar corações e mentes.

A metapolítica vem à tona como um instrumento para a construção gradual de um ambiente onde ideias que antes seriam rechaçadas, possam ser reivindicadas sem constrangimento social. Antes do ativismo político direto e da construção de partidos, a atuação deveria focar na formação de uma cultura capaz de abrigar o neofascismo como alternativa viável, a metapolítica entra em jogo como uma estratégia que visa a cultura, e isso inclui seus meios de difusão contemporâneos, principalmente a internet. Alguns exemplos interessantes ilustram como essa perspectiva assumiu dimensões concretas ainda no Século XX. A National Alliance, um dos grupos neofascistas mais atuantes dos EUA criou a sua própria revista em quadrinhos na década de 1990, a “New Worl Order Comix: The Saga of the White Will”. O National Front britânico fundou em 1978 a organização musical “Rock Against Communism”¹²⁹, que reunia bandas de punk rock abertamente neonazistas e realizava festivais de música focando a cooptação de uma juventude desamparada pela crise econômica e o neoliberalismo de Margaret Thatcher. Em vista disso, na época presente as redes sociais, as plataformas de vídeos, podcasts, streamings, entre outros, são entendidos como os novos campos de batalha pela disputa

¹²⁹ O Rock Against Communism (RAC) foi um dos empreendimentos Neofascistas mais bem sucedidos no campo da cultura. Capitaneado pela banda Skrewdriver, o movimento foi capaz de fundir paradoxalmente a estética transgressora e a sonoridade agressiva do punk rock com o neonazismo, adotando lemas como “White Pride Worldwide” e “Smash Cultural Marxism”. A banda se tornou uma grande referência no meio, organizando festivais e influenciando a juventude branca de classe trabalhadora na Europa e nos EUA. Seu vocalista, Ian Stuart Donaldson fundou o grupo “Blood and Honour” (nome inspirado no lema da juventude hitlerista *Blut und Ehre*) para dar suporte à organização dos festivais e promover a venda de utensílios, vestuário e publicação de zines. A Blood and Honour se espalhou pela Europa e chegou à América do Norte, o que suscitou a formação do Combat 18 em 1992. Concebido inicialmente como uma milícia voltada para a segurança dos eventos e confrontos com opositores antifascistas, em pouco tempo o grupo se envolveu com assassinatos e perseguições a imigrantes, o que levou ao seu banimento na Alemanha e o reconhecimento como grupo terrorista de extrema direita no Canadá. O desenvolvimento das atividades lideradas pelo Skrewdriver sofreu um duro golpe com a morte de seu vocalista em um acidente de carro em 1993, o que acarretou no fim da banda e deixou um espaço até hoje não preenchido entre a cena “White Power”. Por outro lado, infelizmente isto não significou o fim da Blood and Honour, menos ainda de cenas underground que mantêm bandas neonazistas em atividade. A Skrewdriver voltou ao noticiário brevemente no início de 2022 com a morte de seu ex-guitarrista, Merv Shields, em decorrência de COVID-19. Shields permaneceu como um fiel neonazista até os últimos dias de sua vida, afirmando que a pandemia e as vacinas eram um complô judeu-marxista.

da hegemonia. Copsy aponta que a necessidade de tal abordagem metapolítica foi levantada já na década de 1970 pelos pensadores da Nova Direita Francesa, capitaneados pelo filósofo Alain de Benoist, uma das grandes influências da Alt-Right.

“In other words, a Gramscian-style counter-hegemonic struggle designed to capture cultural power (‘cultural hegemony’) as precursor to political power. ‘To sum it up with a simple formula’, De Benoist said, ‘the Enlightenment was born before the French Revolution, but the French Revolution would not have been possible without the Enlightenment’.¹³⁰

A última das tendências na evolução do neofascismo diz respeito à reabilitação do passado Fascista, expresso através do revisionismo histórico. A operação revisionista em pauta trata-se especificamente do esforço de relativização de uma série de temas que envolvem o holocausto, a atuação de Hitler e o papel da Alemanha Nazista na Segunda Guerra Mundial. O contexto do pós-guerra trouxe um cenário pouco fértil para a proliferação de grupos saudosistas, os Julgamentos de Nuremberg e a criminalização do Nazismo na Alemanha foram atos que exerceram um efeito considerável na opinião pública, assim como a publicização dos horrores da Solução Final e as câmaras de gás.

Já nas primeiras décadas da Guerra Fria, neofascistas se dedicaram a “desmascarar” a suposta conspiração sionista por trás do Holocausto. O esforço girava em torno de denunciar o genocídio como um grande mito de vitimização orquestrado pelos judeus - o objetivo não era somente a relativização, mas a negação do fato de que 6 milhões de vidas foram ceifadas em campos de extermínio. Trabalhando nessa direção, o jornalista francês Maurice Bardèche cria a revista *Défense de l'Occident* em 1952, tornando-se uma das maiores referências do negacionismo do Holocausto no continente.

O revisionismo histórico continua sendo um dos pilares do neofascismo, e nos dias de hoje ampliou seu expediente para outras áreas. Na América do Norte por exemplo, a relativização da escravidão e do genocídio dos povos nativos é um tema

¹³⁰ Idem. p. 109.

comum, que costuma vir acompanhado de uma tentativa de reabilitar o Sul escravista e a segregação racial.

O aporte fornecido por Copsey é útil por registrar algumas das modificações mais importantes ocorridas no interior do neofascismo desde a metade do Século XX até os nossos tempos. Nos capítulos subsequentes vamos observar como a desterritorialização, a metapolitização e o revisionismo histórico se refletem atualmente no discurso de intelectuais e aparelhos privados identificados com a Alt-Right. Ao mesmo tempo, é importante não perder de vista que a rede de grupos que motiva a presente pesquisa foi capaz imprimir sua própria marca ideológica, refletindo a necessidade de oferecer uma resposta ao cenário do seu próprio tempo.

1.5.1 O Neofascismo no Século XXI e a Alt-Right

No decorrer do percurso a nossa proposta se encarregou de percorrer alguns nomes relevantes da historiografia sem perder de vista suas lacunas e contribuições, da mesma forma que trouxemos alguns tópicos cruciais para a compreensão do processo histórico que envolve o neofascismo em seu surgimento até o tempo presente. Neste segmento, pretendo demonstrar como os conceitos de “direita grupuscular” e “rizoma” podem ser instrumentalizadas para esclarecer as estratégias de organização do neofascismo atual.

Nossa principal referência será Roger Griffin, que como vimos, se firmou na década de 1990 como um dos expoentes do campo de estudos do Fascismo. O ponto de partida tomado por Griffin é similar ao apresentado na seção anterior. Após a derrota do Eixo o ambiente Europeu era completamente diferente daquele da década de 1920, ocasião onde Mussolini e Hitler conseguiram cativar multidões, eliminar a oposição e

criar um partido de massas. As possibilidades de trilhar o mesmo caminho eram inexistentes, o contexto era outro, o que obrigou os nazifascistas do pós-guerra a adotarem novas estratégias. Os grupúsculos começam a se formar a partir das barreiras impostas pelas democracias liberais na Europa, as milícias trajadas de preto deram lugar a células que operavam muitas vezes na clandestinidade, à margem do sistema político partidário. De acordo com Griffin, os grupúsculos operam de forma autônoma e fragmentada, independente de líderes, podendo ou não constituir laços, engendrando uma rede maior:

“As a result the groupuscule has the Janus headed property of combining organizational autonomy with the ability to create informal linkages with, or reinforce the influence of other such formations. This enables groupuscules, when considered in terms of their aggregate impact on politics and society, to be seen as forming a non-hierarchical, leaderless, and centreless (or rather polycentric) movement with fluid boundaries and constantly changing components.”¹³¹

Essa trama de pequenas unidades pode ser representada por uma formação maior, entendida pelo autor como um “rizoma”. O conceito foi criado pelos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari¹³², e foi instrumentalizado por Griffin em sua análise sobre o neofascismo. Originalmente, a palavra “rizoma” é oriunda da botânica, sendo utilizado para definir certos tipos de raízes como o gengibre e as variadas espécies de gramíneas. Os rizomas são capazes de se espalhar pelo solo originando novas ramificações que podem ou não se interligar, formando uma rede descentralizada. Traduzindo para o uso específico das ciências humanas, a analogia elaborada por Griffin é expressa nos seguintes termos:

“When applied to the groupuscular right the concept ‘rhizome’ throws into relief its dynamic nature as a polycratic movement by stressing that it does not operate like a single organism [...]. it behaves like the tangled root-system of some species of grass and tuber, displaying ‘multiple starts and beginnings which intertwine and connect which each other’, constantly producing new shoots as others die off in a unpredictable, asymmetrical pattern of growth

¹³¹ GRIFFIN, Roger. From Slime Mould to Rhizome: An Introduction to the Groupuscular Right. *Patterns of Prejudice*, vol.37, n.1, Março 2003. p. 4-5.

¹³² DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34. 1995-1997.

and decay. If a political network has a rhizomic political structure it means that it forms a cellular, centreless, and leaderless network with ill-defined boundaries and no formal hierarchy or internal organizational structure to give it a unified intelligence.”¹³³

O caráter descentralizado da Alt-Right é uma de suas características fundamentais, fazendo com que seja muito melhor representada por uma rede de pequenos grupos do que como um partido monolítico de massas. Poderíamos falar de representantes, ou até mesmo líderes, como Richard Spencer e Jared Taylor, mas nenhum deles desempenha uma função de autoridade centralizadora, ambos estão à frente de seus aparelhos privados de hegemonia, exercendo um controle limitado aos seus respectivos grupúsculos.

Devemos evitar o equívoco, por outro lado, de entender todos os grupúsculos como entidades homogêneas defensoras dos mesmos programas e estratégias. No caso da Alt-Right, frequentemente divergem e não raro apresentam relações conflituosas, na maioria das vezes por questões ideológicas ou até mesmo imbróglios de cunho pessoal, daí podemos destacar, mais uma vez, que os rizomas são dotados de inúmeras ramificações que podem ou não se conectar, mas continuam fazendo parte do mesmo organismo. Em vias de adensar nossa análise sobre as diferenças internas, seria interessante suscitar o que Griffin entende como as “*três atividades primárias*”¹³⁴ dos grupúsculos. Em primeiro lugar “*a elaboração e disseminação ideológica*”, em segundo, a “*coordenação e ligação com outros partidos de direita, organizações e grupúsculos*”, e por último, “*O planejamento e realização de manifestações e atos de subversão contra o sistema ou agressão a inimigos ideológicos*”. É importante frisar que as práticas em questão são desenvolvidas independentemente umas das outras, posto em outros termos, à proporção que grupos como o American Renaissance se dedicam ao trabalho de base e produção de conteúdo ideológico, outros como os Proud

¹³³ GRIFFIN. Op. Cit. p. 9-10.

¹³⁴ Idem. P. 20.

Boys foram criados especificamente para o confrontar fisicamente opositores em manifestações públicas. Em vista do que foi debatido até o momento, podemos concluir que as “três atividades” são desempenhadas até mesmo conjuntamente, diferenciando o nível de prioridades entre cada grupúsculo.

Antes de concluirmos, é preciso levantar um último tópico que foi pouco abordado no artigo de Griffin. A internet aos poucos se tornou o meio corrente pelo qual os grupúsculos construirão todas as suas ações, e até mesmo atos de violência. Ainda que neste caso seu aspecto físico esteja fora de alcance, existem múltiplas maneiras de proporcionar atos violência através da internet. Uma prática que se tornou comum é conhecida pelo termo em inglês “*doxxing*”, que consiste na obtenção criminosa e divulgação pública de informações pessoais como endereço residencial, números de cartão e fotos íntimas. O roubo de dados ocorre através da violação de sistemas por hackers, e muitas vezes focam não só uma vítima em específico, como também seus parentes mais próximos a fim de potencializar os danos. Trata-se afinal muito mais do que um ato de violência simbólica e psicológica, pois abre espaço para a concretização de atos físicos, já que endereços e rotas frequentes são jogados para a esfera de fóruns anônimos e redes sociais, e, de quebra, acaba se tornando uma demonstração de que qualquer “desafeto” ou opositor com acesso a internet pode ser vitimado.

Um exemplo interessante que ilustra a prática do doxing ocorreu em 2017 justamente com um dos influenciadores renomados da Alt-Right, conhecido à época pelo pseudônimo “Mike Enoch”. Responsável pela criação em 2012 do website “The Right Stuff”, que hospedava textos e o podcast antissemita “The Daily Shoah”¹³⁵, Mike Enoch era conhecido e respeitado em meio a Alt-Right. A visibilidade gerada pela popularização de seu podcast atraiu atenção de usuários familiarizados com o doxing,

¹³⁵ A palavra “Shoah” vem do idioma judaico ídiche e significa algo como “catástrofe” ou “destruição”. Após a Segunda Guerra Mundial passou a ser usada entre os judeus para se referir ao Holocausto.

que não tardaram a divulgar publicamente alguns pontos omitidos por Enoch concernentes a sua vida pessoal. A pessoa por trás do pseudônimo respondia pelo nome Mike Peinovich, e curiosamente, apesar de todo seu antissemitismo, era casado com uma mulher judia. Peinovich foi forçado a reconhecer os fatos e a crise gerada por sua “traição” o afastou temporariamente de suas funções à frente do “Right Stuff”. Apesar dos percalços, o website foi reformulado e atualmente hospeda dezessete podcasts, ao passo que seu idealizador recuperou sua posição de respeito e credibilidade entre a Alt-Right.

A internet permeia todas as três atividades, e ampliou o escopo de atuação dos grupúsculos, facilitando suas interligações em direção ao que entendemos como uma formação similar a um rizoma. Nos Estados Unidos do século XXI e em boa parte do mundo ocidental, o neofascismo irá se comportar em padrões conforme Griffin aponta, se dividindo em inúmeros grupúsculos, abandonando os contornos dos partidos de massa da Alemanha e Itália do período entreguerras.

A internet irá fornecer possibilidades inéditas para que a ideologia excludente, autoritária e violenta por trás dos ternos e blazers da Alt-Right se dissemine silenciosamente por anos. Com as redes sociais e aplicativos de comunicação, manifestações e atos públicos são cuidadosamente planejados, o aliciamento de novas e velhas gerações é empreendido por meio de uma linguagem capaz de radicalizar as ansiedades e temores gerados pelas contradições sociais inerentes às democracias liberais.

À guisa de conclusão, espera-se que a discussão construída em torno de nossa chave interpretativa do neofascismo tenha ficado clara ao leitor. Como foi possível notar, o tamanho da bibliografia sobre o tema é desproporcional ao espaço disponível,

fato que nos impõe um recorte específico, bem como a necessidade discutir mais sobre certos aspectos do que outros.

Capítulo 2 – As Raízes do Extremo

No capítulo anterior, um dos objetivos esteve voltado para apresentar ao leitor alguns dos princípios básicos da Alt-Right em uma contextualização com seu tempo e seus posicionamentos mais característicos. Na presente fase de nossa investigação, voltaremos nosso prisma para alguns dos pensadores e movimentos políticos que construíram os alicerces ideológicos para que a rede de influenciadores, Aparelhos Privados de Hegemonia e outros grupos que compõem a Alt-Right pudessem vir à tona.

Parto do princípio que a Alt-Right não representa uma grande novidade em termos ideológicos, mas ao mesmo tempo, isto não significa que certas perspectivas ou apropriações de intelectuais renomados do Século XX não sejam dotadas de contornos inovadores, seja pela necessidade de responder a questões particulares de nossos tempos, seja pelo ímpeto de legitimar suas posições na autoridade de pensadores célebres.

O mapeamento das correntes ideológicas que influenciaram a Alt-Right foi elaborado a partir da pesquisa de sua própria produção intelectual, onde muitas vezes podemos testemunhar referências diretas ou indiretas a alguns dos autores selecionados no presente capítulo. Por conta da grande quantidade de obras, a extensão e a complexidade das distintas escolas de pensamento, foi preciso demarcar os autores escolhidos e as suas obras mais influentes. O propósito reside em tentar apresentar os intelectuais juntamente com uma contextualização de suas trajetórias e produções mais relevantes. Buscou-se demonstrar ao leitor até que ponto podemos notar a influência dos respectivos intelectuais e como elas se manifestam no discurso de personagens como Richard Spencer, Jared Taylor e Steve Bannon.

Optou-se por seguir uma linha cronológica, começando por Oswald Spengler e o contexto das primeiras décadas do Século XX e terminando com Patrick Buchanan no

início do Século XXI. Devido ao fato de acompanharmos um fio condutor de quase cem anos, foi necessário sintetizar os aspectos e obras que estabeleceram o maior afluxo ideológico sobre a Alt-Right, contingência que impôs um limite quanto a possibilidade de efetuar uma exposição mais aprofundada. Seguindo o mesmo expediente, optamos por escolher um autor que melhor represente uma determinada geração ou escola filosófica, por outro lado, não nos furtamos de recorrer a pesquisadores que fornecem um panorama de contextualização geral e de seus intérpretes mais destacados, por conseguinte, seria importante pontuar que a quantidade de nomes ausentes do presente capítulo, de nenhuma forma pode incorrer na conclusão de que a análise dos selecionados seja o suficiente para abarcar todas as raízes ideológicas da Alt-Right.

Poderíamos mencionar, por exemplo, os teóricos das elites, em especial Robert Michels e seus epígonos estadunidenses, James Burnham e o paleoconservador Samuel Francis. Como veremos em outras oportunidades no presente trabalho, uma quantidade considerável de pensadores do final do Século XIX e início do XX forneceram os pilares para a nova geração da extrema direita encarnada pela Alt-Right.

Friedrich Nietzsche e sua postura explosiva frente a modernidade e o niilismo de seu tempo, poderia ser apontado como um dos nomes que galgaram décadas para encontrar uma nova geração de jovens perturbados pela realidade a sua volta. Em um processo similar, nomes associados ao grupo dos Conservadores Revolucionários da Alemanha, como Ernst Jünger e Carl Schmitt poderiam facilmente ser tratados como objetos de uma pesquisa exclusiva, tal foi a influência de seus escritos sobre os espíritos vindouros.

2.1 – Oswald Spengler - O Pessimismo e o Crepúsculo do Ocidente

Difícilmente poderíamos abrir este capítulo com outro nome que não o de Oswald Spengler. Na primeira parte do presente trabalho, sobrevoamos algumas das fontes intelectuais que nutrem ideologicamente a Alt-Right, neste aspecto, algumas influências como os intelectuais paleoconservadores e a *Nouvelle Droite* acabam se sobressaindo pela participação direta - ainda que por um período datado - em conferências e atividades de grupos como a American Renaissance e o National Policy Institute, contudo, o caso de Spengler entre outros autores de sua geração suscitam uma análise mais cuidadosa.

Nascido em 1880, Spengler cresceu entre o final dos Oitocentos e o início do novo Século, onde pôde testemunhar todo o desenvolvimento técnico e científico acarretado pela revolução industrial. As florestas bucólicas e atmosferas medievais das óperas de Wagner aos poucos eram substituídas por estruturas de concreto cinzentas e suas longas chaminés. As vilas se transformavam em cidades, o prestígio imemorial da aristocracia prussiana era substituído pelo materialismo burguês e o secularismo liberal. Foram tempos onde o termo “modernidade” parecia definir muito bem o princípio de um novo ciclo de desenvolvimento civilizacional, não obstante, Spengler notabilizou-se como um profeta que veio para anunciar o início do Fim.

Spengler publicou o primeiro volume de sua obra mais importante em 1918, intitulada “O Declínio do Oeste”, com a segunda parte sendo publicada somente quatro anos depois. Segundo a contextualização oferecida pelo professor David Engels, da Universidade de Bruxelas, o status de celebridade intelectual¹³⁶ logrado por Spengler foi

¹³⁶ ENGELS, David. Oswald Spengler and the Decline of the West. In: SEDGWICK, Mark (org.). Key Thinkers of the Radical Right. Oxford: Oxford University Press. 2019. p.5.

o suficiente para transcender as fronteiras de seu país, e seu *magnum opus* não demorou a receber edições traduzidas.

“O Declínio do Oeste” notabilizou-se por apresentar uma interpretação muito particular e até certo ponto idiossincrática do que seria a História, de como as culturas e civilizações nascem, se desenvolvem, alcançam seu esplendor para em seguida entrar em um processo inevitável de decadência até o ocaso definitivo. Logo no prefácio do primeiro volume, o autor explicita duas de suas maiores inspirações¹³⁷: o grande poeta e escritor Johann Wolfgang von Goethe e o filósofo Friedrich Nietzsche, os quais forneceram o método e o espírito questionador para a sua realização como intelectual.

A perspectiva spengleriana era acima de tudo pautada por ciclos, onde os estágios são os mesmos transcorridos por qualquer ser vivo, as culturas são entendidas como entidades orgânicas, tais como as “flores” ou “carvalhos”, metáforas caras ao autor para exemplificar sua visão.

“Mankind is a zoological expression, or an empty word. But conjure away the phantom, break the magic circle, and at once there emerges an astonishing wealth of actual forms the Living with all its immense fullness, depth and movement hitherto veiled by a catchword, a dryasdust scheme, and a set of personal ‘ideals’. I see, in place of that empty figment of one linear history which can only be kept up by shutting one’s eyes to the overwhelming multitude of the facts, the drama of a number of mighty Cultures, each springing with primitive strength from the soil of a motherregion to which it remains firmly bound throughout its whole life-cycle, each stamping its material, its mankind, in its own image; each having its own idea, its own passions, its own life, will and feeling, its own death. Here indeed are colours, lights, movements, that no intellectual eye has yet discovered. Here the Cultures, peoples, languages, truths, gods, landscapes bloom and age as the oaks and the stone-pines, the blossoms, twigs and leaves but there is no ageing “Mankind.” Each Culture has its own new possibilities of self-expression which arise, ripen, decay, and never return. There is not *one* sculpture, *one* painting, *one* mathematics, *one* physics, but many, each in its deepest essence diferente from the others, each limited in duration and self-contained, just as each species of plant has its peculiar blossom or fruit, its special type of growth and decline. These cultures, sublimated life-essences, grow with the same superb aimlessness as the flowers of the field. They belong, like the plants and the animals, to the living Nature of Goethe, and not to the dead Nature of Newton.”¹³⁸

¹³⁷ SPENGLER, Oswald. *The Decline of the West: Outlines of a Morphology of World History*. Vol.1. New York: Alfred A. Knopf. 1927. p. XIV.

¹³⁸ Idem. p. 25.

Apesar de longa, a passagem é valiosa pois nos permite desdobrar alguns dos aspectos mais relevantes para nossa análise. Primeiramente temos contato com a já mencionada teoria dos ciclos o arcabouço por onde se ergue todo o pensamento spengleriano, todavia, pretendo chamar atenção do leitor para alguns fundamentos específicos do seu olhar: em primeiro lugar, para Spengler cada civilização é única, dotada de uma cosmovisão (*weltanschauung* no original em alemão) própria, de uma conexão vital com um território (“*motherregion*”, como o autor prefere) onde são erigidas determinadas culturas. Este ponto específico flui direta e indiretamente na ideologia da Alt-Right que é adaptado, guardadas as devidas proporções, para justificar o vínculo dos brancos e descendentes europeus com um continente que se vê ameaçado por imigrantes, sejam eles da América Latina, da Ásia ou do Norte da África. Como veremos ainda no presente capítulo e o no próximo, essa influência pode ser percebida desde Alain de Benoist e Julius Evola até Steve Bannon e Richard Spencer.

Por último, a filosofia do vitalismo, que entende os seres vivos como dotados de uma existência que se encontra além do plano material, posto em outros termos, o vitalismo parte do princípio que organismos vivos, desde os vegetais até o homo sapiens, são munidos de um elemento não-físico, diferentemente de objetos ou constructos inanimados. Spengler pautou-se pelo vitalismo para analisar as culturas, as quais passaram a ser compreendidas como um organismo vivo, cada uma delas com características particulares, o que as torna únicas. Porém, o postulado incorre a inevitabilidade da finitude. O autor ergue sua teoria com o lastro na História dos povos e civilizações antigas, chegando à conclusão que todas as “nove culturas”, em seu devido tempo, entrarão em um longo processo de declínio. Mais uma vez, recorreremos ao professor David Engels para aprofundar nossa análise:

“These cultures— according to Spengler, nine (the Egyptian, the Babylonian, the Indian, the Chinese, the Greco- Roman, the “Magic” or “Arabic,” which included early and Byzantine Christianity as well as Islam, the Mexican, the

Western, and, finally, the Russian) — coexist in time and space and thus interact to some degree with each other, but have no real “internal” connection with one another. Their evolution thus only follows their own inner logic and cannot be influenced by outer factors, except for the “Mexican culture,” literally “beheaded” by the conquistadores— a further and sad proof for the absence of any proper “sense” in history, if one is to believe Spengler.”¹³⁹

O excerto levanta um traço importante da teoria de Spengler. As culturas podem interagir, mas em seu núcleo, não são capazes de se conectar em um nível mais complexo, pois seus *ethos* particulares funcionam como uma de barreira contra pressões externas. O problema é aprofundado na continuação do comentário de Engels a seguir.

“According to Spengler, who seems to be using the classic German concept of the *Volksgeist* (national character) first developed by Herder, each of these nine cultures is characterized by a specific, inimitable “soul image” (*Seelenbild*) or worldview, which is largely inaccessible to anyone from the outside. This also explains why any real intercultural dialog or fusion is considered as thoroughly impossible: the takeover of the spiritual or artistic creations of other cultures can be based only on their misinterpretation and must remain superficial, comparable to the use of architectural remnants of bygone societies through misplaced *spolia*.”

A passagem insere outro ponto nevrálgico da apropriação hodierna de Spengler, a qual costuma ser traduzida no viés da xenofobia e do racismo, que denuncia a chegada de agentes externos que trazem consigo um modo de vida exógeno, interferindo no equilíbrio e funcionamento da cultura local. Em outras palavras, o argumento é instrumentalizado com o objetivo de justificar a superioridade da cultura e das sociedades Ocidentais frente às levadas de imigrantes que não possuem o aparato necessário para compreender, ou assimilar o modo de vida local, gerando conflitos e ameaçando sua própria existência. Neste quesito, o que é entendido na atualidade como “multiculturalismo” ou a possibilidade que uma ou mais culturas possam coabitar em um mesmo espaço, encontra uma posição de destaque entre a longa lista de inimigos da “Civilização Ocidental”.

A Europa das primeiras décadas do Século XX foi interpretada por Spengler como o período em que a cultura ocidental já havia deixado para trás o seu auge,

¹³⁹ ENGELS, David. In: SEDGWICK, Mark (org.) Op. cit. p. 9

entrando no seu estágio de “civilização”, onde a difusão da tecnologia e a sociedade de massas suplantam as distinções e hierarquias tradicionais em prol da organização liberal, daí podemos extrair o significado da palavra “Declínio” no título de sua obra mais influente. Spengler asseverou ao longo de toda sua vida intelectual que o Ocidente se preparava para entrar em seu estágio de decrepitude, chegando ao final do Século XX em seus estertores. A pecha de “pessimista” associada à imagem do filósofo é oriunda de seu veredicto final: o fim de uma civilização, assim como o fim de qualquer forma de vida é incontornável, portanto, o que resta aos ocidentais é viver com responsabilidade e serenidade, evitando uma luta inútil contra o inexorável. No entanto, o longo processo do “Declínio” não é previsto pelo filósofo alemão como uma caminhada tácita rumo ao fim.

Em seus escritos, Spengler recorre a conduta de diferentes personagens históricos para afirmar que o único modo de governo alternativo às democracias liberais e sua natureza corrupta seria aquele que possui suas raízes no “Cesarismo”. O autor reitera que a última etapa da História Ocidental será marcada por uma disputa entre o moderno poder das elites financeiras e seu modelo de democracia liberal versus o ímpeto dos homens comuns de resgatar os antigos valores esmagados pela modernidade, guiados por um líder que inspira o heroísmo e incorpora as vontades do coletivo:

“Men are tired to disgust of money-economy. They hope for salvation from somewhere or other, for some real thing of honour and chivalry, of inward nobility, of unselfishness and duty. And now dawns the time when the form-filled powers of the blood, which the rationalism of the Megalopolis has suppressed, reawaken in the depths.[...] Caesarism grows on the soil of Democracy, but its roots thread deeply into the underground of blood tradition. The Classical Caesar derived his power from the Tribunate, and his dignity and therewith his permanency from his being the Princeps. Here too the soul of old Gothic wakens anew. The spirit of the knightly orders overpowers plunderous Vikingism. The mighty ones of the future may possess the earth as their private property for the great political form of the Culture is irremediably in ruin but it matters not, for, formless and limitless as their power may be, it has a task. And this task is the unwearying care for this world as it is, which is the very opposite of the interestedness of the money-power age, and demands high honour and conscientiousness. But for

this very reason there now sets in the final battle between Democracy and Caesarism, between the leading forces of dictatorial money-economics and the purely political will-to-order of the Caesars.”¹⁴⁰

A visível preferência pelo Cesarismo e a crítica ao liberalismo aproxima Spengler de muitos pensadores do início do Século XX, que como vimos no capítulo anterior, influenciaram o surgimento do Fascismo em sua profunda oposição ao que era identificado como o materialismo, tanto o originado na burguesia liberal quanto a sua versão marxista. A crítica do arranjo democrático-liberal da burguesia e sua admiração pelos valores nobreza prussiana aproximam Spengler de um conservadorismo de cariz elitista, um traço comum entre a geração de intelectuais como Julius Evola, Ernst Jünger, Carl Schmitt e o movimento dos “Conservadores Revolucionários” da década de 1920.

Apesar da simpatia pelo nascente regime Fascista na Itália, Spengler foi um crítico à direita do nazismo e da doutrina da supremacia racial ariana, posições estas que foram elencadas no livro “*The Hour of Decision*” (traduzido do original “*Jahre der Entscheidung*”) de 1933. Spengler viveu o suficiente para manifestar seu descontentamento com a ideia de que um “Terceiro Reich” poderia salvar a Alemanha e o Ocidente de seu ocaso, mas sua frágil saúde abreviou sua vida três anos antes do início da Segunda Guerra.

Apesar de sua influência ter encolhido em comparação com a década de 1920, o pensamento de Spengler abriu o caminho para certas concepções alarmistas comuns a vertentes da direita conservadora e entre neofascistas. A tese de que a cultura Ocidental ou raça branca - como prefere a Alt-Right - se encontram com seus dias contados é apropriada com frequência para justificar seu extremismo. A noção de que a Cultural Ocidental possui características únicas que se encontram ameaçadas de extinção pela

¹⁴⁰ SPENGLER, Oswald. *The Decline of the West: Outlines of a Morphology of World History*. Vol.2. New York: Alfred A. Knopf. 1927. p. 464 – 465.

imigração do Terceiro Mundo e diminuição das taxas de natalidade entre europeus poderiam ser interpretadas como manifestações das profecias apocalípticas de Spengler.

Veremos ao longo do presente trabalho que o pensamento do autor em questão voltou a encontrar um lugar de destaque desde o final do Século XX até o presente momento, o que pode ser atestado nas palavras de um de seus intérpretes recentes:

“Only in the late twentieth and early twenty- first centuries has there been something of a renaissance of Spengler, exemplified by an evergrowing series of studies and conferences. The end of the Cold War, the slow decline of Western political domination over the globe, the rise of China, the unification of Europe, the return of religious fundamentalism, the dominant place of Germany within the European Union and the increasing strength of populism have led to a rediscovery of *The Decline of the West*, not only in academia but also in the media. Spengler has again become a figure of interest, and there have even been attempts to reapply Spengler’s thought to the political realities and historical knowledge of the twenty- first century.”¹⁴¹

2.2 – Julius Evola e a Revolta contra o Mundo Moderno

Escrever sobre as raízes ideológicas da extrema direita no Século XXI sem uma menção a Giulio Cesare Andrea Evola, mais conhecido pela da versão latina de seu nome, “Julius”, é uma tarefa praticamente incontornável. Além de ser um dos expoentes do neofascismo, “O Barão”, epíteto oriundo de sua fase dadaísta, eternizou-se como um dos maiores representantes do esoterismo ocidental e da filosofia Tradicionalista.

Ao longo de sua prolífica vida intelectual, Evola escreveu sobre filosofia, doutrinas orientais, artes, política, entre outras temáticas diversas. Devido às proporções de sua obra, abordaremos os pontos que mais ecoam em nossos dias, onde temos a oportunidade de testemunhar personagens como Steve Bannon, citando o nome de Evola como uma de suas referências.

¹⁴¹ ENGELS, David. In: SEDGWICK, Mark (org.) Op. cit. p. 15.

Antes de realizar uma passagem mais alongada sobre como o pensador italiano entendia a História, o mundo, e a ação dos homens (a ênfase no masculino vem do próprio autor) na realidade, é preciso reconstruir brevemente o ambiente de condicionou sua formação intelectual e os alicerces sobre os quais todo seu edifício teórico foi erguido.

Nascido em Roma no ano de 1898, Evola não vinha de nenhuma linhagem aristocrática ou destacada, e além do fato de ter sido criado em uma família católica, pouco se sabe sobre sua infância e juventude antes da Primeira Guerra Mundial.

Alistado no exército de sua terra natal, Evola sobreviveu aos horrores da guerra, mas voltou profundamente abalado do conflito. De acordo com H. Thomas Hakl e Nicholas Goodrick-Clarke, dois dos pesquisadores de referência para a elaboração desta seção, o conturbado ambiente europeu após a guerra foi o palco para as revelações espirituais de Evola, que através do uso de psicotrópicos e períodos de contemplação nas montanhas da região alpina, teve contato com toda realidade transcendental, que se encontra muito além do estado vulgar da realidade palpável.

A partir de então, tem início a primeira fase da vida intelectual de Evola, que compreende seu período relacionado com o Futurismo e o Dadaísmo, sendo o último o mais relevante. De acordo com H. Thomas Hakl¹⁴², Evola enxergava no Dadaísmo um caminho para ascensão a formas superiores de consciência, permitindo sua tão almejada conexão com a esfera de realidade que se encontra além da matéria. Ainda hoje suas pinturas podem ser encontradas em certos museus da Itália, onde é reconhecido como um dos maiores expoentes do dadaísmo italiano. Apesar de sua amizade com Tristan Tzara, talvez o maior expoente do movimento artístico, Evola abandona sua carreira artística para se dedicar à filosofia.

¹⁴² HAKL, Thomas H. Julius Evola and Tradition. In: SEDGWICK, Mark (org.). Key Thinkers of the Radical Right. Oxford: Oxford University Press. 2019. p. 57.

A partir de então, na década de 1920, o italiano embarca em sua jornada como filósofo e estudioso do esoterismo e das doutrinas religiosas orientais, terreno onde irá se tornar consagrado. As maiores influências em sua perspectiva filosófica são oriundas do contexto germânico, nomes pioneiros da escola idealista como Fichte e Schelling forneceram as bases para a interpretação da realidade, enquanto que Friedrich Nietzsche e Oswald Spengler legaram as bases para a formulação de sua aversão à modernidade burguesa e o materialismo.

Durante a década de 1920 Evola se dedica em grande parte ao estudo da espiritualidade oriental como o *Tao te Ching* chinês, o Taoísmo nipônico, e o universo de ensinamentos do hinduísmo, principalmente os Vedas, o Tantrismo e a Yoga.

Por outro lado, a ascensão de Mussolini e os posteriores movimentos fascistas espalhados pela Europa não passaram despercebidos por Evola, que ensaiou uma tentativa frustrada de influenciar ideologicamente o regime através da revista *Ur*, editada no ano de 1927 em parceria com Arturo Reghini:

“Evola began writing political journalism in 1925. His articles reproached Fascism for its proximity to the church, the careerism of its functionaries, and its dependence on the bourgeoisie and the masses: Evola sought to transform Fascism in accordance with his precepts of spiritual aristocracy and monarchy. These attacks reached a climax in the publication of his book *Imperialismo Pagano* [Pagan Imperialism] (1928), in which he celebrated the ideal of ancient Rome, denounced all the Christian churches, and scourged the secular universalism of both American democracy and Soviet communism. Mussolini, for his part, was sufficiently impressed and interested in these matters to write a journal article in reply to Reghini’s exhortation for Fascism to initiate an era of “pagan imperialism.”¹⁴³

Goodrick-Clarke traz algumas informações interessantes no parágrafo acima. Além de testemunharmos a primeira publicação de cunho político do místico italiano, intitulada “*Imperialismo Pagano*” (1928), podemos notar que a relevância de Evola e sua revista foram o suficiente para suscitar uma resposta do próprio *Duce*. Todavia, conforme bem sabemos, uma guinada do Regime Fascista em direção a um

¹⁴³ GOODRICK-CLARKE, Nicholas. *Black sun: Aryan cults, esoteric Nazism, and the politics of identity*. New York: New York University Press, 2003. p. 56.

neopaganismo romano era uma possibilidade que beira o absurdo. O sonho de Evola e seu grupo foi sepultado definitivamente no firmamento do Tratado de Latrão em 1929, ocasião em que o Fascismo e a Igreja Católica selaram sua aliança.

Os últimos anos da década de 1920 representaram um dos maiores pontos de inflexão na carreira do místico. O autor, que há anos se debruçava sobre diferentes tendências do esoterismo, foi apresentado ao homem que se tornou símbolo da Filosofia Tradicionalista, o francês René Guénon. Neste ponto consideramos necessário expor ao leitor os princípios básicos do tradicionalismo e como esta vertente obscura do pensamento europeu que remonta ao Século XIX irá se tornar o ponto de partida para todas as reflexões evolianas posteriores.

Considerado como um mestre para o filósofo italiano, Guénon foi um estudioso e posteriormente praticante das doutrinas religiosas e filosóficas orientais. De acordo com Mark Sedgwick¹⁴⁴, um renomado pesquisador da corrente filosófica em questão, o místico francês foi profundamente influenciado pelo hinduísmo, em especial o *Vedanta*, que pode ser entendido como um corpo de interpretações dos *Vedas*, as antigas escrituras sagradas hindus.

As doutrinas em questão não eram uma novidade no Velho no Mundo, e vinham sendo traduzidas desde a primeira metade do Século XIX. A importância de Guénon reside principalmente em erguer uma conexão entre a sabedoria dos textos hindus e o que ele entendia como “*O Declínio do Ocidente*” – título e ao mesmo tempo diagnóstico de sua obra mais influente. O autor iniciou sua trajetória no campo da indologia em princípios da década de 1920, mas como veremos a seguir, sua perspectiva era muito mais próxima da teologia do que da História ou da Antropologia.

“Guénon não tinha nenhuma pretensão de seguir os padrões metodológicos da disciplina acadêmica da indologia. [...] a sua abordagem era teológica, e

¹⁴⁴ SEDGWICK, Mark. *Contra o Mundo Moderno: O Tradicionalismo e a História intelectual secreta do século XX*. Belo Horizonte: Âyiné. 2020.

não antropológica ou sociológica. Para Guénon, o hinduísmo era um repositório de verdade espiritual, não o corpo de crenças e práticas modificado ao longo do tempo tal como reconhecido pela academia ocidental no final do século XIX.”¹⁴⁵

No trecho acima podemos encontrar a premissa mais cara da interpretação de Guénon. Para o autor, o Ocidente se encontrava em uma fase de declínio que remonta ao final da Idade Média e vinha se aprofundando desde então. O “declínio” em pauta é compreendido sob a ótica da relação entre a humanidade e a “Tradição Integral”, que pode ser entendida como um corpo de sabedoria espiritual que conectava a experiência humana a uma realidade divina, superior em todos os aspectos ao plano da matéria. Esse conhecimento estava na base de todas as religiões antigas, mas permaneceu intimamente integrado até os dias de hoje principalmente nas religiões orientais, mas que ainda possuía resquícios em certos aspectos do cristianismo. A crença de que a sabedoria contida em religiões como o hinduísmo, budismo e o taoísmo são as herdeiras diretas dessa “*verdade primeva*”, revelada aos povos nos primórdios da civilização, ficou conhecida como “Filosofia Perene” ou “Perennialismo”.

Mas e em relação ao Ocidente? Quando foi que perdemos nossa capacidade de transcender em direção ao divino? Existe uma solução para o quadro em que nos encontramos?

No que tange a primeira pergunta, a resposta, como já sinalizamos anteriormente, está diretamente relacionada com a modernidade, realidade em que os vis interesses materiais subjugarão por completo o conhecimento superior da Tradição. Guénon, assim como outros pensadores de seu tempo, localizam no período do Renascimento Europeu e seus desdobramentos filosóficos a origem do profundo niilismo em que nos encontramos. Neste aspecto, as hierarquias, autoridade da realeza, o prestígio da aristocracia, e a primazia da espiritualidade sobre o racionalismo,

¹⁴⁵ Idem. Ebook sem paginação.

poderiam ser apontados como algumas reminiscências das sociedades tradicionais que foram esmagadas em um momento em que a ideia de progresso e a ciência pareciam pautar a essência da vida terrena. Poderíamos compreender, em suma, que a civilização ocidental moderna, com seu novo estágio de desenvolvimento das forças produtivas, a secularização da vida e o materialismo liberal, era um antípoda da civilização tradicional, que tinha como arcabouço absoluto da existência humana o seu elo com os domínios divinos. O diagnóstico fornecido por Guénon é análogo ao de Spengler: o lento desmoronamento e fossilização da Civilização Ocidental – contudo, ao contrário do filósofo alemão, Guénon ainda acreditava na possibilidade de impedir esse destino.

No que toca a segunda questão, como não poderia deixar de ser, a resposta fornecida pelo pensador francês se encontra ao Leste. Para os tradicionalistas, os 500 anos do afastamento do Ocidente de suas raízes espiritualistas, foram o suficiente apagar sua ligação com as verdades primordiais. A única possibilidade de salvação, de acordo com Guénon, se encontrava na imersão de uma “elite” - um seletivo grupo de iniciados com o dever ascético sobre as doutrinas orientais, estes, seriam os emissários entre o Ocidente e as revelações há muito esquecidas pelo homem moderno em sua arrogância e individualismo. Esse grupo seria responsável por restaurar, por meio da transmissão de seus ensinamentos, a Civilização Tradicional.

As previsões não tão alvissareiras do místico francês estão plenamente inseridas no *ethos* da direita conservadora europeia dos princípios do Século XX, mas até onde foi possível investigar, Guénon não era afeito à militância política, e suas obras não redigidas com o objetivo de alcançar o grande público. O último grande legado teórico deixado para seu epígono mais exaltado, foi a interpretação da História através dos ciclos hindus. Em seu mencionado livro, *La Crise du Monde Moderne*, também

podemos encontrar uma justificativa de cunho esotérico para o estado de depressão espiritual em que o Oeste se encontra.

De acordo com as doutrinas hindus, o tempo é dividido em um ciclo infinito de quatro eras, ou “*Yugas*”. Os estágios correspondem as eras de ouro, prata, bronze, e por fim, de ferro. É justamente na última e mais longa fase que nos encontramos, a “*Kali Yuga*”, também chamada de “era sombria” pelos tradicionalistas.

Tal interpretação pessimista e que desprezava o materialismo burguês da emergente sociedade de massas europeia, foi uma grande inspiração para Evola, que fundiu o esoterismo oriental com uma posição política radical o suficiente para enquadrá-lo à direita do Regime Fascista de Mussolini.

Inspirado não só pelo seu mestre francês como também por todo contexto intelectual da direita europeia de sua geração, Evola publicou “*Rivolta Contra il Mondo Moderno*” em 1937, livro que até os dias de hoje permanece como uma referência obrigatória entre diversos círculos da extrema direita. Em seu escrito, o autor demarca todo seu elitismo, construído por meio de uma interpretação que mesclava política, misticismo e uma profunda ojeriza a toda tradição filosófica da Europa Ilustrada.

“Here Evola described a metaphysical Aryo-Vedic tradition that allegedly governed the religious and political institutions of archaic Indo-European societies. [...] The sacred nature of regal authority, the mystery of ritual, initiation and consecration, the divine origins of patrician rule, chivalry and a rigid caste hierarchy defined this traditional world in utter opposition to the secular, individualistic and liberal concerns of the modern world. Like Guénon, Evola subscribed to the Hindu cycle of the ages and equated the modern world with the dark age or Kali Kuga, in which all tradition is forgotten, disorder is rife and society is degenerate.”¹⁴⁶

A proeza de Evola repousa até hoje em sua capacidade de lastrear seu radicalismo em uma fusão do esoterismo oriental com as vertentes mais radicais da direita do período entreguerras. Em seu furor para discriminar os indivíduos elevados da obtusidade das massas, o autor entendia que o sistema de castas indiano era uma

¹⁴⁶ GOODRICK-CLARKE, op. cit., p. 57.

estratificação universal, que poderia ser aplicado em seu próprio tempo e sociedade. Enquanto seu mestre francês era identificado com a sabedoria e a placidez dos sacerdotes ou *Bhramins*, Evola se enxergava como um orgulhoso guerreiro *Kshatriya*, ambos representavam os extratos superiores da estratificação social hindu. Por outro lado, os comerciantes e usurários *Vaishyas* e os *Shudras* em sua eterna servidão, representavam as camadas inferiores. De acordo com Evola, cada um dos estágios do ciclo era marcado pelo domínio e influência de uma classe. No momento em que escrevia, Evola chegou a conclusão que as disputas entre os trabalhadores e a burguesia nada mais eram do que as camadas inferiores digladiando-se pelo poder, ao passo que a verdade primordial, a conexão transcendental com o divino há muito ocupavam a seara do misticismo e das mitologias. Qualquer menção a ideia de “progresso”, por conseguinte, deveria ser descartada como um refugio da visão materialista da caminhada humana rumo a sua própria ruína. Em outras palavras a História, para Evola, deveria ser entendida dentro de um ciclo de involução – do transcendental e divino em uma espiral descendente rumo ao materialismo cientificista da modernidade.

Foi sobre os parâmetros discutidos até agora que Evola ingressa na década de 1930 como uma referência intelectual da extrema direita, o que pode ser melhor expresso em sua afinidade ideológica com os partidários da *Konservative Revolution* germânica. Segundo Franco Ferraresi, uma das maiores referências para o estudo da extrema direita na Itália pós 1945, o pensador italiano era respeitado entre os membros do *Herrenklub*, uma associação de aristocracia conservadora alemã que chegou a recebe-lo para uma preleção em 1934¹⁴⁷.

As décadas de 1930 e 1940 foram marcadas pela relação dúbia entre Evola e o Nazifascismo. Evola era amigo e admirador de Corneliu Codreanu e sua Legião do

¹⁴⁷ FERRARESI, Franco. Julius Evola: Tradition, reaction, and the radical right. *European Journal of Sociology/Archives Européennes de Sociologie*, v. 28, n. 1, p. 107-151, 1987. p. 107.

Arcanjo Miguel, mas guardava um posicionamento crítico (sempre à direita) quanto ao farol da extrema direita do contexto em questão, o Terceiro Reich. Podemos ter um exemplo que ilustra o momento em questão no excerto abaixo:

“It was mainly the apparent leanings of National Socialism toward the Germanic past and to ancient symbols, as well as its emphasis on loyalty, discipline, and readiness for sacrifice, that led Evola to a closer approach to Germany and especially to the SS, which he admired— at least to begin with— as a spiritual warrior order. [...] The point of contention was above all the Führer Principle, which, in Evola’s view, lacked any legitimacy from a transcendent authority, referred only to the people, and consequently had to act in a demagogic fashion. Evola also opposed the purely biological racial principle, as well as the whipping- up of nationalist feelings.”¹⁴⁸

O antissemitismo também fez parte do expediente ideológico do filósofo, que enxergava os judeus como representantes notórios do materialismo burguês e agentes promotores do cientificismo e do comunismo. Nomes como Karl Marx e posteriormente Sigmund Freud e Albert Einstein seriam a confirmação do espírito profano compartilhado pelos descendentes de Abraão. O conceito de raça em Evola partia de premissas completamente diferentes da eugenia, a qual era considerada mais um ataque cientificista contra as “verdades primordiais”. O autor entendia que o fator de diferenciação era espiritual, e não de cor ou etnia. As hierarquias deveriam ser estabelecidas conforme o grau de conexão com aos valores mais elevados do universo metafísico, portanto, questões relacionadas à aparência eram pouco relevantes. Evola era um admirador das SS não pelo seu nível de pureza racial comprovado através do levantamento de genealogias, mas por sua postura heroica e sua autoridade natural, o que os equiparava aos guerreiros *Kshatryias* hindus, ou as aristocracias militares dos antigos gregos, romanos e persas.

A década de 1940 representou mais um ponto de inflexão em sua trajetória, que após ser ferido no bombardeio de Viena em 1944, foi obrigado por uma paraplegia a se movimentar em uma cadeira de rodas até os últimos dias de sua vida.

¹⁴⁸ HAKL, Op. cit., p. 63.

A derrota do Eixo e a nova ordem bipolar protagonizada pelas duas potências que representavam o oposto de toda cosmovisão tradicionalista, suscitaram uma veia crescentemente militante nos escritos de Evola, o que pode ser atestado na grande quantidade de artigos e suas brochuras mais relevantes do período, principalmente na década de 1950 em diante.

Pela primeira vez, viriam ao público escritos no formato de panfleto, destinados principalmente à juventude. Em um pequeno texto intitulado “Mensagem a Juventude” de 1950, Evola escrevia diretamente para a nova geração de homens¹⁴⁹, os novos encarregados de resgatar o conhecimento tradicional em um mundo dividido entre duas potências corruptas e materialistas. O homem que agora tentava se colocar como mestre dos *Kshatriyas* vindouros se esforçava para delinear os passos, alertar para os engodos do jogo partidário da política convencional e apontar o que deveria ser feito caso os jovens resolvessem se engajar na superação da *Kali Yuga*.

“If anything truly positive, like a new order, is ever to be attained, it will not be through the craftiness of democratic agitators and petty politicians, but through the natural prestige and recognition of men — of yesterday and even more so of the new generation — who are capable of as much and can vouch for their ideal.

Uprightness, however, implies adequate knowledge. Young people in particular must become aware of the intoxication which has spread across a whole generation through the many concurrent forms of a false view of life, and which has disintegrated this generation and deprived it of the inner strength to defend itself at the very moment it needed it the most. In one form or another, these poisons continue to operate within contemporary culture, science, sociology, and literature: these breeding grounds of infection must be identified and vanquished. Most prominent among them are Darwinism,

¹⁴⁹ Ao longo de toda sua obra, o autor deixa bem claro que as hierarquias tradicionais também se aplicam rigidamente na relação entre os sexos. Em seu sistema de pensamento, o mundo deve ser entendido a partir do binarismo, da relação entre os opostos. O dia e a noite, o Sol e a Lua, a luz e a escuridão, e assim por diante, pautam as verdades transcendentais das antigas civilizações tradicionais, logo, a mesma lei deve mantida no tocante a dicotomia entre o homem e a mulher. O primeiro, obviamente é identificado pelo Tradicionalista romano com a parte mais elevada, heroica e superior, enquanto que o feminino está encerrado em uma condição natural de inferioridade, realizando-se integralmente somente através do cumprimento da maternidade ou do papel de amante abnegada, que reconhece na satisfação do masculino o único meio de ascensão. O homem, portanto, antes de marido, pai ou irmão, é antes de tudo o senhor, a origem da autoridade primeva da virilidade sobre o feminino. Para uma visão mais aprofundada, ver o capítulo intitulado “Man and Woman”: EVOLA, Julius. *Revolt Against the Modern World*. Vermont: Inner Traditions International, 1995. p. 157-167.

Marxism, psychoanalysis, and existentialism. These ideologies convey the same degrading influence, the same attack against true man.”¹⁵⁰

Podemos identificar algumas particularidades valiosas na “Mensagem para a Juventude” acima. Evola indica que a mera organização por canais democráticos é nada mais do que uma ilusão caso alguém deseje lutar pela ascensão do plano metafísico sobre o mundo material. Por outro lado, revela os “venenos” que intoxicam o ideário das sociedades liberais, o darwinismo, o marxismo, a psicanálise e o existencialismo – todas são responsáveis por erguer novas muralhas entre os homens e as verdades Tradicionalistas.

O darwinismo por ser um desdobramento lógico do pensamento científico, que considera apenas a existência concreta como passível de análise e compreensão. O marxismo por amputar definitivamente qualquer possibilidade de ascensão espiritual, trazendo para o plano físico todas as questões do homem ao longo da História. Evola identifica que o marxismo, ao lado do liberalismo, transformou a existência humana em um mero gerenciamento da produção e da economia. As demandas fúteis da plebe por igualdade e o imperativo financeiro da burguesia forçaram a humanidade rumo ao precipício em que nos encontramos, pois recusa os ensinamentos fundamentais de que a base da vida humana repousa, acima de tudo, em sua ligação com forças muito maiores do que as leis e hierarquias sociais profanas definidas por contas bancárias.

Já a psicanálise ensinou aos homens que os domínios da consciência estão encerrados nas limitações do sistema nervoso e sua interação com a realidade. Freud negou a potencialidade transcendental da mente, o caminho que une o corpo físico ao divino. A formação do caráter e da personalidade são um resultado das relações humanas terrenas, apartadas de qualquer experiência com o sobrenatural.

¹⁵⁰ EVOLA, Julius. A Message to the Youth. In: A handbook for right-wing youth. Arktos Media, 2017. Ebook sem paginação.

Por fim, o existencialismo, que parte da premissa que a modernidade não pode mais contar com o consolo oferecido pela religião para ocupar o vazio da alma humana, decretou a ausência de um sentido intrínseco à existência, deixando aos indivíduos atomizados a tarefa de encontrar o próprio significado por si mesmos, o que trouxe a sensação de desenraizamento e o desdém por tudo o que se encontra além da experiência física, onde o espírito encontra sua razão de ser.

A conclamação para a organização e intervenção no plano material não foi em vão, levando a criação em 1956 do “*Ordine Nuovo*” (ON), uma tendência interna do *Movimento Sociale Italiano* ou MSI. Fundado por Pino Rauti, um dos epígonos de Evola, o ON buscava colocar em prática os ensinamentos de seu mestre, o que acarretou em uma série de atos de violência e terrorismo na Itália pelas próximas décadas. Boa parte da influência sobre a formação de células extremistas de direita na Europa tinha como base os 11 pontos contidos no panfleto “*Orientamenti*” de 1950. Evola aprofunda sua crítica sobre os já mencionados “venenos” ideológicos que afastavam a juventude de seus deveres heroicos para com a ordem primeva tradicional, orientando seus pupilos em direção ao que chamou de “*espírito legionário*”, o qual só poderia ser alcançado mediante a libertação interna das amarras da modernidade, um resultado que só encontra sua realização mediante autodisciplina ascética e o contato direto com o plano metafísico. O cultivo do espírito legionário deve ser o ponto de partida para qualquer ação no mundo, o que pode ser melhor entendido nas palavras do próprio autor, em seu terceiro ponto das “Orientações”:

“These forms of spirit can be the foundation of a new unity. What is essential is to seize them, apply them, and extend them from wartime to peacetime, especially this peace that is only a moment of respite and a poorly controlled disorder — until distinctions and a new grouping are established. [...] What we are hoping for, rather, is a silent revolution, proceeding in the depths, in which the premises are created, first internally and in individuals, of that Order that will later have to affirm itself externally as well, supplanting suddenly, at the right moment, the forms and forces of a world of subversion. The ‘style’ that has to achieve prominence is that of one who holds his positions out of loyalty to himself and to an idea, in an intense absorption, in

a rejection of every compromise, in a total commitment that must manifest itself not only in the political struggle, but also in every expression of existence: factories, laboratories, universities, the streets, and the very personal life of the affections. We need to reach the point where the type of which we speak, which must be the cellular substance of our group, is completely recognisable, unmistakable, and differentiated. Then we can say, ‘He is one who acts like a man of the movement.’”¹⁵¹

Seria difícil ler a esta peça de contornos épicos sem chegar à conclusão de que o mestre estava conclamando, na prática, a uma tomada de atitude absoluta, que no contexto da Itália da guerra fria, consubstanciou-se na formação de agrupamentos de soldados fanáticos prontos para sacrificar tudo - inclusive a própria vida - para a transformação heroica do mundo em direção à ordem primordial da Tradição. As consequências do chamado evoliano impactaram a Europa por pelo menos duas décadas¹⁵² de atentados a bomba, execuções e sequestros que ceifaram centenas de vidas. Para além do ON, facções de inspiração similar como o “*Terza Pozitione*”, o “*Movimento Revoluzionario Popolare*” e o “*Nuclei Armati Rivoluzionario*” foram os mais atuantes.

As remanescentes décadas da vida de Evola e seus últimos escritos, demonstram um profundo desalento em relação às transformações econômicas, políticas e culturais que pôde presenciar. Falecido em decorrência de um infarto em 1974, o filósofo viveu o suficiente para testemunhar o turbilhão que abateu o Ocidente nos últimos anos da década de 1960. O eventos de consagraram o “Maio de 68”, a popularização dos cantores folk como Bob Dylan e toda a bagagem transgressora do Rock’n Roll foram, aos olhos do velho filósofo tradicionalista, símbolos triunfais da futilidade e da desgraça moral advinda do niilismo burguês, o qual entorpeceria as mentes

¹⁵¹ EVOLA, Julius. Orientations. 1950. In: A handbook for right-wing youth. Arktos Media, 2017. Ebook sem paginação.

¹⁵² Os “*Anni di Piombo*” ou “Anos de Chumbo” foi um período marcado por intensa atividade terrorista tanto de grupos da extrema esquerda quanto da extrema direita. No caso dos Neofascistas inspirados por Evola, o atentado a bomba na estação de trem de Bolonha, perpetrado pelo “*Nuclei Armati Rivoluzionari*” em 1980 pode ser apontado como o episódio mais brutal, ocasião em que 85 pessoas foram mortas e mais de 200 ficaram feridas. Os “Anos de Chumbo” correspondem aproximadamente aos vinte anos entre as décadas de 1960 e 1980.

juvenis com um espírito “dionisíaco” até então inédito. A nova onda do movimento feminista e o fortalecimento de vertentes da esquerda tanto na Europa quanto nas Américas levaram o decrépito Evola a escrever uma série de pequenos textos¹⁵³ onde dava asas ao seu desprezo pela juventude que um dia sonhara inculcar o “espírito legionário”.

Contudo, a influência do filósofo tradicionalista de maneira nenhuma pode ser limitada às células terroristas dos Anos de Chumbo e a atuação político-partidária do MSI. Como vimos no capítulo anterior, Evola foi uma peça chave na reformulação crítica do Fascismo, acrescentando a sensibilidade pan-europeia em lugar do racismo de cariz eugenista e o nacionalismo cívico típico dos partidos e agremiações conservadoras do pós guerra, o que nos leva a concluir que não seria possível compreender as raízes ideológicas do Neofascismo no Século XXI sem considerar o legado deixado pelo autor.

Evola manteve por toda sua vida a rejeição aos modelos políticos e econômicos de sua época, pois considerava que as duas maiores forças de seu tempo - o Capitalismo e o Comunismo - estavam alicerçados na primazia do materialismo e do economicismo sobre metafísico e espiritual. Sob a ótica evoliana, as democracias liberais nada mais eram do que uma versão diluída do igualitarismo radical do projeto político marxista, e tinham pouco ou nada a oferecer aos indivíduos que foram capazes de enxergar as revelações primevas da longínqua Idade de Ouro.

No que toca à expressão moderna da Igreja Católica - entendida pelos conservadores como um dos grandes bastiões da Civilização Ocidental - o pensador enxergava nada mais do que um repositório para o moralismo burguês e a domesticação do corpo e da consciência. A mensagem do cristianismo moderno, girava em torno de valores tais quais a piedade, amor ao próximo e da igualdade perante a Deus. Jesus

¹⁵³ Os artigos referentes aos últimos e melancólicos anos da vida de Evola podem ser encontrados na compilação publicada pela editora Arktos em 2017. Ver: EVOLA, Julius. A handbook for right-wing youth. Arktos Media, 2017.

Cristo, o receptáculo para a encarnação divina nos domínios terrenos, não bastasse sua humildade e caridade em relação aos párias de seu tempo, foi humilhado em público, torturado e morto cruelmente na cruz. De que forma este poderia ser considerado aos olhos do Tradicionalista romano um exemplo da autoridade divina implacável?

A chama da revolta evoliana, apesar de passados quase cinquenta anos de sua morte, foi mantida acesa por círculos de estudos esotéricos, pela Nova Direita Francesa, e, mais recentemente, testemunhou-se o reavivamento de um nome que até então permanecia restrito aos mencionados espaços. Ninguém menos do que Steve Bannon, ex-estrategista do governo Trump, não tinha problemas em mencionar o tradicionalista italiano e René Guénon como fontes de inspiração¹⁵⁴. Ao incluirmos a entrada “Julius Evola” nos motores de busca de websites neofascistas como American Renaissance, temos a oportunidade de avaliar por conta própria a relevância do autor. Nos últimos anos, a editora Arktos, do neofascista sueco Daniel Friberg, traduziu e publicou para diversas línguas sete livros¹⁵⁵ de Evola, que é apresentado em uma posição de destaque no website sob o epíteto de “*The Father of Radical Traditionalism*”.

Mais pelo seu inconformismo característico e sentimento pan-europeu do que pelo seu tradicionalismo esotérico, “*Il Barone*” permanece vivo no ideário da extrema direita do Século XXI, sendo lembrado quase como uma figura mítica ou um herói que tombou honrosamente na luta pela Civilização Ocidental.

¹⁵⁴ Para um relato em primeira mão a respeito da influência do Tradicionalismo sobre Bannon, ver: GREEN, Joshua. *Devil's Bargain: Steve Bannon, Donald Trump, and the Storming of the Presidency*. New York: Penguin Press. 2017. e TEITELBAUM, Benjamin R. *War for Eternity: The Return of Traditionalism and the Rise of the Populist Right*. London: Penguin. 2020.

¹⁵⁵ Dentre os quais, a compilação de artigos intitulada “*A Handbook for Right Wing Youth*”, é destacada pelo seu prefácio escrito por Gábor Vona, ex-líder e fundador do Jobbik, um dos partidos de extrema direita mais próximos do neofascismo na Hungria de Viktor Orbán.

2.3 – Alain de Benoist e a *Nouvelle Droite*

Escrever sobre Alain de Benoist e a Nova Direita Francesa (ND) se revelou uma tarefa mais complexa do que havia imaginado, longe ser um movimento intelectual datado, ou uma resposta a questões específicas de um determinado contexto histórico, a ND obteve sucesso em orientar alguns setores da direita conservadora do Velho Mundo em uma direção iliberal e anticomunista. A insuspeita erudição e a liderança de Benoist - decerto um dos pensadores mais sofisticados analisados no presente capítulo - foi exitosa em fazer da Nova Direita Francesa, uma Nova Direita *Europeia*.

Nosso objetivo nos próximos parágrafos será analisar os meandros da longa trajetória intelectual de Benoist em consonância com os pilares ideológicos que sustentam a *Nouvelle Droite*, trazendo à tona, quando possível, a sua influência sobre as propostas da Alt-Right.

Nascido em 1943, Alain de Benoist teve sua vida rodeada por fortes questões políticas e sociais desde os primeiros anos de sua juventude. Crescendo em meio ao tormento gerado pela Guerra de Independência Argelina, foi atraído precocemente pelo nacionalismo conservador potencializado pela figura de Charles de Gaulle. No início da década de 1960, de Benoist ensaiava seus primeiros voos como intelectual e militante da extrema direita, integrando a “*Federation des Étudiants Nationalistes*”, organizando atos públicos com o intuito de apoiar o colonialismo de sua terra natal. Ao longo da década de 1960 o autor estabeleceu vínculos com o viés da supremacia branca, clamando por um nacionalismo que superasse as fronteiras e abraçasse a raça branca europeia como seu ponto nevrálgico, todavia, até o final da década e a fundação de seu empreendimento mais importante, o GRECE, Benoist já havia renunciado a defesa da eugenia para se dedicar à formação de um novo ambiente ideológico e intelectual em seu continente, objetivo este que permanece em aberto.

O ativismo dos “estudantes nacionalistas” não foi o suficiente para manter a Argélia sob domínio da França, fazendo com que o jovem de Benoist abandonasse as ruas para se dedicar a formação intelectual. Em uma entrevista recente para o BuzzFeed News¹⁵⁶, o intelectual asseverou que repudia seus escritos iniciais, e considera que sua vida intelectual começou de fato a partir de 1968, quando sua “vida mudou completamente”.

Em janeiro de 1968, poucos meses antes do famigerado “Maio”, Alain de Benoist se reúne com intelectuais próximos para fundar o GRECE - *Groupement de recherche et d'études pour la civilisation européenne*, o Grupo de Pesquisa e Estudos pela Civilização Europeia. O GRECE passou a atuar como um agregador de pensadores da extrema direita francesa, que representavam diferentes vieses, no entanto o antiliberalismo e o nacionalismo europeu podem ser apontados como os princípios básicos do grupo.

O GRECE se tornou uma referência para aqueles que não estavam satisfeitos com a direita conservadora francesa, ainda muito ligada a tradição gaullista, e também representou um refúgio para aqueles que viam no liberalismo econômico e na crescente influência cultural dos EUA, um caminho sem volta para a Europa. Contudo, veremos mais adiante que o pensamento de Benoist e dos demais intelectuais ligados à Nova Direita Francesa e o GRECE não podem ser equalizados.

Uma das grandes inovações trazidas pelo pensador francês, foi gestada durante seu testemunho dos acontecimentos na Europa de 1968 e o surgimento da New Left. Benoist se deu conta que antes de que era necessário construir - antes de qualquer movimento político para ocupar as ruas - o ambiente cultural e social que fosse capaz de receber novas ideias que até então não eram toleradas dentro do campo liberal. Em

¹⁵⁶ BUET, Pierre; FEDER, J. Lester. The Man Who Gave White Nationalism A New Life. BuzzFeed News. 26 de Dez. 2017. Disponível em: <https://www.buzzfeednews.com/article/lesterfeder/the-man-who-gave-white-nationalism-a-new-life>. Acessado em: 28 de maio de 2022.

outras palavras, a mudança no campo cultural é imprescindível caso se deseje empreender uma ruptura com as estruturas dominantes, com o próprio *status quo* liberal.

Usando o termo originalmente cunhado por Antonio Gramsci, Benoist passa a defender a atuação através da metapolítica, a ferramenta indispensável para que qualquer mudança social seja empreendida:

“Metapolitics is not politics by other means. It is neither a ‘strategy’ to impose intellectual hegemony, nor an attempt to discredit other possible attitudes or agendas. It rests solely on the premise that ideas play a fundamental role in collective consciousness and, more generally, in human history. Through their works, Heraclitus, Aristotle, St. Augustine, St. Thomas Aquinas, René Descartes, Immanuel Kant, Adam Smith, and Karl Marx all triggered decisive revolutions, whose impact is still being felt today. History is a result of human will and action, but Always within the framework of convictions, beliefs and representations which provide meaning and direction. The goal of the French New Right is to contribute to the renewal of these sociohistorical representations.”¹⁵⁷

A metapolítica, portanto, não seria um fim, mas o meio para alcançar a “renovação” social desejada. O autor chegou a essa conclusão a partir da leitura dos escritos do marxista sardo entre o fim dos anos 1960 e 70, que também passou a acompanhar as contribuições da Escola de Frankfurt, principalmente Herbert Marcuse. A influência de Gramsci sobre a estratégia política adotada pela ND pode soar como um disparate, dado à quantidade de Teorias da Conspiração envolvendo o nome do filósofo italiano e sua demonização por setores da extrema direita, por conta disso, julguei interessante trazer ao leitor um excerto retirado de um artigo (disponibilizado em português) de Benoist dedicado a sua interpretação particular e o legado gramsciano:

“A atividade dos intelectuais contribui para destruir o consenso geral, a difusão das ideologias subversivas se ajusta aos defeitos intrínsecos dos regimes pluralistas. Porém, quanto mais se reduz o consenso, mais se fortalece a demanda ideológica, a qual é respondida pela atividade dos intelectuais. Assim, o efeito é contrário à maioria ideológica.

[...]

O esquerdismo europeu (o "marxismo ocidental", na terminologia de Gramsci) logo compreendeu a lição essencial de Gramsci. A saber: que a maioria ideológica é mais importante que a maioria parlamentar e que a

¹⁵⁷ DE BENOIST, Alain; CHAMPETIER, Charles. Manifesto for a European renaissance. Arktos, 2012. P. 9.

primeira sempre anuncia a segunda, assim como a segunda, sem a primeira, está destinada a derrubar-se.”¹⁵⁸

Será justamente sobre a imprescindibilidade de se obter a “maioria ideológica” antes da “maioria parlamentar” que o pensador francês e sua Nova Direita Francesa irão construir todo o seu esforço.

Do lado oposto, as influências de Benoist remontam aos pensadores germânicos vinculados à “*Konservative Revolution*”. O autor foi apresentado ao pensamento de Ernst Jünger por seu aprendiz mais renomado, Armin Mohler, que manteve contato com Benoist enquanto trabalhava como jornalista em Paris. Podemos notar esta influência através da grande quantidade de livros e artigos publicados que possuem como objeto principal as ideias dos intelectuais da mencionada geração, notadamente Carl Schmitt, Arthur Moehler Van der Bruck e Oswald Spengler. Ainda na colossal esfera da filosofia alemã, Friedrich Nietzsche e Martin Heidegger possuem um espaço único no pensamento de Benoist, que relatou ter o contato com o primeiro ainda na sua adolescência.

Essa pluralidade influências podem ser atestadas a partir dos próprios escritos do pensador francês, que ao longo de sua carreira já publicou 101 livros e mais de 2 mil artigos, que já foram traduzidos em 24 idiomas, inclusive o português. Uma parte dessa vasta bibliografia pode ser consultada em sua página pessoal¹⁵⁹.

Com o lastro fornecido por tantas escolas de pensamento distintas, Benoist foi capaz ir além da oposição a modernidade e ao liberalismo clássico em todas as suas expressões, avançando sobre a problemática que toca à questão étnica e cultural dos Europeus e sua relação com a quantidade crescente de imigrantes muçulmanos.

Conforme foi mencionado na introdução, a trajetória intelectual de Benoist abarca ao menos 50 anos e um número impressionando de publicações, portanto

¹⁵⁸ DE BENOIST, Alain. Compreendendo Antonio Gramsci. Legio Victrix - 8 de outubro de 2010. Disponível em: https://s3-eu-west-1.amazonaws.com/alaindebenoist/pdf/compreendendo_antonio_gra.pdf

¹⁵⁹ Uma amostra pode ser encontrada na sessão “*textes*” e “*librarie*”. Ver: <https://www.alaindebenoist.com/>.

recorreremos ao cientista político Jean-Yves Camus, diretor do Observatório das Radicalidades Políticas (ORAP) da Fundação Jean Jaurès, com o objetivo de analisar o que é entendido como os três pontos chave¹⁶⁰ que pautam o ideário da Nova Direita Francesa. Primeiramente temos a já habitual recusa do legado iluminista, que considera os homens iguais e trouxe o modelo democrático e republicano como o cerne da vida política. O reconhecimento do individualismo liberal típico dos EUA como um dos principais inimigos também é uma característica desse primeiro ponto, o qual trata basicamente de tópicos interligados à noção de progresso e modernidade.

O segundo ponto chave reside na oposição ao neoliberalismo e às expressões do capitalismo financeiro, os quais, entre outros desdobramentos, são responsáveis por reduzir a existência humana à esfera econômica e do consumismo. Uma questão interessante em torno da crítica da ND é que ela não deixa escapar as consequências ambientais e a expansão predatória do capital sobre a natureza. Segundo Camus, Benoist chegou a ser acusado de ter adotado um viés próximo ao da esquerda em sua visão crítica do capital por conservadores mais convencionais, o que dificilmente possui respaldo na realidade, pois a oposição ao avanço da industrialização e as consequências ambientais da máquina de acumulação do capital no meio ambiente já estavam presentes em um grande número de pensadores conservadores europeus de fins do Século XIX e início do XX, principalmente os caudatários do romantismo reacionário e a geração dos conservadores revolucionários na Alemanha. Uma curiosa forma de ilustrar a posição de Benoist está contida em uma entrevista onde o autor compartilha sua análise do programa de governo e propostas do atual governo Jair Bolsonaro no início de 2019:

“What I observe at the same time, is that he was the candidate of the financial markets before all (the São Paulo Stock Exchange leaped 6% the day after his

¹⁶⁰ CAMUS, Jean- Yves. Alain de Benoist and the New Right. In: SEDGWICK, Mark (org.). Key Thinkers of the Radical Right. Oxford: Oxford University Press. 2019. p. 76-77.

victory), multinationals, starting with Monsanto, and the lobby of large landowners (la bancada ruralista), and that it was the evangelical churches, controlled by North American televangelists and steeped in Zionist messianism, who gave him the most decisive support (formerly Catholic, he converted to evangelicalism by being symbolically baptized in the Jordan in 2016).”

É de certa forma surpreendente o quão atualizado Benoist estava sobre o contexto político do Brasil há quatro anos atrás, talvez mais surpreendente seja o embasamento da crítica quando perguntado pelo entrevistador se ao menos o fato de Bolsonaro arrogar para si o epíteto de “nacionalista” não seria algo de positivo:

“More than a nationalist, this character, humanly rather hollow and devoid of scruple, is in reality a liberal¹. It suffices to see his entourage. The strong man of his government, who alone has accrued five ministerial portfolios, is Paulo Guedes, co-founder of the investment bank BTG Pactual, an ultraliberal trained by the Chicago School, a former student of Milton Friedman, who also founded the Millennium Institute, with a libertarian and pro-pesticide orientation, before serving under the Chilean military dictatorship. The Minister of Foreign Affairs, Ernesto Araújo, is an anti-ecologist diplomat linked to agribusiness interests. The Minister of Agriculture, Tereza Cristina, is the representative of the large landowners lobby (la bancada ruralista). The Minister of Education, Ricardo Vélaz Rodríguez, a Colombian naturalized as a Brazilian, is a disciple of Antônio Paim, formerly a communist intellectual who has become an ultraliberal today. And their common guru, Olavo de Carvalho, is a “thinker” residing in the United States where he offers “online” philosophy courses. For me, all that is prohibitive. On principle, I will never condone a right turn that accompanies itself with a strong resurgence of liberalism.”¹⁶¹

O panorama oferecido pelo pensador francês dificilmente poderia ser reduzido a um simples ataque por questões ideológicas. De Benoist confirma sua posição como um conservador antiliberal, e de quebra revela o cerne de seu pensamento no que toca à política econômica ultraliberal e suas consequências. Sigamos agora para o último ponto chave das propostas da ND.

O terceiro e último ponto chave é o mais inovador, e certamente foi o que obteve maior impacto entre a recente geração da Alt-Right. Benoist parte do princípio que o modelo político atual é uma das causas do esvaziamento da conexão da humanidade

¹⁶¹ Alain de Benoist: Jair Bolsonaro’s program is appalling!. Geopolitika.ru. 11 de jan de 2019. Disponível em: <https://www.geopolitika.ru/en/article/alain-de-benoist-jair-bolsonaros-program-appalling>. Acessado em: 28 de maio de 2022.

Para a entrevista original concedida ao jornal francês Boulevard Voltaire, ver: <https://www.bvoltaire.fr/alain-de-benoist-le-programme-de-jair-bolsonaro-est-consternant/>.

com suas raízes étnicas e culturais - a já mencionada república nos moldes “jacobinos” e da constituição estadunidense estão entre as causas, com suas noções dominantes de direitos individuais e igualdade.

Uma das saídas encontradas pelo pensador francês se expressa em um modelo um tanto incomum: a criação de pequenas comunidades baseadas principalmente na etnicidade, mas que também levaria em conta fatores como religião e língua. A determinação de uma identidade calcada na etnia é um pressuposto básico para a formação de tal arranjo, sendo um dos pontos mais importantes no pensamento da ND. Indo na contramão de setores da extrema direita que abraçaram a supremacia branca, Benoist desaprova o racismo e defende que todos povos tem o direito de auto preservação de sua identidade coletiva e cultural, um direito que não deve ser alienado dos Europeus:

“The French New Right upholds the cause of peoples, because the right to difference is a principle which has significance only in terms of its generality. One is only justified in defending one’s difference from others if one is also able to defend the difference of others. This means, then, that the right to difference cannot be used to exclude others who are different. The French New Right upholds equally ethnic groups, languages, and regional cultures under the threat of extinction, as well as native religions. The French New Right supports peoples struggling against Western imperialism.”¹⁶²

O “direito a diferença” é ponto de partida para que os diferentes povos definam sua própria identidade e se organizem para defender sua herança cultural, o Estado Nação e o nacionalismo cívico, carecem de significado na perspectiva de Benoist. No que tange ao racismo, o autor argumenta que este é baseado em pressupostos do positivismo científico, instrumentalizado no afã de “mensurar” as características de cada raça e em decorrência disso estabelecer hierarquias baseadas em caracteres físicos. Em contrapartida, o autor também critica o que entende como o “antirracismo universalista”, pois este tende a igualar a diversidade humana, nivelando todos pelo

¹⁶² DE BENOIST, Alain; CHAMPETIER, Charles. Op. cit. p. 36.

critério de pertencimento a mesma espécie. Qual posição resta a Benoist e a ND em meio a este complexo debate? A resposta está no “antirracismo diferencialista”:

“Differentialist anti-racism, to which the New Right subscribes holds that the irreducible plurality of the human species constitutes a veritable treasure. Differentialist anti-racism makes every effort to restore an affirmative meaning to ‘the universal’, not in opposition to ‘difference’, but by starting from the recognition of ‘difference’. For the New Right, the struggle against racism is not won by negating the concept of races, nor by the desire to blend all races into an undifferentiated whole. Rather, the struggle against racism is waged by the refusal of both exclusion and assimilation: neither apartheid nor the melting pot; rather, acceptance of the other as Other through a dialogic perspective of mutual enrichment.”¹⁶³

Com base nas propostas analisadas até aqui, podemos notar que o pensamento de Benoist e da ND não são apenas mais uma ruminação do neofascismo, o que não significa, por sua vez, que muitos neofascistas, como exemplo Richard Spencer e Jared Taylor sejam admiradores da ND por esta fornecer as justificativas para algumas de suas posições, sobretudo as que concernem ao “identitarismo branco” e o direito dos descendentes de europeus a defender o singular legado histórico de seus povos.

Partindo da premissa que as culturas e identidades étnicas devem ser defendidas, a ND se opõe à imigração de não-europeus ao mesmo tempo que defende o direito de estes reivindicarem sua própria cultura e identidade. O argumento principal gira em torno de que o multiculturalismo e a convivência de diferentes povos levam ao apagamento da riqueza cultural própria de cada etnia, acarretando em uma homogeneização forçada de cima para baixo. Neste caso, uma consequência inevitável da imigração seria a formação de comunidades que não são capazes de se imiscuir aos povos brancos, menos ainda aceitar o modo de vida ocidental, que vai no sentido oposto ao dos povos islâmicos do norte da África e do Oriente Médio, os maiores grupos que hoje se dirigem para o Velho Mundo.

A maior parte das perspectivas analisadas nos últimos parágrafos se encontram condensadas em um texto de 1999, sendo traduzidas pela já mencionada editora Arktos

¹⁶³ Idem. p. 36-37.

desde 2012 sob o título “Manifesto for a European Renaissance”. O “Manifesto” é um documento muito útil pois apresenta uma síntese de mais de três décadas da ND, e foi uma das principais fontes para a elaboração da presente seção.

No entanto, precisamos deixar claro ao leitor que a ND é composta por uma quantidade considerável de intelectuais, a maioria não se encontra traduzida para o inglês, menos ainda para o português, portanto é preciso ter cautela antes de concluir que se trata de uma escola de pensamento homogênea. Um episódio específico ilustra bem a questão de algumas divergências internas que resultaram em rompimentos amargos, como foi o caso de Guillaume Faye¹⁶⁴, que depois do fundador da GRECE era seguramente o seu intelectual mais relevante.

Tendo efetuado um vôo rasante sobre algumas das propostas mais influentes da ND, não podemos ignorar que sua influência superou as fronteiras da França e do próprio continente Europeu. Esse fato pode ser atestado com base na quantidade de revistas que se espalharam pelo Velho Continente sob os auspícios de Benoist e sua prestigiada “*Elements*”, que se alcançou o status de referência para o que vinha se tornando a *European New Right*.

Conforme abordado anteriormente, o objetivo de Benoist não era criar um movimento político, mas sim fundar uma escola filosófica que fosse capaz de exercer sua influência na cultura política de uma forma geral, construindo o ambiente para que mudanças estruturais venham a ocorrer. O estabelecimento de pontes entre diferentes nacionalidades europeias foi uma das estratégias adotadas no afã de fortalecer a ND,

¹⁶⁴ Faye se juntou ao GRECE em 1970, alcançando notabilidade com publicações que seguiam a espinha dorsal da cosmovisão da ND, contudo, nas décadas seguintes seu pensamento adquiriu contornos muito mais alinhados com a supremacia branca e uma profunda islamofobia, a qual veio à tona em 2000 com a publicação de “The Colonization of Europe” (*La Colonisation de l'Europe: discours vrai sur l'immigration et l'Islam*), o qual foi denunciado por Benoist como racista. Faye foi convidado para palestrar no American Renaissance de Jared Taylor em 2006 e mesmo após sua morte em 2019 permanece como uma das maiores referências intelectuais da Alt-Right. A editora Arktos já traduziu treze de seus livros, que entre outros temas, são característicos por sua abordagem cataclísmica do futuro europeu.

processo que foi abordado com maior profundidade pelo cientista político israelense Tamir Bar-On, que analisa a rede de intelectuais com base na perspectiva transnacional.

“The transnational impact of ND ideas has been a product of three key factors: first, the encyclopaedic intellectual output and prestige of ND leader Alain de Benoist; second, the ‘right-wing Gramscianism’ of the ND’s pan-European project, which mimicked earlier attempts to unite the revolutionary right among interwar fascists and post-war neo-fascists in the revolutionary right; and, finally, the political space opened by the decline of the European left and Communist regimes after the fall of the Soviet Union in 1991. More to the point, the French ND has increasingly been called the European New Right to highlight the transnational impact of its ideas on the European continent generally (Bar-On 2007; Sacchi 1993 –4; Sunic 1990). As the ND lost its influence in French politics after its apogee in 1979, its ideas gained more transnational currency in the 1990s as new political opportunities emerged in the ‘Communism in ruins’ era for all political forces that rejected liberalism and the sole remaining superpower, the USA.”¹⁶⁵

O enfoque dedicado às redes transnacionais da ND evidencia a influência lograda por Benoist em mais de trinta anos de seu “ativismo intelectual”. Atualmente podemos falar não só de uma *Nouvelle Droite*, como também uma *Nuova Destra* na Itália e uma *Neue Recht* na Alemanha. O levantamento efetuado por Bar-On também inclui as interações de Benoist no início da década de 1990 com o filósofo Tradicionalista Alexander Dugin, conhecido por sua influência ideológica sobre o governo Putin e um dos defensores do realinhamento do eixo político internacional em direção ao bloco Euroasiático em oposição aos Estados Unidos. O periódico “*Elementy*”, criado por Dugin, é uma referência direta ao periódico criado por Benoist na década de 1960.

No que toca ao Atlântico, a presença da ND ocorreu por meio do periódico *Telos*, que apresenta uma trajetória inusitada. Fundado em 1968 sob forte influência da New Left e da Escola de Frankfurt, o periódico manteve a linha até meados da década de 1980, quando seu fundador, Paul Piccone, rejeitou o marxismo para abraçar a influência de paleoconservadores como Paul Gottfried na década de 1990 em diante.

¹⁶⁵ BAR-ON, Tamir. *Rethinking the French new right: Alternatives to modernity*. London: Routledge, 2013. p. 12.

Ao fim e ao cabo, ainda que o ambicioso projeto metapolítico de Alain de Benoist tenha obtido sucesso em estabelecer uma rede que atravessa continentes, a ND e suas expressões permanecem à margem da direita conservadora. Algumas posições como a rejeição ao cristianismo¹⁶⁶, a democracia liberal e ao livre mercado podem ser apontadas como as possíveis causas. Seu apelo ao identitarismo branco serviu aos propósitos da Alt-Right, que através de Spencer, Taylor entre outros quadros, reivindicam a necessidade da criação de um “etnoestado” branco com o objetivo de preservar o legado da civilização ocidental. Contudo, Benoist é cauteloso em reconhecer sua projeção sobre “algumas vertentes” da extrema direita que não despertam os melhores auspícios, e afirma: *“Maybe people consider me their spiritual father, but I don’t consider them my spiritual sons.”*¹⁶⁷

2.4 – Patrick Buchanan, os Paleoconservadores e a Cruzada pelo Oeste

A História das ideias e do movimento conservador nos EUA é característica por seus momentos de união acompanhada do reconhecimento de fraturas e certas diferenças pouco conciliáveis. Poderíamos destacar que alguns dos pilares da direita na América do Norte começaram a ganhar corpo na década de 1930, encampando uma variedade de opositores do New Deal, que viam no programa de recuperação econômica proposto por Roosevelt um atentado às liberdades individuais e a um passo rumo à “sovietização” da Terra da Liberdade.

¹⁶⁶ A recusa do cristianismo e a apologia de uma Europa fundada nas antigas religiões pagãs podem ser encontradas na brochura “On Being a Pagan”, traduzida para o inglês em 2004. Ver: BENOIST, Alain. On Being a Pagan. Atlanta: Ultra. 2004.

¹⁶⁷ BUET,; FEDER. Op. cit. Disponível em: <https://www.buzzfeednews.com/article/lesterfeder/the-man-who-gave-white-nationalism-a-new-life>.

Na presente seção, não dispomos de espaço para visitar toda a jornada do conservadorismo nos EUA, o que nos impõe um recorte específico, que tem seu início na década de 1950 até chegar as primeiras décadas do Século XXI. A tarefa a qual considero principal é demonstrar ao leitor onde e como surgiu o que se entende como “paleoconservadorismo” e até que ponto os intelectuais inseridos neste campo influenciaram a Alt-Right. No capítulo anterior, mencionamos alguns nomes como Samuel Francis, Paul Gottfried e Joseph Sobran - alguns dos maiores expoentes da ala rejeitada pelo conservadorismo convencional – mas nos ateremos nos próximos parágrafos a um de seus representantes mais ativos politicamente. Patrick Buchanan poderia ser entendido como um sucessor de alguns dos maiores nomes da “*Old Right*”, como o senador republicano Robert Taft, notório por sua oposição incansável ao *New Deal* e à política internacional intervencionista, chegando ao ponto de contestar a participação dos EUA na Segunda Guerra Mundial.

O historiador George Nash¹⁶⁸, uma das maiores referências na seara da História do movimento e dos intelectuais conservadores nos EUA, considera que no início da década de 1950 as vertentes da direita no país se encontravam dispersas e marcadas por disputas. Dos libertários aos tradicionalistas, dos anticomunistas aos cristãos, a direita começa a ganhar uma certa unidade com a revista mensal *National Review*, criada em 1955 por William Buckley. A publicação angariou intelectuais que interpretavam um mundo de futuro incerto. O horror gerado pelas Grandes Guerras solapou toda a ingenuidade da *Belle Époque*, a Crise Econômica de 1929 e os novos modelos “coletivistas” engendrados pelo *New Deal* nos EUA e o planejamento econômico da URSS alocaram a História rumo à servidão, como alertava Friedrich Hayek. Era necessário que alguma coisa fosse feita.

¹⁶⁸ NASH, George. *The Conservative Intellectual Movement in America: since 1945*. New York: Basic Books, 1976.

A União Soviética e foi o grande fator para que as diferenças fossem deixadas de lado. Se no âmbito político figuras como Joseph MCarthy se organizavam para combater os “traidores” da pátria, no âmbito intelectual a *National Review* foi responsável por promover os limites do que era entendido por Buckley como uma direita respeitável, processo que também ficou conhecido como “fusionismo”. De acordo com Nash, o círculo de editores em torno do seu fundador foram os encarregados por expurgar grupos como a *John Birch Society* por seu conspiracionismo e o *Liberty Lobby* de Willis Carto por seu antissemitismo e sua proximidade ao militante neonazista Francis Parker Yockey. No entanto, apesar do relativo equilíbrio ideológico, vez por outra imbróglios chegavam à superfície, um indicativo de que tal equilíbrio era mantido pela grande força unificadora do anticomunismo.

A eleição de Reagan no início da década de 1980 parecia ter provocado um certo consenso, o anticomunismo voraz e o fim da *Détente* não significaram o fim das disputas, mas demonstrou mais uma vez ser o agente apaziguador entre as facções do movimento conservador, o qual, desde a intervenção dos EUA no Vietnã, já exibia uma demarcação entre dois setores preponderantes: os neoconservadores, formidáveis adeptos das aventuras imperialistas do país, em contraposição aos paleoconservadores, caudatários do isolacionismo e da urgência das questões internas. Todavia, é nesse recorte específico da Era Reagan que se dará um dos acontecimentos divisores de águas no seio da direita estadunidense.

As tensões alcançaram um seu ápice 1981, quando dois nomes surgiram para ocupar a cadeira de diretor do *National Endowment for the Humanities*, uma agência de fomento na área de humanidades. De um lado, o veterano Mel Bradford, um homem de letras profundamente ligado ao conservadorismo tradicionalista e à herança Sulista, do outro, um grupo de intelectuais influentes no meio neoconservador, como Norman

Podhoretz e Irving Kristol. Bradford era acusado por Kristol e Podhoretz de antissemitismo e de saudosismo pelo Sul escravista, sendo também um grande crítico de Abraham Lincoln.

Apesar de Bradford contar com o apoio de nomes como Russel Kirk e William Buckley, os neoconservadores triunfaram em seu embargo à nomeação do candidato rival, que foi substituído por William Bennett, alinhado ideologicamente ao grupo de Kristol e Phodoretz. O episódio até hoje é lembrado por Paul Gottfried e Pat Buchanan como uma traição¹⁶⁹, e se tornou o símbolo das diferenças irreconciliáveis entre os dois grupos, ao mesmo tempo serviu para demonstrar que a facção paleoconservadora, malgrado as derrotas que vinham sofrendo desde os “expurgos” realizados nas décadas de 1960 e 70, não iam ceder em seus ataques frente ao que se tornou a corrente hegemônica da direita estadunidense:

“Personalities aside, unabashed paleoconservatism had clearly introduced a discordant element into conservative circles. Fiercely and defiantly “nationalist” (rather than “internationalist”), skeptical of “global democracy” and entanglements overseas, fearful of the impact of Third World immigration on America’s Europe-oriented culture, and openly critical of the doctrine of free trade, Buchananite paleoconservatism increasingly resembled much of the American Right *before* 1945: before, that is, the onset of the Cold War.”¹⁷⁰

Contudo, antes de adentrarmos nos aspectos mais específicos da obra e do impacto de Buchanan na política norte-americana, seria interessante expor ao leitor um pouco de sua trajetória. Buchanan nasceu em 1938 e cresceu ao lado de seis irmãos e duas irmãs. Filho de pais católicos, teve sua percepção de mundo profundamente

¹⁶⁹ As mágoas em torno da indicação para o National Endowments for the Humanities podem ser conferidas em uma série de obras que demonstram o ponto de vista dos derrotados. Para algumas amostras que ilustram o caso, ver: BUCHANAN, Patrick. *Where the Right Went Wrong: How Neoconservatives Subverted the Reagan Revolution and Hijacked the Bush Presidency*. New York: Thomas Dunne Books. 2004.; FRANCIS, Samuel. *Beautiful Losers: Essays on the Failure of American Conservatism*. Columbia: University of Missouri Press. 1994; GOTTFRIED, Paul. *The Great Purge: The Deformation of the Conservative Movement*. Washington Summit Publishers. 2015.

¹⁷⁰ NASH, George. *The Conservative Intellectual Movement in America: since 1945*. New York: Basic Books, 1976. p. 568.

moldada por esta instituição, fato que pode ser facilmente atestado em sua obra e discursos.

Buchanan certamente foi o paleoconservador mais próximo do Partido Republicano. Sua carreira política tem início logo na sua juventude, quando fez parte do governo Nixon. Durante seu período na Casa Branca, permaneceu no cargo de assistente especial mesmo após o escândalo de Watergate a consequente renúncia de Nixon, terminando seu trabalho ao fim do governo Gerald Ford. A partir de 1982 Buchanan inaugura sua carreira televisiva no tradicional programa *Crossfire* da CNN, o qual tinha proposta de cobrir os acontecimentos da política americana sob um formato acessível para o público em geral, a atração angariou uma audiência considerável e fez com que Buchanan alcançasse notoriedade além dos bastidores do Partido Republicano. A essa altura, o intelectual já era respeitado no campo conservador, o que lhe rendeu a oportunidade única de trabalhar como Diretor de Comunicação durante o segundo termo de Ronald Reagan. Sua estadia no governo findou em 1987, quando Buchanan passa a se aproximar da ala dissidente do Partido Republicano e disputa, por duas vezes as primárias presidenciais.

Quando Buchanan decidiu ser presidente dos EUA, o mundo era um lugar diferente da época em que trabalhou para Nixon e Reagan. A União Soviética não mais existia, o perigo vermelho e os bons tempos do Macarthismo soavam como um eco distante. A sensibilidade anticomunista havia perdido seu sentido primordial, o que pareceu despertar uma certa crise existencial entre os *Cold Warriors*. O que daria sentido para o conservadorismo agora que a Era de Ouro de Ronald Reagan e seu anticomunismo megalomaniaco haviam ficado para trás?

A hora e a vez do combate aos inimigos internos da nação haviam enfim chegado. O início da última década do Século XX permitiu que o apelo ao pânico moral

mais uma vez encontrasse seu espaço no discurso conservador. Após a previsível derrota para George Bush nas primárias, Buchanan fez um discurso histórico na convenção anual do *Grand Old Party* de 1992. Marcado pelo tom conspiracionista e acusações descabidas a Bill Clinton e seu partido, também foi a primeira vez onde o chamado para ocupar fileiras na “Guerra Cultural” foi proferido:

“My friends, this election is about much more than who gets what. It is about who we are. It is about what we believe. It is about what we stand for as Americans. There is a religious war going on in our country for the soul of America. It is a cultural war, as critical to the kind of nation we will one day be as was the Cold War itself. And in that struggle for the soul of America, Clinton & Clinton are on the other side, and George Bush is on our side. And so, we have to come home, and stand beside him.”¹⁷¹

As falas incendiárias de Buchanan contra o direito ao aborto, o feminismo, imigração e os direitos LGBT geraram críticas dentro do próprio partido, ao passo que reservou para si um lugar especial à direita do conservadorismo convencional, ligado especialmente às questões econômicas e ao Estado Mínimo. Buchanan concorreu mais uma vez 1996, mas obteve um apoio pouco expressivo dentro de seu partido. Quatro anos depois, sua carreira política moribunda foi encerrada quando entrou na corrida presidencial pelo *Reform Party* em uma campanha de pouca relevância.

A falta de apoio dentro do Partido que havia dedicado boa parte de sua vida parece ter gerado em Buchanan a disposição derradeira para se aproximar publicamente de um grupo de párias excluídos da direita “respeitável” de seu país, também conhecidos como paleoconservadores. O intelectual já vinha se dedicando a tecer críticas cada vez mais contundentes ao *establishment*, isto é, a camarilha que englobava os neoconservadores que tomaram de assalto o Partido Republicano e a vida intelectual da direita juntamente com os “liberais” e esquerdistas do Partido Democrata.

¹⁷¹ BUCHANAN, Patrick. 1992 Republican National Convention Speech. 17 de ago. 1992. Disponível em: <https://buchanan.org/blog/1992-republican-national-convention-speech-148>. Acessado em: Maio de 2022.

No início do Século Buchanan publica o que se tornou o seu *magnun opus*, a obra que o eternizará como um dissidente perigoso da direita estadunidense. Vindo ao público em 2002, “*The Death of the West*” se tornou uma referência por muitos motivos, talvez o mais relevante seja sua capacidade de estabelecer pontes entre os temores comuns da classe trabalhadora branca em torno de temas como imigração, aborto, e direitos LGBT e as teorias da conspiração típicas da extrema direita.

Em *The Death of the West*, o paleoconservadorismo de Buchanan se mostra, como já adianta o título do livro, profundamente catastrofista em relação ao futuro do é entendido como a Civilização Ocidental, esse ente mitológico que abarca tanto a Europa quanto os Estados Unidos, os grandes portadores do enfermo legado judaico-cristão.

O autor constrói sua fabulação em torno do diagnóstico de que caso alguma coisa não seja feita urgentemente, o “Oeste”, ou as sociedades judaico-cristãs serão extintas em um futuro não muito distante. Buchanan é cuidadoso com as palavras, em lugar “branco”, lemos “europeu”, a estratégia é costurada em um esforço quase óbvio de evitar acusações de racismo e defesa da supremacia branca, ainda que o autor flerte com ambos ao longo do texto.

Em Buchanan, o leitor encontra um encadeamento de causas e consequências extremamente simples, calcados sempre em um maniqueísmo alarmista, que nos conclama a tomar alguma atitude frente a hecatombe que se aproxima do horizonte. O diagnóstico para a Europa dá o tom de boa parte do livro, a partir do trecho a seguir, podemos extrair o fio condutor de todo argumento, vejamos:

“If the present fertility rates hold, Europe’s population will decline to 207 million by the end of the twenty-first century, less than 30 percent of today’s. The cradle of Western civilization will have become its grave. Why is this happening? Socialism, the beatific vision of European intellectuals for generations, is one reason. ‘If everyone has the promise of a state pension, children are no longer a vital insurance policy against want in old age,’ argues Dr. John Wallace of Bologna’s Johns Hopkins University: ‘If women can earn more than enough to be financially independent, a husband is no longer essential. And if you can also have sex and not babies—

and this seems to be true now of Catholic Italy as it is of secular Britain—why marry?’

By freeing husbands, wives, and children of family responsibilities, European socialists have eliminated the need for families. Consequently, families have begun to disappear. When they are gone, Europe goes with them. But as Europe is dying, the Third World adds one hundred million people—one new Mexico—every fifteen months. Forty new Mexicos in the Third World by 2050, while Europe will have lost the equivalent of the entire population of Belgium, Holland, Denmark, Sweden, Norway—and Germany! Absent divine intervention, or a sudden desire on the part of Western women to begin having the same-size families as their grandmothers, the future belongs to the Third World. As T. S. Eliot wrote in “The Hollow Men”: ‘This is the way the world ends / Not with a bang but a whimper.’”¹⁷²

Como mencionado anteriormente, a construção dos argumentos e o léxico causal são elaborados de uma forma extremamente simples: o Socialismo fez que com os europeus não precisem mais ter filhos para que estes os sustentem durante a velhice, já as mulheres, elas não precisam mais dos homens pelo mesmo motivo, logo, famílias não são mais formadas e a consequência disso é que a Europa será varrida pelo Terceiro Mundo. A citação pessimista de um cânone da literatura estadunidense confere o tom de tragédia inexorável.

Para o caso de sua terra natal, Buchanan acrescenta algumas variáveis à equação. O autor localiza na década de 1960 o início do fim da sociedade tradicional americana. O feminismo impulsionado pela luta dos negros por igualdade fez com que as mulheres abandonassem seu dever natural de se tornarem mães para se dedicarem à realização pessoal e profissional. O velho sonho das grandes famílias repletas de crianças foi dilacerado pela liberdade sexual e pelo hedonismo. Os métodos contraceptivos e o direito ao aborto foram os tiros de misericórdia no modelo de família tradicional das décadas anteriores - toda essa corrosão do caráter tradicional dos deveres familiares imanes só foi possível por conta do enfraquecimento do cristianismo e a secularização da vida. Toda a narrativa coloca os Estados Unidos no mesmo caminho avançado em que a Europa se encontra.

¹⁷² BUCHANAN, Patrick. *The Death of the West: How Dying Populations and Immigrant Invasions Imperil Our Country and Civilization*, New York: St. Martin's Press. 2002. p. 13.

Além do feminismo, o autor disserta sobre alguns dos motivos que levaram as mulheres a deixar de lado uma vida unificada como mães realizadas nos deveres do lar em prol de uma vida pautada pelo individualismo e o hedonismo. Seriam eles, “O colapso da ordem moral”, a nova “Cultura popular”, a “Histeria da Superpopulação”, o fim do “Salário familiar” e a “Nova Economia”.

Todos os fatores fazem parte de um grande projeto de engenharia social que encampa duas frentes principais: a cultura e a economia. No campo da cultura estão o feminismo e os dois primeiros fatores. Ambos trabalham em consonância para afastar as mulheres da maternidade e da formação de famílias, ao passo que os três últimos, são interpretados pelo autor como uma consequência de um capitalismo apartado da moral cristã, o que impôs às famílias a necessidade do trabalho feminino para a complementação da renda. Para Buchanan, o acréscimo da mão-de-obra feminina no mercado de trabalho incrementou as taxas de divórcio e diminuiu os salários, fazendo com que os filhos crescessem desamparados em relação a autoridade e o cuidado familiar, incorrendo na delinquência juvenil e na deformação dos valores familiares. No decorrer do livro, os diagnósticos apontados pelo autor costumam vir acompanhados de um alerta sobre uma entidade ameaçadora entendida como “Terceiro Mundo”, que parece ter substituído confortavelmente a ameaça vermelha.

Mas de que forma os Estados Unidos, uma nação cristã, o grande lumiar da Civilização Ocidental pelos últimos dois séculos, podem ter chegado a esta condição? O que poderia ter rompido o tecido social da nação fundada pelos heróis de 1776? A resposta é a mais simples possível: a esquerda e o “comunismo”.

Seria razoável afirmar que este é um dos pontos mais relevantes do livro, o autor entra vigorosamente no campo das especulações, realizando o que possivelmente foi a primeira narrativa sistemática que tinha como objetivo erigir a Escola de Frankfurt,

Antonio Gramsci e até mesmo Gyorg Lukacs como os grandes inimigos da civilização ocidental. A proposta de Buchanan entra oficialmente no território da psicodelia intelectual quando resolve dissertar sobre Gramsci, o arqui-inimigo do Oeste. Podemos ter uma amostra de seus devaneios na amostra abaixo:

“The Russian people had not been converted to communism; they loathed it. Their land, faith, families, icons, and Mother Russia all meant far more to the Russian people than any international workers’ solidarity. The Soviets were deluding themselves, Gramsci concluded. The Russian people had not changed. They were obedient only because resistance meant a knock at the door at midnight and a bullet in the back of the neck in the basement of the Lubianka. Even the czar had evoked more love and loyalty than the hated Bolsheviks.

Gramsci concluded it was their Christian souls that prevented the Russian people from embracing their Communist revolution. “The civilized world had been thoroughly saturated with Christianity for 2000 years,” Gramsci wrote; and a regime grounded in Judeo- Christian beliefs and values could not be overthrown until those roots were cut. If Christianity was the heat shield of capitalism, then, to capture the West, Marxists must first de-Christianize the West.”¹⁷³

Das masmorras fascistas em que habitou nos últimos anos de sua vida, Gramsci teria sido um dos grandes responsáveis pela “revolução cultural” que ocorreu do outro lado do Atlântico, três décadas depois de sua morte. Mas o plano maquiavélico do filósofo italiano nunca teria alcançado seu triunfo sem a atuação apocalíptica da Escola de Frankfurt.

Em sua vulgata sobre este grupo de filósofos alemães, Buchanan recorre a ninguém menos que William Lind, um dos adeptos das teorias da conspiração em torno do poderoso “marxismo cultural”¹⁷⁴, que costuma vir acompanhado das conspirações sobre o “politicamente correto” e o plano Globalista do magnata George Soros. Os pressupostos de Lind envolvem um complexo de mentiras, desonestidade intelectual e ignorância cavalares, o pânico moral é o agente agregador, que impõe ao leitor a

¹⁷³ Idem. p. 76.

¹⁷⁴ Derivado da tese do “bolchevismo cultural” criado pelos nazistas da década de 1930, o alerta para o “marxismo cultural” veio à tona pela primeira vez no ano de 1992 em um ensaio publicado por Michael Minnicino, um indivíduo obscuro publicado na primeira edição da revista Fidelio, igualmente obscura. A luta contra o “marxismo cultural” foi reivindicada em um manifesto intitulado “2083: A European Declaration of Independence” do terrorista de extrema direita Anders Breivik, que assassinou 69 pessoas em 2011.

sensação da iminência de uma revolução violenta capitaneada por uma horda de homossexuais, usuários de drogas e minorias étnicas marginalizadas. Dificilmente os paleoconservadores conseguiriam um espectro à altura da União Soviética como este:

“In The Death of the West, the Frankfurt School must be held as a prime suspect and principal accomplice. The propaganda assault on the family it advocated has contributed to the collapse of the family. Nuclear families today represent fewer than one-fourth of U.S. house holds. And women’s liberation from the traditional roles of wife and mother, which the school was among the first to champion, has led to the demeaning and downgrading of those roles in American society. Millions of Western women now share the feminists’ hostility to marriage and motherhood. Millions have adopted the movement’s agenda and have no intention of getting married and no desire to have children. Their embrace of Marcuse’s Pleasure Principle, their tours of duty in the sexual revolution, mean marriages put off. And, as our divorce and birthrates show, even the marriages entered into are less stable and less fruitful. In the depopulating nations of Europe, even in the old Catholic countries, use of contraceptives is almost universal. Contraception, sterilization, abortion, and euthanasia are the four horsemen of the ‘culture of death’ against which the Holy Father will inveigh to the end of his days. The pill and condom have become the hammer and sickle of the cultural revolution.”¹⁷⁵

Ao fim e ao cabo, a visão trazida pelo autor é a de que sociedade americana foi engolida pelo projeto de Revolução Cultural marxista, Buchanan usa exemplos vindos da TV, de filmes de Hollywood e até mesmo do comportamento transgressor de astros do rock como Marilyn Manson e Mick Jagger para comprovar sua tese. A única forma de impedir a catástrofe iminente seria arrebanhar a “maioria silenciosa” em torno dos valores cristãos tradicionais, isto é, a classe média branca que não se vê representada por nenhum partido do *establishment* - esta seria a mesma camada social a qual Samuel Francis chamava de “Middle American Radicals”.

À guisa de conclusão, é preciso reconhecer que Buchanan deixou seu nome incrustado na História do conservadorismo estadunidense, foi responsável por sistematizar todo o conjunto de crenças e delírios da extrema direita em uma prosa fluida, que com pouco esforço convence o leitor a virar a próxima página. Buchanan também tem o mérito de ter aproximado o conspiracionismo de temas mais realistas, que fazem parte do debate público em seu país, como as questões envolvendo o controle

¹⁷⁵ BUCHANAN. Op. cit. p. 88.

imigratório, os direitos LGBT e a interrupção da gestação. Buchanan se saiu muito bem no afã de trazer as teses do “marxismo cultural” e congêneres para o mesmo nível de temas relevantes, construindo assim a ponte entre a extrema direita e o eleitor tradicional do Partido Republicano, os quais gradativamente substituíram a Guerra Fria pela Guerra Cultural, uma realidade aterrorizante pois alcançava seus lares, suas crianças e os jovens ingressantes no ensino superior. O inimigo a ser combatido estava, portanto, nas escolas e nas universidades, os arsenais nucleares da URSS davam lugar aos epígonos de Horkheimer, Adorno e Marcuse, ávidos para perverter a juventude, criar uma geração de revolucionários e promover a degeneração moral.

Buchanan não deixou escapar os acenos aos supremacistas brancos e neofascistas, pois fez questão de trazer os índices de criminalidade entre a população afrodescendente como um indicativo de que a violência era muito mais cometida do que sofrida pelos negros. Sua posição abertamente xenófoba em relação ao que é entendido como o “Terceiro Mundo” foi uma contribuição inegável para que as estradas rumo ao neofascismo fossem alargadas.

A associação da população europeia com o “Oeste” vai de encontro a alguns dos pilares da Alt-Right: o de que somente os brancos podem e tem a capacidade de preservar as sociedades e cultura ocidental. Buchanan traça a ideia de que um processo chamado “*La Reconquista*” está em pleno curso no Sudoeste dos EUA, onde a população branca tende a diminuir enquanto que os mexicanos todos os anos atravessam impiedosamente o Rio Grande e se multiplicam em taxas muito superiores. O autor não chega a defender explicitamente a supremacia racial dos brancos, mas confere a estes um caráter de “espécie ameaçada” tanto por seus inimigos internos quanto externos, chegando perto de outra teoria conspiratória relevante nos tempos atuais: a da “grande substituição” ou “*great replacement*”.

No próximo capítulo, iremos analisar como a vida e obra de Buchanan influenciaram certas pautas e estratégias da Alt-Right, principalmente em seu tom catastrofista e o espírito cruzadista perante os inimigos da Civilização Branca, a qual Buchanan prefere se referir estrategicamente como “europeia”. Veremos como o discurso de Buchanan ecoou até personagens como Andrew Breitbart e Steve Bannon, bem como sua ligação com grupos abertamente neofascistas como a American Renaissance.

Capítulo 3 – Quando o Extremo encontra a internet

Ao longo do primeiro capítulo foram apresentados o contexto e algumas das premissas básicas do que veio a se tornar a Alt-Right. Introduzimos os principais representantes - as “caras”, ternos e penteados impecáveis que frequentemente apareciam nos noticiários entre 2016 e 2018 defendendo os interesses - ou melhor - a supremacia da raça branca.

No presente capítulo o foco será voltado para a análise adensada das fontes, apresentando ao leitor as informações levantadas ao longo da pesquisa referente aos personagens centrais da Alt-Right e seus aparelhos privados de hegemonia. Será importante destacar a metodologia, as fontes e documentos consultados e o tratamento dos dados, pois como veremos adiante, a maior parte da minha jornada durante o mestrado se deu através de mecanismos de busca disponíveis na internet e documentos digitais. Parto do princípio que o levantamento das trajetórias de Jared Taylor, Richard Spencer e Stephen Bannon se encontram intimamente conectadas aos institutos, think tanks, e até mesmo publicações pseudo-científicas por eles dirigidas. Isso significa que devemos buscar a atuação política para além dos canais tradicionais dos séculos XX, isto é, veículos como a TV, o rádio e as mídias impressas – o mesmo pode ser dito em relação às suas formas de organização e militância. Nesse âmbito o advento da internet representou a abertura de um novo front para a atuação e propagação de seus projetos políticos, o que significa, no meu entender, um novo espaço da Sociedade Civil a ser disputado pelos Aparelhos Privados de Hegemonia da Alt-Right.

Considerando o que foi exposto até aqui, nos próximos parágrafos apresentaremos ao leitor uma pequena introdução à origem das fontes e documentos digitais angariados durante meu percurso nos últimos quatro anos¹⁷⁶.

Em meados da década de 1990 Jared Taylor foi um dos pioneiros no que toca à expansão de aparelhos privados de hegemonia para o crescente universo da *world wide web*. Em 1994, a então revista mensal intitulada “American Renaissance” – fundada quatro anos antes - ganha um espaço próprio online, oferecendo a possibilidade a qualquer um com acesso à rede, de entrar em contato com o seu conteúdo. Desde então,

¹⁷⁶ Meu interesse sobre a Alt-Right origina-se em 2017, a partir do contato com notícias e matérias jornalísticas. Em 2018 iniciei a formação de um banco de dados referente à muitos grupos, ativistas e intelectuais ligados à extrema direita estadunidense. Entre 2016 e 2017, o termo “Alt-Right” era reivindicado não só por neonazistas e supremacistas brancos como também por anarcocapitalistas e neoconfederados.

o American Renaissance permanece como uma espécie de farol da supremacia branca online, hospedando todas as 255 edições da American Renaissance publicadas entre novembro de 1990 e janeiro de 2012¹⁷⁷, bem como a transcrição e resumos das dezessete conferências realizadas até 2019.

No que tange a Richard Spencer, sua trajetória como ativista da supremacia branca está intimamente ligada às bençãos financeiras concedidas pelo magnata William Regnery II, o único representante das classes dominantes no Século XXI¹⁷⁸ a expor em público suas preferências políticas e seu propósito de construir um movimento nessa orientação. Com a indicação para o cargo de presidência do National Policy Institute (NPI) em 2011, Spencer passa a ter acesso a uma estrutura e liberdade de atuação muito maiores, podendo se dedicar ao desenvolvimento de projetos como Radix Journal, uma publicação bianual que ganha uma página online em 2013. Se por um lado a página do NPI construía a organização dos eventos anuais e produzia artigos de intelectuais e pensadores da extrema direita, o portal Radix Journal ficou incumbido de produzir e divulgar textos, artigos e vídeos sobre temas relacionados à supremacia branca e análises políticas.

Em janeiro de 2017, um novo empreendimento surge com o nome de “Altright Corporation”. Com escritório sediado na cidade de Alexandria, Virgínia, o objetivo da organização era administrar sua própria produtora de conteúdo, com estrutura para gravação e edição de vídeos direcionados para o website “alt-right.com”. Apesar de ter

¹⁷⁷ Em janeiro de 2012, é publicada a última edição impressa da revista American Renaissance. Jared Taylor escreveu um texto justificando aos seus leitores que a internet era um caminho mais rápido, acessível e barato do que o formato impresso, convidando seus assinantes a participarem do website, onde teriam acesso a muito mais conteúdo do que as revistas poderiam oferecer.

¹⁷⁸ O paradigma do antissemitismo já era propagado nos Estados Unidos desde os anos 1920 por Henry Ford, magnata do setor automobilístico. O semanário “Dearborn Independent”, chegou a publicar em suas páginas o documento falso “Os Protocolos dos Sábios de Sião”, entre outras teorias conspiratórias acerca da existência de um “bolchevismo judaico”. A verve antissemita de Ford alcançou seu zênite com a publicação entre 1920 e 1922 do “International Jew”, uma série que totalizava quatro volumes onde eram denunciadas a suposta influência maligna dos judeus na economia, cultura e política internacional não só dos EUA, como também de toda a Europa.

encerrado suas atividades em abril de 2018, a página continua existindo sob o mesmo endereço, armazenando centenas de artigos que vão muito além de temas relacionados à política e questões raciais. Embora em menor quantidade, é possível encontrar textos voltados para o comportamento, saúde e cultura pop – uma tentativa nítida de atrair incautos pouco familiarizados com o universo da supremacia branca.

Por último, porém não menos importante, não podemos olvidar a influência do Breitbart News e Steve Bannon na popularização da Alt-Right em 2016. O site de notícias conservador Breitbart News foi fundado em 2007 por Andrew Breitbart, um conservador de origem judaica sem nenhuma proximidade com grupos supremacistas ou neonazistas, o que não o impediu, por outro lado, de compartilhar com estes, a repulsa visceral a qualquer tipo de movimento social e minorias. As manchetes de cariz sensacionalista e por vezes xenófobas e islamofóbicas atraíram a simpatia de eleitores de Donald Trump, que encontravam no site em uma espécie de representante midiático da retórica ignóbil do candidato republicano. A vitoriosa campanha liderada por Bannon, fez com que ele se tornasse um dos nomes mais próximos ao presidente durante o primeiro ano do mandato. Em suas entrevistas, Bannon frequentemente suscitava a importância do “populismo” e do “nacionalismo econômico”, termo usado para se referir às políticas protecionistas adotadas no comércio exterior. Em suas entrevistas, o estrategista chefe e conselheiro superior do presidente costumava enaltecer a tradição judaico cristã das sociedades ocidentais e o pensamento do obscuro filósofo Julius Evola. A sinergia entre o Breitbart News sob o comando de Bannon e a Alt-Right também veio à tona através do ativista Milo Yiannopoulos, que escreveu o artigo “*An Establishment Conservative’s Guide To The Alt-Right.*”¹⁷⁹. O texto é um esforço muito bem elaborado no afã de promover a Alt-Right como uma nova direita,

¹⁷⁹ Bokhari, Allum e Yiannopoulos, Milo. Breitbart News Network. 29 mar. 2016. Disponível em: <https://www.breitbart.com/tech/2016/03/29/an-establishment-conservatives-guide-to-the-alt-right/>.

uma direita independente do Partido Republicano e do sistema, uma direita que vinha sendo responsável pelo revigoramento do interesse dos jovens pela política através de uma retórica que incomodava o “politicamente correto”, feministas e a esquerda de uma forma geral. Yiannopoulos insistia - contra todas as evidências disponíveis - que os ativistas e grupos supremacistas eram apenas um elemento marginal que não deveria ser levado a sério. Entre outros tópicos o autor salientava o papel fundamental das redes para o alcance do público mais jovem, frequentador de fóruns como o reddit e 4chan, onde perfis anônimos faziam piadas envolvendo o holocausto e antissemitismo por meio de referências a animes, jogos eletrônicos e memes.

Em suma, a centralidade da internet para a atuação da Alt-Right é tão acentuada que tanto o American Renaissance quanto o National Policy Institute/Radix Journal não possuem um espaço físico oficial. Todos os eventos organizados por ambos foram realizados em espaços privados específicos para convenções, costumando variar conforme o ano. No caso do American Renaissance, o website é muito mais do que um canal de divulgação, funcionando como um grande portal, que hospeda milhares de textos e possui links que direcionam para conteúdos em diversos formatos, como vídeos, podcasts e até mesmo sites de encontros exclusivamente para brancos.

Destarte, um dos objetivos do presente capítulo será demonstrar como a internet pode ser entendida como um meio de mobilização, difusão, arrecadação de fundos e arregimentação de militantes. A quantidade de fontes disponíveis nos websites apresentados anteriormente é vasta, particularidade que impõe certa cautela em relação aos critérios adotados para que o nosso escopo não fosse perdido de vista. Assim sendo, foi estabelecido que as fontes primárias estão circunscritas em dois segmentos: o primeiro, no conteúdo produzido diretamente pelos personagens centrais já apresentados: Spencer, Taylor e Bannon. Essa produção compreende principalmente

textos, artigos e vídeos produzidos para divulgação através de seus aparelhos privados. No caso de Jared Taylor, conta ainda com 8 livros publicados ao longo de sua carreira como intelectual de ponta dos supremacistas brancos. Já em relação a Steve Bannon, tal produção intelectual – ainda que de maneira informal - nunca existiu. Poderíamos dizer que a personagem em questão, ao longo de sua carreira, foi algo muito mais próximo de um estrategista que atua nos bastidores do que um guerreiro da linha de frente. Bannon nunca exerceu o ofício de escritor ou articulista, nem mesmo durante seu período como editor do Breitbart News, isto posto, as fontes primárias referentes ao ator social em questão são principalmente entrevistas e participações em conferências.

O segundo segmento de fontes primárias constitui os websites da American Renaissance, Radix Journal e Breitbart News. Com o início de uma análise mais meticulosa e aprofundada dos websites em questão, julguei que seria imprescindível encontrar alguma forma de levantar estatísticas relativas ao tamanho das páginas, a quantidade de links, autores vinculados, e talvez, o mais importante: descobrir o nível e a frequência de visitas por mês em cada um dos websites. Para alcançar tal objetivo, tive que me dedicar a buscar as ferramentas mais adequadas para o levantamento e o refinamento dos dados em questão.

Os dispositivos selecionados são usados para diversos fins, sendo conhecidas como *webcrawlers*. Os *webcrawlers* são programas desenvolvidos com a função de levantar dados referentes a visitação de websites, originalmente foram desenvolvidos com o objetivo de auxiliar empresas que fornecem serviços de marketing digital, rastreando os fluxos através de algoritmos e desenvolvendo padrões para aumentar a visibilidade de páginas através dos motores de busca como o google.

O professor da Universidade do Estado de Michigan, Ryan Scrivens¹⁸⁰, em sua dissertação descreveu o uso de ferramentas especificamente desenvolvidas por universidades para o mapeamento de grupos de ódio e terrorismo na internet, dentre os quais, alguns dos mais avançados são o Dark Web Project, baseado na Universidade do Estado do Arizona e o Terrorism and Extremism Network Extractor (TENE), localizado no International Cyber Crime Research Centre, da Universidade de Simon Fraser. Ambos os dispositivos foram usados pelo autor, e contavam com um complexo mecanismo de tratamento e refinamento de dados através de palavras-chave e rastreamento de visitas.

No presente momento, 10 anos após o trabalho de Scrivens, os mecanismos em questão se tornaram mais populares e de fácil acesso, apesar de algumas barreiras financeiras relativas ao seu uso, pude encontrar dois webcrawlers que estão se provando extremamente úteis no processo da pesquisa: o similarweb e o website auditor. O primeiro fornece uma grande quantidade de informação no tocante às visitas mensais dos últimos 6 meses, oferecendo a origem por nacionalidade das visitas, o que me deu a oportunidade de rastrear inclusive as oriundas de computadores e celulares localizados no Brasil. O dispositivo em questão também aponta quais sites costumam redirecionar os visitantes para uma determinada página e os endereços mais comuns para onde os visitantes costumam ser direcionados através de links.

Já o website auditor, é um programa que deve ser baixado e instalado em um computador. A partir de um determinado endereço, o programa faz uma análise do tamanho do site e mapeia todos os links, o que pode fornecer dados valiosos a respeito da profundidade dos websites como o American Renaissance, o Radix Journal e o Breitbart News.

¹⁸⁰ SCRIVENS, R. *Understanding the Collective Identity of the Radical Right Online: A Mixed-Methods Approach*. Concordia University of Montreal, 2011.

Por último, não podemos deixar de cotejar os números revelados pela plataforma youtube, a qual foi por anos largamente utilizada para a difusão de vídeos apresentados diretamente por Taylor e Spencer, este último, na maioria das ocasiões gravava o conteúdo de sua casa ou de quartos de hotéis, agregando um tom de informalidade. Em junho de 2020 após anos de controvérsias, a direção da plataforma baniu definitivamente um rol de canais que violavam as regras de tolerância e discurso de ódio - entre eles, estavam os canais da American Renaissance, Altright.com e NPI/Radix. Entretanto, a atitude tardia da direção do youtube não significou a perda definitiva de todo o conteúdo, que no caso do American Renaissance, encontra-se disponível tanto em sua página oficial quanto na plataforma Bitchute, um site com a mesma proposta de hospedagem de vídeos, mas sem nenhuma política restritiva em relação ao discurso de ódio. Para a prospecção das estatísticas referentes a visualizações, número de inscritos e estimativa de rendimentos, ferramenta Social Blade tem se provado extremamente útil, disponibilizando indicadores que revelam a dimensão que tais canais alcançaram.

No que toca às fontes secundárias, a maior parte se encontra no material produzidos por jornais e mídias de internet. Entre os anos de 2016 e 2017, jornais tradicionais como o The Atlantic, Wall Street Journal, New York Times, CNN, The Guardian, entre outros, produziram um relevante trabalho investigativo e analítico da conjuntura política e social estadunidense daquele momento, legando um número considerável de entrevistas e coberturas de eventos e manifestações públicas organizadas pela Alt-Right. Grupos de mídias digitais mais recentes como o BuzzFeed, The Huffington Post e Vice News possuem matérias que complementam o trabalho dos formatos mais tradicionais anteriormente citados. A título de exemplo, a Vice News

acompanhou de perto¹⁸¹ a manifestação *Unite The Right* durante a manhã do dia 12 de agosto, registrando imagens e entrevistas com militantes de extrema direita no local.

Por fim, o trabalho de organizações não governamentais que atuam no campo dos direitos humanos pode ser extremamente útil para pesquisadores do extenso campo da extrema direita nos Estados Unidos. Os documentos consultados compreendem relatórios, estatísticas, bancos de dados e mapeamentos produzidos pela *Anti-Defamation League* e pelo *Southern Poverty Law Center*, ambas organizações atuam em parceria com o FBI, fornecendo principalmente dossiês que auxiliam no monitoramento de possíveis atividades de terrorismo doméstico. A principal referência para o manejo das fontes em questão se encontra na tese de doutorado¹⁸² da professora Tatiana Poggi, que trabalhou com grupos neonazistas da segunda metade do Século XX, como a *National Alliance*, a *Aryan Nations* e a *White Aryan Resistance*.

Ao longo do texto serão apresentados os elementos teóricos e conceituais que nortearam a pesquisa, o debate será desenvolvido no afã de explicar ao leitor porque entendemos que o materialismo histórico aliado ao arcabouço conceitual de Antonio Gramsci são os mais eficazes para uma compreensão ampla do nosso objeto, sem perder de vista, como já apontado em outras etapas de nossa investigação, a perspectiva crítica.

Recorremos a Antonio Gramsci e suas noções de estado ampliado e hegemonia, as quais serão fundamentais para a análise do crescimento da *Alt-Right* em meio ao cenário político americano. O Estado em sentido Amplo é entendido como a esfera onde diferentes grupos disputam o poder sobre a sociedade, que se divide entre duas unidades dialéticas: a sociedade política, composta pelos órgãos de repressão, instituições legais e o aparato administrativo; e a sociedade civil, onde a Igreja, partidos políticos, sindicatos

¹⁸¹ Vice News. Charlottesville: Race and Terror – VICE News Tonight (HBO). Youtube, 14 ago. 2017. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=P54sP0NlNgg>.

¹⁸² POGGI, Tatiana. *Faces do Extremo. O Neofascismo nos EUA (1970-2010)*. Curitiba: Editora Prismas, 2015.

e aparelhos privados de hegemonia irão se organizar com o objetivo de consolidar seus projetos. Consideramos que os principais think tanks estruturados pela Alt-Right atuam como aparelhos privados de hegemonia, os quais buscam a difusão e aceitação de seus ideais na sociedade civil americana. A hegemonia, portanto, também será trabalhada a partir da relação dialética entre coerção e consenso, relação que se faz presente tanto na sociedade política quanto na sociedade civil.

3.1 – Jared Taylor e a “Pedagogia da Supremacia”: Educando os brancos para o Extremo.

Era noite de 17 de junho de 2015 quando Dylann Roof, de 21 anos se juntou a uma sessão de estudos bíblicos em uma tradicional Igreja da cidade de Charleston, Carolina do Sul. O evento era ministrado pelo reverendo e senador estadual Clementa Pinckney, também conhecido pelo seu ativismo pelos direitos civis e por sua luta antirracista. Segundo relatos, o jovem branco até então desconhecido pela comunidade local se apresentou pela primeira vez para participar da reunião, envolvendo-se nos debates sobre a bíblia e sentando-se inclusive próximo ao pastor.

No momento em que a congregação fechava os olhos e iniciava uma oração, Roof se levanta, saca uma pistola e começa a puxar o gatilho em direção aos participantes. Ao fim da chacina, oito pessoas estavam mortas, a última vítima veio a falecer posteriormente no Hospital. Segundo uma sobrevivente que foi poupada com o propósito de ser uma testemunha ocular do ato, enquanto atirava sem hesitar, Roof gritava ofensas raciais, e no momento em que um homem suplicou ao rapaz que parasse,

a resposta foi: “Não! Vocês estupraram nossas mulheres e estão tomando o país... Eu tenho que fazer o que eu tenho que fazer.”¹⁸³.

A importância da “Igreja Metodista Episcopal Africana Emanuel” - onde o atentado foi perpetrado – pode ser expressa através de sua História. Construída originalmente em 1817 na Carolina do Sul, a Igreja foi a primeira denominação cristã fundada por afrodescendentes. Após 5 anos de perseguição e violência contra seus frequentadores, o local foi incendiado por um grupo de brancos da cidade, e só veio a ser reconstruída após a Guerra Civil. No Século XX se tornou um símbolo da luta pelos direitos civis, sendo visitada por Martin Luther King entre outros ativistas da luta pela igualdade racial.

A essa altura talvez o leitor esteja se perguntando o que o acontecimento apresentado nos parágrafos anteriores tem a ver com nosso objeto de estudo, afinal de contas, sabemos do longo e cruel histórico de episódios de violência racial perpetrado por extremistas de direita nos Estados Unidos. A questão que nos cabe aqui gira em torno de como um jovem branco de classe média, sem nenhum antecedente criminal e em uso pleno de suas faculdades mentais, se convenceu de que tinha o dever de eliminar fisicamente os afro-americanos de seu país.

O processo de radicalização vivido por Roof está longe de ser uma novidade na sociedade estadunidense, e no caso em questão, foi descrito pelo próprio em sua página pessoal na internet. Ao inserir o nome “Dylann Roof” no motor de buscas Google, nos deparamos com fotos suas com a bandeira dos Estados Confederados e vestindo uma camisa com o número “88”, uma referência comum para as duas iniciais da saudação nazista “Heil Hitler”. As imagens em questão estavam disponíveis em suas redes sociais

¹⁸³ BOTELHO, Greg; ELLIS, Ralph; PAYNE, Ed. Charleston church shooter hears victim's kin say, 'I forgive you'. CNN US. 20 de jun. 2015. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2015/06/19/us/charleston-church-shooting-main/>.

e seu website pessoal que hoje se encontra extinto, o “lastrhodesian.com”¹⁸⁴. Em sua página encontrava-se redigido uma espécie de “manifesto” onde Roof apresentava suas opiniões sobre os conflitos raciais em seu país, também criou tópicos onde discorria sobre negros, judeus, hispânicos e asiáticos. O autor compila um grupo de argumentos tradicionais entre os supremacistas brancos para basear sua ojeriza aos “invasores” não europeus, vamos nos ater brevemente sobre alguns deles nos próximos parágrafos.

As teorias da conspiração e o incitamento ao pânico social são algumas das armas recorrentes não só da Alt-Right, como também de outras correntes da direita. Um dos profetas do fim da civilização ocidental que inspirou a Alt-Right é o paleoconservador Patrick Buchanan, sobretudo em seu livro de 2002, “*The Death of the West*”. Como vimos no capítulo anterior, Buchanan dedicou boa parte de sua carreira a acusar os movimentos sociais da década de 1960, principalmente o feminismo, de interromper o crescimento demográfico da população branca nos Estados Unidos; mas ao contrário da Alt-Right, o paleoconservador evita colocar termos como “raça branca” ou “civilização branca” em pauta. Apesar do tom alarmista, o autor ainda se mantém fiel a alguns pilares do pensamento conservador como a defesa dos papéis tradicionais do homem e da mulher na formação de famílias e os valores do cristianismo. A grande preocupação de Buchanan, está direcionada a salvação das sociedades judaico-cristãs ocidentais e sua cultura das ondas de imigrantes do Terceiro Mundo. Ainda que não seja um supremacista branco ou neofascista, a exasperação de Buchanan em sua cruzada pelo que entende como civilização ocidental e o aumento das taxas de natalidade das mulheres brancas, o coloca nas mesmas trincheiras da Alt-Right, fato que também pode

¹⁸⁴ O título de sua página é uma referência a República da Rodésia, uma ex-colônia inglesa onde uma minoria branca detinha o poder através de um sistema similar ao do apartheid na África do Sul. Após mais de uma década de guerra civil entre diferentes facções, a maioria africana tomou o poder em 1980 e implementou uma série de mudanças para resgatar suas origens, como a mudança da bandeira e o nome do país, que até hoje se chama Zimbábue. Embora menos comum que a bandeira Confederada, o uso das bandeiras da República da Rodésia e da África do Sul na era do apartheid como símbolos de uma “resistência branca” contra os negros é recorrente.

ser atestado a partir das dezenas de textos e análises que já escreveu para o website da American Renaissance¹⁸⁵.

Conseqüentemente, um dos maiores temores suscitados pela Alt-Right está inserido na proporção das taxas de natalidade entre a população branca e a de hispânicos e negros. À medida que as estatísticas apontam para um declínio dos nascimentos entre descendentes de europeus, os números concernentes à natalidade de não brancos vem crescendo. Ademais, as políticas de imigração defendidas pelo governo estimulam a chegada de estrangeiros com o objetivo de destruir lentamente a cultura e a sociedade criada pelos brancos, um processo frequentemente chamado de “desposseção”, “a grande substituição” ou de “genocídio branco”. De acordo com a narrativa supremacista, todas as políticas de igualdade racial adotadas desde a independência dos Estados Unidos até a conquista dos direitos civis e políticos pelos negros, são parte de um movimento maior que visa o esvaziamento da identidade branca e força arbitrariamente a uma convivência inevitavelmente conflituosa, impondo uma igualdade não existente, pois vai contra os princípios hierárquicos naturais entre as raças.

O discurso exposto no parágrafo acima é basicamente o mesmo defendido por nomes como Richard Spencer e Jared Taylor, mas como exatamente o jovem Dylann Roof viveu seu processo de epifania sobre a “realidade racial” ocultada pela “mídia judaica progressista” e “professores universitários marxistas”? A resposta é relatada pelo próprio executor do massacre de Charleston. Em seu website, somos informados de que o traumático episódio envolvendo o assassinato do adolescente negro Trayvon Martin¹⁸⁶ foi o estopim para que Roof desse início a sua busca na internet por mais

¹⁸⁵ American Renaissance. Archive Pat Buchanan. Disponível em: <https://www.amren.com/author/pat-buchanan/>.

¹⁸⁶ O episódio aconteceu na Flórida em fevereiro de 2012, quando o hispano-americano George Zimmerman, fazia uma ronda comunitária e se deparou com um “homem suspeito” que andava na calçada com capuz tampando o rosto e as mãos no bolso. Após ligar para a polícia e ser orientado para não perseguir o rapaz, Zimmerman saiu do carro, mas perdeu o jovem de vista, que correu quando

informações sobre os crimes motivados por intolerância racial nos EUA, processo que é narrado no trecho abaixo:

“The event that truly awakened me was the Trayvon Martin case. I kept hearing and seeing his name, and eventually I decided to look him up. I read the Wikipedia article and right away I was unable to understand what the big deal was. It was obvious that Zimmerman was in the right. But more importantly this prompted me to type in the words ‘black on White crime’ into Google, and I have never been the same since that day. The first website I came to was the Council of Conservative Citizens. There were pages upon pages of these brutal black on White murders. I was in disbelief. At this moment I realized that something was very wrong. How could the news be blowing up the Trayvon Martin case while hundreds of these black on White murders got ignored?

From this point I researched deeper and found out what was happening in Europe. I saw that the same things were happening in England and France, and in all the other Western European countries. Again I found myself in disbelief. As an American we are taught to accept living in the melting pot, and black and other minorities have just as much right to be here as we do since we are all immigrants. But Europe is the homeland of White people, and in many ways the situation is even worse there. From here I found out about the Jewish problem and other issues facing our race, and I can say today that I am completely racially aware.”¹⁸⁷

O relato é marcante por uma série de fatores, e segundo as autoridades do país, foi escrito pouco tempo antes da chacina. O texto em sua totalidade possui dimensões que não permitem sua reprodução completa no presente espaço, mas seria interessante analisarmos alguns aspectos. O “manifesto” é marcado por algumas peculiaridades, como erros de ortografia, palavras repetidas e estruturação similar a de um rascunho. O autor aborda vários tópicos caros aos neofascistas, como o revisionismo histórico condensado através da relativização da escravidão e da integração dos negros à sociedade estadunidense. A justificativa para suas posições parte várias vezes de sua vivência pessoal, no entanto, o que mais chama atenção no fragmento acima, é o fato de

percebeu que estava sendo seguido. No momento em que voltava para o veículo, Trayvon Martin, de 17 anos, abordou o homem questionando-o sobre o que estava acontecendo, a discussão culminou em um confronto físico, momento em que Zimmerman alvejou fatalmente o rapaz no peito. O caso gerou uma grande repercussão, incendiando o debate sobre intolerância racial e a conivência da polícia, que havia liberado o assassino pois entendeu que o mesmo só estava se defendendo. O caso gerou ainda mais discórdia no ano seguinte, quando a pressão popular levou o Estado da Flórida a processar Zimmerman por homicídio qualificado como crime de ódio. O julgamento se tornou um evento nacional, e gerou grande indignação do movimento negro quando Zimmerman foi inocentado pelo júri popular, o qual entendeu que o homem agiu em legítima defesa. O episódio transformou-se em um marco, ao passo que Zimmerman se tornou uma espécie de “herói” entre grupos de extrema direita.

¹⁸⁷ ROOF, Dylann. The Last Rhodesian, 2015. Text. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20150626114837/http://lastrhodesian.com/data/documents/rtf88.txt>

Roof referenciar diretamente um think tank neonazista chamado “Council of Conservative Citizens” como um dos grandes responsáveis por sua epifania racial. De acordo com o trecho, as “páginas e páginas” de relatos e estatísticas de assassinatos brutais cometidos por negros contra brancos foram responsáveis por transformar Roof em uma pessoa “racialmente acordada”, ou “*racially awake*”. O termo em questão costuma ser usado entre a Alt-Right para se referir aos brancos que se entendem como integrantes de uma raça oprimida em seu próprio país, tentando sobreviver em meio a torrentes de imigrantes que ameaçam seu estilo de vida tradicional; do outro lado, se encontram os brancos “progressistas”, afogados no politicamente correto e manipulados pela mídia, que se recusam a aceitar sua própria identidade racial superior.

O Council of Conservative Citizens foi fundado em 1985 por Gordon Baum, um ativista da segregação racial de longa data. O grupo é herdeiro dos *Citizens Councils of America*, uma rede que se proliferou pelo Sul dos Estados Unidos na década de 1950 com objetivo de combater o fim da segregação racial nas escolas e a expansão dos direitos civis para negros.

Com o impacto gerado pela divulgação do “manifesto” de Roof, foi apenas uma questão de tempo para que o Council of Conservative Citizens (CCC) ganhasse destaque na imprensa, alçando ao debate público a sua responsabilidade sobre o ocorrido em Charleston. Apesar da morte de seu fundador em março de 2015, a missão do CCC foi continuada por indivíduos já conhecidos entre a esfera dos movimentos supremacistas brancos, entre eles, se encontrava Jared Taylor, incumbido até o presente momento com o cargo de porta-voz da organização.

Possuindo uma experiência significativa quando se trata de entrevistas e aparições na imprensa¹⁸⁸, a postura de Taylor transmite uma aura de educação e

¹⁸⁸ Na página de seu instituto, o American Renaissance, podemos localizar uma aba intitulada “entrevistas e aparições”, onde se encontra uma lista com todas as participações em variados programas de rádio,

civilidade, seu tom de voz é de alguém que tem confiança e acredita ser capaz de defender suas convicções sem abdicar da polidez, ainda que seu conteúdo seja eivado de desprezo por aqueles que não compartilham a mesma cor da sua pele. Destarte, o recém empossado porta-voz não se viu intimidado pelas acusações e soube aproveitar a ocasião para defender a idoneidade do CCC e todo seu ideário. A posição mantida por Taylor revela uma estratégia muito comum até mesmo entre neonazistas convictos: a aberta condenação da violência física ainda que seu discurso e práticas sejam recheados de injúrias e declarações completamente insultuosas. Podemos testemunhar isto até mesmo em websites declaradamente neonazistas como o Daily Stormer¹⁸⁹, que promove seu conteúdo de forma um tanto agressiva e obscena, mas ao mesmo tempo, apresenta declarações na página inicial sobre seus princípios não violentos.

O então representante do CCC se encarregou de levar a posição oficial do grupo para a imprensa no difícil afã de negar qualquer responsabilidade sobre os atos de Roof ao mesmo em que demonstrava sua solidariedade com as angústias do assassino, pois, de acordo com as declarações à mídia, o papel de instituições como o CCC e o American Renaissance seria muito mais informativo e “pedagógico” do que um guia para ação direta na defesa da raça branca: *“Our site educated him. Our site told him the truth about interracial crime. What he then decided to do with that truth is absolutely not our responsibility.”*¹⁹⁰. Agindo de acordo com a estratégia apontada anteriormente, o apelo à um princípio de não-violência vem de mãos dadas com a tentativa de justificar a

matérias jornalísticas e até mesmo entrevistas para emissoras de grande porte como a Fox News e a CNN. Somente em 2015 foram mais de 17 participações, o ano seguinte conta com 34. A lista começa em 1992 e continua sendo atualizada até o presente momento. American Renaissance. Disponível em: <https://www.amren.com/archives/interviews-appearances/>

¹⁸⁹ “We here at the Daily Stormer are opposed to violence. We seek revolution through the education of the masses. When the information is available to the people, systemic change will be inevitable and unavoidable. Anyone suggesting or promoting violence in the comments section will be immediately banned, permanently.”. The Daily Stormer. Disponível em: <https://dailystormer.name/>.

¹⁹⁰. The Associated Press. NBC News. Don't Blame Us for Church Shootings, Council of Conservative Citizens Says. 23 de junho. 2015. Disponível em: <https://www.nbcnews.com/storyline/charleston-church-shooting/dont-blame-us-church-shootings-council-conservative-citizens-says-n380126>.

mesma violência cometida pelo jovem supremacista branco, ao passo que o cerne da discussão é deslocado por meio de um artifício retórico que tenta chamar atenção do público com uma acusação grave, ainda que completamente falsa:

“We of course categorically condemn his act, but that doesn't mean his motives weren't entirely legitimate.[...] Even as we're speaking right now, a white woman is probably being raped by a black man... If we're going to have any kind of honest discussion of race in this country, you're going to have to talk about black-on-white violence.”¹⁹¹

De acordo com o perpetrador do crime, sua “consciência racial” foi despertada pelos relatórios de crimes produzidos pelas instituições em pauta, portanto existe uma correlação óbvia entre o material acessado por Roof e suas ações. O recurso usado por Taylor para deslocar o âmago da polêmica para uma suposta realidade onde homens negros estupram mulheres brancas somente pelo fato de serem brancas, desnuda a estratégia empregada para desviar a discussão para uma outra direção desejada. Taylor habilmente se coloca em uma posição de pautar o debate, estabelecendo uma relação causal entre uma farsa que justificaria a reação violenta dos brancos “educados” por seus websites supremacistas. Em outras palavras, o ato de Roof deveria ser compreendido como um gesto de autodefesa, de reação a um ciclo de violência iniciada pelos negros, uma população que tende naturalmente à degeneração moral e à violência por conta de sua própria natureza - uma característica incontornável, inata a qualquer indivíduo descendente de africanos, pois está diretamente relacionado à uma questão genética.

Como foi possível observar, a atuação de Taylor não é um mero acaso da situação, fruto de uma reação espontânea frente à um conjunto de provocações. A instrumentalização dos argumentos e estruturação de suas falas são cuidadosamente elaboradas com o objetivo de alcançar a consciência de seus interlocutores. O discurso,

¹⁹¹ FERRAN, Lee; ROSS, Brian; SCHWARTZ, Rhonda. ABC News. Despite SC Shooting, White Nationalist Group Not Backing Down. 22 de jun. 2015. Disponível em: <https://abcnews.go.com/US/sc-shooting-white-nationalist-group-backing/story?id=31945915>

entendido aqui como uma prática social, política e ideológica, não pode ser reduzido a um reflexo individual isolado de seu ambiente, mas se encontra imerso na luta pela produção de consensos, ou melhor, no caso em questão, na luta pelo rompimento do consenso em torno das noções de igualdade civil e racial. Neste âmbito, seria interessante adotar alguns apontamentos teóricos do linguista britânico Norman Fairclough, um dos pioneiros no desenvolvimento da Análise de Discurso Crítica:

“O discurso como prática política estabelece, mantém e transforma as relações de poder e as entidades coletivas (classes, blocos, comunidades, grupos) entre as quais existem relações de poder. O discurso como prática ideológica constitui, naturaliza mantém e transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder. Como implicam essas palavras, a prática política e a ideológica não são independentes uma da outra, pois a ideologia são os significados gerados em relações de poder como dimensão do exercício do poder e da luta pelo poder. Assim, a prática política é a categoria superior. Além disso, o discurso como prática política é não apenas um local de luta de poder, mas também um marco delimitador na luta de poder: a prática discursiva recorre a convenções que naturalizam relações de poder e ideologias particulares e as próprias convenções, e os modos em que se articulam são um foco de luta.”¹⁹²

A contribuição trazida por Fairclough será a nossa principal referência para a análise de discurso presente nas fontes utilizadas para este capítulo. A noção de que os discursos possuem uma relação dialética com as estruturas sociais precisa caminhar junto com nossa investigação. Será através da produção de textos, vídeos, entrevistas e conferências que a Alt-Right construirá seu canal de comunicação com a sociedade, e toda essa produção tem o objetivo claro de influenciar o debate público - integra um conjunto de estratégias muito bem definidas, atuando sempre no sentido da persuasão e conquista de corações e mentes.

Dando um passo adiante em nossa análise, precisamos entender como as ideias de Taylor e sua rede são construídas, quais são os elementos que fornecem uma coerência interna e integram os pilares do que seria a “teoria” supremacista que justifica suas posições e sua militância na sociedade. É possível que o grande fator diferencial da

¹⁹² FAIRCLOUGH, Norman. Discurso e mudança social. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008. P. 94-95.

Alt-Right em contraposição aos grupos neofascistas do Século XX como a National Alliance, seja a reivindicação de um discurso científico, do emprego de estatísticas oficiais para a publicação de livros e relatórios que se apresentam como acadêmicos. Seguindo na mesma linha, um fator que chama atenção é a participação direta de professores universitários com currículos e certo grau de credibilidade entre seus pares na elaboração de conteúdos pseudocientíficos que desempenham um importante papel de conferir um verniz de legitimidade ao discurso supremacista. Como veremos adiante, o clamor de um lastro oferecido por membros da academia é uma das maiores artimanhas da Alt-Right, ainda que estes estejam erigidos em premissas falsas, manipulações metodológicas e um forte viés ideológico que se apresenta como ciência.

Se caso desejássemos seguir os passos de Roof rumo ao seu “despertar racial”, sem dúvida iríamos nos deparar com um documento chamado “*The Color of Crime: Race, Crime and Justice in America*”. A peça em questão se encontra disponível no website American Renaissance, mais especificamente na seção de “relatórios”, juntamente com outros documentos. O artigo foi publicado em 1999 pela *New Century Foundation*, uma organização criada cinco anos antes por Taylor para dar suporte às edições físicas das revistas de seu instituto. De acordo com a página eletrônica¹⁹³ do American Renaissance, a organização foi concebida com o objetivo de aprofundar o conhecimento sobre as relações raciais nos EUA e estudar as consequências da imigração. “The Color of Crime” é característico por seu formato acadêmico, sua versão digital possui hiperlinks para referências e documentos exteriores. Das suas 20 páginas, quase metade é composta por gráficos e tabelas, a origem das fontes é oriunda de

¹⁹³ “New Century Foundation is a 501(c)(3) organization founded in 1994 to study immigration and race relations so as to better understand the consequences of America’s increasing diversity. Perhaps the most important publication of New Century Foundation is “The Color of Crime,” New Century Foundation’s report on differences in crime rates by race, bias in the justice system, and interracial crime.”. American Renaissance. The Color of Crime – Major Findings. Disponível em: <https://www.amren.com/the-color-of-crime/>.

Na legislação estadunidense, o código “501(c)(3)” é um indicativo de organização não governamental, sem fins lucrativos e isento de tributação.

variados departamentos de combate ao crime e informes governamentais. Apesar de ter sido elaborado em 1999, a peça foi expandida em 2005 e conta com outras atualizações, que tentam transmitir um caráter informativo da realidade criminal dos Estados Unidos, sendo sua última edição disponibilizada no ano de 2016. O panfleto traz números, e apresenta índices de criminalidade voltados para negros, latinos e imigrantes, conduzindo o leitor à crença de que a população branca, sofre uma violência sistemática dirigida a eles. Possui também um tópico criado especificamente com o intuito de demonstrar que a violência policial contra negros é superestimada por movimentos como o Black Lives Matters e pela mídia, vejamos por exemplo, a amostra abaixo:

“There was some speculation that the overall rise was caused because of less active policing, or “de-policing.” Officers may have been unwilling to take risks in crime prevention for fear that even a slight misstep could come under career-ending scrutiny. This was known as “the Ferguson effect.” The officer who shot Michael Brown in Ferguson, Missouri, was forced out of his job because of media coverage and public protest even though a Justice Department study later found that he had acted properly. The rise of the Black Lives Matter movement and harsh anti-police rhetoric also put police under intense scrutiny, which may have led to less aggressive crime fighting.”¹⁹⁴

Somos informados portanto, que o Black Lives Matter, que surgiu como uma reação da sociedade civil contra a violência policial dirigida aos negros, é um movimento social que na verdade se levanta contra uma realidade não existente, fruto das imaginações férteis que integram o movimento antirracista, e pior, sua “retórica anti-polícia” é indicada como uma causa para aumento da criminalidade e o enfraquecimento do trabalho de segurança pública prestado por uma polícia cada vez mais desmoralizada. O argumento típico de que os movimentos sociais são formados para causar o caos social e levar a desordem à sociedade encontram aqui um ótimo aliado, afinal, os números e estatísticas não podem mentir.

¹⁹⁴ RUBENSTEIN. Edwin S. *The Color of Crime: Race, Crime, and Justice in America*. American Renaissance. New Century Foundation. 2016. P. 16 Disponível em : <https://www.amren.com/the-color-of-crime/>.

Ao fim e ao cabo, apesar de não afirmar explicitamente que não brancos tendem naturalmente ao comportamento violento, envolvimento com drogas, estupros e toda sorte de criminalidade, o esforço de “The Color of Crime”, como já sugere o próprio título, é uma construção cuidadosamente elaborada neste sentido. Já na primeira página, intitulada “*Major Findings*”, podemos encontrar um resumo em forma de dez tópicos com as conclusões mais relevantes angariadas pelo relatório, entre elas nos deparamos com os seguintes achados:

- There are dramatic race differences in crime rates. Asians have the lowest rates, followed by whites, and then Hispanics. Blacks have notably high crime rates. This pattern holds true for virtually all crime categories and for virtually all age groups.
- In 2013, a black was six times more likely than a non-black to commit murder, and 12 times more likely to murder someone of another race than to be murdered by someone of another race.
- In 2013, of the approximately 660,000 crimes of interracial violence that involved blacks and whites, blacks were the perpetrators 85 percent of the time. This meant a black person was 27 times more likely to attack a white person than vice versa. A Hispanic was eight times more likely to attack a white person than vice versa.¹⁹⁵

Podemos observar que o tratamento dos dados é instrumentalizado para “comprovar” que negros e hispânicos não só cometem crimes em uma proporção muito maior que brancos, como também esses crimes tendem a vitimizar os últimos. Como já foi mencionado anteriormente, o artigo se apresenta como um relatório estatístico, comprometido com o dever de informar ao leitor aquilo que os canais de mídia tradicionais omitem, mas até que ponto podemos encontrar algum contato com a realidade em *The Color of Crime*?

Em primeiro lugar, o ponto que talvez chame mais atenção é a omissão completa de qualquer fator econômico, social e histórico que deveria pautar a mais simples das reflexões acerca da criminalidade e violência urbana. Considero não ser exagero afirmar que a culpabilização individual e coletiva dos não brancos, especialmente negros e latinos seja um dos expedientes mais recorrentes da Alt-Right. O determinismo racial

¹⁹⁵ Idem.

empregado neste âmbito é sustentado pela individualização das responsabilidades sobre uma determinada condição econômica e social, o que vai de encontro com o discurso neoliberal em torno da meritocracia – se uma pessoa se encontra em uma situação de miséria, isto nada mais é um reflexo de suas próprias escolhas, ao passo que as todas as contradições sociais e econômicas são apagadas, pois o mercado seria capaz de oferecer as oportunidades para que qualquer pessoa seja capaz de garantir ao menos sua subsistência. Por outro lado, a culpabilização é direcionada ao coletivo, a uma identidade racial não branca, pois a propensão natural condicionada pelos genes, faz com que os não brancos estejam fadados a níveis muito maiores de pobreza, criminalidade, dependência química e qualquer forma de violência. Com base nesses “fatos” os supremacistas justificam seus clamores de que a desigualdade social é um reflexo das discrepâncias raciais geneticamente determinadas, logo, qualquer tipo de política social reformista ou assistencialista é denunciada como uma tentativa de impor uma igualdade artificial, externa às hierarquias e distinções naturais entre diferentes raças.

Em segundo lugar, “The Color of Crime” apresenta problemas sérios no tocante à metodologia e o tratamento dos dados. Normalmente, quando nos deparamos com um artigo científico, o tópico dedicado à metodologia costuma ser um dos mais relevantes, pois é o local onde o pesquisador transmite aos seus pares o conjunto de técnicas e procedimentos empregados para que seus resultados fossem alcançados. No relatório publicado pela New Century Foundation, o leitor tem de lidar com uma enxurrada de gráficos, números e tabelas, mas em momento algum somos informados a respeito de como as estatísticas e cálculos foram elaborados. Um dado interessante que ilustra a facilidade com que a instrumentalização de números pode ser usada para ocultar uma realidade muito mais complexa, se encontra em uma seção do próprio site do FBI, onde

um documento intitulado “Uniform Crime Reporting Statistics: Their Proper Use”, alerta os leitores para as possíveis “percepções enganosas” que podem decorrer da interpretação das estatísticas sem levar em conta fatores específicos de cada local. São listados mais de dez elementos, dos quais poderíamos destacar: a densidade populacional e o grau de urbanização; variações da composição da população, particularmente a concentração de jovens; padrões de deslocamento para o trabalho; condições econômicas, incluindo renda média, nível de pobreza e disponibilidade de trabalhos; fatores culturais e educacionais, recreacionais, e características religiosas; condições familiares a respeito de divórcio e coesão familiar¹⁹⁶ (tradução minha).

Ainda que o próprio departamento do FBI indique alguns cuidados necessários para a manuseio dos dados, os fatores citados no parágrafo acima são veementemente ignorados não só em “The Color of Crime”, como também por toda a narrativa supremacista fomentada pela Alt-Right. Vejamos, pois, a título de curiosidade, uma das tabelas extraídas diretamente da página eletrônica do FBI¹⁹⁷. Os dados abaixo foram retirados da tabela intitulada “Crimes por motivação de viés” (Offense by bias motivation), e traz algumas informações interessantes:

¹⁹⁶ Uniform Crime Reporting Statistics: Their Proper Use. Federal Bureau of Investigation. Uniform Crime Reporting. 2016. Disponível em: <https://ucr.fbi.gov/ucr-statistics-their-proper-use>.

¹⁹⁷ O banco de dados disponibilizado pelo FBI é colossal, sendo fornecido pelo programa governamental UCR (United Crime Reportings), o qual é montado a partir de dados enviados ao governo federal por departamentos de segurança pública de todo o país. Somente para o ano de 2016, são oferecidas 15 tabelas que podem ser baixadas em formato excel. A seção referente aos “crimes de ódio” (hate crimes) possui relatórios anuais, que foram iniciados em 1996, ao passo que o mais recente data de 2019. Caso seja de interesse do leitor, uma análise muito mais aprofundada pode ser feita na seção específica da página eletrônica do FBI. Disponível em: <https://www.fbi.gov/services/cjis/ucr/publications#Hate-Crime%20Statistics>.

	Total victims ¹	Total number of adult victims ²	Total number of juvenile victims ²	Crimes against persons							
				Murder and nonnegligent manslaughter	Rape (revised definition ³)	Rape (legacy definition ⁴)	Aggravated assault	Simple assault	Intimidation	Other ⁵	
<i>Bias motivation</i>											
Total	7.615	4.311	565	9	24	0	873	1.687	2.109	18	
Single-Bias Incidents	7.509	4.254	558	9	23	0	866	1.677	2.074	17	
Race/Ethnicity/Ancestry:	4.426	2.685	384	7	10	0	548	1.002	1.320	5	
Anti-White	909	586	41	5	5	0	120	241	188	2	
Anti-Black or African American	2.220	1.297	261	2	2	0	273	455	782	2	
Anti-American Indian or Alaska Native	169	120	6	0	1	0	8	17	36	0	
Anti-Asian	137	83	5	0	0	0	15	40	45	0	
Anti-Native Hawaiian or Other Pacific Islander	9	9	0	0	0	0	0	4	3	0	
Anti-Multiple Races, Group	190	99	12	0	0	0	17	36	49	0	
Anti-Arab	57	45	0	0	0	0	8	16	17	0	
Anti-Hispanic or Latino	483	302	46	0	1	0	91	129	140	1	
Anti-Other Race/Ethnicity/Ancestry	252	144	13	0	1	0	16	64	60	0	

Os índices apontados acima chamam atenção por destoar completamente da pintura trazida por Jared Taylor e seus supremacistas do American Renaissance. Podemos atestar que a motivação de crimes raciais contra afro-americanos é mais do que o dobro quando contrastado com os números relativos à população branca. À medida que 586 brancos adultos foram vítimas de crimes de ódio, quando somamos número de negros, indígenas, asiáticos, árabes e latinos, obtemos um total de 1859 pessoas, em outras palavras, os não brancos sofrem muito mais do que os brancos quando se trata de crimes de ódio. Convém lembrar que todo o material trazido com o intuito de amparar nossa crítica ao relatório “The Color of Crime” é referente a 2016, ano escolhido por se tratar da última edição do panfleto publicada no American Renaissance. A título de conclusão, sigamos para mais um informativo que traz resultados estranhamente diferentes dos números alarmantes de criminalidade entre os não brancos suscitado por Taylor e a Alt-Right:

¹⁹⁸ Table 4. Offense Type by Bias Motivation. Federal Bureau of Justice. Hate Crime Statistics. 2016. Disponível em: <https://ucr.fbi.gov/hate-crime/2016/tables/table-4>.

Offense type	Total offenses	Known offender's race						Known offender's ethnicity ¹					Unknown offender
		White	Black or African American	American Indian or Alaska Native	Asian	Native Hawaiian or Other Pacific Islander	Group of multiple races	Unknown race	Hispanic or Latino	Not Hispanic or Latino	Group of ethnicities	Unknown ethnicity	
Total	7.321	2.680	1.331	49	45	7	245	1.010	254	1.026	38	2.504	1.954
Crimes against persons:	4.720	2.197	1.117	35	35	4	199	505	214	856	28	1.880	628
Murder and nonnegligent manslaughter	9	4	5	0	0	0	0	0	0	1	0	3	0
Rape (revised definition) ²	24	9	6	2	0	0	0	3	2	2	1	14	4
Rape (legacy definition) ³	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Aggravated assault	873	395	268	9	7	1	63	56	69	179	9	313	74
Simple assault	1.687	764	513	17	9	3	93	184	90	377	14	654	104
Intimidation	2.109	1.015	322	7	19	0	43	262	52	288	4	893	441
Other ⁴	18	10	3	0	0	0	0	0	1	9	0	3	5
Crimes against property:	2.519	429	194	12	9	3	45	504	40	153	8	564	1.323
Robbery	134	25	67	3	0	0	13	11	10	30	1	47	15
Burglary	123	33	11	1	1	0	3	18	2	12	2	35	56
Larceny-theft	231	69	33	1	1	0	2	33	1	21	1	101	92
Motor vehicle theft	20	3	3	0	0	0	1	4	0	0	0	11	9
Arson	39	13	5	0	0	0	2	4	3	3	1	7	15
Destruction/damage/vandalism	1.913	267	69	7	7	3	24	422	23	85	3	329	1.114
Other ⁴	59	19	6	0	0	0	0	12	1	2	0	34	22
Crimes against society⁴	82	54	20	2	1	0	1	1	0	17	2	60	3

199

Mais uma vez, vemos o padrão se repetindo. Brancos superam afrodescendentes, latinos, asiáticos e indígenas somados. Os números atinentes aos delitos de intimidação, agressão simples e agravada, incêndio criminoso (arson) e vandalismo são expressivamente maiores entre brancos, ao passo que não foi possível localizar a quantidade aterradora de abusos sexuais praticados por negros, uma das alegações falsas mais comuns entre supremacistas - tão comuns, diga-se de passagem, que alguns decidem pegar em armas para fuzilar congregações religiosas afro-americanas em defesa das dezenas de milhares de mulheres brancas estupradas todos os anos.

O pequeno esforço realizado até o momento não é o suficiente para desnudar todas as manipulações estatísticas e fraudes trazidas por “The Color of Crime”, no entanto, minha intenção foi apenas de apontar como uma simples pesquisa em uma fonte oficial do governo revela a fragilidade de uma das maiores referências tidas como um fato estatístico que justificariam a naturalização da hierarquização racial tão sonhada pela Alt-Right. À guisa de conclusão, gostaria de apontar alguns trabalhos que realizaram uma crítica mais aprofundada do artigo em questão. O primeiro, realizado pela ONG Southern Poverty Law Center - uma das maiores referências no combate ao

¹⁹⁹ Table 3. Known Offender's Race and Ethnicity by Offense Type. Federal Bureau of Justice. Hate Crime Statistics. 2016. Disponível em: <https://ucr.fbi.gov/hate-crime/2016/tables/table-3>

racismo nos Estados Unidos - expõe algumas formas de supressão e seleção de evidências empreendidas no afã de construir um relatório que não reflete a realidade²⁰⁰. Por último, o livro “*The Color of Justice: Race, Ethnicity and Crime in America*”²⁰¹ apresenta um estudo com mais de 500 páginas produzido por três professores especializados em criminologia nos EUA. O livro não tem como proposta ser uma resposta direta aos relatórios fraudulentos produzidos pela New Century Foundation ou pelo CCC, mas apresenta um estudo muito mais sério e rigoroso sobre as estatísticas de crimes e sua correlação com as contradições socioeconômicas que atravessam a realidade do país.

3.2 – A construção do Extremo entre o Novo e o Velho Mundo:

A busca por uma legitimidade para o projeto supremacista nos EUA vem de longa data. É possível afirmar que os primeiros esforços no sentido de erigir um arcabouço pretensamente científico capaz de sustentar o racismo remonta às primeiras décadas do Século XX. Poderíamos, caso tivéssemos espaço para tal, nos aprofundar ainda mais quando se trata da História das ideias racistas e eugenistas no Hemisfério Norte, as quais desfrutaram de grande influência no pensamento europeu e se encontram enraizadas nos primórdios da antropologia biológica da primeira metade do Século XIX, principalmente em pensadores como o alemão Johann Friedrich Blumenbach²⁰², um dos primeiros a categorizar racialmente a espécie humana tendo por base o formato do crânio.

²⁰⁰ Color of Crime Booklet by Jared Taylor Popular on Radical Right. Southern Poverty Law Center. 2000. Disponível em: https://www.splcenter.org/intelligence-report?f%5B0%5D=field_intel_report_issue%3A11708&page=1

²⁰¹ DELOVE, Miriam; SPOHN, Cassia; WALKER, Samuel. *The Color of Justice: Race, Ethnicity and Crime in America*. Cengage Learning. 2017.

²⁰² Apesar de seu trabalho ter pavimentado o caminho para que a antropologia se tornasse um dos campos de conhecimento utilizados para a legitimação da superioridade branca, seria importante esclarecer que Blumenbach nunca foi um defensor de tal posição, criticando publicamente os caudatários do “racismo científico” de seu tempo.

Em vista disso, iniciaremos nosso percurso a partir das últimas décadas do Século XIX, momento em que a expansão imperialista na África e o período da Reconstrução pós-guerra civil nos EUA urgiam uma forma de justificar a superioridade da civilização europeia, a segregação racial e a eugenia para além do campo moral, posto em outros termos, a partir do campo científico.

Os Estados Unidos possuíam um histórico contraditório de relações raciais praticamente desde a declaração da independência, onde a inscrição clássica “*All men are created equal*” grafada por Thomas Jefferson, - um proprietário de escravos – na prática não abrangia os africanos e seus descendentes. Meio século depois, Samuel George Morton, um dos pioneiros nos estudos de anatomia comparada, publicava relatórios que informavam diferentes padrões de tamanho do crânio entre brancos, indígenas e negros. Para Morton, a partir da craniometria seria possível determinar o tamanho do cérebro e conseqüentemente a capacidade cognitiva e intelectual de um indivíduo. Excluindo qualquer chance para despertar surpresas, o autor considerou que os europeus seriam os naturalmente mais talentosos e capacitados, ao passo que os indígenas e negros, nessa ordem, ocupavam seu espaço original de inferioridade.

A ponte entre o que conhecemos como eugenia e o “racismo científico” e o início do Século XX foi solidamente construída por nomes como o francês Arthur de Gobineau e o inglês Francis Galton. Oriundos de famílias tradicionais e aristocráticas, ambos desenvolveram teorias pseudocientíficas que buscavam comprovar não só a superioridade da raça branca perante o resto do mundo, como também estabeleceram a hierarquização entre os povos da própria Europa. Pela primeira vez, a “raça ariana” ou “nórdica” era contraposta aos eslavos e os povos do Mediterrâneo, como portugueses, italianos e espanhóis.

As ideias de Gobineau e Galton ecoaram pelo Atlântico, sendo desenvolvidas e ampliadas nas décadas seguintes por Madison Grant e Lothrop Stoddard - até hoje reconhecidos como dois dos intelectuais de maior projeção no campo da eugenia, sendo o último, um orgulhoso membro da Ku klux klan. Ambos contribuíram para a construção de políticas de esterilização forçada e para as cotas de imigração que facilitavam a entrada de pessoas oriundas da Europa Central e Setentrional. Mas a influência assustadora dos eugenistas estadunidenses não se limitou ao seu país.

O professor da Universidade de Bielefeld, Stefan Kühl, redigiu um trabalho extremamente relevante acerca da influência do movimento eugenista norte-americano na Alemanha Nazista. Para além de Stoddard e Grant, o historiador remonta a trajetória de uma grande quantidade de intelectuais, institutos e congressos internacionais voltados para a promoção da eugenia e da segregação racial, apontando que os EUA da década de 1920, foram uma espécie de laboratório para algumas das políticas raciais adotadas pelo Terceiro Reich:

“In particular, the American Immigration Restriction Act of 1924 was applauded by German racial hygienists. Hans F. K. Günther, a famous German race anthropologist, praised the measure for its joint approach of prohibiting both degenerate individuals and entire ethnic groups from entering the United States. In an article entitled "The Nordic Ideal" Bavarian Health Inspector Walter Schultz wrote that German racial hygienists should learn from the United States how to restrict the influx of Jews and eastern and southern Europeans. He took the fact that the immigration law had drastically reduced annual immigration as evidence that "racial policy and thinking has " become much more popular than in other countries." One Other important German figure, in a famous book from 1924, was full of praise for the fact that the Immigration Restriction Act excluded "undesirables" on the basis of hereditary illness and race. His name was Adolf Hitler; the book was *Mein Kampf*.”²⁰³

A inspiração para uma sociedade que nega o direito a existência dos considerados inaptos, deficientes ou fracos, tocou profundamente a percepção de mundo de um jovem líder ultranacionalista encarcerado após uma malfadada tentativa de golpe, historicamente conhecido como o *Putsch da Cervejaria* de 1923. De acordo com Kühl,

²⁰³ KÜHL, Stefan. *The Nazi Connection: Eugenics, American Racism, and German National Socialism*. New York: Oxford University Press. 1994. p. 25-26.

obras como “*The Passing of the Great Race: Or, The Racial Basis of European History*” de 1916, não tardaram a circular de forma traduzida em território alemão. O *führer* ficou tão encantado com o livro, que redigiu de próprio punho uma epístola para Madison Grant revelando que sua obra havia se tornado algo próximo de “uma bíblia”²⁰⁴.

Em outra passagem reveladora, podemos observar o trânsito entre eugenistas norte-americanos e a Alemanha Nazista. Os pesquisadores racistas eram requisitados pois desempenhavam o papel de peças importantes na construção internacional de uma legitimidade para as medidas de segregação e perseguição cada vez mais agressivas da Alemanha:

“Hitler's personal correspondence with American eugenicists reveals both the influence that American eugenicists had on the highest figures of the Nazi regime and the crucial importance that National Socialists placed on garnering support for their policies among foreign scientists. The Nazi government consistently relied on the support of scientists to propagate their race policies both at home and abroad.”²⁰⁵

A relação simbiótica entre o Nazismo e eugenistas também revela como o pensamento de Stoddard e Grant serviram de sustentáculo para um projeto político que superava as barreiras de nacionalidade. Ambos falavam dos riscos que a miscigenação poderia trazer para um coletivo maior, uma soma de diferentes povos que constituía uma totalidade superior: a civilização branca. Apenas uma linhagem pura, resguardada das impurezas externas dos “*under-men*”²⁰⁶ seria capaz de preservar o mundo construído pelos brancos. Uma ordenação de palavras muito similares àquelas escritas por Stoddard e Grant cem anos atrás se manifesta hoje, através das teorias de

²⁰⁴ Idem. p.85.

²⁰⁵ Idem. p. 86.

²⁰⁶ O “*Under-man*” ou “subhumano” foi uma espécie de categoria criada por Stoddard em seu livro de 1922, “*The Revolt Against Civilization: The Menace of the Under-man*”. Inicialmente se referia aos indivíduos que não eram dotados dos requisitos para viver em uma sociedade entendida como civilizada, isto é, seriam uma ameaça à unidade das genealogias puras dos povos “nórdicos” ou “arianos”. O termo foi adaptado por Alfred Rosenberg, um dos maiores intelectuais do Nazismo, em seu livro “*O Mito do Século XX*”, de 1930. Também foi usado em campanhas de publicidade nazistas para atacar judeus, eslavos e povos de origem cigana.

conspiração do “Genocídio Branco” ou mesmo de slogans como as “*fourteen words*”²⁰⁷ ou catorze palavras em português.

De modo que o esforço dos nazistas e eugenistas compreendia um objetivo maior do que a expansão territorial do Terceiro Reich, sua derrota representou também o esfacelamento das propostas de “aperfeiçoamento racial” e eliminação dos mais fracos. O momento em questão significou uma virada no campo científico em relação ao que é entendido hoje como “racismo científico”. A eugenia passou aos poucos a ser compreendida como o que de fato é nos dias de hoje: uma expressão da militância neonazista fantasiada com um jaleco de cientista. O caminhar da História após 1945 demonstra que o desfecho da Guerra não foi o único fator responsável pelo descrédito da eugenia, pois os avanços da ciência, principalmente no campo da genética, da biologia evolutiva e da antropologia foram capazes de impugnar muitos de seus princípios básicos. O ambiente do pós-guerra na Europa levou muitos dos eugenistas de outrora a simplesmente fingir que suas atividades não tiveram nenhuma relação com a catástrofe humanitária do Holocausto, se afastando, pelo menos publicamente do racismo científico e do antissemitismo.

Todavia, assim como a derrota militar do nazismo não significou sua eliminação enquanto ideologia e movimento político, a supremacia branca subsistiu abraçada ao pensamento eugenista, emergindo novamente na década de 1990 sob a alcunha de “estudos entre as diferenças raciais” ou “estudos sobre raça e inteligência”, entretanto, apesar de exigir seu lugar como campo científico legítimo, veremos que o termo mais apropriado para área seria “racismo científico”.

²⁰⁷ “We must secure the existence of our people and a future for White children.” ou “fourteen words” é um código comum entre neonazistas. Foi criado por David Lane, um terrorista de extrema direita que integrava o grupo neonazista conhecido como “The Order” ou “Silent Brotherhood”. Lane foi condenado e preso em 1984 por participar do assassinato de Alan Berg, um radialista judeu progressista conhecido por seu tom polêmico.

3.3 – O Dinheiro, a Academia e a Alt-Right: A busca pela legitimação através do discurso científico.

Retirada do jargão típico das escolas de marketing, o termo “rebranding” pode ser explicado como um conjunto de estratégias e ações tomadas com o intuito de modificar a identidade pública de uma determinada marca ou estabelecimento comercial. Na maioria das vezes o processo é levado a cabo pela necessidade de se afastar de uma imagem negativa, manchada por algum tipo de ação que provocou forte impopularidade.

Na década de 1990, uma obra produzida por um cientista político e um psicólogo, foi responsável por iniciar uma espécie de “rebranding” da supremacia branca através do discurso científico, que se apresenta como neutro ideologicamente, assumindo o estrito papel de agente na construção do conhecimento.

The Bell Curve, de 1994, um esforço conjunto de Charles Murray e Richard Herrnstein propiciou um dos momentos divisores de águas no ambiente acadêmico norte-americano. Contando com 845 páginas, das quais 57 são para a bibliografia, a obra em questão suscitou uma grande polêmica, sendo recebida como uma peça de racismo científico por uns, mas agraciado como resultado de uma pesquisa séria baseada em largas evidências estatísticas por outros.

O trabalho de Murray e Herrnstein pode ser resumido como um grande esforço no sentido de justificar a pobreza e a desigualdade como consequências inevitáveis de fatores genéticos e hereditários. Mas diferentemente de relatórios como “The Color of Crime”, os autores se basearam nas diferenças entre resultados de testes de QI entre brancos, negros e latino-americanos nos Estados Unidos. Ao longo do escrito, é revelado que existe um grupo social que possui habilidades cognitivas superiores aos demais, este grupo se traduz principalmente na população branca. Os autores usam o

termo “elite cognitiva” para se referir ao estrato superior, e crivam que a estratificação social nos EUA é determinada pelos índices de QI, que por sua vez, de acordo com a “ciência”, não pode ser aprimorado e é um fator capaz de prever desdobramentos na vida profissional, acadêmica e até mesmo pessoal.

Ainda que os autores e seus seguidores defendam a lisura científica do trabalho, os últimos dois capítulos e os apêndices são voltados para julgar o que seria o fracasso das políticas sociais voltadas para o combate das desigualdades e injustiça contida nos projetos de ação afirmativa. O argumento é construído na tentativa de provar que qualquer medida de enfrentamento às desigualdades sociais, na prática tem o efeito contrário. O verniz de isenção ideológica é completamente posto abaixo quando os autores sugerem como solução para a desigualdade, políticas que desestimulem as taxas de natalidade entre mulheres das classes menos favorecidas economicamente.²⁰⁸

“Of all the uncomfortable topics we have explored, a pair of the most uncomfortable ones are that a society with a higher mean IQ is also likely to be a society with fewer social ills and brighter economic prospects, and that the most efficient way to raise the IQ of a society is for smarter women to have higher birth rates than duller women. Instead, America is going in the opposite direction, and the implication is a future America with more social ills and gloomier economic prospects. [...] The technically precise description of America's fertility policy is that it subsidizes births among poor women, who are also disproportionately at the low end of the intelligence distribution. We urge generally that these policies, represented by the extensive network of cash and services for low-income women who have babies, be ended.”²⁰⁹

Ora, nos deparamos aqui com um discurso que remete não só a era de ouro da eugenia, como também ao Darwinismo Social inspirado no filósofo britânico Herbert Spencer do final do Século XIX. A atribuição de um caráter científico e neutro para produções acadêmicas que visam influenciar o debate público e o senso comum rumo a uma certa direção ganhou força após a publicação em pauta, mas mesmo após 1945, nunca esteve completamente divorciado das Universidades. Talvez o caso mais

²⁰⁸ Originalmente o termo “*underclass*” é usado ao longo do livro para se referir aos setores com índices de QI “menos privilegiado”.

²⁰⁹ HERRNSTEIN, Richard; MURRAY, Charles. *The Bell Curve: Intelligence and Class Structure in American Life*. New York: The Free Press. 1994. P. 548.

emblemático tenha sido o do físico estadunidense William Shockley, que após alcançar o prestígio conferido por um prêmio Nobel em 1956, dedicou o resto de sua vida à promoção da eugenia.

Já na década de 1990, as ligações dos autores de “Bell Curve” com instituições não tão “isentas” foram rapidamente descortinadas. No mesmo ano de sua publicação, foi levantado que dentre as referências bibliográficas, dezessete foram financiadas pelo Pioneer Fund, think tank criado em 1937 por Harry Laughlin e Wickliffe Draper, dois eugenistas admiradores da Alemanha Nazista e que tinham relações próximas com seus pares do Terceiro Reich. O Pioneer Fund poderia ser apontado como a ponte entre a supremacia branca e a academia, pois desde a sua fundação, ficou marcado pela sua forte atuação no campo da eugenia, como também na defesa das Leis Jim Crow. O professor Paul Lombardo, historiador especialista em bioética da universidade da Geórgia, delimita um pouco da atuação dos fundadores do Pioneer Fund a seguir:

“Pioneer’s founding president was Harry Laughlin, one of the most effective propagandists of early Twentieth Century America’s organized eugenics movement. He is described in *The Bell Curve* sympathetically as “a biologist who was especially concerned about keeping up the American level of intelligence by suitable immigration policies.” Like *The Bell Curve*, Laughlin sounded the eugenicist’s alarm, declaring that the “great mass of defectiveness” swelled by immigrants, the feeble-minded, and children of racial intermixture would swamp America. Laughlin’s pronouncements about race echoed the hierarchical standards—white Nordics at the top, others below—set out by Francis Galton, the father of the eugenics movement. Laughlin believed that the “pioneer families” of the United States, pruned of weaker members by frontier tests of survival, represented the pinnacle of Nordic purity. He claimed that Germans and early American settlers shared a “common race descent” from ancient Nordic ancestors. Laughlin argued for a legal definition of “the American race” that would exclude all but “Anglo-Saxon” immigrants, and he dedicated extensive efforts to blocking the migration of Jews fleeing Hitler. His collaborators in developing the new definition were Madison Grant, an elder statesman of American eugenics, and Wickliffe Draper, a textile magnate, whom Laughlin introduced to his German colleagues in 1935 as “one of the staunchest supporters of eugenical research and policy in the United States.”²¹⁰

A fortuna legada por Wickliffe Draper ao Pioneer Fund foi um dos grandes responsáveis por manter a chama do que se entende por “racismo científico”, o que

²¹⁰ LOMBARDO, Paul. *The American Breed*: Nazi eugenics and the origins of the Pioneer Fund. Albany law review. 2002. P. 745.

pode ser confirmado através do levantamento realizado pelo *Institute for the Study of Academic Racism* (ISAR). O instituto foi fundado em 1993 pelo professor Barry Mehler da Universidade de Ferris State, localizada no estado de Michigan, e disponibiliza em seu website um grande banco de dados²¹¹ que contabiliza o financiamento de pesquisas pelo Pioneer Fund. De acordo com as informações disponibilizadas, somente entre 1971 e 1996, o montante total de doações supera os 15 milhões de dólares, entre os beneficiados, encontram-se a New Century Foundation de Jared Taylor com 17,490 dólares e o Mankind Quarterly, um periódico pseudocientífico vinculado ao Ulster Institute for Social Research, da Universidade Britânica de Ulster, que já foi agraciado com mais de 600 mil dólares.

O histórico de colaboração entre o Pioneer Fund e a academia é um tópico extremamente relevante²¹², e elucida muitos pontos de contato entre o neofascismo nos EUA e o discurso pretensamente científico, isto posto, vamos direcionara partir de agora nosso escopo para os acadêmicos diretamente ligados a Alt-Right.

Em um artigo de 2016 intitulado “*Race Realism and the Alt-Right*”, Jared Taylor condensa algumas de suas visões sobre o que é entendido pela Alt-Right como o “*race realism*” ou realidade racial. Basicamente, o autor se demonstra muito seguro de que suas posições não são meramente de cunho ideológico ou político, mas também científico. Taylor enumera vários acadêmicos²¹³ que fornecem o respaldo para a confirmação da supremacia branca como uma realidade científica censurada por um ambiente acadêmico asfixiado pelo “politicamente correto” e pelo progressismo. Além

²¹¹ Institute for the Study of Academic Racism. Pioneer Fund Grants 1971-1996. Disponível em: <http://www.ferris-pages.org/ISAR/Institut/pioneer/pfsread/homepage.htm>.

²¹² Além da obra de Paul Lombardo, o professor aposentado da Universidade de Rutgers em Nova Jersey, elaborou um dos trabalhos mais completos a respeito da atuação conjunta do Pioneer Fund e acadêmicos. Ver: TUCKER, H. William. *The Funding of Scientific Racism: Wickliffe Draper and the Pioneer Fund*. Illinois: University of Illinois Press. 2002.

²¹³ TAYLOR, Jarred. *Race Realism & the Alt-Right*. In: JOHNSON, Greg.(org). *The Alternative Right*. San Francisco: Counter Currents Publishing. 2018. Ebook sem paginação.

dos autores²¹⁴ de *The Bell Curve*, também constam nomes como Michael Levin e Richard Lynn. Consideremos brevemente suas relações com a American Renaissance.

Michael Levin, professor de filosofia emérito da Universidade de Nova Iorque, publicou em 1997 um dos livros mais explicitamente racistas de sua geração: *Why Race Matters: Race Differences and What They Mean*²¹⁵. Levin interpreta estatísticas baseadas em resultados de teste de QI e índices de criminalidade para afirmar que negros possuem uma propensão natural a violência, comportamento impulsivo e descontrole emocional. Tal argumentação e conclusão absurda diante das estatísticas é um clichê entre racistas, não apresentando nenhuma novidade. No entanto, Levin vai além. O autor afirma que a partir dos já mencionados impulsos inatos baseados no DNA de afrodescendentes, medidas políticas deveriam ser tomadas para que os brancos sejam protegidos, isto é, Levin propõe, por exemplo, a aplicação de leis exclusivas para negros, o que na prática é o fim de qualquer possibilidade de um modelo democrático de sociedade. O autor ainda sugere que negros sejam restritos a vagões de metrô específicos fiscalizados pela polícia e toque de recolher em comunidades de afrodescendentes como medidas que poderiam ser aplicadas no afã de proteger a sociedade. O mais aterrador, é o fato de que toda a barbárie pseudocientífica defendida por Levin se dá através de um tom formal e não agressivo, que tenta recorrer a mecanismos que seriam legitimados pela letra da lei, e não por um meio da coerção e violência estatal ilegais. O fato de o autor ser um judeu defensor da supremacia branca²¹⁶ talvez acrescente ao leitor mais uma última dose de espanto. Levin é um dos

²¹⁴ Os autores arrolados por Jared Taylor são respectivamente: Arthur Jensen, Richard Herrnstein, Charles Murray, Linda Gottfredson, Richard Lynn, Michael Levin, Michael Woodley, Philippe Rushton, e Robert Plomin. Os únicos que não possuem uma relação direta com a Alt-Right ou eugenistas são os psicólogos Artur Jensen (falecido em 2012) e Robert Plomin, justamente os que possuem mais relevância acadêmica.

²¹⁵ *Why Race Matters: Race Differences and What They Mean*, Praeger Publishers, 1997.

²¹⁶ Por mais irônico que possa parecer, Levin não é o único judeu no campo da Alt-Right. O astrofísico estadunidense Michael H. Hart, alcançou uma reputação considerável com o *best-seller* “As 100 maiores Personalidades da História”, publicado pela primeira vez em 1978 e reeditado em 1992. Em 2007 Hart edita “*Understanding Human History*”, onde defende a separação dos EUA em diferentes estados para

acadêmicos mais frequentemente citados por Taylor, já foi conferencista nos encontros nacionais do American Renaissance em quatro ocasiões: 1994, 96, 98 e 2002. Até o momento já colaborou com 10 artigos escritos para o website.

O principal elo entre o neofascismo e a academia é sem dúvida desempenhado pelo periódico *Mankind Quarterly* e seu editor chefe, Richard Lynn. Apesar de ter se aposentado em 2018, Lynn permanece engajado em sua luta pelo estabelecimento do racismo científico como um campo de conhecimento respeitável. Um dos seus maiores esforços nesse sentido se cristalizou em 2008, com a publicação de *“The Global Bell Curve: Race, IQ and Inequality Worldwide”*, que ao contrário da obra publicada em 1996 por Herrnstein e Murray, obteve pouca repercussão no ambiente acadêmico. Com uma trajetória que denota uma aproximação cada vez mais clara com supremacistas brancos, Lynn teve sua posição de “professor emérito” da Universidade de Ulster revogado após protestos de alunos e da comunidade acadêmica. Atualmente o psicólogo segue como diretor do Pioneer Fund, tendo inclusive publicado um livro²¹⁷ com o objetivo de “recontar” a história da instituição omitindo todas as relações de seus membros fundadores com a Alemanha Nazista e o engajamento contra os direitos civis.

A brochura também conta com um longo histórico enaltecido de seus colaboradores, entre os quais, conta com ninguém mais do que A. James Gregor, historiador do fascismo debatido no capítulo anterior, que apesar de frequentemente acusar seus pares marxistas de “militância acadêmica”, possuiu uma relação muito profícua com os financiamentos do Pioneer Fund na década de 1950 e início de 1960, chegando a integrar o corpo editorial do *Mankind Quarterly*. A colaboração findou em

cada etnia. Hart é colaborador da American Renaissance e já participou de suas conferências. Ver: HART, Michael H. *Understanding Human History*. Georgia: Washington Summit Publishers. 2007.

²¹⁷ LYNN, Richard. *The Science of Human Diversity: A History of the Pioneer Fund*. Lanham, New York, Oxford: University Press of America. 2001.

1964, quando Gregor se desligou do Pioneer Fund e do periódico para se dedicar aos estudos da Itália Fascista. O Capítulo 10 do livro foi inteiramente dedicado a Gregor²¹⁸.

Richard Lynn também se encontra entre os colaboradores da American Renaissance, apresentando palestras nos encontros anuais de 2000, 2002²¹⁹ e 2012. Além das participações nos encontros, possui artigos, entrevistas e resenhas disponíveis no website da American Renaissance.

Por último, mas não menos importante, vale mencionar a relação entre o magnata William Regnery II, criador do National Policy Institute e por conseguinte, um dos principais financiadores de Richard Spencer. Abordaremos alguns dos intelectuais ligados ao front aberto por Regnery²²⁰ ao longo de sua vida.

A família Regnery esteve envolvida com o ativismo conservador desde o início do Século XX, boa parte de sua atuação foi condicionada pela fortuna obtida como grandes proprietários da indústria têxtil. O avô de William, foi um dos fundadores do *America First Committee*, um grupo teoricamente “apartidário”, criado com o intuito de promover uma política internacional não-intervencionista na Segunda Guerra Mundial. Seu pai, Henry, foi homem importante entre os círculos conservadores dos Estados Unidos, fundou a editora Regnery Publishing em 1947, responsável por publicar autores fundamentais do conservadorismo estadunidense, como Russel Kirk e William Buckley.

No entanto, William parecia se sentir incomodado com a moderação de seus progenitores, partindo para o ativismo no campo da supremacia branca. Com a fortuna

²¹⁸ Idem. p. 117-129.

²¹⁹ Em 2012, a palestra apresentada por Lynn foi em conjunto com o psicólogo e ex-professor da Universidade de Ontario, J. Philippe Rushton. Outra grande referência acadêmica para a American Renaissance, Rushton ocupou o cargo de diretor do Pioneer Fund até o ano de sua morte em 2012, sendo substituído desde então por Lynn.

²²⁰ Um dos relatos mais completos sobre o pensamento de Regnery e sua atuação rumo a um projeto de sociedade pode ser encontrado em uma detalhada reportagem elaborada pelo jornal BuzzFeed News. Ver: ANDERSON, Joel; ROSTON, Aram. The Moneyman Behind the Alt-Right. BuzzFeed News. 23 de jul. 2017. Disponível em: <https://www.buzzfeednews.com/article/aramroston/hes-spent-almost-20-years-funding-the-racist-right-it>.

herdada, foram fundadas a *Charles Martel Society* em 2001 e o *National Policy Institute* em 2005.

Nomeada em homenagem ao rei franco Carlos Martel²²¹(688-741), a fundação tem como objetivo administrar o website *Occidental Observer* a revista pseudo-científica *Occidental Quarterly*, que apesar de seu conteúdo, apresenta um formato de periódico científico como qualquer outro. Alguns nomes de peso já passaram pela mesa editorial da revista, tais como o paleoconservador Samuel Francis e os já mencionados Richard Lynn e Jared Taylor²²².

Kevin MacDonald, o editor chefe do periódico e da revista digital, é ex-professor da Universidade da Califórnia, e um dos maiores intelectuais antissemitas dos Estados Unidos. Publicou uma trilogia de livros na década de 1990 onde analisava os judeus como uma minoria dominante, isto é, em qualquer sociedade que os judeus possam vir a se estabelecer, conquistam posições de influência através da manipulação e da acumulação de riqueza. Baseado nesta breve introdução, talvez não surpreenda ao leitor a informação que MacDonald foi um dos “especialistas” convidados para testemunhar por David Irving em seu processo contra a historiadora Deborah Lipstadt. Assim como Irving, Macdonald é engajado na luta pelo negacionismo do Holocausto, e já publicou em revistas dedicada à atividade, como a *Journal of Historical Review*²²³. O Southern Poverty Law Center desenvolve da seguinte forma a perspectiva geral de MacDonald sobre os judeus:

²²¹ Carlos Martel foi o líder dos exércitos europeus na Batalha de Tours em 732. A vitória contra as forças do Califado Omíada é entendida como um dos momentos onde o avanço dos muçulmanos sobre o Velho Mundo foi contido. Passou a ser celebrada pela extrema direita como um triunfo heroico do ocidente cristão contra as hordas de bárbaros muçulmanos.

²²² SPLC-Southern Poverty Law Center. William Regnery II. Disponível em: <https://www.splcenter.org/fighting-hate/extremist-files/individual/william-h-regnery-ii>.

²²³ Revista publicada sob o selo do *Institute for Historical Review*, fundado por Willis Carto, um dos maiores representantes do negacionismo do Holocausto nos EUA. Carto também foi fundador do *Liberty Lobby* e era um epígono e divulgador de Francis Parker Yockey, um dos pioneiros do neonazismo na América do Norte.

“MacDonald's basic premise is that Jews engage in a "group evolutionary strategy" that serves to enhance their ability to out-compete non-Jews for resources. Although normally a tiny minority in their host countries, Jews, like viruses, destabilize their host societies to their own benefit, MacDonald argues. Because this Jewish "group behavior" is said to have produced much financial and intellectual success over the years, McDonald claims it also has produced understandable hatred for Jews by gentiles. That means that anti-Semitism, rather than being an irrational hatred for Jews, is actually a logical reaction to Jewish success. In other words, the Nazis, like many other anti-Semites, were only anti-Semitic because they were countering a genuine Jewish threat to their wellbeing. To restore "parity" between Jews and other ethnic groups MacDonald has even called for systematic discrimination against Jews in college admissions and employment and special taxes "to counter the Jewish advantage in the possession of wealth."²²⁴

O autor possui admiração pública de neonazistas como David Duke e Don Black, foi conferencista na convenção nacional do National Policy Institute em 2016²²⁵ e já participou de podcasts com Richard Spencer e outros influenciadores associados ideologicamente à Alt-Right. Além do escritor antissemita, Spencer possui um longo histórico de colaborações com intelectuais portadores de formação acadêmica, muitos recebem um espaço privilegiado para publicar seus livros na editora *Washington Summit Publishers*, gerida por Edward Dutton, Ph.D. em estudos religiosos pela Universidade de Aberdeen e atualmente professor de psicologia evolucionária na Universidade de Lodz, na Polônia.

À guisa de conclusão, meu propósito na presente seção foi expor ao leitor como o a Alt-Right conseguiu não só se articular com a academia, como também ocupar suas cadeiras e construir ali, o seu próprio nicho. Ainda que o “racismo acadêmico” seja visto como uma chaga dentro do ambiente universitário, foi possível perceber que o grupo de intelectuais munidos de diplomas conceituados receberam um amplo subsídio financeiro de instituições comprometidas com um projeto político excludente, intolerante e antidemocrático, colocando-se lado a lado com os neofascistas da Alt-Right.

²²⁴ SPLC-Southern Poverty Law Center. Kevin Macdonald. Disponível em: <https://www.splcenter.org/fighting-hate/extremist-files/individual/kevin-macdonald>.

²²⁵ Bitchute. Culture of critique for Normies (Full). 2016. Disponível em: <https://www.bitchute.com/video/KUkk9xisGinI/>.

3.4 – A Alt-Right e o Revisionismo: Perversão e Sequestro do Passado

Do outro lado do Atlântico a derrota do Reich energizou movimentos pelos direitos civis, principalmente na década de 1950 em diante. A mudança no contexto internacional e a pressão exercida para o fim das Leis Jim Crow é um fato lamentado por Jared Taylor. O líder da American Renaissance, em um artigo intitulado “The Ways of Our People”, publicado entre as edições de setembro e outubro de 1996, faz uma ponderação acerca do que poderia ter “precipitado o súbito câncer do igualitarismo” sobre os valores tradicionais da idílica sociedade estadunidense das primeiras décadas do Século XX. A resposta oferecida pode ser conferida no trecho abaixo:

“The devastation of the First World War made many Europeans doubt the validity of their civilization. The Second World War—another devastating blow to Western self-confidence—ended with victory by the most ideologically egalitarian nations on earth: the Soviet Union and United States. Whatever else it stood for, the Axis fought for distinctions—national, racial, cultural, biological. Its defeat discredited eugenics and racial consciousness. It even discredited nationalism, and the United Nations was created with the goal of eliminating nationalism and national conflicts.”²²⁶

Apesar de curto, considero que o trecho acima nos brinda com várias possibilidades para explorar a cosmovisão da Alt-Right e suas inerentes contradições. Dentre alguns apontamentos que me parecem mais evidentes, estão as afirmações de que as duas Guerras Mundiais contribuíram para um “abatimento” do moral coletivo dos europeus quanto à sua própria superioridade, como se até então, o Velho Mundo fosse um espelho dos Campos Elísios, onde nenhum ato de violência, guerra ou brutalidade jamais tivesse acontecido. Ora, não é preciso ter uma formação em humanidades para se ter em mente que a violência, em todos as suas manifestações e formas vem acompanhando nossa espécie desde a sua infância. Logo em seguida somos confrontados com a estapafúrdia afirmação que ao fim da Guerra, os EUA eram “uma das nações ideologicamente mais igualitárias do mundo”. Questiono-me de que forma

²²⁶ TAYLOR, Jared. *If We do Nothing: Essays and reviews from 25 years of white advocacy*. 2017. New Century Books. Ebook.

os Estados Unidos da década de 1940, um dos grandes luminares da eugenia, das Leis Jim Crow e da Ku Klux Klan poderiam ser considerados um país igualitário?

Da mesma maneira, salta aos olhos o lamento de Taylor sobre o desfecho da Segunda Guerra Mundial. Para o autor, o que parece realmente importar é o fato de que os nazistas se tornaram mártires da luta pelas “distinções”, sejam elas de cunho racial, cultural ou nacional. A palavra “distinções” se revela muito cara para o autor ao longo de sua escrita, ela parece carregar o sentido de uma profunda admiração por um período histórico onde as hierarquias sociais baseadas na cor da pele e no local de nascimento eram os fatores que determinavam as virtudes inatas de cada indivíduo. No decorrer do texto Taylor nos elucida de que as principais instituições políticas criadas nos últimos duzentos anos, vem sendo corroídas pelo já mencionado “câncer da igualdade”. O autor lamenta que a liberdade de expressão foi tolhida para proteger as minorias do que ficou conhecido como “discurso de ódio”. O Estado de Direito se tornou um instrumento para proteção de criminosos e desajustados, ao passo que a República cuidadosamente construída pelos pais fundadores a partir de 1776, foi pervertida em uma democracia de massas:

“Every one of these institutions and characteristics reflect the particular morality of whites. In recent decades, every one has been perverted into something dangerous and self-destructive. Institutions that once balanced respect for the rights of others against inegalitarian reality now serve blind egalitarianism. The history of this century is the history of an almost hysterical assault on distinctions of all kinds. Distinctions require judgment, and judgment is painful for those who are judged. Some people are found wanting when a society distinguishes between criminal and non-criminal, competent and incompetent, worthy and unworthy, healthy and perverse, our people and those who are not. White societies have pushed their consideration for others to impossible limits; they have lost the capacity to judge. Distinctions that are vital for survival are blurred and smoothed over in the name of “sensitivity” and “tolerance.” Recognition of inequality is now a violation of the liberal vision of man (now known, of course, as humankind).”²²⁷

A revolta contra a longa lista de inversão de valores apresentada por Taylor é uma característica que permanece em constante ruminação ao longo do texto, que

²²⁷ Idem.

apesar de ter sido publicado em 1996, seu conteúdo se faz presente no discurso do autor até os dias de hoje. Outro ponto que convém ser destacado é o desprezo elitista pela democracia liberal, que se assemelha muito à perspectiva de algumas vertentes do liberalismo e do conservadorismo²²⁸ oriundas do Século XIX. Aparentemente, Taylor tem como referência a legislação²²⁹ que vigorou entre 1776 e 1868 acerca do direito ao voto, onde somente homens brancos acima de 21 anos que fossem proprietários de terras tinham acesso sufrágio:

“For example, it was in the name of equality that the work of the Founding Fathers was dismantled so as to reduce representative government to something like mob democracy. Most of the restrictions on the franchise have been stripped away. Some kind of qualification is necessary to drive a car or become a barber, but any fool who turns eighteen can vote. Presidents and U.S. Senators are now chosen directly by mass ballot. The Founders were careful to distinguish their republic from a democracy, which they feared; we now have a democracy. Why has their work been undone? Because it recognized that some men are wiser than others—a subversive sentiment in this egalitarian era.”²³⁰

Somos apresentados no excerto acima a reivindicação de que se é necessário ter alguma qualificação para “dirigir um carro ou se tornar um barbeiro”, o mesmo princípio deveria ser aplicado em relação ao direito ao voto, pois do contrário, as portas

²²⁸ Dois estudos mais aprofundados que apresentam diferentes perspectivas sobre de tais vertentes podem ser encontrados em: LOSURDO, Domenico. *Contra-História do Liberalismo*. São Paulo: Editora Ideias & Letras. 2006. e MERQUIOR, José Guilherme. *O Liberalismo: Antigo e Moderno*. São Paulo: É Realizações Editora. 2014.

²²⁹ A legislação referente ao sufrágio permaneceu extremamente antidemocrática até a Guerra de Secessão. Entre os anos de 1865 e 1877, período que ficou conhecido pela historiografia como “Reconstrução”, foram promulgadas três novas emendas à constituição (A 13º de 1865, a 14º de 1868 e a 15º de 1870) que visavam ampliar os direitos civis e políticos da população afrodescendente. Apesar dos esforços, a constituição estadunidense previa que as eleições fossem organizadas de forma independente em cada estado, o que possibilitou, principalmente no Sul, que uma série de políticas voltadas para impedir a participação dos negros no processo eleitoral fossem criadas. As brechas na lei foram aproveitadas e assim foram criados os “*poll tax*”, um imposto individual cobrado de todos que pretendiam votar, dessa forma, os negros e até mesmo os brancos pobres, eram alienados de seus direitos políticos. Os “*literacy tests*” também eram uma barreira comum. Constituíam-se em pequenos exames de alfabetização, que caso não tivessem seus requisitos mínimos alcançados, embargavam automaticamente o direito ao voto. Não podemos olvidar as formas extrajurídicas de constrangimento, como a violência, intimidação e perseguição aos negros que pretendiam exercer seus direitos - práticas estas que frequentemente gozavam da cumplicidade das autoridades locais. Os afrodescendentes só encontraram a possibilidade de exercer plenamente seus direitos políticos com a promulgação da 24º Emenda de 1964, que banuiu todas as formas de coibição ao voto e estabeleceu normas para a proteção destes direitos. O historiador Eric Foner, certamente a maior referência da área nos EUA possui um número considerável de obras dedicadas a esse contexto histórico. Ver: FONER, Eric. *Forever Free: The story of emancipation and Reconstruction*. New York: Knopf. 2005; FONER, Eric. *The Second Founding: How the Civil War and Reconstruction Remade the Constitution*. New York: W. W. Norton. 2019.

²³⁰ TAYLOR, Jared. *Op. Cit.*

para que “qualquer idiota que faça 18 anos” possa eleger presidentes e senadores são escancaradas. Em nome do que Taylor entende como “igualitarismo”, o sonho de uma República branca e elitista foi destruído.

As “distinções”, o termo tão caro a Taylor e aos neofascistas da Alt-Right não são apenas de cor, mas devem ser entendidas como uma forma de superioridade natural que deveria hierarquizar as sociedades e indivíduos. Podemos notar que a repulsa pelo modelo democrático-liberal é exposta sem o menor pudor - a via pela qual a Alt-Right recusa o sistema em questão vai muito além dos exemplos de autoritarismo e regimes ditatoriais de direita do Século XX, onde os argumentos tradicionais para as ditaduras conservadoras que usualmente repousam em torno da defesa da ordem, o apelo ao pânico moral, o nacionalismo e a rotineira “ameaça comunista”, não costumam ser encontrados nos manifestos da Alt-Right. Para concluir a questão, gostaria de trazer uma amostra onde Taylor aprofunda seu tom crítico em relação a soturna realidade em que se encontram as sociedades brancas ocidentais na atualidade:

“All these changes have been part of an assault on virtually every difference, hierarchy, distinction, and discrimination that men have taken for granted. What we see in the United States and in other white nations is an attack on distinctions that is almost as far-reaching as the Communist attempt to destroy private enterprise.

[...]In public discourse and political life, not much is left of the old distinctions between man and woman, hetero- and homosexual, gifted and incompetent, citizen and alien, producer and parasite, gentleman and barbarian. This campaign has succeeded because of the altruistic inclinations that are probably inherent in whites. Down this path lies the collapse of all values. Of course, the mandatory equality—even equivalence—of races is one of the most desperately defended illusions of this desperately egalitarian century. The illusion began to shape society first in the United States and then spread to other white nations. Racial doctrine is now at the heart of the egalitarian juggernaut that is crushing the white man. The ability to make racial distinctions has been swept away, along with the ability to make countless other distinctions.”²³¹

O problema, portanto, não gira em torno somente das noções de igualdade civil, política e social, mas do próprio entendimento de que a humanidade seria o fator básico que une toda a nossa espécie. Para Taylor, no momento em que as hierarquias tidas

²³¹ Idem.

como naturais passaram a ser limitadas e combatidas pelas sociedades ocidentais, iniciou-se um processo irreversível do “colapso de todos os valores”. A retórica catastrofista emitida por Taylor não é apenas um recurso estilístico, mas uma estratégia que visa despertar temores primitivos e instigar seus leitores. Uma das maiores ambições da Alt-Right se encontra profundamente enraizada na urgência de inverter a posição da “civilização branca” na História: outrora colonizadores e portadores do processo civilizador, agora precisam lidar com o horror trazido pelas hordas de imigrantes negros, latinos e muçulmanos. O labor dos intelectuais supremacistas está atrelado, em última instância, a persuadir o cidadão médio norte-americano de que ele é uma vítima, ele é o oprimido, de que se algo não for feito ele e sua família se tornarão despossuídos em sua própria terra, estrangeiros em seu próprio país. Neste âmbito, a luta se encontra no campo do pensamento, das ideologias. É preciso fazer com que o homem branco se dê conta de sua própria realidade, onde o feminismo, o multiculturalismo, a igualdade, a esquerda, e assim por diante, são as mais poderosas armas que o impedem de despertar sua consciência racial. Como já foi aludido anteriormente, este é o processo chamado nos fóruns da internet como o 4chan, 8chan e reddit, de “*red pilling*”, em referência à pílula vermelha do filme Matrix, que faz com que o protagonista seja trazido de uma realidade simulada para o distópico mundo real.

Não à toa, o artigo de onde foi retirada a citação anterior encontra-se em meio a uma seleção de 37 textos de autoria do próprio Taylor, intitulada “*If We Nothing*”, que traduzido para o português, seria algo próximo de “Se Nós não Fizemos Nada”.

O expediente adotado por Taylor se mantém ao longo do opúsculo, e permanece recorrente até hoje em seus escritos, vídeos e entrevistas. A forma com que os intelectuais da Al-Right se dirigem ao seu público alvo possui características similares, e ainda que existam casos que vão no sentido oposto, de uma forma geral, é notória a

preocupação em demonstrar seriedade não só no comportamento, como também na defesa de suas propostas disparatadas. Considero que não se trata de uma simples interpretação ignóbil da História, mas integra uma estratégia que visa solidificar os alicerces de um projeto maior, que necessita de um discurso capaz de gerar o convencimento de um certo público. No entanto, a construção de uma superioridade quase divina sobre os demais povos, esbarra no longo histórico de perversidades praticados pelos europeus tanto em seu próprio continente quanto nos processos de colonização. Vejamos um exemplo que expõe como a realidade histórica é esfacelada com o objetivo de moldar uma perspectiva completamente fantasiosa:

“Whites are the world’s unsurpassed champions at “saving” and improving things. They have fought wars to end wars, make the world safe for democracy, and—some say—to end slavery.[...] Where does all this moral energy come from? There is increasing evidence that personality traits—including such things as introversion/extroversion, respect for authority, strength of religious convictions, and impulsiveness—are under considerable genetic control. Fifty percent seems to be about the average figure for heritability of such traits. This means it is entirely possible that there are biological bases for racial differences in what one could call “average personality,” just as there are for differences in average intelligence.[...] The way whites organize their societies may therefore reflect inherent racial traits. Respect for others, formal restraints on political power, support for the weak, the desire to keep the planet habitable—these typically white traits are all altruistic and find only incomplete parallels among non-whites.”²³²

A fabulação acima tem a capacidade de agir em diferentes frentes de batalha travados pela Alt-Right. Primeiramente, busca um meio de atingir diretamente a percepção que o homem branco tem de si mesmo e de sua relação com a sociedade. Os homens brancos de classe média e também os que se encontram em uma posição subalternizada economicamente, são justamente os mais suscetíveis ao projeto de radicalização da Alt-Right, e intelectuais como Taylor e Spencer sabem disso. A população branca que se encontra mais vulnerável às flutuações econômicas do capital e das arbitrariedades do mercado, seriam justamente os “*middle american radicals*”, o setor da sociedade que como previa o paleoconservador Samuel Francis, serão um dia o

²³² Idem.

motor de uma espécie de “revolução branca” contra o sistema político estadunidense, entendido aqui como um “Regime Gerencial” corrupto, controlado por burocratas, judeus e banqueiros que se mantêm no poder independentemente dos resultados das eleições.

Os brancos pobres e de classe média, que até a década de 1960 viviam em uma sociedade que reconhecia sua distinção natural perante os negros, passaram a ter que dividir espaços públicos, trabalho e escolas com “as pessoas de cor”. As instituições que vigoraram por séculos e reconheciam hierarquias raciais foram solapadas em prol de uma noção de igualdade imposta pelos políticos de Washington, as engrenagens do poderoso Leviatã. Portanto, ainda que o leitor dos textos publicados pela American Renaissance seja um trabalhador precarizado e que vive à beira da pobreza, ele será induzido a enxergar sua existência no mundo como algo único, privilegiado, que partilha de características que seus vizinhos e colegas de trabalho negros, latinos ou imigrantes, jamais terão acesso. A nobreza do homem branco não se dá apenas pelas suas capacidades inerentemente elevadas, mas também pelo seu aparato moral magnânimo, que o coloca em uma posição de zelar pela preservação do próprio mundo, pois as outras raças e sociedades não tem a capacidade para assumir o peso deste fardo.

Em segundo lugar, considero ser de suma importância nos atermos por um momento sobre a reivindicação de fatos e estatísticas que são apresentados como cientificamente embasados para comprovar sua concepção de mundo.

Ao meu ver, estamos diante de uma das três características do Neofascismo analisadas no primeiro capítulo apontadas por Nigel Copsey: o revisionismo. No campo da extrema direita a operação revisionista já foi empregada com o intuito de negar a responsabilidade de Hitler sobre o Holocausto e até mesmo de negar a própria existência do Holocausto. Todavia, aqui ela é utilizada seguindo outros tópicos caros ao

debate público. Resumidamente, poderíamos afirmar que o trabalho dos supremacistas da Alt-Right amplia o escopo de atuação do revisionismo e do negacionismo de outrora para encarregar-se de relativizar, amenizar e até mesmo negar o fardo histórico das atrocidades cometidas através dos longos séculos da escravidão e da colonização, mas ao mesmo tempo, não se limita unicamente a estes recortes.

Quando se trata de temas que envolvem a violência praticada entre os próprios europeus, a estratégia é simplesmente ignorar o quanto for possível ou relativizar sua existência. Vejamos o exemplo abaixo:

“Admittedly, white armies do not always behave chivalrously, and during the Second World War, both the Axis and the Allies bombed civilians without much compunction. The Soviet Army was notoriously barbaric. [...] Even so, armies of whites rarely commit the barbarities that have often been common among their enemies. American Indians seldom took prisoners unless it was to torture them for sport. [...] Of course, it is the fashion today to describe whites as uniquely violent. Our critics point to the butcheries of the Second World War as proof. Of course, the scale of the killing only reflected European and American technological genius.”²³³

O procedimento acima consiste em duas etapas: admitir a violência praticada pelos brancos para imediatamente apelar para o “*tu quoque*”, ou falácia do apelo a hipocrisia, que consiste em tentar desviar ou anular um argumento acusando o interlocutor de praticar o mesmo. E logo em seguida, em uma passagem que beira o escárnio, descobrimos que a proporção inaudita de violência praticada pelos europeus durante a Segunda Guerra nada mais era do que o reflexo do “gênio tecnológico” dos europeus e estadunidenses.

Pois bem, se os brancos são naturalmente predispostos à contenção de suas paixões e impulsos, como poderiam os escandinavos da era viking ter praticado tantas ações de pilhagem, invasões e estupros? Logo eles, os nórdicos, os mais elevados entre os europeus? Qual seria a resposta perante o comportamento sanguinário de homens como Alexandre o Grande, Calígula e Nero? Como foi possível a brutalidade cometida

²³³ Idem. Ebook sem paginação.

de tantos lados nas Guerras Religiosas do Século XVI? Enfim, poderíamos arrolar episódios históricos similares indefinidamente. Estes são apenas alguns questionamentos básicos com objetivo de ilustrar a fragilidade de um dos argumentos centrais da Alt-Right, pois reconhecer episódios de violência como os mencionados acima, inevitavelmente coloca a “civilização europeia” no mesmo patamar ocupado pelas raças tidas como naturalmente violentas e moralmente degeneradas, isto é, os negros e latino-americanos.

Para além de Jared Taylor, não poderíamos deixar de examinar o discurso do indivíduo mais próximo de um “garoto propaganda” que a Alt-Right já teve: Richard Spencer. Nos ateremos aqui principalmente às maneiras de como Spencer emprega o revisionismo e manipula o passado para justificar a supremacia branca.

Após o fatídico dia em que proclamou seu “Hail Trump! Hail our people! Hail victory!”, uma onda de entrevistas e participações em grandes canais da mídia ocorreram. A imprensa e o público tentavam entender quem era e o que pensava o homem relativamente jovem e articulado que foi capaz de fazer uma referência nazista para comemorar a vitória de Donald Trump em 2016. Analisaremos a seguir duas participações marcantes de Spencer, nelas podemos encontrar um resumo de muitas expressões características da Alt-Right e como operam suas estratégias de persuasão.

Na ocasião da décima quinta conferência do American Renaissance, ocorrida entre os dias 28 e 30 de julho de 2017, Spencer foi confrontado pelo jornalista Gary Younge do The Guardian sobre algumas de suas posições. A filmagem da entrevista produzida pelo jornal foi postada em seu canal oficial na plataforma youtube em novembro de 2017 e atualmente possui mais de 800 mil visualizações.

A breve entrevista ocorreu no pátio de onde a conferência acontecia, e Spencer, vestido de forma elegante e segurando um copo de uísque, tentava explicar para seu interlocutor porque a supremacia branca e a escravidão beneficiaram os escravizados:

“Spencer: Africans have benefited from their experience with white supremacy in the United States[...] look at the average life of an african american in the United States, it’s far better than any african living in Africa.

Younge: So slavery was good for them?

Spencer: Look, they benefited from been in a different nation than their own, no doubt. How can you deny that?

Younge: It is such a ridiculous notion. That people forcibly removed from their homes and taken to this country to work for nothing for a couple of centuries, that that benefited them. Have you ever for a second considered that if they were able to stay in the countries where they were born and lived, that those continents might be in a better state now?

Spencer: I seriously doubt that.

Younge: So you are really proud of your racism, aren’t you? You’re really proud to be a bigot.

Spencer: I am proud to be a white man. If africans have never existed, world History would almost exactly be the same as it is today. Because we are the genius that drives things. How can you deny that? How can you really deny that?”²³⁴

No que toca à escravidão o esforço de Spencer - sabendo que não é possível simplesmente negar sua realidade histórica - concentra-se em transformá-la em uma experiência benéfica para as suas vítimas. O desastre humanitário que representa a escravidão é posto em segundo plano, todo legado histórico do sofrimento e a violência são relativizados com base em uma comparação completamente descabida e simplista a respeito das condições de vida na África e nos EUA. Em seguida, a declaração de que toda a existência dos africanos seria historicamente irrelevante para o mundo, descortina o completo desdém pela vida dos negros que subjaz no discurso da Alt-Right. Por fim, cabe informar ao leitor o fato de o jornalista Gary Younge ser negro, o que escancara ainda mais o cinismo vultuoso que pode ser encontrado facilmente nas falas públicas de Spencer.

A segunda fonte a ser analisada concerne a uma participação de Spencer no programa de TV “NewsOne Now”, da emissora TV One. Spencer foi convidado para

²³⁴ The Guardian. Gary Younge interviews Richard Spencer: 'Africans have benefited from white supremacy'. Youtube, 7 de nov. 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=puJ-arJgkZU&ab_channel=TheGuardian. Acesso em 24 abr. 2022.

participar de um debate com o apresentador Roland Martin, um jornalista negro também conhecido por entrar em temas polêmicos e defender pautas progressistas. O canal TV One tem uma programação que em boa parte é voltado para o público afro-americano, oferecendo conteúdos variados, envolvendo comportamento, notícias e entretenimento. Essas informações são de domínio público, portanto Spencer certamente tinha consciência de que estaria sendo ouvido principalmente por um público não branco. A entrevista dura aproximadamente meia hora, mas por uma questão de espaço iremos focar especificamente em um trecho que chama a atenção. Em meio a um debate acalorado, o jornalista Roland Martin contestou a genialidade única dos brancos usando a civilização egípcia como exemplo. Corroborando com Martin, poderíamos acrescentar a exuberância de inúmeras civilizações e povos não europeus que até os nossos dias ainda impressionam arqueólogos e historiadores, mas deixemos para outro momento esta discussão para dar espaço à resposta de Spencer:

“Martin: First of all, the greatest genius which came to the building of the pyramids were africans... [interrupção].
 Spencer: They were white people, by the way.
 Martin: Who were white poeple?
 Spencer: The egyptians are not african, I’m sorry.
 Martin: Do you know where Egypt is?
 Spencer: Yes, it is in North Africa.
 [...]
 Spencer: Egypt was an amazing civilization, but it was not created by black africans, I’m sorry.
 Martin: It wasn’t? Then who created it?
 Spencer: People who were white.”²³⁵

Ainda que composição étnica e racial dos antigos egípcios seja um debate sério entre acadêmicos da área, existem certos consensos estabelecidos que beiram obviedade. Sabemos, por exemplo, que uma versão branca e europeizada da civilização egípcia nunca existiu além das produções duvidosas de telenovelas bíblicas e em certos casos clássicos de filmes hollywoodianos, os quais, hoje em dia, desfrutam de um certo

²³⁵ TV One. 'We're Not Going Anywhere:' Watch Roland Martin Challenge White Nationalist Richard Spencer. Youtube, 22 de nov. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yr5BQS79H7g&t=1449s>. Acesso em 24 abr. 2022.

caráter cômico justamente por embranquecer um povo que construiu uma civilização de no continente Africano.

Precisamente por todos os motivos até aqui apontados, o revisionismo deletério de Spencer chama atenção, o legado de um povo africano extremamente sofisticado, que ergueu pirâmides, esfinges e durou milhares de anos, dessa vez não é negado, mas roubado. Admitir que um povo africano foi capaz de construir uma sociedade complexa enquanto os europeus ainda estavam aprendendo a fundir o bronze, seria como reconhecer que toda sua concepção de superioridade não passa de um gigante de pés de barro. Ao longo do debate Spencer não oferece nenhuma evidência concreta que poderia dar o mínimo respaldo às suas afirmações, contudo mantém sua postura soberba e permanece irredutível em sua convicção. Atualmente, o vídeo conta com mais de 920 mil visualizações na plataforma Youtube.

Como de praxe, Spencer é habilidoso e sabe se portar de modo confiante e polido, e em nenhum momento parece se sentir intimidado pelas câmeras ou olhares. Assim como Taylor, um sorriso simpático e desprezioso acompanha sua expressão, mas ao contrário de seu colega de front, Spencer está mais aberto a defender suas visões de mundo esdrúxulas com menos comedimento, - não raro, o supremacista projeta suas indignações no tom de sua voz, no seu semblante e nos gestos, mas sempre mantendo uma aura de civilidade, como se estivéssemos diante de uma pessoa exasperada pelos motivos dos mais justos e elevados. Dependendo do ambiente e do público²³⁶, a linguagem passa por uma adaptação, incluindo certas gírias e referências à cultura pop do submundo da internet, principalmente os memes, o que passa um ar de que estamos

²³⁶ Vice News. “We memed alt-right into existence”: Richard Spencer Extended Interview. Youtube, 12 de dez. 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=aN8w7IUMc1o&ab_channel=VICENews. Acesso em: 24 abr. 2022.

defronte um espírito jovial e contestador, que não teme o julgamento alheio e sempre está disposto a encarar o debate.

Ao fim e ao cabo, é possível notar que em qualquer forma de manifestação, Taylor e Spencer exibem um profundo orgulho do que acreditam ser as conquistas, a genialidade e o talento natural atribuído por eles mesmos ao “seu povo”. A superioridade branca se firma também no campo da moral e do comportamento, são condensadas através de uma postura cortês, polida, mas ao mesmo tempo inabalável e tenaz. A autoimagem que a Alt-Right se empenha em construir do homem branco poderia ser descrita como uma espécie de fusão entre um filósofo grego e um cavaleiro templário – o homem branco é antes de tudo, uma criatura única, que mesmo quando comete os raríssimos erros e excessos, o faz com as mais nobres das intenções. Não à toa, Spencer frequentemente evoca as propriedades “faustianas” dos descendentes de Europeus. Como foi possível notar, o enaltecimento delirante do que é entendido como o “povo branco” e a sua cultura, extrapola com tanta veemência os limites da racionalidade, que decerto proporcionaria orgulho aos pensadores do velho romantismo reacionário.

3.5 – A Internet e os Aparelhos Privados de Hegemonia da Alt-Right

Nos tópicos anteriores foram analisados alguns aspectos das atuações, do discurso e dos projetos políticos dos principais nomes da Alt-Right, procurou-se desenvolver o texto a partir das fontes que retratavam práticas específicas, que definem e diferenciam a Alt-Right de outros movimentos da extrema direita norte-americana.

Na etapa que em nos encontramos, deixaremos para segundo plano as trajetórias individuais, e nosso esforço será voltado para demonstrar ao leitor como funcionam os websites da American Renaissance e do Radix Journal. Entendemos que a melhor forma

para compreender as atividades dos grupos em questão seja através do conceito de Aparelho Privado de Hegemonia, do filósofo marxista Antonio Gramsci.

Dizia o filósofo francês Louis Althusser²³⁷ que a contribuição de Karl Marx para o conhecimento humano foi tamanha, que poderíamos comparar a importância de sua obra à fundação de um continente. De uma forma muito coloquial, acredito que não seria um exagero afirmar que Gramsci foi o patriarca de uma das grandes civilizações dentro de tal continente revolucionário. Desse modo, por conta das dimensões e da complexidade da obra legada pelo marxista sardo, iremos recorrer a alguns dos intérpretes que melhor conseguiram traduzir seu pensamento para a utilização em pesquisas como a presente.

Anteriormente já foi mencionada a relevância de historiadoras como Sônia Mendonça para o uso do referencial teórico de Gramsci, principalmente no artigo “Estado Ampliado como Ferramenta Teórico-Metodológica”. O conceito de Estado Ampliado é um ponto de partida essencial, pois seria o local onde os Aparelhos Privados de Hegemonia travam suas batalhas pela promoção de um determinado projeto político. O Estado em sentido Amplo (ou Estado Ampliado), deve ser entendido a partir de uma relação dialética entre a sua esfera política e a sua esfera civil, o que nos coloca diante de uma perspectiva oposta a certas concepções liberais do Estado, que interpretam o objeto em questão como um “Leviatã” - a encarnação de um ente autônomo, independente do poder econômico e político das classes dominantes que aplica a Lei e impõe limitações às liberdades individuais. Por outro lado, Mendonça também demonstra que as leituras marxistas as quais compreendem o Estado a partir de um prisma mecanicista, reduzem nossa capacidade de compreensão da dinâmica de interesses entre as diferentes frações burguesas e as possibilidades de organização e

²³⁷ Marxists.org. A Filosofia como uma Arma Revolucionária. Louis Althusser. 1968. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/althusser/1968/02/filosofia.htm>.

lutas da classe trabalhadora. As fórmulas engessadas de “base versus estrutura” são, destarte, superadas por um modelo mais complexo, exposto a seguir:

“Por certo, é grande a preocupação do marxista sardo em evitar a concepção reducionista segundo a qual o Estado era limitado meramente a sua função coercitiva. Para ele, nesse Estado caberia, ainda, a construção do consenso. Dessa forma, podemos entender o Estado ampliado a partir de dois conceitos-chave: sociedade política e sociedade civil. O primeiro termo é bastante claro na obra de Gramsci, referindo-se ao Estado em seu sentido restrito – ou seja, os aparelhos governamentais incumbidos da administração, da organização dos grupos em confronto, bem como do exercício da coerção sobre aqueles que não consentem, sendo por ele também denominado de “Estado político” ou “Estado-governo”. A despeito de menos clara e mais complexa nos Cadernos, a noção de sociedade civil implica no conjunto dos organismos chamados de “privados” ou “aparelhos privados de hegemonia”, no sentido da adesão voluntária de seus membros. Dentre esses aparelhos Gramsci destaca igrejas, associações privadas, sindicatos, escolas, partidos e imprensa. É em torno a eles que se organizam as vontades coletivas, seja dos grupos dominantes, seja dos dominados.”²³⁸

Seguindo o caminho delineado por Mendonça, convidamos o leitor a entender as entidades como o American Renaissance, Radix Journal, Pioneer Fund, Charles Martel Society, entre outros, como Aparelhos Privados de Hegemonia empenhados em levar sua mensagem extremista para o senso comum, para o campo do debate público socialmente aceito. Ao meu ver, Richard Spencer sumariza boa parte do objetivo dos Aparelhos Privados de Hegemonia da Alt-Right em sua resposta para a indagação de uma entrevistadora:

“Entrevistadora: Você está tentando normalizar o racismo?”
 “Spencer: Sim, eu estou tentando normalizar o “racismo” como você chama. Absolutamente estou tentando normalizar minhas ideias – nossas ideias - da Alt-Right. Eu não quero que a Alt-Right seja um movimento marginal, eu quero que a Alt-Right seja um movimento dominante.”²³⁹(tradução minha)

Tendo estabelecido nosso referencial teórico, seguiremos doravante, para a apresentação e uma breve análise dos websites do American Renaissance e Radix Journal/National Policy Institute, os principais Aparelhos Privados de Hegemonia da Alt-Right.

²³⁸ MENDONÇA, Sonia Regina de. “O Estado Ampliado como ferramenta metodológica”. In: Revista Marx e o Marxismo. v.2 ,nº 2, jan/jul. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2014. p.35.

²³⁹ ABC News. White Nationalist Responds to Texas A&M Protests. Youtube. 8 de dez. 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sPrLW3a4AU8&t=137s&ab_channel=ABCNews.

Jared Taylor nasceu no Japão em 1951, filho de pais missionários cristãos, de acordo com seus próprios relatos foi um “liberal” ou um progressista até a quarta década de sua vida, quando passou gradativamente a estágio de “racially awake”. No mesmo caminho de seus pares, Taylor teve acesso a uma educação privilegiada: formou-se em filosofia na Universidade de Yale em 1973 e cinco anos depois completou mais um ciclo acadêmico no *Institut d’Etudes Politiques de Paris*. Por conta de sua vivência em diferentes países, Taylor fala fluentemente japonês e francês. Ironicamente, também se apresenta como um “músico jazzista e clássico realizado”²⁴⁰, fato que suscita um certo grau de curiosidade, pois me pergunto se Taylor está a par das origens negras e por muito tempo marginalizadas do jazz.

Fundado em 1994, o American Renaissance foi um dos pioneiros do neofascismo a ocupar espaços na internet. Ainda que obviamente nunca tenha se apresentado como tal, a organização de Taylor tem por princípio atrair qualquer cidadão branco norte-americano - desde conservadores moderados até neonazistas ferrenhos. A página do American Renaissance funciona muito mais como um portal, pois oferece dispositivos para interação e diálogo. Todas as notícias e textos publicados possuem uma caixa de comentários aberta aos membros devidamente cadastrados - frequentemente, algumas notícias geram engajamento de centenas de postagens. Os visitantes também podem colaborar enviando links de notícias que envolvam conteúdos raciais, políticos, e polêmicas relacionadas, mantendo dessa forma a página inicial sempre atualizada.

Como vimos anteriormente - na condição de Aparelho Privado de Hegemonia (APH) - um dos principais objetivos do American Renaissance se inscreve no trabalho

²⁴⁰ American Renaissance. Jared Taylor. Disponível em: <https://www.amren.com/about/jared-taylor/>.

de base “pedagógico”²⁴¹ em prol de seu projeto político. A luta de Taylor tem sido despertar a “consciência racial” dos americanos brancos, despertá-los para a dura realidade onde seu próprio povo vem sendo deliberadamente exterminado e despossuído. Boa parte da página inicial do website é, portanto, construída e orientada no sentido de guiar o visitante para uma as abas que apresentam a visão de mundo capitaneada por Taylor. A enorme quantidade de conteúdo disponível no American Renaissance nos impõe a necessidade de criar recortes, dessa forma, vamos analisar brevemente a seção “About Us” onde está localizada o segmento “Our Issues”, ou “Nossas questões”.

Ao primeiro olhar, já nos deparamos com um link para a plataforma youtube com o vídeo intitulado “*The Biological Reality of Race*”, que nada mais é do que um breve apanhado de todos os argumentos pseudocientíficos já analisados nos tópicos anteriores. O vídeo foi enviado em 2014, e até o momento conta com quase 35 mil visualizações. No resto da página, temos acesso à dez tópicos²⁴² em formato de abas, que concentram textos sobre cada uma das “questões” centrais, são eles: “A Filosofia da Realidade Racial”, “Raça e QI”, “Consciência Racial”, “História”, “Relatos em Primeira Pessoa”, “Raça e a Lei”, “Crime e Desordem”, “Ciência”, “imigração e Transformação Demográfica” e “Leituras Recomendadas” (traduções minhas). Podemos encontrar toda sorte de revisionismo histórico, pseudociência e manipulações estatísticas nesse “curso de introdução” à supremacia branca, contudo, o tópico que mais me chamou atenção é o dedicado aos “relatos em primeira pessoa”, pois ali é empreendido um esforço de trazer o leitor para a “realidade” através de experiências pessoais chocantes que confirmariam

²⁴¹ A ex-professora da UFPE Lucia Maria Vanderley Neves, organizou um trabalho extremamente relevante acerca do caráter pedagógico desempenhado por Aparelhos Privados de Hegemonia brasileiros que atuam na área da educação. Neves analisa como os APHs em questão trabalham para fortalecer a hegemonia das classes dominantes através de ONGs e demais iniciativas privadas. Ver: NEVES, Lúcia Maria Wanderley (org). A nova pedagogia da hegemonia: estratégias do capital para educar o consenso. São Paulo: Xamã, 2005

²⁴² American Renaissance. Our Issues. Disponível em: <https://www.amren.com/about/issues/#>.

todas propostas da Alt-Right. Aproveitando o mote, seria interessante não esquecer que a American Renaissance também dá voz a brancos “conscientes” de outros países, inclusive onde não são maioria, como a África do Sul. Inclusive ao longo da pesquisa pude me deparar, para minha surpresa, com um artigo²⁴³ que pretende analisar a realidade racial brasileira. De acordo com as informações disponíveis, o autor do texto é brasileiro, mas etnicamente se define como europeu, o que suscita certas questões, para se dizer o mínimo. O motor de busca interno do site também pode redirecionar para dezenas de notícias relacionadas ao Brasil, muitas das quais envolvem temas raciais ou a eleição de Jair Bolsonaro em 2018.

Ao que parece os já mencionados aportes financeiros concedidos pelo Pioneer Fund ao American Renaissance não são o suficiente para cobrir a despesa do APH em questão, pois nos deparamos já na página inicial com a aba “Donate” e espaços específicos para a doação de criptomoedas. Uma das seções que chamam a atenção, é a que se dedica a ensinar o longo processo legal para que os membros deixem suas preciosas heranças para o American Renaissance. O candidato também é informado de todas as exigências para que seu testamento cumpra os devidos trâmites e impeça eventuais interferências de familiares injustiçados.

Atualmente, um dos mecanismos de doação anônima para APHs associados a Alt-Right tem sido o *DonorsTrust*, que consiste em uma empresa responsável por terceirizar as doações em dinheiro que antes seriam diretas, dessa forma, a identidade dos doadores é preservada, bem como suas inclinações políticas extremistas. Além da garantia do anonimato, de acordo com a legislação estadunidense os montantes doados a “Organizações sem fins lucrativos” podem ser deduzidos do imposto de renda. Segundo

²⁴³ VENTURELLI, R. American Renaissance. Race in Brazil, Pt.1. 6 de nov. 2015. Disponível em: <https://www.amren.com/features/2015/11/race-in-brazil-part-i/>; idem. Race in Brazil. Pt.2. 20 de nov. 2015. Disponível em: <https://www.amren.com/features/2015/11/race-in-brazil-part-ii/>.

o Southern Poverty Law Center²⁴⁴ e o Jornal Daily Beast²⁴⁵, o DonorsTrust já repassou milhões de dólares para grupos supremacistas brancos, inclusive a American Renaissance.

Apesar de toda estratégia voltada para o “despertar racial” do homem branco, o site também tem seu espaço reservado para a orientação de atividades políticas e militância, seja online, seja nas ruas. A seção “*Activist’s Corner*”, ou “Cantinho do Ativista” é inteiramente dedicado a incentivar a divulgação do projeto político da American Renaissance (AR). São apontadas cinco atitudes que podem ajudar no engajamento: “Ajudar Jared Taylor a fazer entrevistas e participar de palestras”, “Falar sobre o AR em fóruns ou listas de discussão”, “Deixar comentários em artigos de Revistas eletrônicas da Mídia Convencional”, “Escrever cartas para os editores” e “Participar das conferências anuais” (traduções minhas). Todas vem acompanhadas com um pequeno parágrafo explicando como estas atividades podem ser feitas.

No campo da militância fora da internet, encontramos, em certo sentido, uma das estratégias mais interessantes. Na seção “*Spread the Message of White Consciousness*”, Jared Taylor conclama seus epígonos a colar pôsteres de propaganda política elaborados pela própria American Renaissance. O grande objetivo é aproveitar a energia trazida por Donald Trump para radicalizar ainda mais os americanos brancos:

“It is widely understood that the election of Donald Trump is a sign of rising white consciousness. The unprecedented growth of websites, podcasts, video channels, and even publishing houses devoted to our cause has forced the country to recognize the increasing reach and power of our ideas. Now is the time to press our advantage in every way possible. [...]”

These posters can appeal to whites anywhere, but they are primarily intended for college campuses, which are especially promising because they are bastions of anti-white propaganda that gets more extreme every year. At the same time, students have easy access to alternate sources of news and

²⁴⁴ Southern Poverty Law Center. Donors Pumped Millions into White Nationalist Group. Jun. de 2017. Disponível em: <https://www.splcenter.org/hatewatch/2021/06/17/donors-pumped-millions-white-nationalist-group>.

²⁴⁵ SOLLENBERGER, Roger. The GOP Dark Money Group Giving Big to White Supremacists. The Daily Beast. 21 de Nov. 2021. Disponível em: <https://www.thedailybeast.com/the-gop-dark-money-group-donors-trust-giving-big-to-white-supremacists>.

information that refutes the nonsense they hear every day in class. Students are therefore perfectly primed for a push towards racial consciousness.”²⁴⁶

O texto foi redigido de próprio punho por Jared Taylor, estamos aqui, diante de orientações sendo passadas diretamente pelo grande líder ao seu rebanho. O líder do AR não deixa de informar as melhores dimensões e os detalhes para que os pôsteres sejam impressos em sua melhor qualidade. Na página a seguir, selecionamos, para o deleite do leitor, as imagens que mais despertam a atenção.



Figura 1. “Seja você mesma. Seja Branca. Diga ‘não’ à propaganda antibranca.” O pôster original foi criado em 1924 pelo artista soviético Alexander Rodchenko, com a modelo Lilya Brik originalmente exclamando por “livros”.



Figura 2. “Culpa Branca é uma arma! Desarme seu oponente e seja você mesma.” Baseado em um pôster soviético de 1917, com os dizeres originais “Mulheres trabalhadoras, peguem seus rifles!”

²⁴⁶ TAYLOR, Jared. Spread the Message of White Consciousness. American Renaissance. 26 de jan. 2017. Disponível em: <https://www.amren.com/commentary/2017/01/spread-message-white-consciousness/>.



Figura 3. “Não se desculpe por ser branco!” Com dizeres originais “We can do it!”, o poster foi criado em 1943 com o intuito de estimular o trabalho feminino em postos antes ocupados por homens na produção de munições e suprimentos militares. Nas décadas subsequentes, tornou-se um dos símbolos mais populares do feminismo.



Figura 4. “Ame quem você é. Abrace sua herança. Seja Branco.” A personagem feminina pronta para ocupar postos de trabalho na indústria pesada também ficou conhecida como “Rosie the Riveter”, ou “Rose a Rebitadora”.

No total, se encontram disponíveis quinze imagens formatadas para impressão nos moldes de um pôster. Todas são características pela estética “*vintage*” das décadas de 1940 e 1950, época em que as cotas de imigração e as Leis Jim Crown ainda eram capazes de sustentar as saudosas hierarquias dos supremacistas brancos. A idealização de um passado glorioso e pacífico, onde as distinções eram aceitas e o Estado era seu instrumento de legitimação, é um lugar comum não só do ideário da Alt-Right, como também podemos encontrá-la com alguma frequência entre os já mencionados paleoconservadores.

Podemos ter uma breve noção de como a atuação do AR se traduz na realidade através de alguns mecanismos como o *Similar Web*. Esta ferramenta nos permite acessar algumas informações referentes ao tráfego e ao perfil dos visitantes. Vejamos algumas

estatísticas levantadas a respeito do número de visitas entre dezembro de 2021, janeiro e fevereiro de 2022:

247

248



Figura 5. Tráfego e engajamento de visitantes no website American Renaissance.

A “taxa de rejeição” significa a porcentagem de visitantes que fecham o site com a visualização apenas da página inicial, já o item “páginas por visita” apresenta a média de quantas páginas foram vistas por usuário, os números também incluem a circulação através de aparelhos móveis, como celulares e tablets. À primeira vista a “taxa de rejeição” pode parecer alta, mas quando comparamos com websites de outros APHs populares entre a direita estadunidense, podemos ter uma percepção mais refinada. Vejamos os números do Instituto Mises²⁴⁹ e do PragerU²⁵⁰:

²⁴⁷ Infelizmente nos últimos anos a ferramenta usada impôs várias barreiras para usuários que não contratam formalmente o serviço, o que impôs uma quantidade considerável de limitações quanto as estatísticas disponíveis.

²⁴⁸ Similar Web. Amrem.com. Disponível em: <https://www.similarweb.com/pt/website/amren.com/#traffic>. Acessado em: 05 de maio de 2022.

²⁴⁹ Criado em 1982, o Instituto Mises tinha como missão a divulgação da escola austríaca de economia, característica pela fusão do liberalismo econômico radical com pautas conservadoras e um forte anticomunismo.

²⁵⁰ Fundando em 2009 pelo jornalista conservador Denis Prager, a PragerU (a letra “U” é usada no sentido de “University”, apesar de não ser uma instituição de ensino superior) encontrou enorme sucesso com a produção de vídeos de no máximo 5 minutos em seu canal no youtube. Abordando variados temas, os vídeos são curtos, dinâmicos e apresentados por intelectuais de direita populares na América do Norte, como Dinesh D’Souza e Jordan Peterson. A organização recentemente despertou polêmica pelo seu negacionismo climático e pandêmico. Também sem engajaram fortemente no revisionismo e distorções de temas históricos, como o Nazismo, a Ku Klux Klan e políticas de imigração. Seu canal no youtube atualmente possui 2,94 milhões de inscritos.

251



Figura 6. Tráfego e engajamento de visitantes no website Mises Institute.



Figura 7. Tráfego e engajamento de visitantes no website PragerU

252

A comparação entre os websites dos três APHs pode revelar algumas surpresas não muito agradáveis. Os resultados nos colocam diante de certos fatos, mas também abrem espaço para elaboração de hipóteses no afã de explicar as discrepâncias entre o comportamento dos visitantes. Antes de mais nada não podemos esquecer que o

251 Similar Web. Mises Institute. Disponível em: <https://www.similarweb.com/website/misesinstitute.com/#traffic>. Acesso em: 05 de maio de 2022.

252 Similar Web. PragerU. Disponível em: <https://www.similarweb.com/website/prageru.com/#traffic>. Acesso em: 05 de maio de 2022.

“PragerU”, por conta de sua popularidade, naturalmente denotaria um “número total de visitas” muito acima dos de seus companheiros de trincheira na política, sem embargo, vejamos como o AR é muito mais eficiente em termos qualitativos. O site construído por Jared Taylor é dotado de uma capacidade muito maior de manter seus visitantes, isto pode ser atestado tanto pelo índice de rejeição quanto pela quantidade de páginas por visita e o tempo despendido. Poderíamos supor que o AR, por ser um representante de um nicho relativamente pequeno, atrairia a maior parte da atenção para si, o que justificaria os níveis mais altos. Em outras palavras, os visitantes procurariam o AR de forma intencional para se informar, pois seu conteúdo dificilmente poderia ser encontrado alhures. Contudo, quando comparado ao “Vdare”, um dos sites com temáticas mais próximas do AR, ainda assim não temos números tão expressivos. Criado em 1999 por Peter Brimelow, um dos supremacistas brancos que ganhou alguma notoriedade ao lado de Spencer e Taylor em 2016, o portal de seu APH possui indicadores relevantes²⁵³, mas ainda assim consideravelmente abaixo dos conquistados pelo American Renaissance.

A última grande frente de batalha explorada foi o da plataforma Youtube. Criado em 2011, o canal da AR publicou 228 vídeos, chegou a ter 134 mil inscritos e alcançou um total de 14,738,924 milhões de visualizações²⁵⁴. As estatísticas certamente teriam se multiplicado caso o a mesa diretora do Youtube não tivesse deliberado pelo banimento do canal por violações das diretrizes de discurso de ódio. Outros canais como o NPI/Radix de Richard Spencer e o do ex-líder da KKK, David Duke, enfrentaram as mesmas decisões. Apesar de Taylor clamar pela liberdade de expressão e pelo respeito aos seus direitos individuais, por quase dez anos o youtube, um dos sites mais populares

²⁵³ Similar Web. Vdare. Disponível em: <https://www.similarweb.com/pt/website/vdare.com/#traffic>. Acesso em 05 de maio de 2022.

²⁵⁴ Social Blade. American Renaissance. Disponível em: <https://socialblade.com/youtube/channel/UCMLbmp5tcLx zahMLTmeM4lg>. Acessado em: 05 de maio de 2022.

do mundo, permitiu que canais como o American Renaissance trabalhasse livremente para convencer os brancos de sua superioridade. O silêncio das *big techs* perante o crescimento vertiginoso de grupos de extrema direita nas redes foi ensurdecedor, somente em 2020, após muita pressão, o gigante Google alterou seu motor de busca para dificultar o acesso a websites como o American Renaissance e congêneres.

Por fim, resta-nos dedicar uma breve consideração aos malfadados APHs relacionados a Richard Spencer. Atualmente, a página do National Policy Institute, encontra-se extinto. Pouco se sabe sobre o que levou ao declínio do NPI, mas ao que tudo indica o Instituto passou por problemas envolvendo seu status legal. Nos Estados Unidos as instituições reconhecidas legalmente como “sem fins lucrativos” são isentas de impostos e aceitam doações em dinheiro que posteriormente podem ser deduzidas do imposto de renda anual, contudo, o NPI perdeu sua designação de “não lucrativa” em 2017, o que certamente contribuiu para diminuição das doações.

Spencer perdeu muitos de seus antigos aliados após a repercussão dos eventos trágicos da manifestação “Unite the Right” em agosto de 2017. A onda de processos movidos contra os organizadores juntamente com a opinião pública levou a ala mais radical da Alt-Right a uma forte desagregação. De 2018 em diante, o rótulo “Alt-Right” foi alijado da maior parte de sua capacidade mobilizadora, ficando estigmatizado com o que de fato era: o neofascismo vestindo paletós e gravatas. Mas antes de darmos a questão por encerrado, não podemos olvidar o fato de que Spencer teve uma forte presença nas mídias digitais e impressas entre 2016 e 2017. Buscaremos nos próximos parágrafos, retomar o período “áureo” de Spencer e elaborar uma breve trajetória de sua atuação política frente aos seus APHs.

Quando foi chamado por William Regnery II para presidir o National Policy Institute em 2011, Spencer já era um quadro relativamente conhecido entre

supremacistas brancos. Reconhecido como um dos epígonos do paleoconservador Paul Gottfried, Spencer galgou seu caminho até apresentar sua primeira preleção na conferência anual do American Renaissance de 2013, intitulada “*Facing the Future as Minority*”²⁵⁵. Em aproximadamente meia hora de discurso, o palestrante se dedicou a defender a necessidade da criação de um “etnoestado”²⁵⁶ para os brancos. A grande justificativa, como o próprio título da palestra sugere, é de se evitar o futuro apocalíptico tal como previsto por Pat Buchanan, onde os americanos brancos se tornarão, até 2050, uma minoria seu próprio país. Spencer demonstra em sua argumentação, um dos pontos peculiares da Alt-Right: a recusa do “*american way of life*”, e de ideais como a “liberdade” e a “democracia”, tal como são entendidos no senso comum do americano médio. Para Spencer, as preocupações do homem branco não devem ser voltadas para a defesa da constituição ou para a concretização do sonho dos “Pais Fundadores”, mas sim para os interesses da raça branca. O nacionalismo tradicional, atrelado às questões cívicas, ao apego a um território, cultura, língua e religião, dá lugar ao que é entendido como “nacionalismo branco”. A lealdade do homem branco deve ser, enfim, voltada para aqueles que compartilham sua cor de pele, sua ancestralidade europeia, e não para valores abstratos baseados no liberalismo clássico.

A habilidade de Spencer em traduzir as angústias de tantos matizes da extrema direita americana o rendeu certas credenciais para falar em nome da Alt-Right. Sua coragem para defender posições abertamente intolerantes e racistas em público afastou a direita convencional, mas energizou neofascistas e supremacistas brancos para tomarem as ruas e romper o confortável anonimato da internet.

²⁵⁵ SPENCER, Richard. *Facing the Future as a Minority*. Bitchute. 2013. Disponível em: <https://www.bitchute.com/video/s9U47znNMTYQ/>. Acessado em: 05 de maio de 2022.

²⁵⁶ Ironicamente, Spencer costuma citar o nome de Theodor Herzl, um dos fundadores do sionismo moderno, como uma inspiração para seu sonho do “etnoestado” branco. O Estado de Israel é frequentemente trazido como um exemplo bem sucedido de um “etnoestado”.

Por volta de 2016, Spencer acumulava funções na organização de APHs da Alt-Right. O website do NPI foi reformulado para apresentar uma aparência mais amigável e moderna, a página inicial apresentava fotos e imagens em alta resolução para atrair atenção dos visitantes, os artigos eram escritos de uma perspectiva formal, mas ainda assim com uma linguagem acessível, incluindo diversos colaboradores, entre eles Jared Taylor.

O vídeo de apresentação do NPI nos brinda com um resumo da cosmovisão da Alt-Right, é uma produção preciosa do ponto de vista documental, com aproximadamente quatro minutos de duração, é uma pequena mensagem, moldada inteiramente para gerar a faísca do “despertar racial” no homem branco. A produção e edição do vídeo é extremamente cuidadosa, se inicia com uma música eletrônica ao fundo, o que passa uma aura de modernidade, como se estivéssemos prontos para presenciar um resumo do cotidiano das metrópoles do Primeiro Mundo. A voz de Spencer conduz a narrativa, em um tom calmo, compreensivo, mas ao mesmo tempo assertivo, como se estivéssemos ouvindo um concelho de um amigo. As imagens acompanham o tom e o conteúdo da mensagem de Spencer, integrando o discurso com a narrativa visual. O vídeo intitulado “*Who Are We?*”, tenta capturar os sentimentos de um “vazio existencial” oriundo da ausência de conexão entre o homem branco e sua raça, sua civilização, apelando para uma espécie “nacionalismo *volkisch*” atualizado para os dias de hoje. Logo de início nos deparamos com a questão que permanecerá como o fio condutor da produção: “Quem é você?”

“Who are you? I’m not talking about your name or your occupation, I’m talking about something bigger, something deeper. I’m talking about your connection to a culture, a History, a destiny – an identity, it stretches back and flows forward from centuries. An identity you can glimpse in the face of a grandparent or your child, an identity you know through experience, through people, through places, through music.

Our ancestors had a very strong sense of their identity. They could say ‘I’m a roman.’, ‘I’m a saxon’, ‘I’m a dane.’. Some could say ‘Im an european.’. To be exiled from their communities and their identities would have been a fate worse than death.

Today we seem to have no idea who we are. We're rootless, we have become wanderers. Perhaps will also become seekers. We're often told that been an american, or britain, or german or any european nationality is about been dedicated to a collection of abstractions and buzzwords: democracy, freedom, tolerance, multiculturalism. But a nation build on freedom it's just another place to go shopping. It's a country for everyone, and thus a contry for no one. It's a country in which we ourselves have become strangers.

Men doesn't live and men doesn't die for abstractions like freedom. Men lives and dies for a homeland. For a people and it's future. For beauty. For the power of being part of something bigger than oneself.

Who are we? We're just white. "White" is a checkbox on a sensus form. We are part of the peoples, histories, spirit and civilization of Europe. This legacy stands before us as a gift, and as a challenge. For what our ancestor took for granted, we must discover, we must rebuild.

[...]

I guess the real question is: Are we ready to become who we are?"²⁵⁷

O vídeo se estende por cerca de mais 1 minuto, questionando a incapacidade do homem branco de assumir sua própria "identidade", ao passo que judeus, negros e latinos o fazem com enorme facilidade. A conclusão alcança o clímax com uma resposta silenciosa para a questão final. Em letras garrafais, com um fundo em chamas, podemos ler "*Become who you are. Rise.*".

Considero o vídeo em questão uma fonte muito interessante pois nos permite captar como as influências filosóficas e ideológicas da Alt-Right se manifestam no discurso atual. Além do nacionalismo *volkisch* traduzido para os dias de hoje, podemos constatar a presença de boa parte o contexto intelectual de fins do Século XIX e início do Século XX na mensagem. O viés empregado mira em pontos mais profundos e existenciais do que uma simples superioridade conferida pelos genes, estamos falando de uma questão de pertencimento a uma totalidade que abarca a história, a cultura, uma espécie de "sentimento", de elo transcendental compartilhado somente pelos povos europeus. As bases pelas quais se erguem tal mitificação de um *ethos* do homem branco foram solidificadas ao longo do Século XX principalmente por pensadores como Alain de Benoist e Julius Evola, que por sua vez são caudatários dos grandes críticos da modernidade e da sociedade burguesa materialista da virada do Século XIX. Não

²⁵⁷ SPENCER, Richard. WHO ARE WE BY NATIONAL POLICY INSTITUTE (NPI) / RADIX JOURNAL / RICHARD SPENCER. Bitchute. Jul. de 2019. Disponível em: <https://www.bitchute.com/video/3dPN AeJguaRk/>. Acessado em: maio de 2022.

podemos olvidar que ao final do vídeo, é feita uma referência direta a Friedrich Nietzsche através dos ensinamentos de seu célebre personagem, o sábio Zaratustra. O “Torna-te quem tu és” (*Become who you are*) é um chamado ao homem branco “despossuído” e alienado de seu próprio devir, do legado material e imaterial deixado por seus ancestrais. O “Levante-se” (*Rise*) escrito em caixa alta encerra o chamado para que espectador decida assumir seu posto junto à coletividade mitificada.

Além da produção de conteúdo para o NPI, Spencer também assumiu a editora Washington Summit Publishers, fundada por Regnery II. Sob a batuta de Spencer, a editora publicou escritos das correntes de pensamento que forneciam o arcabouço ideológico da Atl-Right. Entre eles estavam o paleoconservador Samuel Francis, o conservador revolucionário alemão Armin Mohler e o fundador da “Quarta Teoria Política”, Alexander Dugin. Os intelectuais do “racismo científico” não foram excluídos, e podemos encontrar até hoje edições disponíveis dos opúsculos de Richard Lynn e Edward Dutton.

Neste contexto, é fundado o *Radix Journal*, uma revista com uma proposta mais formal, que a cada seis meses publicaria uma seleção de artigos sobre a perspectiva da Alt-Right. Em 2012 a empreitada ganha sua página na web, que passa a contar com textos e podcasts liderados por Spencer e intelectuais associados.

A atuação nos círculos da extrema direita estadunidense e os aportes financeiros recebidos pelo NPI propiciaram a oportunidade em 2014 da realização de uma conferência internacional de neofascistas. Talvez por acreditar que o líder ultraconservador e autoritário da Hungria seria simpático ao movimento, Spencer organizou o evento para ocorresse em Budapeste. Aos poucos a imprensa local começou a circular as notícias do futuro encontro, o que despertou atenção de ninguém menos do

que Viktor Orbán²⁵⁸. A repercussão negativa decorreu no cancelamento do evento pelo próprio governo, o que não impediu que uma reunião ocorresse informalmente com algumas dezenas de convidados. As consequências vieram com a prisão de Spencer, que também foi punido com banimento da União Europeia por três anos.

É provável que o empreendimento mais ambicioso e relevante de Spencer tenha sido a “*Altrightcorporation*”, uma empresa de mídia fundada com objetivo de administrar e promover o “*Altright.com*”, um website nos moldes de uma revista digital. Seu conteúdo abarcava notícias, artigos e podcasts que iam de política até cultura e comportamento, a linguagem era voltada para uma faixa etária mais jovem, e a formatação dos textos e as imagens eram similares a de mídias como o “Buzzfeed News” e o “Huffington Post”. Um dos fatores mais relevantes da “*Altrightcorporation*” estava em seus sócios e na mesa diretora, que juntamente com Spencer contava com Daniel Friberg e Henrik Palmgren, dois dos maiores líderes neofascistas da Suécia²⁵⁹. O primeiro pode ser apontado como um dos maiores veteranos do neofascismo em seu país. Vindo de uma experiência com grupelhos de skinheads neonazistas na década de 1990, Friberg amadureceu e aprendeu a polir seu discurso através do nacionalismo e da defesa de princípios não-violentos. É também um empresário bem sucedido com sua editora *Arktos*, que atualmente é uma das maiores empresas voltadas para publicação de diferentes matizes da extrema direita. A *Arktos* tem desempenhado um papel importantíssimo na tradução e divulgação de autores da nova direita francesa, de Julius Evola e de outros tantos autores da direita europeia de diferentes gerações. Para se ter

²⁵⁸ SPLC. White Nationalists Gather in Hungary, Richard Spencer Arrested. Out. de 2014. Disponível em: <https://www.splcenter.org/hatewatch/2014/10/06/white-nationalists-gather-hungary-richard-spencer-arrested>.

²⁵⁹ O jornal Buzzfeed elaborou uma extensa reportagem sobre a crescente rede de grupos neofascistas na Suécia, a trajetória de Daniel Friberg e a sua conexão com a Alt-Right nos Estados Unidos. A matéria também conta com relatos e mostra um panorama geral da extrema direita no país. Ver: <https://www.buzzfeednews.com/article/lesterfeder/how-sweden-became-the-most-alt-right-country-in-europe>. Acessado em: maio de 2022.

uma breve ideia, atualmente, na seção “Best-Sellers”²⁶⁰ encontram-se autores como Alexander Dugin, Oswald Spengler, Julius Evola e Richard Lynn. A *Arktos* superou largamente os trabalhos de uma simples editora, seu website também possui sua própria produção intelectual, oferecendo um podcast, colunas de autores associados e artigos. Friberg participou da conferência anual do AR de 2017, ocasião em que apresentou o sucesso financeiro de sua empresa e relatou o número crescente das vendas de autores da direita europeia recém traduzidos para o inglês.

Henrik Palmgren é o fundador da *Red Ice*, uma mídia voltada para temas que giram em torno da anti-imigração, negacionismo do Holocausto e promoção de teorias conspiratórias²⁶¹. Seu canal no youtube possuía mais de 300 mil inscritos em 2019, ano de seu banimento por repetidas violações dos termos a respeito de discurso de ódio e do Nazismo. A militância de Lana Lokteff²⁶², esposa de Palmgren, também é digna de nota, pois foi uma das primeiras mulheres a encabeçar projetos de mídia no campo da Alt-Right.

O projeto responsável pela conexão transatlântica da Alt-Right, apesar das promessas, teve vida curta. Um dos sócios, Jason Reza Jorjani²⁶³ abandonou o projeto em termos não muito pacíficos com Spencer, ao passo que Friberg e Arktos se

²⁶⁰ Arktos. Bestsellers. Disponível em: <https://arktos.com/>. Acessado em maio de 2022.

²⁶¹ GAIS, Hannah. SPLC. YouTube Takes Down Red Ice’s Main Channel. Out. de 2019. Disponível em: <https://www.splcenter.org/hatewatch/2019/10/21/youtube-takes-down-red-ices-main-channel>.

²⁶² Além da supremacia branca e do neofascismo, Lokteff notabilizou-se por seus frequentes ataques ao feminismo a defesa de uma postura submissa da mulher ao marido. Mesmo sendo uma das figuras destacadas da Alt-Right, Lokteff já sofreu inúmeros ataques misóginos nas redes sociais, o que não abalou sua militância em nenhum aspecto.

²⁶³ Filho de uma mãe novaiorquina e um pai iraniano, Jorjani participou da conferência do NPI em 2016 e parecia ser um aliado de Spencer. Na ocasião de seu rompimento com a “Altrightcorporation” em outubro de 2017, Jorjani escreveu um longo relato, onde afirma que foi aproximado por empresários e membros de altos cargos do governo Trump interessados no empreendimento. Segundo Jorjani, a proposta recebida seria deslocar o conteúdo do website para um tom mais moderado, abandonando a supremacia branca para se alinhar politicamente ao trumpismo, o que incluiria, conseqüentemente, o afastamento de Spencer, Palmgren e Friberg pois estes já estariam publicamente associados ao extremismo da Alt-Right. Jorjani nunca apresentou provas ou evidências de seu relato. O rompimento público e conflituoso com Spencer não o impediu de seguir publicando livros pela Arktos. O jornal The Intercept publicou uma matéria detalhada, baseada em entrevistas com o próprio Jorjani. Ver: <https://theintercept.com/2018/03/18/alt-right-jason-jorjani/>. Acessado em maio de 2022.

desligaram da AltRightcorporation em 2018 alegando a campanha de desmonetização da empresa e os “ataques da imprensa contra o website e a lideranças do movimento”²⁶⁴.

Ainda que por um curto período de tempo, a Altrightcorporation significou um grande passo rumo a conexão transatlântica formal entre grupos neofascistas, atuando como um APH financiado por diferentes partes, incluindo o poder econômico de Regnery II e sua *Charles Martel Society*.

A partir da fatídica manifestação *Unite the Right* em setembro de 2017, os empreendimentos encabeçados por Richard Spencer foram aos poucos diminuindo até a irrelevância ou o encerramento de atividades. O NPI aos poucos diminuiu a quantidade de publicações até que em setembro de 2020, subitamente teve seu endereço alterado, todo o layout do site e inclusive a logomarca, que se tornou um escudo com a sigla “GSI”. Estranhamente todas as informações do website eram idênticas ao NPI, as diferenças se encontram no formato. As publicações da nova encarnação do NPI foram fundidas às do Radix Journal, que apesar de ter sido criado com a proposta de um periódico semestral, nunca passou da segunda edição de 2016. O Website da editora Washington Summit Publishers e o NPI, encontram-se inacessíveis desde 2021, não se sabe o que levou ao fim das duas iniciativas, nem se ainda existem legalmente como empresas. Ao que tudo indica, as chances de ambos serem reativados são remotas, tese que é reforçada pelo falecimento de Regnery II em 2 de julho de 2021, ocasião que não foi mencionada por Spencer publicamente, nem em seu perfil no tweeter, menos ainda na página da Radix Journal, seu único APH que ainda se mantém ativo. Por fim, o *similar web* dá a tônica da atual irrelevância do Radix Journal²⁶⁵, que herdou todo o conteúdo do NPI e se mantém no ar até o momento em que escrevo estas palavras, em

²⁶⁴ Arktos. Departure from the AltRight Corporation. Ago. de 2018. Disponível em: <https://arktos.com/2018/08/03/departure-from-the-altright-corporation/>. Acessado em maio de 2022.

²⁶⁵ Similar web. Radix Journal. Disponível em: <https://www.similarweb.com/pt/website/radixjournal.com/#traffic>. Acessado em 8 de maio de 2022.

maio de 2022. Em março do mesmo ano, foram 21 mil visitantes, a taxa de rejeição beira 80% e a média de páginas visita é de 1.62.

Ainda que seu peso no cenário político norte-americano atual seja irrelevante, Spencer desempenhou um papel fundamental na disseminação da Alt-Right - seja pela organização de manifestações ou por sua militância - Spencer fez “turnês” em universidades, participou de inúmeros programas televisivos, e foi um dos grandes vencedores na batalha pelo termo Alt-Right, que até 2017 foi capaz de unir trumpistas, neonazistas, anarcocapitalistas, entre outras facetas do extremismo de direita nos EUA sob a mesma égide. Contudo, ainda que a trajetória de Spencer aparentemente já tenha completado seu percurso de ascensão e queda, não podemos subestimar a capacidade de alcance de outros Aparelhos Privados.

Como vimos anteriormente, não só o American Renaissance, como também outros APHs como o *Vdare* e o *Daily Stormer*, são capazes de conjuntamente engajar milhões de visitas por mês. As frações neofascistas da Alt-Right, apesar de nos dias de hoje em 2022 dificilmente reivindicarem o termo, se encontram em pleno trabalho de base através da rede, e ao que tudo indica, não é uma questão de “se”, mas “quando” retornarão ao cenário *mainstream* da política norte-americana.

3.6 - Breitbart News: A “Plataforma para a Alt-Right”

Em 2005, um jornalista relativamente jovem fundava o que viria a ser o maior representante da Alt-Right e do Trumpismo na esfera da comunicação digital. Motivado desde a sua juventude a romper com o poder da “*Democrat Media Complex*”, o objetivo de Andrew Breitbart passava inevitavelmente pela internet, pois ali é o grande campo de batalha das narrativas no Século XXI. A internet é entendida por Breitbart como uma alternativa às reuniões de família em torno da TV da sala, a grande detentora do

monopólio da informação. Portanto, estrangular a quimera esquerdista que domina a mídia ocupou toda a vida profissional de Breitbart. Sua cruzada para “salvar o mundo”, como diz o subtítulo de seu livro-manifesto, é resumida da seguinte forma:

“Make no mistake: America is in a media war. It is an extension of the Cold War that never ended but shifted to an electronic front. The war between freedom and statism ended geographically when the Berlin Wall fell. But the existential battle never ceased. When the Soviet Union disintegrated, the battle simply took a different form. Instead of missiles the new weapon was language and education, and the international left had successfully constructed a global infrastructure to get its message out. Schools. Newspapers. Network news. Art. Music. Film. Television. For decades the left understood the importance of education, art, and messaging.

[...]

The left does not win its battles in debate. It doesn't have to. In the twenty-first century, media is everything. The left wins because it controls the narrative. The narrative is controlled by the media. The left is the media. Narrative is everything. I call it the Democrat-Media Complex—and I am at war to gain back control of the American narrative.”²⁶⁶

O estilo da escrita não consegue esconder o tom panfletário e idiossincrático do livro, o autor é bem sucedido ao narrar sua experiência de vida em meio a uma realidade distópica onde a esquerda e a Escola de Frankfurt destruíram o tecido social dos Estados Unidos. Aparentemente, desde que Horkheimer, Adorno e Marcuse se refugiaram no país na década de 1930, vem sendo empreendido, através da Teoria Crítica, um ataque sistemático ao núcleo das instituições tradicionais da sociedade judaico-cristã ocidental. O período da contracultura e da New Left nas décadas de 1960 e 70 foram a epítome do grande plano de perversão dos valores e do senso de moralidade americano.

A missão do Breitbart News segue a máxima desenvolvida pelo seu próprio criador: “*politics is downstream from culture*”, que traduzido para o português, seria algo em torno de “a política segue a correnteza da cultura”. E a “cultura” dos EUA, segundo o autor da frase, é diretamente controlada por marxistas encastelados nas universidades, nas escolas, nas gravadoras, e, é claro, na imprensa.

²⁶⁶ BREITBART, Andrew. Righteous indignation: Excuse me while I save the world!. New York: Grand Central Publishing. 2011. Ebook sem paginação.

A verborragia inflamada de Andrew Breitbart não deve ser uma novidade para alguém minimamente familiarizado com alguns dos cânones da extrema direita hodierna, podemos encontrar, obviamente, teorias da conspiração como o “marxismo cultural” e o Império Globalista do magnata George Soros, que são dados como fatos incontornáveis em sua fabulação. Mas o jornalista não limitou suas atividades aos bastidores da mídia, Breitbart foi um participante ativo do *Tea Party Movement*, o que talvez tenha sido o grupo com o qual o jornalista mais se identificava ideologicamente. Apesar de não esconder sua fúria contra qualquer posição ou pensamento minimamente alinhado à esquerda, o jornalista nunca foi um neofascista ou supremacista branco, vindo de uma família judaica, Breitbart era um ferrenho defensor do Estado de Israel e não tinha o menor problema em esbravejar comentários islamofóbicos contra a Palestina, posição que de certa forma o afasta do rótulo “paleoconservador”.

Ainda que a missão da Breitbart News seja das mais nobres, sua guerra quixotesca contra os grandes senhores da “Democrat Media Complex” jamais teria alcançado seus louros sem a colaboração de Steve Bannon. Um dos personagens mais controversos da política recente dos EUA, Bannon era diferenciado de muitas figuras tradicionais da direita conservadora alinhada aos Republicanos. Durante a década de 1980 ocupou um cargo como oficial da marinha estadunidense, passando, na década seguinte a um grupo de investidores do banco Goldman & Sachs. A passagem de Bannon para o mundo da política ocorrerá por um meio não muito comum: a indústria cinematográfica de Hollywood, um dos frequentes alvos da direita americana por seu “progressismo”. Na maioria dos casos, ocupou a cadeira de produtor executivo em películas que não obtiveram grande circulação, mas ao que parece, Bannon irá encontrar sua vocação cinematográfica somente a partir da década de 2000, quando estreia no ramo dos documentários políticos.

A maioria das produções envolvem temas caros à direita norte-americana, mas sempre com uma perspectiva incendiária e demonizadora de seus adversários. A notoriedade de Bannon no meio cresce entre 2011 e 2016, principalmente a partir de três documentários, entre os mais notórios, *The Undefeated*(2011) gira em torno da trajetória de Sarah Pallin, ex-governadora republicana do Alaska, o tom laudatório já é patente no próprio título do filme. Pallin foi uma das grandes apoiadoras do *Tea Party*, e assim como Donald Trump, angariou um certo status de celebridade como apresentadora em programas de TV participações como comentarista na Fox News.

O encontro entre Bannon e Breitbart parecia ser inevitável. Ambos compartilhavam a ojeriza pela mídia e pela esquerda – ambos tinham a convicção de que a realidade pode ser entendida como uma cruzada contra as elites globalistas, e de que os EUA, por meio dos tentáculos do Partido Democrata, da mídia e de Wall Street, estavam sendo usados como um instrumento para a realização do sonho de George Soros e seu “governo mundial”. Mas ao mesmo tempo, não escondiam sua insatisfação com o Partido Republicano dominado pelos políticos de carreira da família Bush e seus aliados corrompidos pelo sistema.

A aliança entre as duas forças dissidentes foi selada em 2011, quando Bannon apresenta Andrew a Robert Mercer, um bilionário conhecido por financiar candidatos Republicanos e apoiar financeiramente causas conservadoras por meio da “*Mercer Family Foundation*”. O aporte financeiro trazido por Mercer pavimentou o caminho para que a Breitbart News começasse a despontar como uma mídia conservadora alternativa à Fox News a tradicional representante dos Republicanos na grande imprensa.

Bannon trouxe não só um investidor, mas também sua experiência e bagagem após anos trabalhando para a “*Internet Gaming Entertainment*” ou IGE, que por anos

desempenhou uma função inusitada no campo do entretenimento digital. A empresa sediada em Hong Kong desenvolveu um modelo de negócio que envolvia compra e venda de itens e contas em RPGs online extremamente populares, como o *World of Warcraft*. A proposta era a seguinte: pagar alguns centavos de dólar por hora para jovens chineses que ficariam incumbidos de angariar artigos extremamente preciosos dentro dos jogos, principalmente armas raras e ouro. Os itens eram então vendidos a jogadores oriundos dos EUA e da Europa, que não tinham o tempo ou paciência para dispendar horas e horas no jogo, mas tinham dinheiro de sobra. A prática não demorou para ser condenada tanto pelos jogadores quanto pelas empresas, que tomaram todas as medidas internas para coibir o “tráfico” de itens raros. Pondo em outros termos, o que a IGE sob a influência de Bannon fazia, era operar em um “mercado cinzento”, pois não violava nenhuma legislação, mas violava não só as regras criadas pelas empresas de entretenimento digital como também os códigos de conduta típicos dos jogadores online.

Não tardou para que Bannon tomasse conhecimento do poder subestimado da comunidade *gamer*, que estava se organizando massivamente em fóruns dedicados aos jogos em questão com o intuito de pressionar as companhias de entretenimento digital a combater com mais eficácia as atividades da IGE. Podemos ter uma compreensão mais clara do que significou a experiência de Bannon na IGE e como isso irá impactar na formação de suas estratégias na Breitbart, a partir de um relato muito interessante construído pelo jornalista Joshua Green:

“Bannon had become fascinated by the size and agency of the audiences congregating on MMO message boards such as Wowhead, Allakhazam, and (his favorite) Thottbot. ‘In 2006, 2007, they were doing 1.5 billion page views a month,’ he recalled. ‘Just insane traffic. I thought we could monetize it, but it turned out I couldn’t give the advertising away.’ Instead, the gamers ended up wrecking IGE’s business model by organizing themselves on the message boards and forcing the companies behind World of Warcraft and other MMO games to curb the disruptive practice of gold farming. IGE’s investors lost millions of dollars. But Bannon gained a perverse appreciation for the gamers who’d done him in. ‘These guys, these rootless white males,

had monster power,' he said. 'It was the pre-reddit. It's the same guys on Thottbot who were [later] on reddit' and 4chan—the message boards that became the birthplace of the alt-right. When Bannon took over Breitbart, he wanted to capture this audience. Andrew Breitbart had drawn a portion of it enchanted by his aggressive provocations on issues such as race and political correctness. Bannon took it further. He envisioned a great fusion between the masses of alienated gamers, so powerful in the online world, and the right-wing outsiders drawn to Breitbart by its radical politics and fuck-you attitude. 'The reality is, Fox News' audience was geriatric and no one was connecting with this younger group,' Bannon said. But he needed a way to connect."²⁶⁷

Entre 2005 e 2007 Bannon pôde experienciar, quase como um antropólogo realizando trabalho de campo, o potencial para radicalização que existia entre a comunidade *gamer* de seu país, composta principalmente por jovens profundamente ligados à linguagem caótica e anônima da internet, até então um campo pouco explorado politicamente. Ao que tudo indicava, Bannon parecia ter encontrado um exército de “*middle american radicals*” em um espaço onde Samuel Francis não foi capaz de imaginar. O próximo grande movimento na “guerra cultural” de Bannon e Breitbart seria conquistar essa massa amorfa de jovens incompreendidos.

Qualquer pessoa familiarizada com jogos online - principalmente aqueles onde existe a necessidade de trabalho em equipe e a interação direta entre jogadores - tem plena noção de que o machismo, a misoginia, o racismo e a comunicação abusiva infelizmente são moeda corrente. Um dos episódios marcantes desta realidade veio à tona em 2013 e 2014 com o *gamergate*²⁶⁸. No contexto em questão, o jornalista

²⁶⁷ GREEN, Joshua. *Devil's Bargain: Steve Bannon, Donald Trump, and the Storming of the Presidency*. New York: Penguin Press. 2017. Ebook sem paginação.

²⁶⁸ Em 2013 Zoe Quinn, uma desenvolvedora de jogos alternativos lançou o *Depression Quest*, o jogo é baseado em uma narrativa completamente diferente dos jogos tradicionais. Não controlamos um herói musculoso na tela do computador, menos ainda explodimos aliens ou terroristas a partir do ponto de vista em primeira pessoa. A proposta gira em torno da leitura do que seria um diário onde são relatadas as vivências de uma pessoa com depressão, o jogador pode fazer escolhas que alteram o final do jogo e são influenciadas pelo “nível de depressão”, medicações usadas e terapia. O jogo recebeu ótimas avaliações da crítica especializada, mas foi recebido com uma onda de raiva pela comunidade *gamer*, que obviamente não conseguiu entender as nuances e o propósito do jogo, julgando-o como uma peça de propaganda feminista que tentava introjetar valores progressistas através do entretenimento digital. A partir de então, organizados nos fóruns digitais já mencionados, foi aberta uma campanha de ameaças de morte, estupro e assédio direcionadas a Zoe Quinn. Os ataques ganharam proporções ainda maiores no ano seguinte, quando o ex-namorado de Quinn publicou em seu blog um longo relato acusando-a de seduzir um jornalista da área em troca de avaliações positivas para *Depression Quest*. Ainda que as acusações fossem comprovadamente caluniosas, a polêmica transbordou dos fóruns obscuros para o

britânico Milo Yiannopoulos foi um dos grandes responsáveis por estabelecer a ponte entre a exaltada comunidade *gamer* e o sedutor discurso da Alt-Right. Yiannopoulos era uma figura inaudita, distinta de qualquer outro influenciador ou intelectual que já tenha existido no campo conservador americano. Com sua juventude, carisma e desenvoltura assustadores, Milo também chamava atenção por ser um homossexual com um discurso visceralmente antifeminista e contra o movimento LGBT. Seu semblante debochado, a fluidez de sua retórica e seu comportamento fora dos padrões, faziam com que Milo parecesse um oponente imbatível em qualquer debate, atraindo para si os holofotes da direita. Com a experiência angariada em seus anos na Inglaterra trabalhando como jornalista da área de tecnologia e entretenimento, não haveria possibilidade de se escolher outro para as linhas de frente.

Iniciando sua carreira no Breitbart em 2014, o jornalista se destacou como formador de opinião em torno do caso *gamergate*. Yiannopoulos foi extremamente perspicaz ao prestar atenção no que estava acontecendo nos fóruns frequentados pelas massas de jogadores, foi capaz de captar todo o oceano de ressentimento e revolta despejado contra o que era entendido como o “politicamente correto” e as pautas dos “*social justice warriors*”, que tentavam invadir a comunidade *gamer* com sua ideologia progressista. Em uma série de matérias²⁶⁹ para o Breitbart, Milo escrevia a partir de um ponto de vista pessoal, como um amigo que compreendia as angústias e o preconceito social que existia em torno dos entusiastas de jogos eletrônicos. Foi capaz de inverter a narrativa presente nas mídias convencionais, colocando os autores das ameaças mais aviltantes como vítimas do feminismo e do politicamente correto que era imposto pelos

Twitter, alcançando a esfera da comunicação de massa. Os ataques dessa vez foram direcionados não só para Quinn, como para aqueles que viessem a defendê-la em público. Uma das práticas mais agressivas era o “*doxing*”, que consiste na publicação de informações como endereço residencial, fotos íntimas e a exposição de familiares. O episódio em questão ficou publicamente conhecido como *gamergate*.

²⁶⁹ Dois exemplos dos artigos produzidos por Yiannopoulos podem ser encontrados em: <https://www.breitbart.com/entertainment/2014/09/15/the-gamergate-movement-is-making-terrific-progress-don-t-stop-now/>. E <https://www.breitbart.com/europe/2014/10/21/incredibly-gamergate-is-winning-but-you-won-t-read-that-anywhere-in-the-terrified-liberal-media/>.

jornalistas da área do entretenimento digital. Para Milo, tudo que os *gamers* queriam era poder desfrutar de seu hobby sem ser incomodados pela agenda política progressista, que insistia de todas as formas em conspirar o seu santuário.

O sucesso foi tanto, que o Breitbart News resolveu criar uma nova área de cobertura jornalística, o “*Breitbart Tech*”, que seria chefiado pelo próprio Yiannopoulos. O subtítulo da matéria dá a tônica de que tipo de público estão tentando atrair: “*Technology and gaming journalism is sick, but Breitbart has the medicine.*”²⁷⁰ O vídeo²⁷¹ produzido para a promoção do “*Breitbart Tech*” é apresentado por seu próprio chefe, que em aproximadamente 1 minuto faz um chamado a todos os *gamers* cansados de serem chamados de “trolls”, “assediadores”, “abusadores” e “misóginos” apenas por sua discordância com a perspectiva progressista da mídia corrompida pelo *stablishment*. Na Breitbart eles terão não só um refúgio, como também um defensor.

Sob a batuta de Bannon, Yiannopoulos conseguiu transformar uma polêmica até então restrita ao nicho *gamer* em uma das grandes batalhas da guerra cultural travadas contra tudo que é identificado com a esquerda e o que seu poderoso “Democrat Media Complex” representam - e essa batalha foi vencida por uma larga margem.

Antes de prosseguirmos, cabe fazer uma breve digressão em torno do direcionamento político e ideológico da Breitbart News. Talvez não seja um exagero dizer que tudo mudou no fatídico dia primeiro de março de 2012, quando a vida de Andrew Breitbart foi interrompida por um infarto fulminante. A morte de seu membro fundador significou que Bannon empunharia as rédeas do site de notícias sozinho a partir de agora, fato que implicou uma mudança em direção a chamadas mais

²⁷⁰ YIANNOPOULOS, Milo; DULIS, Noah. Welcome to Breitbart Tech, A New Vertical Covering Tech, Gaming and Internet Culture. 27 Out. de 2015. Breitbart News. Disponível em: <https://www.breitbart.com/tech/2015/10/27/welcome-to-breitbart-tech-a-new-vertical-covering-tech-gaming-and-internet-culture/>.

²⁷¹ YIANNOPOULOS, Milo. Milo Yiannopoulos introduces Breitbart Tech. Youtube. 27 de out. de 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=drqiKsOYHqM&ab_channel=BreitbartNews.

sensacionalistas, que passaram a apelar fortemente para temas delicados, como racismo e toda a discussão em torno do caráter simbólico e os usos da bandeira Confederada. O processo de radicalização imposto por Bannon incomodou até mesmo intelectuais conservadores proeminentes como Ben Shapiro, que ocupava o cargo de editor geral no site. O rompimento em maus termos veio a público quando Shapiro escreveu um artigo enumerando em tópicos, “tudo que os leitores precisavam saber a respeito de Bannon”. Alguns dos pontos mais polêmicos concernem à acusação de que o Breitbart News teria se tornado um canal de divulgação ideológico pessoal de seu novo proprietário, Shapiro chega acusar Bannon de ter transformado o site de notícias em uma espécie de “Pravda do Trumpismo”; contudo o que mais nos interessa no texto, é o tópico abaixo:

“5. Under Bannon’s Leadership, Breitbart Openly Embraced The White Supremacist Alt-Right. Andrew Breitbart despised racism. Truly despised it. He used to brag regularly about helping to integrate his fraternity at Tulane University. He insisted that racial stories be treated with special care to avoid even the whiff of racism. With Bannon embracing Trump, all that changed. Now Breitbart has become the alt-right go-to website, with Yiannopoulos pushing white ethno-nationalism as a legitimate response to political correctness, and the comment section turning into a cesspool for white supremacist mememakers.”²⁷² (Grifos do autor)

Ainda que Bannon em diferentes ocasiões tenha manifestado sua simpatia pelo sionismo e sua aprovação pelo apoio internacional dos EUA ao Estado de Israel, não podemos dizer o mesmo dos frequentadores da caixa de comentários de seu site de notícias. A área onde os leitores podem postar seus comentários nunca passou por qualquer tipo de moderação, o anonimato assim como no *4chan* ou no *reddit*, eram garantidos sem qualquer forma de regulação. A denúncia efetuada por Shapiro foi confirmada por intermédio do Southern Poverty Law Center, que elaborou um artigo²⁷³ onde são expostos os links de origem das visitas no Breitbart News, entre eles estão os

²⁷² SHAPIRO, Ben. I Know Trump’s New Campaign Chairman, Steve Bannon. Here’s What You Need To Know. The Daily Wire. Ago 17, 2016. Disponível em: <https://www.dailywire.com/news/i-know-trumps-new-campaign-chairman-steve-bannon-ben-shapiro>.

²⁷³HANKES, Keegan. Breitbart Under Bannon: How Breitbart Became A Favorite News Source for Neo-Nazis and White Nationalists. SPLC. 1 de mar. 2017. Disponível em: <https://www.splcenter.org/hatewatch/2017/03/01/breitbart-under-bannon-how-breitbart-became-favorite-news-source-neo-nazis-and-white>.

portais neonazistas “Daily Stormer” e o “Stormfront” de Don Black, ex-líder da Ku Klux Klan. Todavia, o mais surpreendente não é o fato de neonazistas e supremacistas brancos apreciarem o conteúdo do Breitbart, mas sim o fato de que mais de 2 mil usuários do *4chan* postaram links que direcionavam o visitante para uma matéria²⁷⁴ extremamente sensacionalista, xenófoba e até certo ponto mentirosa publicada pelo Breitbart News. A “notícia” foi compartilhada no *Facebook* mais de 42 mil vezes, ao passo que a caixa de comentários conta com quase 20 mil postagens.

Podemos concluir ao menos três fatos a partir das informações acima. Em primeiro lugar, Bannon obteve um triunfo monumental em seu objetivo de arregimentar apoiadores nos fóruns frequentados pela comunidade *gamer*. Em segundo, os jovens apreciadores de entretenimento digital puderam entrar em contato com um distinto cardápio de ideologias extremistas e discurso de ódio nas caixas de comentários da Breitbart²⁷⁵, um dano colateral que Yiannopoulos e seu chefe tiveram que arregaçar as mangas para conseguir se desvencilhar. Por último, as lideranças neofascistas²⁷⁶ da Alt-Right enxergavam em Bannon um aliado - mesmo que este não fosse um defensor da supremacia branca, reconheciam nele alguém com quem se poderia dividir as trincheiras na luta pela civilização ocidental.

Mesmo com todas as acusações e polêmicas envolvendo as relações entre a Alt-Right e o Breitbart News nos idos de 2016, Bannon não se sentiu acanhando ao dizer

²⁷⁴ LANE, Oliver. REVEALED: 1,000+ Migrants Brawl, Rape, Sexually Assault, And Steal At ONE German Train Station On New Year’s Eve. 4 Jan 2016. Breitbart News. Disponível em: https://www.breitbart.com/europe/2016/01/04/revealed-1000-migrants-brawl-rape-sexually-assault-steal-one-german-train-station-new-years-eve/#disqus_thread.

²⁷⁵ AMEND, Alex e MORGAN, Johnathon. Breitbart Under Bannon: Breitbart’s Comment Section Reflects Alt-Right, Anti-Semitic Language. SPLC. Fev. 21 de 2017. Disponível em: <https://www.splcenter.org/hatewatch/2017/02/21/breitbart-under-bannon-breitbart-s-comment-section-reflects-alt-right-anti-semitic-language>.

²⁷⁶ O professor Thomas J. Main, em sua obra “The Rise of the Alt-Right” apresenta vários pontos de vista de militantes da Alt-Right obtidos através de entrevistas que foram feitas para o próprio livro. Sobre a posição de nomes como Richard Spencer e Jared Taylor a respeito de Bannon, ver: MAIN, Thomas J. The Rise of the Alt-Right. Washington: Brookings Institution Press. 2018. p. 212-214.

que “Nós somos a plataforma para a Alt-Right”²⁷⁷ na convenção nacional do Partido Republicano em julho daquele ano. Alguns meses mais tarde, já afastado de seu cargo para assumir a campanha vitoriosa de Trump, o ex-editor chefe da Breitbart News parecia muito mais disposto a falar sobre como entendia a Alt-Right para o Wall Street Journal, também foi ardiloso para se evadir das acusações de associação com antissemitas, neonazistas e supremacistas brancos:

“He [Bannon] offers his own definition of the alt-right movement and explains how he sees it fitting into Breitbart. ‘Our definition of the alt-right is younger people who are anti-globalists, very nationalist, terribly anti-establishment.’ But he says Breitbart is also a platform for ‘libertarians,’ Zionists, ‘the conservative gay community,’ ‘proponents of restrictions on gay marriage,’ ‘economic nationalism’ and ‘populism’ and ‘the anti-establishment.’ In other words, the site hosts many views. ‘We provide an outlet for 10 or 12 or 15 lines of thought—we set it up that way’ and the alt-right is ‘a tiny part of that.’ Yes, he concedes, the alt-right has ‘some racial and anti-Semitic overtones.’ He makes clear he has zero tolerance for such views.”²⁷⁸

A narrativa empregada no trecho acima tenta erguer o Breitbart News como um refúgio para a Alt-Right, entendida aqui como um grupo de jovens rebeldes insatisfeitos com os políticos convencionais oferecidos pelo sistema. Os neonazistas e supremacistas brancos seriam apenas uma pequena fatia de um movimento muito maior, que merecia ter seu espaço reconhecido e suas demandas ouvidas. Apesar de Bannon afirmar sua “tolerância zero” com os extremistas, nenhuma medida jamais foi tomada para que tais grupos fossem impedidos de manifestar sua correnteza de ódio na seção de comentários da Breitbart News. Tática similar foi empregada por Yiannopoulos em março do mesmo ano, ocasião em que o jornalista publicou o que veio a ser um dos textos mais veiculados a respeito da Alt-Right até então. Em “*An Establishment Conservative’s*

²⁷⁷ POSNER, Sarah. How Steve Bannon Created an Online Haven for White Nationalists. Mother Jones. 22 ago. 2016. Disponível em: <https://www.motherjones.com/politics/2016/08/stephen-bannon-donald-trump-alt-right-breitbart-news/>.

²⁷⁸ STRASSEL, Kimberly. Steve Bannon on Politics as War. Wall Street Journal. Nov. 18, 2016. Disponível em: <https://www.wsj.com/articles/steve-bannon-on-politics-as-war-1479513161>.

*Guide To The Alt-Right*²⁷⁹, encontramos um grande empreendimento no sentido de apresentar a Alt-Right como um grupo dissidente e completamente legítimo da direita americana, que incluía duas “facções” majoritárias e uma terceira porção menor que não deveria ser levada a sério. Seriam elas: os paleoconservadores rejeitados pelo Partido Republicano os quais o autor chama de “*natural conservatives*”, em segundo os jovens *gamers* que tem como passatempo criar memes racistas e antissemitas, e por fim, um grupo marginal, minoritário, que não representava a Alt-Right: os “1488RS”²⁸⁰. O texto obteve uma grande circulação tanto na mídia tradicional quanto nas redes sociais, este foi provavelmente o primeiro esforço na tentativa de definir, e, portanto, pautar o que era a Alt-Right. Yiannopoulos tece loas aos dois primeiros grupos, fazendo um claro aceno para atrair este público para o Breitbart, ao passo que reserva o seguinte para os últimos:

“1488ers are the equivalent of the Black Lives Matter supporters who call for the deaths of policemen, or feminists who unironically want to #KillAllMen. Of course, the difference is that while the media pretend the latter are either non-existent, or a tiny extremist minority, they consider 1488ers to constitute the whole of the alt-right.

Those looking for Nazis under the bed can rest assured that they do exist. On the other hand, there’s just not very many of them, no-one really likes them, and they’re unlikely to achieve anything significant in the alt-right.”²⁸¹

A narrativa é cuidadosamente construída para instruir o leitor de que a Alt-Right é o movimento que acolhe a fatia da população insatisfeita não só com a esquerda e os Democratas, mas também com o Partido Republicano, o qual foi engolido pelos *cuckservatives*²⁸² e pelo *establishment* moderado que evita temas como a imigração e o

²⁷⁹ BOKHARI, Allum e YIANNOPOULOS, Milo. An Establishment Conservative’s Guide To The Alt-Right. Breitbart News Network. 29 mar. 2016. Disponível em: <https://www.breitbart.com/tech/2016/03/29/an-establishment-conservatives-guide-to-the-alt-right/>.

²⁸⁰ Termo frequentemente usado para se referir a neonazistas. O número 14 pode significar tanto as iniciais de “Adolf Hitler” como as “Fourteen Words” de David Lane. Já o 88 são as iniciais do velho “Heil Hitler”.

²⁸¹ YIANNOPOULOS, Milo. Op. Cit.

²⁸² O epíteto já vinha sendo empregado há anos, mas foi largamente utilizado no contexto das eleições de 2016 para se referir pejorativamente aos candidatos republicanos que se limitavam seu discurso aos velhos chavões sobre redução de impostos, livre mercado e o puritanismo. O termo vem de uma junção entre as palavras “*cuckhold*”, a qual possui inúmeras conotações sexuais, mas costumam girar em torno da prática em que um indivíduo que obtém satisfação ao ver sua parceira tendo relações sexuais com outro

enfrentamento aos movimentos sociais como o *Black Lives Matter*. De acordo com essa interpretação, existe uma aliança entre os “liberais” que ocuparam tanto os partidos Democrata e o Republicano, que desde a década de 1960 estabeleceram um limite para quais pautas poderiam ser aceitas no debate político, “exilando” todos aqueles que não se encaixavam dentro de tal consenso. Nos defrontamos aqui com a mesma denúncia feita pelos paleoconservadores Paul Gottfried, Samuel Francis e Patrick Buchanan, que há décadas se vêm como “*personas non gratas*” dentro do campo conservador estadunidense. Buchanan, em um aceno de que poderia moderar um pouco suas pautas, participou das primárias do Partido Republicano em 1992 e 1996, mas seu objetivo de ao menos se tornar o candidato oficial à presidência nunca chegou perto de se realizar.

Apesar dos pesares, o artigo de Yiannopoulos também tem seus méritos em conseguir captar algumas das maiores influências políticas e ideológicas da Alt-Right juntamente com o ambiente em que elas foram canalizadas para a formação de um movimento político novo:

“The origins of the alternative right can be found in thinkers as diverse as Oswald Spengler, H.L. Mencken, Julius Evola, Sam Francis, and the paleoconservative movement that rallied around the presidential campaigns of Pat Buchanan. The French New Right also serve as a source of inspiration for many leaders of the alt-right.

The media empire of the modern-day alternative right coalesced around Richard Spencer during his editorship of Taki’s Magazine. In 2010, Spencer founded AlternativeRight.com, which would become a center of alt-right thought.

Alongside other nodes like Steve Sailer’s blog, VDARE and American Renaissance, AlternativeRight.com became a gathering point for an eclectic mix of renegades who objected to the established political consensus in some form or another. All of these websites have been accused of racism.”²⁸³

Os pequenos acertos factuais de Milo, porém, não foram um produto de sua genialidade individual, como Bannon e o Breitbart News por muito tempo tentaram nos

homem. O *cuckservative* seria, entre muitas outras possibilidades, o político conservador que se acomodou no poder através de pautas que não atendem as demandas dos americanos brancos pobres e de classe média, mas que ganham as eleições com seus votos. O termo alcançou tanta circulação que passou a ser uso corrente até mesmo entre intelectuais neofascistas conhecidos por sua postura *gentleman*, como Jared Taylor. Para uma explicação mais contextualizada, ver: <https://www.amren.com/news/2015/07/an-open-letter-to-cuckservatives/>.

²⁸³ YIANNOPOULOS, Milo. Op.cit.

fazer crer. Em uma reportagem monumental²⁸⁴, elaborada a partir de e-mails e documentos vazados, o *Buzzfeed News* trouxe ao público como funcionava a complexa máquina por trás da fábrica de manchetes escandalosas e a explosão de popularidade do Breitbart News. Bannon já sabia do potencial destrutivo de Yiannopoulos desde 2014, por conta de sua atuação no caso *gamergate*, mas dessa vez, o ano de 2016 impunha uma cruzada muito mais árdua: a eleição de Donald Trump.

A matéria expõe, entre outros temas, como funcionavam os intestinos da Breitbart, como Steve Bannon e seus parceiros da poderosa família Mercer foram capazes de tutelar seu promissor aprendiz a mirar nos inimigos mais vulneráveis, a manipular sua base radicalizada para atacar não só o discurso, como também a própria reputação de seus inimigos - tanto aqueles montados na estrutura do “*Democrat Media Complex*” quanto os “*cuckservitives*” críticos à candidatura de Trump. Outro ponto marcante revelado pelo BuzzFeed News está relacionado com a equipe de apoio independente montada por Yiannopoulos, que basicamente era voltada para processamento da avalanche de sugestões e “denúncias” recebidas que poderiam alavancar reportagens contundentes contra qualquer indivíduo ou instituição que fosse reconhecida como uma ameaça frente a Donald Trump e tudo o que era por ele representado. Um dos membros do time era o influenciador neonazista Tim Gionet, mais conhecido nas redes como “*Baked Alaska*”²⁸⁵, o discurso extremista do youtuber chamava tanta atenção que chegou a constranger Yiannopoulos, que se demonstrou mais incomodado com seu comportamento errático e pouco profissional do que por sua afinidade com o neonazismo.

²⁸⁴ BERNSTEIN, Joseph. Here's How Breitbart And Milo Smuggled White Nationalism Into The Mainstream. BuzzFeed News. Out. 5, de 2017. Disponível em: <https://www.buzzfeednews.com/article/josephbernstein/heres-how-breitbart-and-milo-smuggled-white-nationalism>. Acessado em: maio de 2022.

²⁸⁵ Tim Gionet era próximo a Richard Spencer e participou das manifestações Unite the Right em 2017. Enquanto Spencer começou a se afastar do trumpismo, Gionet foi no sentido oposto, chegando a fazer uma transmissão ao vivo da invasão do capitólio em janeiro de 2021.

Os artigos cada vez mais agressivos do jornalista passaram a levantar frequentes acusações de racismo e xenofobia, o que levou o Breitbart News a contratar uma equipe de advogados pronta para processar qualquer um que o acusasse de envolvimento com a supremacia branca, neonazistas, entre outras manifestações de ódio. Mas todo o esforço conjunto veio abaixo quando Yiannopoulos foi filmado²⁸⁶ em um karaokê acompanhado de ninguém menos do que Richard Spencer, o rosto da Alt-Right e um dos maiores representantes dos “1488RS”. O “superstar” da Breitbart News não só aparentava estar passando por um momento muito agradável entre amigos, como também recebia “homenagens” com a saudação nazista vindas do seu público enquanto cantava o clássico “*America the Beautiful*”, eternizada na voz de Ray Charles. No vídeo, é possível identificar ao menos Richard Spencer com seu braço em riste. Segundo a matéria do BuzzFeed News, o cinegrafista era Devin Saucier:

“For nearly a decade, Devin Saucier has been establishing himself as one of the bright young things in American white nationalism. In 2008, while at Vanderbilt University, Saucier founded a chapter of the defunct white nationalist student group Youth for Western Civilization, which counts among its alumni the white nationalist leader Matthew Heimbach. Richard Spencer called him a friend. He is associated with the Wolves of Vinland, a Virginia neo-pagan group that one reporter described as a “white power wolf cult,” one member of which pleaded guilty to setting fire to a historic black church. For the past several years, according to an observer of far-right movements, Saucier has worked as an assistant to Jared Taylor, possibly the most prominent white nationalist in America. According to emails obtained by BuzzFeed News, he edits and writes for Taylor’s magazine, *American Renaissance*, under a pseudonym.”²⁸⁷

O pseudônimo pelo qual Saucier opera na *American Renaissance* é “Henry Wolff”, que colabora como editor e com envio de matérias ao menos desde 2004. Contudo, a ligação entre Saucier e Yiannopoulos não era restrita ao âmbito meramente pessoal. Segundo os e-mails obtidos pelo BuzzFeed News, o editor neonazista da AR era consultado regularmente por seu amigo para avaliar matérias antes de seu lançamento e para oferecer sugestões de temas e fontes.

²⁸⁶ Explosive Video: Milo Yiannopoulos And White Supremacists At Karaoke. Youtube. 5 de out. de 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XLNLPIRS62g&ab_channel=BuzzFeedNews.

²⁸⁷ BERNSTEIN, Joseph. Op. Cit.

Segundo o site de notícias da Universidade de Vanderbilt²⁸⁸, onde Saucier estudou, por volta de outubro de 2016 pôsteres de propaganda racista da American Renaissance começaram a ser encontrados em um dos campus da instituição. Após o vazamento do vídeo em que Yiannopoulos aparece confraternizando com seus novos amigos, acredita-se que a equipe de advogados contratada pelo Breitbart News deixou de ser necessária.

Quando Bannon deixa o Breitbart para assumir a coordenação da campanha de Trump, sabia que tinha deixado seu maior pupilo no encargo de canalizar as frustrações de uma geração em torno de uma ideologia, ou melhor, em torno de um conjunto de inimigos em comum: as feministas, o islamismo, os imigrantes, o Black Lives Matter, os *SJWs*... Independente das disputas internas pelo que significava a “Alt-Right”, será a oposição visceral aos seus inimigos o grande elemento agregador.

O resultado da vitória arrebatadora na guerra cultural de Yiannopoulos foi conseguir fisgar a estima de hordas de perfis anônimos que mais tarde se converteram em votos para o grande líder, aquele que logrou traduzir em seu discurso, trejeitos e em sua atitude, todo o ressentimento e o ódio reprimido por uma fatia infelizmente grande da população estadunidense. Ironicamente, a ponte entre este sexagenário conservador e uma parte considerável de seu eleitorado, foi construída justamente por um imigrante britânico descendente de gregos, abertamente gay, anti-direitos LGBT, casado com um negro e com uma avó judia. “Tempos interessantes” diria um certo historiador marxista inglês.

Contra todas as expectativas, a *debacle* de Yiannopoulos veio mais cedo do que se esperava. Em fevereiro de 2017 veio à tona uma série de declarações registradas em

²⁸⁸ Vanderbilt alum identified as editor of news organization connected with white supremacist flyers. Vanderbilt Hustler. Out. 26 de 2017. Disponível em: <https://vanderbilthustler.com/10788/featured/vanderbilt-alum-identified-as-editor-of-news-organization-connected-with-white-supremacist-flyers/>.

um podcast, onde o jornalista defendia que a experiência sexual entre homens mais velhos e adolescentes de 13 anos poderia ser edificante, pois a esta altura, um menino já seria capaz de consentir relações sexuais com adultos²⁸⁹. Yiannopoulos tenta elaborar um argumento simplesmente inaceitável, que deságua em uma relativização escancarada da pedofilia. A repercussão das falas rapidamente inundou as manchetes e redes sociais, todos os projetos em que estava envolvido foram cancelados, inclusive sua aguardada participação para a CPAC de 2017, tradicional convenção anual da direita americana. O desenrolar da situação atingiu a reputação de Yiannopoulos em cheio, seus antigos aliados como Bannon e os magnatas da família Mercer o repudiaram em público, fazendo com que seu desligamento da empresa se concretizasse no mesmo mês.

Ao fim e ao cabo, a trajetória da Breitbart News supera por uma larga margem a atuação dos Aparelhos Privados de Hegemonia analisados anteriormente, os quais tinham sua missão voltada para a divulgação e a propagação de seu projeto político neofascista e supremacista branco. A Breitbart News era produto da fusão entre o projeto político de um setor da burguesia americana representado pela família Mercer com a obsessão de Andrew Breitbart e Steve Bannon de se esmagar não só o “Democrat Media Complex”, como também o que era entendido como o fantasioso domínio social, político e cultural exercido pela esquerda na sociedade norte-americana desde a década de 1960. A sinergia entre Bannon e os Magnatas da *Mercer Family Foundation* era tamanha que seus trabalhos não se restringiram ao Breitbart News, os dois lados uniram forças na Cambridge Analytica, companhia que veio a protagonizar um dos maiores escândalos dos últimos anos, conseguindo englobar política, tecnologia e informação simultaneamente, a CA teve o poder de interferir no *Brexit* e nas eleições dos EUA em

²⁸⁹ SMITH, Loula. Milo Yiannopoulos: Video of right-wing journalist ‘defending paedophilia’ surfaces online. The Independent. 20 de fev. 2017. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/news/world/americas/milo-yiannopoulos-latest-news-paedophilia-breitbart-video-child-abuse-right-wing-sexual-relationship-a7589656.html> .

2016. Através da obtenção ilegal de uma vasta quantidade de dados de usuários do Facebook, a empresa criou mapeamentos de eleitores indecisos, de acordo com seu Estado, município, raça, classe social, e até mesmo a partir de fotos. O *modus operandi* da CA veio à tona em março de 2018, quando ex-funcionários entraram em contato com a imprensa e entregaram todo o material que comprovava as denúncias. As reportagens ganharam rapidamente os noticiários do mundo inteiro. Pouco tempo depois a companhia declarou falência e o Senado norte-americano convocou Mark Zuckerberg, CEO e fundador do Facebook, a prestar esclarecimentos a respeito da invasão da falha na segurança que ocasionou o vazamento de dados de milhões de pessoas.

Praticamente toda informação voluntariamente compartilhada na rede social em questão foi usada para traçar perfis que poderiam decidir votar no candidato Republicano a partir de certos estímulos ou propagandas com conteúdo ideológico menos explícito, elaboradas no afã de compelir os eleitores no sentido desejado. O professor Mateus Fornasier, da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí) publicou um artigo onde é elaborado um histórico do episódio e são traçadas algumas implicações políticas e jurídicas da atuação da Cambridge Analytica:

“A CA agia fora da lei, pois esta:(i) mantinha uma política contínua de coleta ilícita de dados pessoais; (ii) parte dos funcionários categorizam indivíduos, eleitores, usando seu próprio software O.C.E.A.N.; (iii) outros funcionários de grau sênior destinavam a maior parte dos recursos da CA para eleitores indecisos que poderiam, por exemplo, mudar de opinião entre votar a favor do Partido Republicano ou do Partido Democrata. A CA rotulou esses perfis de usuários como the persuadables (os persuadíveis). A empresa também fazia uso da rede social Facebook com a prática de ataques-focais (microtargeting, em inglês) de seus usuários, muitas vezes utilizando-se – de forma intencional – de notícias falsas (Fake News) para manipular tendências políticas de eleitores, resultando em uma ruptura da democracia e gerando, de forma deliberada, uma sociedade polarizada.”²⁹⁰

²⁹⁰ Fornasier, M. de O., & Beck, C. (2020). CAMBRIDGE ANALYTICA: ESCÂNDALO, LEGADO E POSSÍVEIS FUTUROS PARA A DEMOCRACIA. Revista Direito Em Debate, 29(53), 182–195. 2020. p. 3.

Importante mencionar que quando o escândalo aconteceu, Bannon já não ocupava mais nenhum cargo na Cambridge Analytica, porém esteve a bordo durante todo o processo em que as informações foram colhidas e acompanhava os movimentos da empresa.

A trajetória de Bannon alcançou seu zênite após a chegada de Trump à Casa Branca, quando foi nomeado “Estrategista Chefe” do governo, um cargo inédito criado especificamente para manter o coordenador de sua campanha como um “conselheiro” próximo ao presidente. Porém, sua estadia como alto dignatário do governo Trump não resistiu ao maremoto causado pela “Unite the Right” em 2017 e o mal-estar gerado pelas declarações ambíguas do presidente em relação ao assassinato da manifestante Heather Heyer por um neonazista.

Findada sua participação formal no governo, Bannon volta para seu cargo anterior no Breitbart News, todavia seu retorno será efêmero. Na primeira semana de 2018 o jornalista Michael Wolff publicou o livro “*Fire and Fury: Inside the Trump White House*”, onde o autor constrói sua narrativa tendo por base suas experiências vividas dentro da Casa Branca ao longo de 2017. Seria difícil atribuir até que ponto os relatos expostos na obra são verdadeiros, mas foram o suficiente para abalar publicamente as relações entre Bannon e Trump, que usou as redes sociais para insultar publicamente seu ex-estrategista por conta das passagens do livro que tratavam das opiniões de Bannon sobre o próprio presidente, sua filha Ivanka, e seu genro, Jared Kushner.

Verdadeiras ou não, as alegações também geraram indisposições com a família Mercer, que solicitou o desligamento de Bannon de sua posição frente ao Breitbart News. A partir de então, Bannon dará continuidade ao seu projeto de unir forças nacionalistas e ultraconservadoras ao redor do mundo no grupo chamado “The

Movement”, que conta inclusive com representantes brasileiros²⁹¹, como o deputado federal Eduardo Bolsonaro, que enxerga no ex-estrategista da Casa Branca um ícone no combate ao fantasma do “marxismo cultural”²⁹².

A criação do “The Movement” foi mais uma jogada no campo de batalha da Guerra Cultural de Bannon, que declarou abertamente em uma reportagem ao *Daily Beast*, ter como objetivo criar uma rede entre diferentes lideranças e partidos da extrema direita na Europa contra o que frequentemente denominada “Partido de Davos” ou a “*Open Society Foundation*” de George Soros:

“Bannon’s ambition is for his organization ultimately to rival the impact of Soros’s Open Society, which has given away \$32 billion to largely liberal causes since it was established in 1984.

Over the past year, Bannon has held talks with right-wing groups across the continent from Nigel Farage and members of Marine Le Pen’s Front National (recently renamed Rassemblement National) in the West, to Hungary’s Viktor Orban and the Polish populists in the East.

He envisions a right-wing “supergroup” within the European Parliament that could attract as many as a third of the lawmakers after next May’s Europe-wide elections. A united populist bloc of that size would have the ability to seriously disrupt parliamentary proceedings, potentially granting Bannon huge power within the populist movement.

[...]

‘I didn’t get the idea until Marine Le Pen invited me to speak at Lille at the Front National,’ recalled Bannon. ‘I said, ‘What do you want me say?’

The response came back: ‘All you have to say is, ‘We’re not alone.’

Bannon said the Front National recognized that he was ‘the guy that goes round and understands us as a collective.’

Up on stage he told the crowd: ‘You fight for your country and they call you racist. But the days when those kind of insults work is over. The establishment media are the dogs of the system. Every day, we become stronger and they become weaker. Let them call you racists, xenophobes or whatever else, wear these like a medal.’”²⁹³

O “The Movement” segue em consonância com o projeto político e ideológico defendido de forma mais explícita pela primeira vez em uma longa entrevista concedida via Skype para o “*Human Dignity Institute*” uma organização católica conservadora,

²⁹¹ Eduardo Bolsonaro não foi o único emissário da extrema direita brasileira a prestar continências para o líder do “The Movement”. Em 2019 Bannon organizou um requintado jantar para sua tertúlia, a qual contou inclusive com o falecido escritor Olavo de Carvalho, admirado por Bannon.

²⁹² PIREZ, Breiller. Os laços do clã Bolsonaro com Steve Bannon. El País Brasil. 20 Ago. de 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-20/os-lacos-do-cla-bolsonaro-com-steve-bannon.html>.

²⁹³ HINES, Nico. Inside Bannon’s Plan to Hijack Europe for the Far-Right. The Daily Beast. Jul. 20. de 2020. Disponível em: <https://www.thedailybeast.com/inside-bannons-plan-to-hijack-europe-for-the-far-right>.

que realizou a conferência com Bannon de dentro do Vaticano, em 2014. Na ocasião, Bannon delineou boa parte de sua visão de mundo e explica como o ocidente vem perdendo sua conexão com a moral judaico-cristã, a grande instituição tradicional responsável por manter um idílico “capitalismo iluminado” (*Enlightened Capitalism*) dentro de um equilíbrio entre a “Escola Ayn Rand de Capitalismo libertário” (*Ayn Rand or the Objectivist School of libertarian capitalism*) e o que ele entende como “*crony capitalism*” ou “capitalismo de compadrio” em português. No diagnóstico fornecido, estamos vivendo em um momento histórico onde o Ocidente se encontra enfraquecido em uma profunda crise moral e espiritual, ao passo que o Oriente – encarnado no discurso de Bannon através da Rússia, China e das nações islâmicas – se arma para um conflito sem precedentes:

“That capitalism really generated tremendous wealth. And that wealth was really distributed among a middle class, a rising middle class, people who come from really working-class environments and created what we really call a Pax Americana. It was many, many years and decades of peace. And I believe we’ve come partly offtrack in the years since the fall of the Soviet Union and we’re starting now in the 21st century, which I believe, strongly, is a crisis both of our church, a crisis of our faith, a crisis of the West, a crisis of capitalism. And we’re at the very beginning stages of a very brutal and bloody conflict, of which if the people in this room, the people in the church, do not bind together and really form what I feel is an aspect of the church militant, to really be able to not just stand with our beliefs, but to fight for our beliefs against this new barbarity that’s starting, that will completely eradicate everything that we’ve been bequeathed over the last 2,000, 2,500 years.”²⁹⁴

Como foi possível notar, a ideologia que fornece o arcabouço para a atuação na realidade concreta é fundamentada, para além das referências paleoconservadoras, em teorias da conspiração típicas da extrema direita mundo afora, como o “marxismo cultural”, “globalismo” e a sanha tirânica de George Soros em controlar o mundo através de seu “governo mundial”. O islamismo dá o toque final ao rol de arqui-inimigos do Oeste, fortalecendo a visão de mundo maniqueísta tão cara a setores da

²⁹⁴ FEDER, J. Lester. This Is How Steve Bannon Sees The Entire World. BuzzFeed News. Nov 15 de 2016. Disponível em: <https://www.buzzfeednews.com/article/lesterfeder/this-is-how-steve-bannon-sees-the-entire-world>. Acessado em: 11 de maio de 2022.

direita conservadora. É preciso, caso nosso objetivo seja proteger o que é entendido como o legado da Civilização Ocidental, ressuscitar o espírito cruzadista da luta do bem contra o mal, do civilizado contra o bárbaro, não se trata, pois, de uma disputa política, mas de uma guerra decisiva a qual os “progressistas” e os conservadores pró-establishment se recusam a enxergar.

As armas para evitar o fim do Ocidente segundo o próprio Bannon, estão no fortalecimento do nacionalismo, das instituições judaico cristãs e no modo de vida e tradição ocidentais, entendidos aqui como algo quase metafísico, no sentido em que Julius Evola e René Guénon, dois de seus pensadores favoritos, pregavam. Bannon compartilha com esta geração de filósofos Tradicionalistas seu pessimismo em relação ao futuro cataclísmico da Civilização Ocidental, a qual se encontra mergulhada nas profundezas do materialismo e do secularismo, e há muito tempo rompeu seu contato com as bases transcendentais da existência humana. Contudo, caminhando ao lado de Evola, Bannon recusou o conformismo e arregaçou as mangas para intervir na decadente realidade.

Talvez seja possível afirmar que em um modo muito particular, Bannon tenha conseguido concretizar o sonho de seu mestre italiano ao influenciar uma horda de jovens a atuar politicamente. Porém o canal para ação política instrumentalizado por Bannon estava muito além da compreensão e vida de Evola. De certa forma, pode ser que a internet tenha sido o mecanismo para a concretização de algo que o velho tradicionalista romano fracassou amargamente.

A atuação e os sucessos do Breitbart News, portanto, o coloca como um dos Aparelhos Privados de Hegemonia mais complexos e influentes da Alt-Right. Por mais que o site de notícias não defendesse abertamente os mesmos objetivos dos neofascistas da American Renaissance e do National Policy Institute, o Breitbart News triunfou em

um curto período de tempo como nenhum outro APH da direita estadunidense havia feito anteriormente. Alcançaram a difícil tarefa de transformar as massas em bases, e as bases em uma legião de militantes ardorosos, prontos para tomar as ruas, e se necessário for, o próprio Capitólio.

Considerações Finais

E então chegamos ao fim da nossa jornada (talvez não muito agradável) pelo bestiário que representa Alt-Right. O caminho percorrido foi mais longo do que poderia imaginar quando digitei as primeiras palavras do presente trabalho. Desde os primeiros contatos que tive com a imagem e as palavras de Richard Spencer - que ao meu ver foi a grande “estrela” da Alt-Right – me chamava a atenção não só os seus dizeres extremistas, mas a forma com que as pronunciava e se dirigia ao público.

Quando vi e ouvi Spencer falando, pela primeira vez, me dei conta de que os fascistas do meu tempo, não mais se assemelhavam a Derek Vinyard, personificado por Edward Norton no filme “A Outra História Americana”. Vinyard representa o estereótipo mais comum do que se imagina ser um neonazista: Um homem jovem, musculoso, cabeça raspada e com uma suástica avantajada tatuada no lado esquerdo do peito. Seu comportamento violento e impulsivo deram a vivacidade ao personagem. Sua origem, seu histórico familiar trágico e as contradições sociais do contexto em que vivia, certamente já fabricaram muitos “Vinyards” da vida real. Mas por que agora eles vestiam paletós e possuíam formação acadêmica?

Esta foi uma das perguntas que espero ter conseguido responder aos leitores que chegaram até aqui, mas como sabemos, de forma nenhuma foi a única. Nos últimos anos em que me propus a explicar o que era a “Alt-Right”, uma das minhas maiores dificuldades residia na tentativa de definir quem pertencia a esta rede, e as razões que levaram outrora autodenominados “conservadores” ou “libertários” a escolherem o termo “Alt-Right” para definir sua posição ideológica, mesmo sabendo que neonazistas e membros da Ku Klux Klan também reivindicavam essa posição. Até onde consegui observar, a resposta, pelo menos entre 2016 e 2017 pode ser resumida em um nome: Donald Trump.

Quando ouvi o “Hail Trump! Hail our people! Hail Victory!”, me dei conta de que não estava lendo manchetes sobre um grupo qualquer da direita estadunidense. Nós nos tornamos testemunhas da História, e presenciamos o surgimento de uma resposta ao oceano de contradições que representa a sociedade norte-americana, e esta resposta poderia não ter a forma, mas o conteúdo era uma erupção do neofascismo diante dos nossos olhos. Na maior democracia liberal que já existiu. Na segunda década do nosso jovem e desconcertado Século XXI.

Trabalhar com a chave interpretativa do neofascismo também se revelou uma tarefa não muito simples. A Alt-Right possuía uma ala que em alguns casos se identificava abertamente com o legado dos regimes Nazifascistas da década de 1930, mas a maior parte recusava associação com o termo. Como entender, portanto, que no Século XXI os fascistas não se dizem fascistas? Foi preciso mergulhar em algumas das principais correntes historiográficas sobre o tema, e buscar uma forma de explicar ao leitor (e a mim mesmo), como e por que sujeitos educados e sorridentes, como Richard Spencer e Jared Taylor, defendem um modelo de sociedade em que nós, latino-americanos, jamais seríamos aceitos – ou caso fôssemos, isto se daria mediante a aceitação de nossa posição natural de subalternidade perante os soberbos herdeiros da grandiosa “Civilização Ocidental”. Por fim, tentei demonstrar como os neofascistas no século XXI abandonaram os partidos de massa para se organizarem em uma rede que poderia ser compreendida com ajuda do referencial teórico de Roger Griffin, no caso, o conceito de rizoma se apresenta para nos ajudar a compreender a organização desta extensa teia de grupúsculos, que constitui a trama da Alt-Right.

No segundo capítulo, o objetivo foi delinear as principais correntes e escolas de pensamento que forneceram a sustentação ideológica para a Alt-Right, uma temática que por si só poderia constituir o objeto de uma pesquisa à parte. Meu objetivo foi tentar

construir uma síntese das tendências que se manifestavam com mais força e clareza no discurso da Alt-Right, tanto nos setores neofascistas, quanto nos mais alinhados ao trumpismo. Ainda que muitos intelectuais relevantes tenham ficado de lado, acredito ter sido possível transmitir ao leitor, onde se situam historicamente as escolas filosóficas que influenciaram a Alt-Right e como elas se manifestam em seu projeto político dos nossos dias.

Por fim, a última parte da presente pesquisa se revelou mais trabalhosa do que imaginava de antemão. Conforme exposto em diversas ocasiões, a quantidade de fontes disponíveis sobre o tema e objeto escolhidos é praticamente infindável. O imenso rizoma que constitui a Alt-Right impôs a necessidade de criar limites que privilegiaram os grupos que angariaram maior destaque na imprensa e conseguiram extravasar o campo da militância digital. O American Renaissance do veterano Jared Taylor e o National Policy Institute de Richard Spencer, o maior “garoto propaganda” da Alt-Right, foram escolhas incontornáveis.

Por outro lado, seria impossível compreender o movimento que tomou de assalto a política estadunidense em entre 2016 e 2017 sem levar em conta o papel de figuras como Steve Bannon, Andrew Breitbart e Milo Yiannopoulos. Estes, poderiam facilmente ser apontados – cada um em sua atuação singular – como os arquitetos da eleição de Donald Trump e todo o repugnante miasma de ódio e intolerância que se manifestava covardemente por trás da máscara do “politicamente incorreto”, atingindo com enorme sucesso os temores do crescente número de cidadãos americanos exasperados com as limitações dos oito anos do governo Obama e sua inabilidade de oferecer uma solução para as contradições inerentes ao capital.

Acredito ter sido possível demonstrar de que forma o materialismo histórico dialético aliado às reflexões de Antonio Gramsci representam o referencial teórico mais

apropriado, pois oferecem as ferramentas para que possamos desvendar como a Alt-Right foi capaz de se apresentar como uma resposta aos problemas de seu tempo, e ainda, como foi possível que ela tenha surgido justamente no âmago da maior democracia liberal do nosso Século. Posto em outros termos, podemos asseverar que o neofascismo não é um mero reflexo de mentes perturbadas ou da veiculação de ideias antidemocráticas, mas deve ser compreendido como um processo histórico condicionado pelos limites e contradições impostos pela acumulação capitalista, sobretudo sem seu formato neoliberal, o maior e mais eficiente veículo de ampliação das desigualdades sociais e pauperização da classe trabalhadora. Portanto, enquanto o capitalismo e o “fundamentalismo de mercado” forem as bases para o nosso sistema de produção e reprodução da vida, o neofascismo permanecerá, como já dizia o saudoso Bertolt Brecht, como uma cadela no cio.

Por fim, seria importante ressaltar que a Alt-Right, apesar sua rápida ascensão, foi amargamente desmascarada após as manifestações de Charlottesville e as explosões de raiva do então “moderado” Richard Spencer. No momento em que o mundo testemunhou neonazistas e a Ku Klux Klan andando lado a lado dos justos defensores do legado sulista, que ocultam seu racismo sob chavões como “Heritage, not hate.”, tornou-se claro que a Alt-Right não simplesmente um grupo de dissidentes insatisfeitos com é entendido como o “sistema”. No momento em que escrevo estas palavras, em junho de 2022, é fato que a “marca” Alt-Right foi abandonada quase que completamente, sendo usado vez por outra na imprensa para se referir a neonazistas e outros grupos da extrema direita estadunidense, porém não podemos nos conceder a ingenuidade de acreditar que seu conteúdo e seu projeto político foram derrotados e desapareceram do cenário político. Ao meu ver, se trata muito mais de uma retirada estratégica para seu lugar de origem, a internet, do que uma derrota. E caso a conjuntura

forneça as condições necessárias, os neofascistas retornarão ao picadeiro, independente da aparência ou termos adotados.

À guisa de conclusão, poderíamos dizer que a Alt-Right, no contexto em que vivemos, ainda que contasse com a participação de setores mais alinhados ao conservadorismo autoritário de Donald Trump, com o devido tempo foram desmascarados como uma rede de neofascistas e supremacistas brancos atinados o suficiente para se manifestar sob um verniz de tolerância e moderação, que atuaram no sentido de construir um consenso em torno da possibilidade de debater suas ideias excludentes como se fossem aceitáveis e humanistas. No entanto, sempre poderemos recorrer aos protestos de Aimé Césaire no afã de desmascarar os propósitos abjetos de tais grupos: “Eis onde chegou a burguesia francesa, cinco anos após a derrota de Hitler! E é aqui precisamente que reside o seu castigo histórico: ser condenada a ruminar o vômito de Hitler, aí regressando como por vício.”²⁹⁵

Infelizmente, este é o ponto onde mais uma vez a humanidade se encontra: ruminando o vômito de Hitler.

²⁹⁵ CÉSAIRE, Aimé. Discurso sobre o colonialismo. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora. 1978. P. 50.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. Antisemitismo e Propaganda fascista. Teoria freudiana e propaganda fascista. In: Ensaio de psicologia social e psicanálise. São Paulo: Unesp, 2015.

ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, Emir. (org). Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

APPLE, Michael. Educando à direita: mercados, padrões, Deus e desigualdade. São Paulo: Cortez, 2003.

ARENDT, Hannah. As origens do totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo. São Paulo: Cia das letras, 1989.

ARRUDA, José Jobson de Andrade. A crise do capitalismo liberal. In: AARÃO, Daniel et alli (org). O século XX. vol.II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

BAR-ON, Tamir. Rethinking the French new right: Alternatives to modernity. London: Routledge, 2013.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENOIST, Alain de. Beyond Human Rights: Defending freedoms. London: Arktos, 2011.

BENOIST, Alain de. Carl Schmitt Today: Terrorism, 'Just' War, and the State of Emergency. London: Arktos, 2013.

BENOIST, Alain de. Democracy and Populism: The Telos Essays. Candor: Telos, 2018.

BENOIST, Alain de. On being a pagan. London: Arcana Europa, 2018

BENOIST, Alain de. On the Brink of the Abyss: The Imminent Bankruptcy of the Financial System. London: Arktos, 2015.

BENOIST. Alain de. View from the right, Volume I: Heritage and Foundations. London: Arktos, 2017.

BENOIST, Alain de. View from the right, View from the Right, Volume II: Systems and Debates. London: Arktos, 2018.

BENOIST, Alain de. *The Indo-Europeans: In Search of the Homeland*. London: Arktos, 2016.

BENOIST, Alain de. *The problema of democracy*. London: Arktos, 2011.

BENOIST, Alain de; CHAMPETIER, Charles. *Manifesto for a european renaissance*. London: Arktos, 2012.

BERLET, Chip & LYONS, Mathew. *Right-wing populism in America: too close for comfort*. New York: Gilford Press, 2000.

BERMAN, William C. *America's right turn: From Nixon to Bush*. Baltimore: John Hopkins, 1994.

BIANCHI, Alvaro. Buckley Jr., Kirk e o renascimento do conservadorismo nos Estados Unidos. In: VELASCO e CRUZ, Sebastião; KAYSEL, Andre; CODAS, Gustavo (orgs). *Direita, volver!: O retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. São Paulo : Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

BIANCHI, Alvaro. *O laboratório de Gramsci: filosofia, história e política*. São Paulo: Alameda, 2008.

BIANCHI, Álvaro. *Revolução passiva: o pretérito do futuro*. *Crítica Marxista*. no23. São Paulo: Revan, 2006.

BLAMIRE, Cyprian. *World Fascism: a historical encyclopedia*. California. ABC-CLIO, 2006.

BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Unesp, 2001.

BOBBIO, Norberto. *Liberalismo e Democracia*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

BUCHANAN, Patrick. *State of Emergency: The Third World Invasion and Conquest of America*. New York: St. Martin Press, 2006.

BUCHANAN, Patrick. *The death of the west: How dying populations and immigrant invasions imperil our country and civilization*. New York: San Martin Press, 2001.

BREITBART, Andrew. *Righteous indignation: Excuse me while I save the world!*. New York: Grand Central Publishing. 2011.

BRIMELOW, Peter. *Alien Nation: Common Sense About America's Immigration Disaster*. New York: Random House, 1995.

BURKE, Edmund. *Reflexões sobre as causas do descontentamento atual*. In: WEFFORT, Francisco (org). *Os clássicos da política 2*. São Paulo: Atica, 2001.

BURKE, Edmund. *Reflexões Sobre a Revolução na França*. São Paulo: Edipro, 2014.

BURLEY, Shane. *Fascism today: what it is and how to end it*. AK Press, 2017.

- CHAUVEAU, Agnès (org). Questões para a história do presente. Bauru: Edusc, 1999.
- COUTINHO, Carlos Nelson. Gramsci. Porto Alegre: L&PM, 1981.
- DEMIER, Felipe; HOEVELER, Rejane. A conda conservadora: ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad, 2016.
- DIAMOND, Sara. Roads to Dominion: right-wing movements and political power in the United States. NY: Gilford Press, 1995.
- DIAS, Edmundo Fernandes et alli. O Outro Gramsci. São Paulo: Xamã, 1996.
- DREIFUSS, Rene Armand. Seguiram-se a Internacional Capitalista. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1986.
- EVANS; Richard. Coercion and Consent in Nazi Germany. Proceedings of the British Academy. N.151.p.53-81, 2007.
- EVOLA, Julius. A Message to the Youth. In: A handbook for right-wing youth. Arktos Media, 2017.
- EVOLA, Julius. Men Among the Ruins: Post-War Reflections of a Radical Traditionalist. Rochester: Inner Traditions International, 2018.
- EVOLA, Julius. Notes on the Third Reich. London: Arktos, 2013.
- EVOLA, Julius. Revolt Against the Modern World. Rochester: Inner Traditions International, 2018.
- FAIRCLOUGH, Norman. Discurso e mudança social. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.
- FAYE, Guillaume. Archeofuturism: European Visions of the Post-Catastrophic Age. London: Arktos, 2010.
- FAYE, Guillaume. Convergence of Catastrophes. London: Arktos, 2012.
- FAYE, Guillaume. The collonisation of Europe. London: Arktos, 2016.
- FAYE, Guillaume. Understanding Islam. London: Arktos, 2017.
- FAYE, Guillaume. Why we fight: Manifesto of the european resistance. London: Arktos, 2011.
- FERRARESI, Franco. Julius Evola: Tradition, reaction, and the radical right. European Journal of Sociology/Archives Européennes de Sociologie, v. 28, n. 1, p. 107-151, 1987.
- FERRO, Marc. "O filme" In: LE GOFF, J. et alli. História: novos objetos. Rio de Janeiro: F. Alves Ed., 1976.

FRANCIS, Samuel T. *Beautiful Losers: Essays on the Failure of American Conservatism*. University of Missouri Press, 1994.

FRANCIS, Samuel T. *Essential Writings on Race*. United States of America: New Century Foundation, 2007.

FRANCIS, Samuel T. *Leviathan and Its Enemies*. Washington Summit Publishers, 2016.

FRANCIS, Samuel T. *Shots Fired: Sam Francis on America's Culture War*. Vienna: FGF Books, 2006.

FRIBERG, Daniel. *The Real Right Returns: A Handbook for the True Opposition*. London: Arktos, 2015.

FONTES, Virgínia. *Marx, expropriações e capital monetário: notas para o estudo do imperialismo tardio*. *Crítica Marxista*. N.26. Campinas:Revan, 2008.

FONTES, Virgínia. *O Brasil e o capital-imperialismo: Teoria e história*. Rio de Janeiro: EPSJV /editora UFRJ, 2010.

FONTES, Virgínia. *Reflexões im-pertinentes: história e capitalismo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2005.

Fornasier, M. de O., & Beck, C. (2020). *CAMBRIDGE ANALYTICA: ESCÂNDALO, LEGADO E POSSÍVEIS FUTUROS PARA A DEMOCRACIA*. *Revista Direito Em Debate*, 29(53), 182–195. 2020.

GELLATELY, Robert. *Apoiando Hitler: consentimento e coerção na Alemanha nazista*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

GENTILE, Giovanni. *Origins and doctrine of fascism*. London: Routledge, 2002.

GOODRICK-CLARKE, Nicholas. *Black sun: Aryan cults, esoteric Nazism, and the politics of identity*. New York: New York University Press, 2003.

GOTTFRIED, Paul Edward. *After liberalism: Mass democracy in the managerial state*. New Jersey: Princeton University Press, 1999. GOTTFRIED, Paul Edward. *Carl Schmitt: Politics and Theory*. California: Greenwood Press, 1990.

GOTTFRIED, Paul Edward. *Conservatism in America. Making sense of the american right*. New York: Palgrave Macmillan. 2007.

GOTTFRIED, Paul Edward. *Leo Strauss and the Conservative Movement in America: A Critical Appraisal*. New York: Canbridge University Press, 2012.

GOTTFRIED, Paul Edward. *The Search for Historical Meaning: Hegel and the Postwar American Right*. Illinois: Northern Illinois Univ Press, 1986.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Vol.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GRAMSCI, Antônio. Cadernos do Cárcere. Vol.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GRAMSCI, Antonio. Cadernos do Cárcere. Vol.3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

GREEN, Joshua. Devil's Bargain: Steve Bannon, Donald Trump, and the Storming of the Presidency. New York: Penguin Press. 2017.

GRIFFIN, Roger. From Slime Mould to Rhizome: An Introduction to the Groupuscular Right. Patterns of Prejudice, vol.37, n.1, Março 2003.

GRIFFIN, Roger. (ed.), International Fascism: Theories, Causes and the New Consensus. London: Edward Arnold Publishers. 1998.

GRIFFIN, Roger. The Nature of Fascism. London: Routledge, 1991.

GREGOR, A. James. The search for neofascism: the use and abuse of social science. New York: Cambridge Univ. Press, 2006.

GUÉNON. René. A crise do mundo moderno. Lisboa: Vega, 1977.

GUERIN, Daniel. Fascismo y Gran Capital. Madrid: Editorial Fundamentos, 1973.

IORDACHI, Constantin; KALLIS, Aristotle (orgs). Beyond the Fascist Century: Essays in honor of Roger Griffin. London: Palgrave Macmillan, 2020.

HABERMAS, J. Tendências apologéticas. Novos Estudos CEBRAP, n.25, out.1989.

HARVEY, David. A condição pós-moderna. São Paulo: Loyola, 2008.

HARVEY, David. O Neoliberalismo: História e implicações. São Paulo: Loyola, 2014

HAWLEY, George. Making Sense of the Alt-Right. New York. Columbia University Press.

HAWLEY, George. The Alt-Right: What Everyone Needs to Know. Oxford: Oxford University Press, 2018.

HERRNSTEIN, Richard; MURRAY, Charles. The Bell Curve: Intelligence and Class Structure in American Life. New York: The Free Press. 1994.

HIMMELSTEIN, Jerome. To the Right: the transformation of American conservatism. California: Univ. of California Press, 1990.

HOBSBAWM, Eric. Era dos Extremos: o Breve Século XX (1914-1991). São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

HOBSBAWM, Eric. Sobre a História. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

IANNI, Octavio. A racialização do mundo. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo*, 8(1): 1-23, maio de 1996.

JOHNSON, Greg. (org). *The Alternative Right*. San Francisco: Counter Currents Publishing. 2018.

KARNAL, Leandro. et al. (org). *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2007.

KERSHAW, Ian. *Hitler: um perfil do poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

KIRK, Russel. *The Conservative Mind: from Burke to Eliot*. Chicago: Gateway ed, 1960.

KONDER, Leandro. *Introdução ao fascismo*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

KÜHL, Stefan. *The Nazi Connection: Eugenics, American Racism, and German National Socialism*. New York: Oxford University Press. 1994.

LAQUEUR, Walter. *Fascism: Past, Present, Future*. New York: Oxford University Press, 1996.

LEVIN, Michael. *Why race matters*. USA: New Century Foundation, 2005.

LOMBARDO, Paul. *The American Breed": Nazi eugenics and the origins of the Pioneer Fund*. Albany law review. 2002.

LYNN, Richard. *The Science of Human Diversity: A History of the Pioneer Fund*. Lanham, New York, Oxford: University Press of America. 2001.

MACDONALD, Kevin. *A People That Shall Dwell Alone: Judaism As a Group Evolutionary Strategy, With Diaspora Peoples*. Santa Barbara: Praeger Publishers, 1994.
MACDONALD, Kevin. *Separation and Its Discontents: Toward an Evolutionary Theory of Anti-Semitism*. Santa Barbara: Praeger Publishers, 1998.

MACDONALD, Kevin. *The Culture of Critique: An Evolutionary Analysis of Jewish Involvement in Twentieth-Century Intellectual and Political Movements*. Santa Barbara: Praeger Publishers, 1998.

MACDONALD, Kevin. *Understanding Jewish Influence: A Study in Ethnic Activism*. Santa Barbara: Occidental Quarterly, 2004.

MAIN, J. Thomas. *The rise of the Alt-Right*. Washington DC: Brookings Institution Press, 2018.

MANN, Michael. *Fascistas*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. O manifesto comunista. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

MARX, Karl. Manuscritos Econômicos e Filosóficos. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

MARX, Karl. O capital: crítica a economia política: Livro I. São Paulo: Boitempo, 2013.

MENDONÇA, Sonia Regina de. O ruralismo brasileiro 1888-1931. São Paulo: Hucitec, 1995.

MENDONÇA, Sonia Regina de. “O Estado Ampliado como ferramenta metodológica”. In: Revista Marx e o Marxismo. v.2, nº 2, jan/jul. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2014.

MERQUIOR, José Guilherme. O liberalismo antigo e moderno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

MÉSZÁROS, István. Para além do capital. São Paulo: Boitempo, 2015.

MOSSE, George L. The Crisis of German Ideology: Intellectual Origins of the Third Reich. Nova Iorque: Schocken Books, 1964.

MOSSE, George L. The Nationalization of the Masses: Political Symbolism and Mass Movements in Germany from the Napoleonic Wars through the Third Reich. New York: Howard Fertig. 1975.

NAGLE, Angela. Kill all the normies: Online Culture Wars From 4Chan and Tumblr to Trump and the Alt-Right. Washington: Zero Books, 2017.

NASH, George. The Conservative Intellectual Movement in America: since 1945. New York: Basic Books, 1976.

NEIWERT, David. Alt-America: The Rise of the Radical Right in the Age of Trump. New York: Verso, 2017.

NOLTE, Ernst. O passado que não quer passar. Novos Estudos CEBRAP. n.25. Outubro, 1989.

O'MEARA, Michael. New Culture, New Right: Anti-Liberalism in Postmodern Europe. London: Arktos, 2013

PAXTON, Robert. A anatomia do fascismo. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PAXTON, Robert O. The Fives Stages of Fascism. The Journal of Modern History, v.70, n.1, p.1-23, março de 1998.

PAYNE, Stanley. Fascism: comparison and definition. Winsconsin: University of Wisconsin Press, 1980.

PAYNE, Stanley G. Fascismo, Modernismo e Modernização. Penélope, Lisboa, n.11, 1993.

POGGI, Tatiana. Faces do extremo: neofascismo nos EUA 1970-2010. Curitiba: Prismas, 2015.

POGGI, Tatiana. Revisitando o fascismo: o revisionismo e a relativização do conservadorismo. In: SENA Jr., Z; CALIL, G.; MELO, Demian. Contribuição à crítica da historiografia revisionista. Rio de Janeiro: Consequencia, 2017. p.193-224.

POULANTZAS, Nicos. Fascismo e Ditadura: a terceira Internacional face ao fascismo. Vol. 1. Lisboa: Portucalense, 1972.

POULANTZAS, Nicos. Estado, poder e socialismo. Rio de Janeiro: Edições Graal. 1980.

POULANTZAS, Nicos. Fascismo e ditadura. Porto: Portucalense, 1972.

REICH, Wilhelm. Psicologia de massas dos fascismo. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

RENTON, David. Fascism: theory and practice. Londres: Pluto, 1999.

SEDGWICK, Mark. Contra o Mundo Moderno: O Tradicionalismo e a História intelectual secreta do século XX. Belo Horizonte: Âyiné. 2020.

SEDGWICK, Mark (org.). Key Thinkers of the Radical Right. Oxford: Oxford University Press. 2019.

SENA JUNIOR, Carlos Zacarias; MELO, Demian Bezerra; CALIL, Gilberto Grassi. (Org.). Contribuição à crítica da historiografia revisionista. 1ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2017.

SHAW, George T (org). A Fair Hearing: The Alt-Right in the Words of Its Members and Leaders. London: Arktos, 2018.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira. Os Fascismos. In: O Século XX. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000. pp.111-164.

SPENGLER, Oswald. The decline of the west Volumes 1 and 2. Random Shack, 2014.

SPENCER, Herbert. The principles of Biology. London: Williams and Norgate, 1864.

STERNHELL, Zeev. Fascist Ideology. In. LAQUEUR, Walter (ed.). Fascism: A Reader's Guide. Analyses, Interpretations, Bibliography. Beckeley/Los Angeles: University of California Press, 1976.

STERNHELL, Zeev. The 'Anti-Materialist' Revision of Marxism as an Aspect of the Rise of Fascist Ideology. Journal of Contemporary History, Vol. 22, No. 3 (Jul., 1987), pp. 379-400.

SUNIC, Tomislav. *Against Democracy and Equality: The European New Right*. London: Arktos, 2011.

SUNIC, Tomislav. *Homo americanus: Child of the Postmodern Age*. Charleston: Booksurge, 2007.

SUNIC, Tomislav. *Postmodern Report: Cultural Examinations from Postmodernity*. London: Arktos, 2017.

TAYLOR, Jared. *Face to face with race*. Oakton: New Century Foundation, 2014.

TAYLOR, Jared. *If We Do Nothing: Essays and Reviews from 25 Years of White Advocacy*. USA: New Century Foundation, 2017.

TAYLOR, Jared. *Paved With Good Intentions: The Failure of Race Relations in Contemporary America*. USA: New Century Foundation, 2014.

TAYLOR, Jared. *White Identity: Racial Consciousness in the 21st Century*. USA: New Century Foundation, 2011.

TEITELBAUM, Benjamin. *Lions of the North: Sounds of the New Nordic Radical Nationalism*. Oxford University Press. 2017.

TEITELBAUM, Benjamin R. *War for Eternity: The Return of Traditionalism and the Rise of the Populist Right*. London: Penguin. 2020.

TUCKER, H. William. *The Funding of Scientific Racism: Wickliffe Draper and the Pioneer Fund*. Illinois: University of Illinois Press. 2002.

TRAVERSO, Enzo. *Interpretar el fascismo. Notas sobre George L. Mosse, Zeev Sternhell y Emilio Gentile*. Ayer, Madrid, n.60, p.227-258, 2005.

TRAVERSO, Enzo. *The New Faces of Fascism. Populism and Far Right*. Londres: Verso, 2019.

VONA, Gábor (comp.). *A Handbook for Right-Wing Youth*. London: Arktos, 2017.

WENDLING, Mike. *Alt-Right: From 4chan to the White House*. London: Pluto Press. 2018.

WIEVIORKA, Michel. *O racismo, uma introdução*. São Paulo: Perspectivas, 1998.